

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E
AMAZÔNIA
MESTRADO ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

ADRIANA DO SOCORRO CAMPOS DE LIRA

COLETIVO TELA FIRME:
Comunicação e cidadania na periferia

BELÉM- PARÁ
2018

ADRIANA DO SOCORRO O CAMPOS DE LIRA

**COLETIVO TELA FIRME:
Comunicação e cidadania na periferia**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Área de Concentração: Comunicação.

Linha de Pesquisa: Comunicação, Cultura e Socialidades na Amazônia

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Célia Regina Trindade Chagas Amorim

BELÉM-PARÁ
2018

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- L768c Lira, Adriana do Socorro Campos
Coletivo Tela Firme : comunicação e cidadania na periferia / Adriana do Socorro Campos Lira. — 2018
181 f. : il. color
- Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Comunicação (PPGCOM), Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
Orientação: Profa. Dra. Célia Regina Trindade das Chagas Amorim
1. Coletivo Tela Firme. 2. Comunicação. 3. Periferia. 4. Cidadania. 5. Redes digitais. I. Amorim, Célia Regina Trindade das Chagas, *orient.* II. Título
-

ADRIANA DO SOCORRO CAMPOS DE LIRA

COLETIVO TELA FIRME: Comunicação e cidadania na periferia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências da Comunicação.

Defesa de Dissertação

Ata de Desempenho da Aluna

Aos 16 dias do mês de março de 2018, às 10 horas, foi realizada, na sala de videoconferência do Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) da Universidade Federal do Pará (UFPA), a Defesa de Dissertação de **Adriana do Socorro Campos de Lira**, cujo trabalho intitula-se **"COLETIVO TELA FIRME: Comunicação e cidadania na periferia"**. A Comissão Examinadora, constituída pela professora doutora Célia Regia Trindade Chagas Amorim (PPGCom-UFPA), pelas professoras doutoras Alda Cristina Silva da Costa (PPGCom-UFPA) e Cicília Maria Krohling Peruzzo (CNPq), emitiu o seguinte parecer:

A dissertação foi desenvolvida de modo ameno, cuja a linguagem técnica e o desenvolvimento metodológico são consistentes e pertinentes ao objeto de estudo. O trabalho aborda de maneira relevante a social e crítica.

Resultado final:

- Aprovado sem alterações condicionado a pequenas alterações
- Aprovado mediante reformulação sob a responsabilidade do aluno e do orientador
- Reprovado

Outros comentários:

- Louvor
- Indicação para publicação

Eu, Célia Regia Trindade Chagas Amorim, orientadora, lavrei a presente Ata que segue por mim assinada e pelos demais membros da Comissão Examinadora.

Célia Regia Trindade Chagas Amorim

Prof.ª. Dra. Célia Regia Trindade Chagas Amorim - orientadora (PPGCom-UFPA)

Alda Cristina Silva da Costa

Prof.ª. Dra. Alda Cristina Silva da Costa - examinadora interna (PPGCom-UFPA)

Cicília Maria Krohling Peruzzo

Prof.ª. Dra. Cicília Maria Krohling Peruzzo - examinadora externa (CNPq)

Aos meus dois sobrinhos Emerson Pereira (em memória) e Erick Lira (em memória) assassinados durante a construção dessa dissertação. Eram dois jovens, de 19 e 21 anos, moradores da periferia e vítimas de uma sociedade cruel e omissa.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste mestrado, só foi possível porque tenho ao meu lado pessoas que acreditam em mim e eu devo tanto a elas, mas agradeço primeiramente a Deus, pois se não fosse por sua vontade, certamente eu não chegaria até aqui.

Agradeço a todos os meus familiares, especialmente aos que me deram total apoio e incentivo para não desistir.

Minha mãe, Oleneide Campos de Lira foi uma dessas forças, se não a maior. Agradeço a essa mulher forte e guerreira que enxerga em mim o que talvez ninguém nunca tenha visto. Isso me fortalece, por isso, não teriam páginas suficientes para eu expressar o imenso amor e gratidão que tenho por essa rainha. Obrigada mãe

Ao meu pai, Zélias Simão de Lira, que também me deu apoio e acreditou em mim e que sempre me disse pra ter calma e paciência. Obrigada pai

Aos meus filhos Ana Paula Lira e Acchilles Lira, que sonharam junto comigo, permaneceram fortes, mesmo tendo que abdicar de tantas coisas para que eu tivesse condições de estudar. Nesses dois anos aprendemos tantas coisas juntos, e se ajudar foi uma delas. Obrigada pela paciência e por entenderem minha ausência em alguns momentos.

Aos meus netos Arthas Héctor Lira e Davi Pietro Lira que chegaram para dar ainda mais sentido à minha vida.

Ao Itamar Pimentel, meu eterno companheiro. Obrigada pelo apoio moral, por seu amor e por acreditar em mim.

Aos meus irmãos, especialmente ao Márcio Lira que sempre está na expectativa de tudo que acontece na minha vida. Um irmão que muitas vezes chorou comigo e torceu pelo meu sucesso.

Aos meus sobrinhos, especialmente à minha sobrinha Taíse Lira que reconhece a minha luta e está seguindo no mesmo trilho.

À minha orientadora, profa. Dra. Célia Amorim, que me acompanha desde a graduação e que tem me ajudado a seguir nesse caminho do conhecimento acadêmico. Obrigada pela paciência e ensinamentos também de vida. Agradeço mais ainda por fazer com que eu me sentisse uma pessoa empoderada e fortalecida. Obrigada por acreditar em mim.

Ao todos que fazem parte do Grupo de Pesquisa Mídia Alternativa, pois os textos discutidos em nossos encontros foram de grande importância para a fundamentação teórica desta pesquisa.

A todos os membros do *Coletivo Tela Firme* que abraçaram este trabalho junto comigo e pela militância na periferia, especialmente no bairro Terra Firme, onde vivem e desenvolvem importantes ações políticas, sociais, culturais e de cidadania.

Às avaliadoras da banca profa. Dra. Alda Costa, que nos acompanha desde o Seminário de Avaliação e muito contribuiu no desenvolvimento deste trabalho de pesquisa e a profa. Dra. Cicilia Peruzzo, que gentilmente aceitou participar dessa etapa final, que se não for a mais importante, mas certamente é a decisiva.

Ao Programa de Comunicação Cultura e Amazônia – PPGCOM, pela oportunidade de cursar o mestrado na linha de Pesquisa Mídia e Cultura na Amazônia.

Aos professores do PPGCOM que ministraram as disciplinas para a turma de mestrado 2016, ou que sempre estiveram envolvidos em atividades complementares do programa. .

À Fundação Amazônia de Amparo a Estudos e Pesquisas – Fapespa pela concessão da bolsa de mestrado, pois o recurso permitiu que eu me dedicasse somente à realização desta pesquisa.

Enfim, a todos os amigos que acreditaram em mim e direta ou indiretamente contribuíram para realização desta dissertação.

Muito obrigada.

*Eu fui lá
Eu vi.
Eu vi luta
Eu vi resistência
Eu vi união
Eu vi esperança
Eu vi uma periferia não fabricada
Eu vi uma periferia vivida
Eu vi mazelas
Eu vi cultura,
Eu vi movimentos
Eu vi descaso
Eu vi “violência”
Eu vi desigualdade
Eu vi jovens fortalecidos
Eu vi a periferia pelos olhos do Tela
Firme.*

(Adriana Lira, 2018)

RESUMO

Esta pesquisa aborda as temáticas de comunicação, cidadania e periferia, entendidas como conceitos fundamentais para melhor compreensão das práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme*, objeto de estudo desta investigação. O grupo atua na periferia, especificamente no bairro Terra Firme, em Belém, estado do Pará. O trabalho dos jovens consiste na produção audiovisual que circula na internet e também em ações de cidadania diretamente em bairros periféricos da cidade. Esse trabalho está assentado na matriz da comunicação popular, alternativa, comunitária, por atuar de dentro da periferia, para a periferia, na conscientização e na transformação social. O resultado tem sido uma referência no campo político e educacional em Belém. Dessa forma, esta pesquisa se propõe a investigar como se configuram as práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme* na periferia da capital paraense. A hipótese levantada na investigação é a de que o ativismo do grupo nas comunidades onde atua, tem como propósito estimular e promover o engajamento político-social das pessoas que vivem nesses espaços, de forma a contribuir com a ampliação de seus direitos de cidadania. Diante do exposto, propõe-se no presente estudo a realização de um mapeamento e análise dos vídeos alternativos e das ações realizadas em bairros periféricos da capital, por iniciativa própria ou em parceria com outros movimentos e organizações engajados em lutas políticas e sociais. Os referenciais teóricos que sustentam a presente investigação são Peruzzo (2009), Gohn (2010), Gonczewski e Martin (2011), Pinsky e Pinsky (2013), Mouffe (2013). O trabalho do grupo se iniciou nas redes digitais que, na concepção de autores como Castells (2005), Lemos (2006) e Primo (2013), trata-se de uma plataforma que favorece processos de participação política, social e contribui para a articulação com outros movimentos de resistência. Sendo assim, esta dissertação utiliza-se de pesquisa bibliográfica, além da qualitativo-descritiva, com base na análise de conteúdo e a entrevista para atingir os objetivos, que entre outras pretensões, está a de identificar nas práticas comunicativas do Tela Firme alternativas de cidadania na periferia.

Palavras-chave: *Coletivo Tela Firme*. Comunicação. Periferia. Cidadania. Redes digitais.

ABSTRACT

This research departs from the themes and concepts of communication, citizenship and periphery, understood as fundamental for a better understanding Coletivo Tela Firme's communicative practices, which is our studied object. The group works in the urban periphery, specifically in Terra Firme neighborhood, in Belém, Pará state. Their work consists of audiovisual production that circulates on the internet as well as citizenship actions directly in the outskirts of the city. Such work is based on the logic of popular, alternative, community communication, since it is carried out in and for the peripheral neighborhoods and communities from Belém, aiming at social awareness and social change. The group's work has become a reference in the city's political and educational fields. Thus, this research goal is to inquiry the configuration of Coletivo Tela Firme's communicative practices in the outskirts of the capital of Pará. The hypothesis raised in the investigation is that the group's activism in the communities where it operates in is intended to stimulate and promote political and social engagement among those who live there, mainly to contribute to their citizenship rights enhancement. Hence, it is proposed in this study a process of mapping and analyzing their videos and the actions they have done in Belém peripheral neighborhoods, either on their own or in partnership with other movements and organizations engaged with political and social struggles. The theoretical standpoints that support our research are based on Peruzzo (2009), Gohn (2010), Gonczewski and Martin (2011), Pinsky and Pinsky (2013), Mouffe (2013). Coletivo Tela Firme's work began in social media which, according to Castells (2005), Lemos (2006) and Primo (2013), are platforms that favor political and social participation processes, as much as they contribute to the articulation with other resistance movements. To carry out this study, the master's thesis approach is based on bibliographical and qualitative-descriptive research, mainly informed by content analysis, as well as interviewing, to reach its objectives, among which identifying citizenship alternatives in and for the urban periphery through Coletivo Tela Firme's communicative practices.

Keywords: Coletivo Tela Firme. Communication. Urban periphery. Citizenship. Social media.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Relação dos vídeos do <i>Coletivo Tela Firme</i> componentes do <i>corpus</i> de análise da pesquisa	21
Quadro 2 - Relação das ações do Coletivo Tela Firme na periferia componentes do <i>corpus</i> de análise da pesquisa (2015 a 2017)	23
Figura 1 - Mapa da cidade de Belém.....	34
Figura 2 - Mapa do bairro Terra Firme	35
Figura 3 - Logomarca do Coletivo Tela Firme.....	38
Figura 4 - Tela Firme durante gravação no bairro Terra Firme	41
Quadro 3 - Mapeamento de vídeos do Coletivo Tela Firme publicados (2014 a 2018)	77
Quadro 4 - Mapeamento de vídeos do Coletivo Tela Firme não publicados.....	80
Figura 5 - Imagem da página do Coletivo Tela Firme no Facebook.....	81
Figura 6 - Imagem do canal que o Coletivo Tela Firme criou no YouTube.	82
Figura 7 - Imagem e nota do Coletivo Tela Firme sobre chacinas corridas em Belém	83
Quadro 5 - Mapeamento das ações do Coletivo Tela Firme na periferia (2014 a 2017)	87
Figura 8 - Coletivo participando de campanha da Anistia Internacional Brasil.....	92
Figura 9 - Trabalhos produzidos na oficina da “Pipa da Paz” (do Propaz).....	93
Figura 10 - Deyvison Dias candidato aprovado na UFPA	97
Figura 11 - Rarima Monteiro candidata aprovado na UFPA (2018).....	98
Figura 12 - Thamires Teixeira candidata aprovada na UFPA	99
Figura 13 - O personagem da foto é um dos jovens do Coletivo Tela Firme que representou a vítima João Paulo na produção audiovisual	101
Figura 14 - Imagem de uma área do bairro Terra Firme (2014)	103
Figura 15 - Antônio Trindade, morador do bairro Terra Firme	104
Figura 16 - Moradores da comunidade na última partida antes da retirada do campinho.....	106
Figura 17 - Crianças do bairro brincando no campinho no dia da entrevista.....	107
Figura 18 - Josy Alves, estudante envolvida no movimento de ocupação.....	108
Figura 19 - estudante envolvido no movimento de ocupação	109
Figura 20 - Moradores da comunidade participando do carnaval de rua	110
Figura 21 - Bruno Passos, morador do bairro da Terra Firme.....	112
Figura 22 - Gabriela Casanova, membro do movimento Bandeirantes.....	113
Figura 23 - Participantes do evento “Apitação contra o tráfico humano”	114
Figura 24 - Tela Firme apresentando o trabalho do grupo na Feapa.....	116

Figura 25 - Tela Firme e Juntos no “Grito dos Excluídos”	118
Figura 26 - Programação do “Belém 400 anos sob o olhar do Gueto: a periferia atenta”	119
Figura 27 - Carta-manifesto do movimento “Belém 400 anos sob o olhar do Gueto: a periferia atenta”	120
Figura 28 - Tela Firme em debate na Escola Mário Barbosa	121
Figura 29 - Coletivo Tela Firme em ação na Escola Mário Barbosa	122
Figura 30 - Feira Cultural na Escola Estelina Valmont.....	123
Figura 31 - Imagem feita na Vila da Barca Belém/PA.....	125
Figura 32 - Reunião da pré-conferência de Cultura da Terra Firme	126
Figura 33 - Exposição sobre racismo organizada pelo Tela Firme	127

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	14
2	PERIFERIA: ESPAÇO, LUGAR E IDENTIDADE SOCIAL.....	26
2.1	Lugar e espaço: uma construção social	29
2.2	Questões identitárias na periferia	31
2.3	Bairro Terra Firme e o Coletivo de Jovens na periferia de Belém	33
3	COMUNICAÇÃO E CIDADANIA.....	45
3.1	A comunicação popular, alternativa e comunitária	48
3.2	A cidadania e a sociedade globalizada	52
3.3	Panorama da cidadania no Brasil	55
3.4	Cidadania e democracia	57
4	A COMUNICAÇÃO EM REDES DIGITAIS	60
4.1	As redes digitais e os sujeitos sociais	62
4.2	Apropriações das redes digitais: trocas simbólicas de afeto e de interesses contraditórios	64
4.3	Ativismo social e político no espaço físico e nas plataformas digitais.....	65
5	COLETIVO TELA FIRME: COMUNICAÇÃO E CIDADANIA NA PERIFERIA E NAS REDES DIGITAIS.....	71
5.1	Caminhos metodológicos.....	71
5.2	Mapeamento da produção audiovisual.....	75
5.2.1	A experiência virtual do <i>Coletivo Tela Firme</i>	81
5.3	Mapeamento das ações na periferia	85
5.4	Análise da produção audiovisual do <i>Coletivo Tela Firme</i> nas Redes Digitais	95
5.4.1	Vídeo Vestibular.....	96
5.4.2	Análise do vídeo “Poderia ter sido você”	100
5.4.3	Vídeo “Terra Firme”	102
5.4.4	Vídeo “A Bola da Vez”	105
5.4.5	“Ocupação da Escola Brigadeiro Fontenelle”	107
5.4.6	Vídeo Carnaval	110
5.4.7	Análise do vídeo “Gente Firme”.....	111
5.4.8	Vídeo Apitação contra o tráfico humano.....	114
5.5	Análise das ações do <i>Coletivo Tela Firme</i> na Periferia	115
5.5.1	Parceria com o Movimento Nacional da Juventude	117
5.5.2	Ação com Faculdade de Comunicação da UFPA.....	118
5.5.3	Ação do grupo na Escola Mário Barbosa	120

5.5.4	Ação na Escola Maria Estelina Valmont	122
5.5.5	Parceria com o Fa.vela.....	124
5.5.6	Participação na <i>Conferência de Cultura da Terra Firme</i>	126
5.5.7	Exposição Semana da Consciência Negra	127
6	CONCLUSÃO	129
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	133
	APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	139
	APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM INTEGRANTES DO <i>COLETIVO TELA FIRME</i>	140
	APÊNDICE C – TERMOS DE CONSENTIMENTO ASSINADOS	176
	APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMETIMENTO ASSINADO	181

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa traz como fio condutor da investigação a comunicação e a cidadania na periferia, um lugar que apresenta muitas complexidades, especialmente no que se refere ao seu contexto físico-espacial e social. Por outro lado, a periferia tem representações que se configuram das mais diversas formas, seja por meio da cultura local, como também das relações sociais de seus habitantes e que se mostram pertinentes para este trabalho.

Também denominada de subúrbio e baixada, a periferia traz imbricados em seus conceitos (como será abordado mais adiante) significados que remetem a um sentido de negação, de um espaço inferiorizado, de descaso, de exclusão, até a percepção de um lugar no qual a única referência que se tem dele é a violência. Um estigma social que muito contribui para as mazelas encontradas no local.

Diante da realidade muitas vezes fabricada sobre a periferia leva a se pensar nos sujeitos que fazem parte do lugar, a condição em que vivem e principalmente sobre os seus direitos como cidadãos. É essas questões perpassam pela cidadania, termo que também remete a muitos significados e segundo Pinsky e Pinsky (2013), não é algo estático e seu sentido varia no tempo e no espaço. Mas seja na idade clássica, moderna ou na pós-modernidade a temática esteve vinculada aos direitos do cidadão e à perspectiva de emancipação política e social do indivíduo (mesmo que na prática está última proposição seja apenas um ideal).

É importante lembrar que além de ser histórica, a cidadania se configura num processo lento e que ainda precisa ser consolidado (GOHN, 2010; PINSKY, 2013), mas continua a ser tema de vários estudiosos, dentre os quais destacam-se Carvalho (2001), Peruzzo (1999, 2009a), Gonczewski e Martin (2011), Gohn (2010) e Pinsky e Pinky (2013) e tantos outros pesquisadores das mais diversas áreas. Diante disso, observa-se que a temática é um objeto que não se esgota e continua tendo relevância, principalmente, quando se trata de fazer valer a justiça social e o reconhecimento dos direitos humanos.

Para Peruzzo (2007, p. 3), por exemplo, a comunicação pode “contribuir para ampliação dos direitos e deveres de cidadania”. Especialmente quando tem o compromisso com questões e valores ligados a transformação social. Em seus estudos, a professora cita a comunicação popular, alternativa e comunitária, que atua dentro da perspectiva da participação ativa, horizontal, democrática e na perspectiva de promover ações coletivas, que visem primeiramente os interesses de camadas mais pobres da sociedade.

O caminho desta pesquisa e o seu tema foram despertados ainda na graduação, quando esta pesquisadora defendeu no ano de 2009, na Faculdade de Estudos Avançados do Pará (Feapa), o Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), intitulado *Jornal Pessoal: uma contribuição à democratização da informação na Amazônia*, sob a orientação da Profa. Dra. Célia Trindade Amorim. O respectivo trabalho teve como objetivo central refletir sobre o papel da mídia alternativa na Amazônia.

Outra motivação para continuar o percurso estudando o referido tema esteja no fato de ter constatado nas vivências e experiências do dia a dia, um controle social dos que detém o poder, seja ele por parte do Estado, da grande imprensa ou até mesmo do interesse de grandes empresários que atuam na região. Um controle que busca promover a sujeição do indivíduo, e por consequência reproduz a invisibilidade do sujeito como aponta Foucault (1975; 2005).

Tal reflexão pode ser compreendida quando remetemos a história de enfiamento e luta que está intrínseca no contexto desta pesquisa que traz como objeto de estudo o *Coletivo Tela Firme*, grupo oriundo do bairro da Terra Firme, periferia da cidade de Belém, Estado do Pará. Inicialmente, o trabalho do movimento consistia na produção de vídeos alternativos, com temas diversificados e de interesse público como política, arte, cultura e educação, voltados para a questão da cidadania na periferia. Isto é, o cotidiano do bairro e suas peculiaridades que podem ser considerados banais, mas que agregam valor ao espaço e à população que vive no lugar. Com o passar dos tempos, por meio de sua produção audiovisual, o grupo passou a revelar também, os problemas sociais que são comuns no lugar, como suas mazelas e a violência.

Das primeiras produções audiovisuais de caráter alternativo o *Tela Firme* se engajou também em ações de cidadania tanto no bairro onde atua, quanto fora dele. Trata-se de atividades como palestras, bate papo, ações sociais e comunitárias, como também protestos e manifestações contra todo tipo de opressão e de desigualdade que se apresentem na realidade da periferia, como por exemplo, a discriminação, o preconceito e a exclusão. É sabido, que tais expressões, como destaca Peruzzo (2007, p. 3, grifo), não representam “uma força predominante, mas desempenha um papel importante na democratização da informação e da cidadania”.

No artigo “*Podéria ter sido você*”: cidadania e periferia, publicado na edição de janeiro-junho de 2017 da Revista Alterjor¹, por esta pesquisadora e sua orientadora professora Dra. Célia Regina Trindade Amorim, em parceria com a profa. Dra. Alda Cristina Silva da

¹ Disponível no link: <http://revistas.usp.br/alterjor/issue/view/9485/showToc>. Acesso em 13 de mar. de 2017.

Costa, já se indicava que o Coletivo utiliza-se de interações da comunicação alternativa como forma de dar visibilidade à periferia. Outro ponto destacado pelas autoras é em relação as ações coletivas de grupos que trabalham em várias frentes e vertentes na busca por promover a autonomização do indivíduo.

Os estudos de Peruzzo (2009b), a respeito da comunicação popular, alternativa e comunitária possibilitam reflexões importantes para se pensar o trabalho que o *Tela Firme* desenvolve na periferia, pois em seu ativismo político-social, os jovens do Coletivo ajudam na ampliação dos direitos de cidadania das pessoas que vivem nesses espaços. Esse tipo de ativismo, pela comunicação, aproxima a pesquisa de Downing (2004, p. 33) que vai conceituar que uma mídia radical alternativa é aquela “que expressa uma visão alternativa às políticas, prioridades e perspectivas hegemônicas”.

Para Peruzzo, o meio alternativo representa uma contracomunicação, tendo em vista que tem um viés político-ideológico, e em suas abordagens se apropria de temas que, geralmente, não têm espaço na grande imprensa. Sendo assim, se tornou um mecanismo de luta de grupos, movimentos, entre tantas outras iniciativas que trabalham em prol dos direitos humanos e da cidadania.

“No conjunto, a comunicação alternativa representa uma contracomunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e das “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim, democratizar a informação e o acesso da população aos meios de comunicação, de modo a contribuir para a transformação social” (PERUZZO, 2008, p. 2).

Destaca-se também a concepção de Amorim (2007) ao mencionar os atores sociais envolvidos nos projetos alternativos. Para a estudiosa “os sujeitos engajados neste tipo de mídia estão ligados com propostas de ação crítica no meio social” (AMORIM, 2007, p. 11).

Geralmente, iniciativas como as propostas pelo *Tela Firme*, ajudam a promover mudanças na sociedade, mas é importante enfatizar que essas transformações só acontecem quando o indivíduo passa a ter consciência do seu papel como cidadão. Nesta perspectiva, entende-se que mídia alternativa é uma forma de comunicação importante no processo de democratização da região, conforme observa Amorim (2007).

A periferia, *lócus* de atuação do *Coletivo Tela Firme*, sempre foi destaque nas abordagens midiáticas, inclusive da mídia alternativa. Os discursos discorrem sobre questões como a violência, a marginalização, o medo, a pobreza, insegurança, a falta de organização espacial urbana, entre outras situações comumente identificadas nesse espaço estigmatizado. Como esclarece Goffman (2004), isso provoca uma sensação de insegurança e que a acaba

criando uma identidade social imposta, não apenas sobre o bairro Terra Firme, mas também sobre o sujeito que faz parte dessa realidade.

Mas para além do olhar de fora, que muitas vezes é fabricado, existe a percepção das pessoas que vivem no espaço, Como explica Tuan (1983), esse espaço pode ser experienciado de várias maneiras como a localização relativa a objeto e lugar, como as distâncias, tensões que separam os lugares abstratamente. E isso leva a se pensar no lugar, segundo o referido autor, como um mundo de significado organizado e uma soma de relações subjetivas, objetivas e simbólicas. Isto é, o lugar é percebido de forma diferente pelas pessoas que fazem parte dele, pois a mesmas têm a experiência do vivido e isso fomenta manifestações dos que não aceitam conceitos impostos ao espaço onde vivem e tão pouco serem discriminados, como por exemplo, os jovens do *Coletivo Tela Firme*.

Entre os inúmeros olhares sobre a periferia, destaca-se o pensamento de Soto (2008). Para o pesquisador a periferia “se constitui como negação do progresso e da emancipação social prometidos pela modernidade e pela urbanização” (SOTO, 2008, p. 7). Bezerra (2011) tem um olhar mais crítico quando define periferia como um espaço duplamente inferiorizado (o sentido de “ser pobre” e viver em áreas periféricas). Já Shörner (2011), faz uma definição sintética, mas importante quando diz que em seu conceito geográfico periferia é o que está à margem, e em seu conceito social traduz um significado de exclusão.

As conceituações citadas no parágrafo anterior remetem à ideia da segregação socioespacial, que está presente nos discursos sobre os espaços considerados periféricos. Essa questão é tratada por Santos (2007, p. 72), por exemplo, como uma segregação “imposta às classes pobres”. Isto é, a população que não tem condições de se manter nos centros urbanos, acaba tendo como opção as áreas de periferia.

Quando se trata de periferia as discussões vão além das menções feitas nesta pesquisa e muitas dessas questões são expostas nas abordagens do *Coletivo Tela Firme*. Em sua produção audiovisual, por exemplo, o grupo reproduz um olhar do espaço, no qual são inegáveis as mazelas sociais, mas que além das problemáticas do bairro, o trabalho do grupo mostra um lugar onde também tem cultura, tem lazer e tem uma organização sócio-político-econômica (claro que não estruturada de forma adequada), mas existe.

Diante do exposto, ressalta-se a importância de se refletir sobre a comunicação e a cidadania nesta pesquisa. Como diz Freire (1983), o mundo humano é um mundo da comunicação e que o sujeito pensante não pode pensar sem a co-participação de outros sujeitos em relação ao objeto pensado e essa co-participação se dá na comunicação. “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do

segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos” (FREIRE, 1983, p. 44). E como poderá ser observado no segundo capítulo desta dissertação, a comunicação permite uma relação dialógica e horizontal como esclarece o referido autor.

Sendo assim, o *Tela Firme* propõe um trabalho assentado numa relação dialógica-comunicativa com a população que vive no bairro no qual atua, no caso o bairro Terra Firme. Tal percepção se apoia na premissa de que, por meio das ações do grupo, os anseios da comunidade são percebidos, assim como suas aflições, logo, há uma reciprocidade que é fundamental no ato comunicativo como esclarece Freire (1983).

Em suas práticas comunicativas, o *Coletivo Tela Firme* também trabalhar na perspectiva do empoderamento social, expressão que remete a uma busca de consciência coletiva e de pertencimento do indivíduo e que também será tratada nesta investigação. O empoderamento é no sentido de fortalecimento social e de poder, cuja finalidade é fazer com que a partir do momento em que esse sujeito passa a ser sensibilizado sobre seus direitos e sua participação na sociedade, ele possa se sentir capaz de ir em busca da sua cidadania.

No entanto, é importante destacar que a busca por essa autonomia envolve todo um processo de conscientização que na compreensão de Freire (1979, p. 15) é fundamental para que “os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo”. E essa questão está relacionada a diversos aspectos, como por exemplos, os de cunho ideológico. Esse sujeito precisa reformular suas ações, participar ativamente no que compete às práticas sociais, entre outras atitudes que podem ser essenciais para o seu empoderamento social ou *empowerment* como cita Freire (1986). Para o autor, o empoderamento social é fundamental para que esse sujeito possa criar uma percepção crítica sobre a sua realidade e sobre si mesmo.

Na compreensão de Gohn (2010, p. 22), “a possibilidade de emancipação desse sujeito fica confinada aos espaços de resistência existentes”. Geralmente, é na periferia que o fenômeno se manifesta. No entanto, sabe-se que essa transformação só é possível quando os sujeitos são empoderados e passam a ter consciência do seu papel como cidadãos, ou seja, quando passam a ter autonomia para fazer as suas próprias escolhas. Diante do exposto observa-se que o empoderamento social pode ser muito bem empregado à concepção adotada pelo *Coletivo Tela Firme* em sua produção audiovisual, pois o trabalho que o grupo desenvolve no bairro Terra Firme e em outras comunidades periféricas é no intuito de promover o fortalecimento das pessoas que vivem nesses espaços.

Outra discussão levantada nesta investigação é a comunicação em rede, tendo em vista que o *Coletivo Tela Firme* também se articula por meio das redes sociais, tanto em *loco* quanto na internet. De forma a investigar, entre outras coisas, como se propaga a comunicação

do *Coletivo Tela Firme* na rede mundial de computadores, ou seja, nas páginas criadas pelo grupo no *Facebook*² e no canal do *Youtube*³ achamos importante trazer para a discussão autores que manifestam diversas percepções sobre a temática como Castells (2003, 2005, 2015), Lemos (2006), Primo (2013).

Como menciona Castells (2015), os atores sociais e cidadãos no mundo inteiro estão cada vez mais utilizando a comunicação em rede para promover seus projetos. E à medida que as pessoas (os chamados usuários) se apropriam de novas formas de comunicação, elas constroem seus próprios sistemas de comunicação de massa (CASTELLS, 2015, p. 106-107). Para Lemos (2006) e Primo (2013), a internet favorece processos tecnocomunicacionais de participação política e contribui para a articulação dos movimentos de resistência. Isso explica a grande participação de grupos politicamente engajados nas redes de comunicação, e que a cada dia ganha mais dimensão no ativismo *online*.

Nessa perspectiva entende-se que o ativismo do Coletivo nas redes digitais pode ser significativo, considerando as possibilidades da comunicação em rede online. Claro, que não se pode desconsiderar a importância das redes sociais *offline*, até porque ambas estão interligadas como poderá ser identificado no quarto capítulo desta pesquisa. Outro ponto relacionado a esse contexto é a questão dos sujeitos sociais envolvidos nesse processo, bem como as relações que se formam a partir da concepção da interação em rede social.

Vale ressaltar ainda, que além dos vídeos produzidos pelo grupo e disponibilizados nos respectivos links, a equipe do *Tela Firme* também compartilha trabalhos desenvolvidos em parceria com outros grupos, entidades e movimentos sociais como a Comissão de Justiça e Paz – CNBB, Caravana da Paz e várias outras lideranças locais e nacionais. A união com outros movimentos tem fortalecido o trabalho que o grupo realiza.

Diante do exposto, entende-se que a relevância em trazer as práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme* como objeto empírico do presente estudo está embasada em várias justificativas, uma delas é o fato do grupo desenvolver um trabalho com caráter alternativo, de luta e de resistência na periferia. Outra justificativa está centrada na questão da cidadania, pois o movimento busca representar a comunidade em seu trabalho evidenciando questões locais que envolvem preconceito, conflito, dominação, negação, entre outras formas de exclusão.

² A página do *Facebook* pode ser acessada no respectivo link: <https://www.facebook.com/telafirme/videos>. Acesso a partir de agosto de 2015.

³ O canal do grupo no *Youtube* pode ser acessada no respectivo link: https://www.youtube.com/results?search_query=tela+irme. Acesso a partir de agosto de 2015.

Com base na discussão suscitada até o presente formulou-se a questão problema desta investigação. Como estão configuradas as práticas comunicativas dos jovens do *Coletivo Tela Firme* na periferia de Belém do Pará?

A hipótese levantada nesta investigação é de que as práticas comunicativas do *Coletivo Terra Firme*, tanto nas redes digitais quanto nas ações em loco nos bairros da periferia ajudam a estimular e promover o engajamento político-social das pessoas que vivem nesses espaços, de forma a contribuir com a ampliação de seus direitos de cidadania.

Downing (2004) entende que “certas formas de liderança organizadas são essenciais para coordenar os desafios à hegemonia ideológica do capital e propor programas e perspectivas alternativas dignas de crédito” (DOWNING, 2004, p. 48). A percepção do estudioso da mídia radical, apenas confirma a ideia de que as transformações sociais só acontecem quando há ações coletivas. Essa perspectiva tem servido de parâmetro para as organizações que lutam em prol de causas sociais e humanas.

Assim, o objetivo geral desta pesquisa consiste em refletir sobre as práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme*, tanto das redes digitais quanto na comunidade, possam representar alternativas de cidadania para os moradores desses lugares que são estigmatizados socialmente. A fundamentação teórica disponível nesta pesquisa serve como instrumento para resolução do problema de investigação e que se propõe a contribuir com os seguintes objetivos específicos:

-Mapear a produção audiovisual nas redes digitais e as ações em loco do *Coletivo Tela Firme* na periferia.

-Analisar e identificar nas ações e produções do grupo práticas comunicativas que representem alternativas de cidadania.

Inicialmente, o *corpus* de análise correspondia à escolha de sete dos quase 30 vídeos produzidos pelo *Coletivo Tela Firme*, no entanto, no início de 2018 (dia 29 de janeiro), o *Tela Firme* produziu o vídeo *Vestibular* (2018), produção que teve grande repercussão nas redes digitais e também na comunidade onde o grupo atua, no bairro Terra Firme, especialmente por abordar o ingresso de jovens da periferia em uma universidade pública. Sendo assim observou-se a importância de analisar a referida produção. Os outros vídeos são os seguintes: “*Poderia Ter Sido Você*” (2015), “*Terra Firme*” (2014), “*A Bola da Vez*” (2015), “*Ocupação da escola Brigadeiro Fontenelle*” (2016), “*Gente Firme*” (2015), “*Carnaval*” (2014) e “*Apitação Contra o Tráfico Humano*” (2014). No quadro abaixo algumas especificações das referidas produções. É importante ressaltar que as ações do grupo também serão analisadas, e que priorizar a análise dos vídeos se justifica no fato de que foi somente a

partir do ativismo nas redes digitais que a equipe do *Tela Firme* passou coletivamente a realizar palestras, bate papos e se envolver com outros movimentos de comunidades da periferia, especificamente da comunidade onde atua.

Quadro 1 - Relação dos vídeos do *Coletivo Tela Firme* componentes do *corpus* de análise da pesquisa

Produções	2014	2015	2016	2018	Duração do vídeo
Vestibular	-			29/01/2018	6'22"
Poderia ter sido você	-	06/01/2015	-	-	9'43"
Terra Firme	24/04/2014	-	-	-	11'43"
A bola da vez	-	03/09/2015	-	-	2'21"
Ocupação Escola Brigadeiro Fontenelle	-	-	25/11/2016	-	4'
Gente Firme	07/09/2014	-	-	-	11'57"
Vídeo Carnaval	06/03/2014	-	-	-	4' 55"
Apitaco contra o tráfico humano	03/07/2014	-	-	-	2'32"

Fonte: LIRA, 2017.

O vídeo “Vestibular” como já foi citado anteriormente foi produzido com o objetivo de homenagear candidatos da periferia aprovados na Universidade Federal do Pará - UFPA, por meio do Exame nacional do Ensino Médio – Enem. Um trabalho que levanta diversas discussões, especialmente por se tratar de jovens que fazem parte de uma realidade rodeada de incertezas, impossibilidades e preconceitos. A temática abordada foi ainda mais relevante, pois motivou uma grande caminhada no bairro (como poderá ser identificado na análise).

Outro trabalho de grande relevância foi o vídeo “*Poderia Ter Sido Você*”, pois relembra quatro chacinas ocorridas em Belém, Tapanã, Santa Izabel e Icoaraci. Trata-se de uma das mais importantes produções do grupo, tanto pela notoriedade que teve tanto nas redes sociais digitais, quanto em debates realizados em eventos na periferia. A produção audiovisual “*Terra Firme*” é um mini-documentário sobre o bairro, no qual o grupo procura dar ênfase à economia, à religião, à cultura, além de denunciar problemas de infraestrutura como a falta de saneamento básico no local.

O vídeo “*A Bola da Vez*” também será analisado. No trabalho *Tela Firme* denuncia a extinção do campinho de futebol que ficava às margens da Perimetral, sendo retirado após as obras da segunda fase da duplicação da Avenida. Já a produção intitulada “*Ocupação da escola Brigadeiro Fontenelle*” trata da ocupação dos estudantes na instituição. Entre as inúmeras reivindicações que fomentaram a manifestação dos ocupantes, podem ser

consideradas como principais, a falta de infraestrutura na instituição e também como protesto à Proposta de Emenda Constitucional (PEC-55) do Governo Federal.

A produção audiovisual intitulada “*Carnaval*” faz referência a uma tradição do bairro Terra Firme, que mobiliza a comunidade no período de festa. No trabalho o grupo destaca também uma programação promovida por jovens da comunidade católica local. O vídeo “*Gente Firme*” é um trabalho, no qual o grupo procura mostrar o bairro sob o olhar de quem vive no lugar. Foi produzido no intuito de ser um quadro onde os jovens do Coletivo podem mostrar o que o bairro tem de melhor, ou seja, as pessoas.

Por último, o “*Apitação Contra o Tráfico Humano*”, produção que também vai compor a análise. Na referida produção o *Coletivo Tela Firme* faz a cobertura do evento realizado todos os anos pela Comissão Justiça e Paz da CNBB com a participação de grupos da Terra Firme (JAVE, Caravana da Paz, Justiça e Paz e várias outras lideranças). A programação citada aconteceu, no dia 22 de junho de 2014, na Praça da República, em Belém do Pará.

A escolha das referidas produções se explica no fato de serem temáticas com propostas críticas e que trazem para a discussão elementos simbólicos que podem revelar diversos questionamentos levantados pelo *Coletivo Tela Firme*. Se manifestando assim, como importantes elementos para a composição deste trabalho. E também por serem abordagens que remetem a questões polêmicas, críticas do bairro, assim como a valorização da comunidade. Tal afirmação pode ser observada nas narrativas fílmicas, nas entrevistas, olhares e perspectivas das produções, e que nesta pesquisa entende-se que podem traduzir significados sobre o lugar e sobre a população que vive no espaço.

É importante enfatizar que entre as inúmeras ações do *Coletivo Tela Firme* realizadas na periferia, mais especificamente, no bairro Terra Firme, foram selecionadas sete para análise. São trabalhos que o grupo realizou em parceria com outros grupos e movimentos. O trabalho em conjunto com outras frentes de luta é uma característica comum do grupo, como poderá ser observado no decorrer desta pesquisa.

A investigação se concentra em ações do Coletivo com o Movimento Nacional de Juventude – Juntos (2015), com a Faculdade de Comunicação da UFPA – Facom (2016), com escolas do bairro Terra Firme como Mário Barbosa (2015 e 2017) e Maria Stellina Valmont (2016), com o Favela (2016), com a I Conferência da Cultura na Terra Firme (2017) e com o projeto Juventude Esporte Clube. Como mostra o quadro 2 (abaixo), as respectivas ações ocorreram no período de 2015 a 2017.

Quadro 2 - Relação das ações do Coletivo Tela Firme na periferia componentes do corpus de análise da pesquisa (2015 a 2017)

Eventos e parcerias	Ações	Período
Movimento Nacional de Juventude – Juntos	Palestras, seminários, debates, etc.	Dez/2015
Faculdade de Comunicação da UFPA – Facom	A produção do vídeo dos 400 anos de Belém sob o olhar da Periferia	Jan/2016
Escola Estadual Mário Barbosa	Palestras, bate papos, etc.	Set/2015 e 2017
Escola Estadual Maria Estellina Valmont	Feira de Cultura e bate papo com alunos da instituição.	Abr/2016
Fa.vela – Organização de empreendedorismo e inovação de comunidades de baixa renda	Participação em evento organizado na escola Brigadeiro Fontenelle	Jun/2016
I Conferência da Cultura Terra Firme	Participação na organização do evento	Mar/2017
Projeto Juventude Esporte Clube	Exposição Semana da Consciência Negra	Nov/2017

Fonte: LIRA, 2017.

A parceria com o Movimento Nacional de Juventude – Juntos se apresenta como relevância para esta investigação, pois através de palestras ministradas em eventos promovidos pelo movimento, o *Tela Firme* passou a ter contato com outros jovens da comunidade, e por meio das palestras que realiza nos referidos eventos é possível trabalhar, por exemplo, a questão da conscientização, por exemplo.

As ações nas escolas passaram a ser realizadas desde 2014. O *Tela Firme*, geralmente está envolvido em eventos que acontecem na instituição como palestras e bate papos com os alunos sobre a atuação do grupo, entre outros temas relacionados a questões sociais como a transformação da comunidade a partir da intervenção de seus habitantes. A escolha da Escola Maria Stellina Valmont como objeto de análise, se justifica no fato de que a instituição promoveu uma Feira Cultural tendo como tema de um dos trabalhos do evento, a comunicação alternativa do *Coletivo Tela Firme* na periferia de Belém.

A parceria com a Faculdade de Comunicação da UFPA – Facom foi a produção de um vídeo sobre os 400 anos de Belém. O trabalho faz críticas à realidade da capital, muitas vezes mascarada pelos governantes que promovem eventos destacando apenas as belezas da cidade, mas esquecendo suas mazelas. Já as ações articuladas com o Fa.vela, que é uma organização de empreendedorismo e inovação de comunidades de baixa renda, também são relevantes para esta análise, pois através do trabalho colaborativo houve trocas de experiências significativas, além de um intercâmbio cultural entre jovens da periferia.

A participação do grupo na I Conferência da Cultura na Terra Firme também é pertinente, tendo em vista que por meio dessas ações se torna possível maior aproximação com grupos culturais da comunidade. Assim como a exposição sobre racismo, realizada na Semana da Consciência Negra no Brasil (20 a 24 de novembro de 2017) e por iniciativa do *Tela Firme*. O evento foi direcionado às crianças do Juventude Esporte Clube, projeto desenvolvido no entorno do Chalé da Paz (futura sede do *Tela Firme* ainda em construção). A ação se apresenta com relevância, considerando o índice de jovens negros assassinados na periferia e em todo país como poderá ser identificado nesta pesquisa.

Vale ressaltar que essas ações também são publicizadas na internet (na página do grupo no *Facebook* e no canal do *Youtube*).

A pesquisa encontra-se dividida na introdução constituindo-se o primeiro capítulo, seguida de três capítulos conceituais, análise do *corpus* e considerações finais. No segundo capítulo se contextualizará os estudos da periferia, sua formação, ocupação e o estigma imposto sobre ao espaço e que o transforma num lugar estereotipado e inferiorizado, mas que também tem uma história, cultura e um valor para quem vive no bairro. O capítulo traz ainda o objeto investigado, contextualizando a atuação do Coletivo na periferia. Comporta também conceitos de mídia alternativa e um contexto geral sobre sua configuração na atualidade. Evidenciando as mudanças que esse meio, que sempre foi considerado de contra oposição, sofreu ou vem sofrendo e que permitem que resista na história.

Dentro das discussões propostas no terceiro capítulo, entende-se que o estudo da comunicação se revelou essencial, considerando que esta é imprescindível nas relações e interações humanas e sociais. Neste capítulo, será feita ainda uma abordagem sobre a construção da cidadania no Brasil, e para melhor compreensão dos processos que envolvem sua prática na atual sociedade, entende-se que seja relevante discutir questões que perpassam a temática como a globalização, a comunicação e a democracia.

O quarto capítulo enfoca uma abordagem da comunicação em rede, as articulações e principalmente as mobilizações que ocorrem nas redes digitais. A importância da presente discussão tem como justificativa a grande participação do *Coletivo Tela Firme* nas redes de comunicação digital. A atuação da mídia alternativa no espaço virtual também vai compor este capítulo.

O quinto capítulo apresenta os caminhos metodológicos da pesquisa que consiste na análise qualitativo-descritiva. Para Günther (2006, p. 5), a pesquisa qualitativa tem como característica geral a construção da realidade e nesse processo de investigação se mostra como estratégia essencial para análise do objeto.

Nesta perspectiva entende-se que quanto ao tipo, a análise de conteúdo seja ideal para análise dos dados qualitativos, pois tem “metodologia própria, que permite ao investigador programar, comunicar avaliar criticamente um projeto de pesquisa com independência de resultados” (FOSENCA JÚNIOR, 2005, p. 286). Como explica Bardin (1977), por meio da análise de conteúdo há um desvendar crítico da mensagem através do uso de inferências, isto é, de afirmações suscitadas a partir da compreensão do pesquisador. Logo a análise de conteúdo se mostra como um método adequado para penetrar e compreender o significado e a intencionalidade das falas, vivências, valores, percepções, desejos, necessidades e atitudes que podem ser identificadas durante a análise dos vídeos e das ações.

Nesta pesquisa, a entrevista se revelou como técnica apropriada para a coleta de dados, tendo em vista que se trata da técnica mais utilizada no trabalho de pesquisa de campo como apontam Boni e Quaresma (2005), e que nesta pesquisa se mostrou como essencial para coleta de dados. Especialmente pelos resultados obtidos e que serviram de base para análise do trabalho do *Coletivo Tela Firme*, de sua produção audiovisual, como também das ações desenvolvidas pelo grupo.

Este capítulo traz ainda os mapeamentos da produção audiovisual do grupo, que consiste nos vídeos produzidos pela equipe, assim como os trabalhos que o Coletivo mantém junto à comunidade local. A experiência virtual do *Tela Firme* também se apresentou como um forte elemento de análise, tendo em vista as práticas interativas que se manifestam na comunicação em rede. Neste capítulo será feita também a análise dos vídeos produzidos e disponibilizados pelo grupo nas redes digitais, assim como as ações que desenvolvem na periferia.

A justificativa da investigação que torna importante a realização da pesquisa começa no título *Coletivo tela Firme: comunicação e cidadania na periferia*, pois possibilita a ampliação de discussões sobre as referidas temáticas. Vale ressaltar a relevância social do trabalho, pois está centrado em investigar o ativismo do *Coletivo Tela Firme* e suas práticas comunicativas, que entre outras, tem como foco a busca pela cidadania na periferia.

E por último as considerações finais, onde será apresentada uma síntese da pesquisa obtida a partir da análise dos dados e do referencial teórico, como também dos objetivos alcançados, como a resposta da pergunta que norteia esta investigação.

2 PERIFERIA: ESPAÇO, LUGAR E IDENTIDADE SOCIAL

Este capítulo traz um contexto geral sobre a temática da periferia, local de atuação do *Coletivo Tela Firme*, um espaço que possui complexidades no que refere a sua realidade social. É também um lugar que comporta muitas histórias e significados, especialmente para seus habitantes. Sendo assim, a questão da identidade dos sujeitos que vivem no local, a sua condição como cidadãos de um bairro estigmatizado, como também, as problemáticas presentes na comunidade, são focos das abordagens do objeto analisado neste trabalho de dissertação e também deste capítulo.

Na maioria das vezes a periferia se apresenta como um espaço revestido de estigmas, fragmentações e segregações que são resultantes de sua formação e ocupação desordenada. Realidade que começou a ser acentuada ainda na década de 1950 conforme citam Lopes e Ramires (2009). Nesse período, o Brasil passava por uma nova etapa de industrialização, que fomentou um intenso êxodo rural, pois com a perspectiva de melhorar de vida muitas pessoas se deslocaram para as capitais do país.

Tal realidade resultou na segregação centro urbano e periferia, assim como as características, diferenças e realidades que cercam esses dois espaços. Como explicam Costa Amorim e Lira (2017), a disputa por um espaço nas cidades e os elevados custos econômicos para se manter nele fizeram com que uma grande parcela dessa população se locomovesse para os arredores do centro, em busca de sobrevivência. Segundo Ojima (2011), o processo de formação da periferia “está fortemente relacionado à segregação sociodemográfica das camadas mais pobres da população para as regiões mais distantes dos centros consolidados” (OJIMA, 2011, p. 23). Isto é, o crescimento populacional urbano no Brasil e a valorização do mercado imobiliário em áreas localizadas no centro urbanos, especificamente, das capitais fomentaram o deslocamento de muitas pessoas para os arredores das cidades (OJIMA, 2011; LOPES e RAMIRES, 2009; SANTOS, 2007).

Essa intensa concentração provocou uma urbanização cada vez mais periférica, e conseqüentemente, contribuiu para as muitas problemáticas identificadas nesse espaço. Entre elas, está a falta de uma organização espacial desordenada que resulta em problemáticas existentes hoje na periferia como a falta de saneamento básico, por exemplo. Tal realidade gerou degradações, dispersões e fragmentações que Maia, D. (2010), denomina de espraiamento, termo que a autora se apropria para explicar essa divisão urbana, comum do sistema capitalista e que também vai influenciar no processo de segregação e degradação da periferia.

O uso indiscriminado do termo periferia leva a uma série de imprecisões sobre seu sentido conforme observa Shörner (2011). Por exemplo, numa visão espacial geográfica, geralmente, a impressão que se tem é do distanciamento entre centro e periferia, o que na maioria das vezes não condiz com a realidade. Em Belém, como será abordado mais adiante, é um exemplo disso, pois centro e periferia se misturam no mesmo espaço físico (geográfico). Na percepção de Soto (2008) a relação centro-periferia é resultado de uma racionalidade capitalista, no qual acaba gerando uma relação também de poder, como pode ser percebido na percepção de Soto (2008, p. 12), quando o autor enfatiza que “o centro cumpre a função de organizar hierarquicamente a periferia”.

É importante notar que esse espaço estigmatizado se torna cada vez mais plural, “bem como os seus conteúdos, revelando novas práticas sócio-espaciais, novas formas de diferenciação e segregação urbana” (LOPES; RAMIRES, 2009, p. 56). Os autores fazem referência à implantação de residenciais e condomínios fechados (habitação geralmente destinada a pessoas com poder aquisitivo mais elevado) e de áreas industriais na periferia. Segundo os referidos estudiosos, tal perspectiva pode representar uma auto-segregação, ou seja, quando as pessoas procuram lugares mais abastados para viver é no intuito de escapar da aglomeração dos centros urbanos. Lopes e Ramires (2009), ressaltam ainda que esse tipo de ocupação representa uma apropriação desigual do solo considerando que esses empreendimentos abrangem áreas superiores em relação as habitações comuns desse espaço. Permitindo assim que a segregação ultrapasse a questão centro-periferia e passe a existir dentro do próprio espaço.

Tal condição vai afetar também a população que vive no lugar, e que por fazer parte de um espaço estigmatizado socialmente muitas vezes acaba sendo vítima de preconceito e de exclusão. Automaticamente passa a ser percebido como um sujeito estigmatizado. Segundo Goffman (2004), quando uma pessoa carrega um estigma, esta se sente insegura em relação à maneira como os outros a identificarão. Segundo o autor, este tipo de insegurança se dá pela incerteza de que receba um pré-julgamento pelo estigma que carrega, mas como ele mesmo argumenta, a pessoa estigmatizada cria resistência e habilidades para lidar com determinadas situações, pois na periferia convive com tensões diárias, como por exemplo, a violência.

Levando a percepção de Goffman (2004) ao contexto da periferia, observa-se que a realidade encontrada no local favorece a criação de estereótipos, de discriminação, de preconceito, etc. Em consequência disso acaba provocando um retrocesso no desenvolvimento do espaço, seja ele no âmbito econômico ou social, e isso acaba

repercutindo na falta de oportunidades para os moradores do lugar, como por exemplo, a oferta de emprego e renda.

Ainda segundo Goffman (2004) a identidade social de cada pessoa corresponde a categorias e atributos encontrados nesse sujeito de acordo com ambiente social em que vive. Como aponta o autor, essa identidade social pode ser imposta, especialmente, quando se faz juízo de valor a partir de fatos aparentes, por exemplo, os estereótipos (pobreza, medo, etc.) de quem vive na periferia. Sendo assim, a condição imposta à periferia tem provocado a “rebeldia” da população que vive no lugar e a partir dessa lógica, geralmente começam ocorrer mudanças, seja no seu pensar, quanto no seu agir.

No entanto, sabe-se que essa transformação só é possível quando os sujeitos são empoderados e passam a ter consciência do seu papel como cidadãos, ou seja, quando passam a ter autonomia para fazer as suas próprias escolhas. Freire (1986), entende que o empoderamento (*empowerment*) é essencial no sentido de despertar uma percepção crítica da realidade e fundamental para a transformação social. Para o filósofo, o termo pode ser muito mais que um instrumento individual quando ligado à classe social.

A questão do *empowerment* da classe social envolve a questão de como a classe trabalhadora, através de suas próprias experiências, sua própria construção de cultura, se empenha na obtenção do poder político. Isto faz do *empowerment* muito mais do que um invento individual ou psicológico. Indica um processo político das classes dominadas que buscam a própria liberdade da dominação, um longo processo histórico de que a educação é uma frente de luta. (FREIRE, 1986, p. 72).

Na citação, o filósofo faz referência a um processo histórico, político e social no âmbito da educação, mas a discussão levantada pelo estudioso pode ser relacionada ao contexto geral desta investigação que abrange questões como a comunicação e cidadania, emancipação e consciência coletiva na periferia.

Comumente, se observa grupos e movimentos sociais em busca de mudanças e melhorias para a periferia, como o *Coletivo Tela Firme*, por exemplo, que faz referência à luta contra a opressão existente no bairro onde atua (Terra Firme), mas que também procura dar visibilidade às peculiaridades da comunidade como a cultura local. Isso acontece porque o povo não aceita mais imposições de que na periferia só exista violência e mazelas como explica Maia, J. (2005). Por isso, segundo o referido autor, quando o indivíduo passa a ser interlocutor de narrativas do seu cotidiano ele também começa a fazer parte da história cultural do lugar e acima de tudo a exercer a sua cidadania.

É importante enfatizar que o contexto sobre a periferia feito nesta investigação é somente uma visão geral que se tem do espaço, mas as percepções dos autores citados anteriormente possibilitaram um maior entendimento sobre determinadas situações

relacionadas a esse território. Por exemplo, as redes alternativas, ações comunitárias e populares que surgem na periferia, como o ativismo do *Coletivo Tela Firme*, geralmente são ações motivadas por serem contrárias às desigualdades e indiferenças existentes nesses espaços.

Como também pode ser percebido no decorrer do estudo sobre periferia, os termos espaço e lugar foram citados inúmeras vezes, e ambos têm grande importância quando se busca compreender a periferia como poderá ser constatado na próxima seção

2.1 Lugar e espaço: uma construção social

Os conceitos de espaço e lugar não podem ser definidos um sem o outro como, eles caminham juntos, como explicam Tuan (1983) e Milton Santos (2003, 2005). Mas para Tuan (1983), o significado de espaço é mais abstrato do que lugar e o espaço pode transformar-se em lugar a partir dos valores e significação que lhes são atribuídos. Neste sentido, o intuito desta pesquisa ao contextualizar tais conceitos é de tentar compreender melhor a periferia e sua organização sócio-espacial, base fundamental para se entender o objeto desta investigação.

Santos (2003) esclarece que com o passar do tempo a percepção sobre configuração territorial cada vez mais é baseada em sua produção histórica (dadas pelas obras dos homens), desprezando-se assim o contexto natural de sua formação. Sendo assim, ao definir espaço procura abranger a totalidade em que ele está imbricado, pois em sua concepção “o espaço é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (SANTOS, 2003, p. 39). Segundo o autor o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma (em sua lógica natural ou social) por meio da interação dos sistemas de objetos e ações humanas. Isto é, o sistema de objetos condiciona as ações, e o sistema de ações, por sua vez, leva a criação de novos objetos.

O espaço, além de ser uma instância social (organizada pelo homem), é também uma instância subordinada à lei da totalidade conforme Saquet e Silva (2008)⁴. Sendo assim, possui uma autonomia e leis próprias. Nessa perspectiva os referidos autores argumentam que:

Assim, o espaço organizado é também uma forma resultante da interação de diferentes variáveis. O espaço social corresponde ao espaço humano, lugar de vida e

⁴ Saquet e Silva (2008) tomam como base de sua pesquisa os estudos de Milton Santos evidenciando características da concepção do autor de Geografia e dos conceitos de espaço e território.

trabalho: morada do homem, sem definições fixas. O espaço geográfico é organizado pelo homem vivendo em sociedade e, cada sociedade, historicamente, produz seu espaço como lugar de sua própria reprodução. (SAQUET; SILVA, 2008, p. 8).

Como se observa na citação a concepção dos referidos autores sobre espaço leva a se refletir sobre a realidade da periferia que abrange também seus habitantes. Por exemplo, pensar no bairro Terra Firme (lócus desta pesquisa) como lugar e espaço, ou seja, que não pode simplesmente ser visto apenas tendo como base suas características físico-espaciais e/ou estruturais, mas também conforme a sua organização sócio-espacial, de forma que se tonou um lugar que comporta uma grande população conforme será abordado ainda neste capítulo.

Moreira e Hespanhol (2007) compreendem o lugar como uma soma de relações subjetivas, objetivas e simbólicas que estão relacionadas à sua construção social. Para as estudiosas o lugar é um produto da experiência pessoal vivida (segundo a geografia humanística), o lugar da afetividade e do percebido, ou seja, como as pessoas que vivem na periferia percebem esse lugar. Sob essa perspectiva afirmam.

Compreender o lugar é considerá-lo não como uma soma de objetos, mas como um sistema de relações (subjetivo-objetivo, aparência-essência, mediato-imediato, real e simbólico). Desse modo, nos bairros rurais é possível presenciar os pares dialéticos, o novo e o velho, o tradicional e o moderno, o exógeno e o endógeno, enfim, as mudanças e as permanências. (MOREIRA; HESPANHOL, 2007, p. 49).

No caso do *Tela Firme*, por exemplo, esse lugar também pode ser visto como um lugar de resistência, porque eles estão se opondo a construção do discurso de que o bairro Terra Firme é o lugar da violência, da morte e da marginalidade. É como geralmente as pessoas que não moram no local compreendem o bairro. O estereótipo marginalizado imposto à periferia, muitas vezes é construído pela grande mídia e não pelo viés de quem conhece o lugar. Por isso, que para Milton Santos (2005, p. 161) “hoje, certamente mais importante que a consciência do lugar é a consciência do mundo, obtida através do lugar”.

Para Tuan (1983, p. 3) “o lugar é segurança e o espaço é liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. O lugar pode ser desde a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria”. Porque ele diz que é o espaço da liberdade? Porque você pode estar em Belém ou em outro Estado ou país, trata-se do espaço físico. Já o lugar é aquilo que você constrói, é a identidade onde se desenvolve afetos a partir da experiência individual ou de grupos sociais (essa relação identitária do sujeito, espaço e lugar).

O geógrafo diz ainda que é preciso viver e experimentar o lugar para se construir uma relação com ele, de sociabilidade, por exemplo. Pois o lugar é vivido num período de tempo, essa relação não é de imediato, somente a experiência que se tem com o lugar é que vai

permitir com que se construa socialmente uma referência sobre ele. Logo, observa-se que a experiência de cada pessoa com o lugar vai sendo construída ao longo do tempo.

Por isso, Tuan (1983) diz que o lugar é marcado pela percepção (que se tem dele), experiência (espaço vivido) e valores (significados, símbolos, etc.). Por exemplo, nas entrevistas (como poderá ser identificado no próximo capítulo), a fala dos moradores do bairro Terra Firme e a experiência com o lugar refletem os valores que eles constroem a respeito desse lugar. Quando o *Tela Firme* destaca nos vídeos as festividades e as manifestações culturais, que acontecem no bairro, está dizendo que esse lugar não é o mesmo que a grande mídia mostra, é outro lugar.

Então, qual a relevância em trazer a discussão sobre espaço e lugar para a pesquisa? É que por meio da discussão sobre os respectivos conceitos é possível compreender melhor a percepção dos jovens do *Tela Firme*, que constroem e reconstróem significados a respeito do bairro Terra Firme, do espaço e do lugar da periferia. Tentando desmistificar a imagem negativa e o discurso simplista reproduzidos sobre o lugar, como que designa Bezerra (2011), a desqualificação social da periferia.

É importante ressaltar que a partir de sua intervenção na periferia, o *Coletivo Tela Firme*, busca promover ações de cidadania e ao mesmo tempo tenta demarcar questões identitárias do espaço, do lugar e de seus habitantes, isso reafirma a existência deles como sujeitos e cidadãos. É o que iremos discutir no próximo tópico.

2.2 Questões identitárias na periferia

Quando se faz referência à periferia e dentro do contexto abordado neste trabalho, que também remete à condição de quem vive no espaço, automaticamente essa intervenção faz com que se reflita sobre a questão da identidade dos sujeitos que fazem parte da realidade que cerca o local. Neste sentido a ideia de “quem somos nós”; “o que queremos ser”; “como queremos ser vistos”, está presente nas falas das pessoas que integram o grupo e são questões identitárias. Esta afirmação poderá ser mais bem entendida no terceiro capítulo, onde será feita a análise do objeto.

É importante esclarecer que o objetivo deste trabalho não é fazer uma discussão ampla sobre a questão da identidade, tendo em vista a sua complexidade, mas a partir do exposto sobre o grupo pesquisado entende-se a importância de abordar a temática. Especialmente quando se tem consciência de que a realidade construída sobre a periferia muitas vezes é fabricada a partir de discursos construídos sobre o lugar, como por exemplo, as constantes

notícias sobre violência nesses espaços, e que geralmente são divulgadas pela grande mídia e outros veículos de massa. Tais percepções impostas ou criadas interferem na construção de identidade dos sujeitos como aponta Barros (2013).

Num estudo sobre a representação da identidade da periferia e de seus moradores a partir de um produto televisivo (telenovela), o referido autor é crítico quando diz que a intenção da teledramaturgia é construir uma realidade. Como explica o autor, é preciso atentar para a questão de que “esta realidade fabricada é perpassada nitidamente por processos de controle político que têm a finalidade de homogeneizar o coletivo” (BARROS, 2013, p. 2). E os cenários criados apenas reforçam o discurso negativo já instaurado sobre a periferia e que também vai interferir na identidade das pessoas que fazem parte desse espaço.

Em uma das concepções⁵ de Hall (2006) sobre identidade está a da sociologia clássica, na qual ele entende que “a identidade é formada na “interação” (grifo do autor) entre o eu e a sociedade” (HALL, 2006, p. 11). No entanto, o sociólogo é crucial quando diz que o sujeito tem um “eu real”, que é transformado pelos mundos culturais exteriores, ou seja, por outras identidades. Em seu argumento evidencia o seguinte.

[...] são exatamente essas coisas que agora estão “mudando” (grifo do autor). O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias e não resolvidas. (HALL, 2006, p. 12).

A questão exposta na citação anterior remete a outra concepção do autor e que está relacionada ao sujeito pós-moderno, ou seja, essas transformações no que se refere à identidade têm “produzido um sujeito pós-moderno conceptualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2006, p. 12). E que, por isso, a identidade é formada e transformada continuamente em relação às formas que os sujeitos são representados nos sistemas culturais que os rodeiam.

Essa ideia do sujeito pós-moderno citada por Hall (2006) leva justamente a se pensar sobre estereótipos impostos na sociedade, que visam construir uma realidade fabricada conforme apontou Barros (2013), e que podem influenciar na concepção das pessoas, no sentido de quem ela é e sua real identidade. Pois “as posições que assumimos e com os quais nos identificamos constituem nossas identidades” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2008, p. 55).

A afirmação dos referidos autores se dá por meio da compreensão de que os discursos construídos só têm eficácia se a pessoa se sujeitar a eles, pois cada um vive a sua própria

⁵ Na referida obra Stuart Hall (2006) ao trabalhar os conceitos de identidade também faz referência ao sujeito do Iluminismo (centrado, unificado, dotado da razão da consciência e de ação).

subjetividade, isto é, a experiência que tem de si mesmo. Por isso, que o trabalho do *Coletivo Tela Firme* visa justamente conscientizar os moradores do bairro Terra Firme sobre essa vivência e experiência que cada um deles tem com o lugar e o espaço no qual vive, de modo a que esse sujeito possa se auto-reconhecer.

2.3 Bairro Terra Firme e o Coletivo de Jovens na periferia de Belém

Localizado na zona sul da capital paraense, o bairro Terra Firme compõe a periferia de Belém (ver fig. 2), uma cidade com muitas singularidades, no que se refere a sua distribuição físico-espacial, considerando que centro e periferia (ver fig. 1) estão situados (geograficamente) muito próximos. Em um passeio pela capital, especificamente em bairros, por exemplo, como Cremação, Jurunas, Batista Campos e Cidade velha, e conforme percepção desta pesquisadora, em determinados pontos, muitas vezes a pessoa não consegue distinguir se está em um bairro ou em outro pela proximidade com o centro como explicou Shörner (2011) anteriormente.

Em relação à percepção obtida a partir da observação do espaço Silva et al. (2016) entendem que essa organização é histórica.

Belém é uma cidade amazônica margeada por rios e com uma população que ao longo dos 400 anos foi ocupando seu território de diferentes formas, ou na terra firme ou nas áreas alagadas, mas influenciadas pelo movimento das marés e de seus cursos d'águas que cortam a cidade do rio Guamá ou pela baía do Guajará. Seu desenho territorial foi sendo alterado pelas políticas de ocupação do território ou pela ausência das políticas públicas que fizeram com que sua população ocupasse áreas distintas da cidade. (SILVA et al., 2016, p. 198).

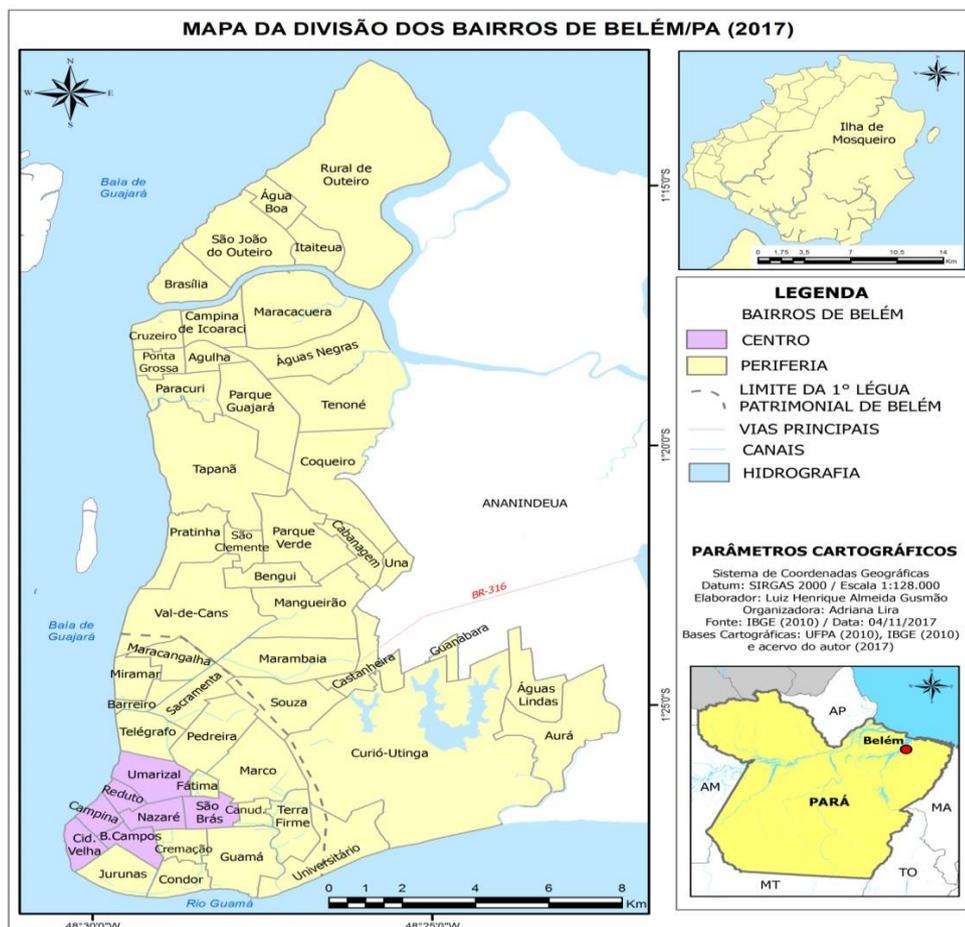
Dentro desse contexto observa-se ainda que a distribuição espacial de Belém resultou no que se pode denominar de uma fragmentação urbana, como cita Costa (2013). E essa fragmentação, segundo o referido autor, também tem relação com as transformações da sociedade urbana, seja ela no âmbito econômico, funcional ou territorial, e com isso acaba gerando uma segregação social. Especialmente, no que se refere a questões socioambientais como o surgimento de ocupações irregulares (assentamentos precários, baixadas, etc.) em áreas periféricas mais afastadas do centro. Enquanto que, nas divisas (centro-periferia) as residências, prédios e comércios apresentam uma organização mais estruturada.

Com seus 1.059,458 km² de extensão territorial, a capital paraense tem uma população de 1.452.275, segundo estimativas do IBGE (2010). Conforme dados do Anuário Estatístico de Belém e o levantamento feito por Pina (2013), em seu panorama urbano, Belém possui 17 Avenidas (principais), 236 Praças, oito Teatros, 19 museus, oito palacetes antigos, quatro

parques/jardins ambientais e botânicos, 07 shopping *centers* (05 deles de grande porte), 23 rádios AM (sete rádios) FM (16 rádios), 13 empresas de televisão e quatro jornais. A cidade comporta ainda quatro Universidades públicas, uma Universidade privada e um grande número de faculdades, entre outros cursos superiores privados. Cerca de 90 escolas públicas de educação básica, seis bibliotecas públicas, três aeroportos, um terminal rodoviário e quatro terminais fluviais.

Todo esse contingente está distribuído entre os 71 bairros da cidade sinalizados no mapa abaixo.

Figura 1 - Mapa da cidade de Belém



Fonte: Mapa elaborado por Gusmão e organizado por Lira (2017).

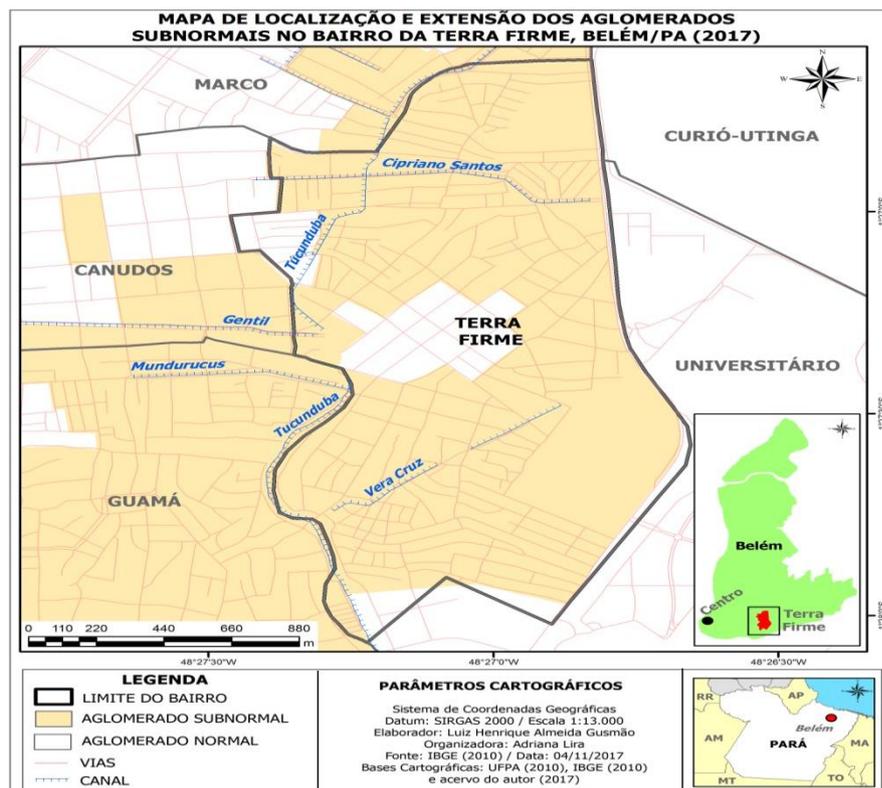
E entre as dezenas de bairros da periferia de Belém encontra-se o bairro Terra Firme, é nele que o *Coletivo Tela Firme* e objeto de estudo desta pesquisa nasce. O local, também

conhecido como Montese⁶ passou a ser ocupado na década de 1940, e desde então traz vinculado à sua história a pobreza, as desigualdades e os conflitos sociais provenientes da apropriação inadequada do espaço físico do bairro que abriga hoje uma população de aproximadamente 61 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE - 2010).

Conforme consta no mapa (ver fig. 2) o local é composto em sua maioria por ocupações irregulares e/ou ilegais, precariedades de serviços públicos (energia elétrica, coletiva de lixo, rede de água e esgoto, etc.), entre outros critérios que evidenciam uma realidade de desigualdades e descaso por parte do poder público.

No mapa abaixo é possível ter uma visão mais ampla de como estão localizados esses aglomerados, que compreendem quase todo o bairro.

Figura 2 - Mapa do bairro Terra Firme



Fonte: Mapa elaborado por Gusmão (2017) e organizado por Lira (2017).

Na concepção de Silva e Sá (2012), a falta de infraestrutura no bairro Terra Firme é resultante do processo histórico de formação do espaço.

⁶ Montese é o nome oficial do bairro Terra Firme, desde 1996, conforme dados da Prefeitura Municipal de Belém. O nome é em homenagem à Batalha de Montese, mas a referida denominação não é reconhecida pela população do bairro.

O bairro da Terra Firme está inserido na lógica prevalente da informalidade no acesso à terra para morar, compreendida a partir de altos índices de ocupações espontâneas que fogem aos padrões de ocupação territorial, como o adensamento, alinhamento, tamanho dos lotes, entre outros. Há neste bairro uma alta concentração de trabalhadores de baixa renda, seja pelas características físicas da maioria das moradias, seja pelas ruas sem pavimentação adequada, pela falta de rede de esgotamento sanitário e de coleta regular de lixo ou, ainda, pela falta de áreas de lazer e de segurança pública, além do transporte coletivo que não atende à demanda da população do bairro. (SILVA; SÁ, 2012, p. 183-184)

Os problemas existentes no bairro e citados acima, por exemplo, acabaram transformando o espaço num lugar estigmatizado socialmente. E isso possibilita com que os sujeitos que fazem parte dessa realidade em muitas situações sejam tratados com discriminação e preconceito. Geralmente, coletivos como o *Tela Firme* e tantos outros grupos e movimentos sociais se formam a partir dessas demandas. E na maioria das vezes são motivados pelos sentimentos de indignação e de revolta, pois reconhecem que os valores negativos impostos à periferia não podem ser aceitos pelos moradores como a única verdade sobre o lugar.

Então, quando a incerteza, a angústia e a indignação se misturam com o desejo de justiça, de mudança e de esperança provocam sentido para as lutas de grupos, movimentos sociais e outras organizações que se mobilizam na busca por transformações do espaço onde vivem. A realidade que cerca a periferia leva a esse tipo de engajamento, um exemplo é o ativismo do *Coletivo Tela Firme*, objeto de estudo desta investigação.

O grupo foi idealizado em 2011, pelo geógrafo, comunicador popular e militante da periferia na defesa dos direitos humanos, José Francisco dos Santos Batista. Neste mesmo ano, o comunicador retornava de Moçambique, na África, onde vivenciou experiências como professor e participante de um programa de rádio da Comissão de Justiça e Paz (CJP), da Arquidiocese da Beira, que é um organismo da igreja católica, que também atua na defesa dos direitos humanos no país.

Inicialmente José Francisco pretendia implantar uma TV comunitária no bairro Terra Firme e produzir programas e matérias que dessem destaque à realidade local. O comunicador então discutiu a ideia com pessoas envolvidas em projetos e movimentos sociais, culturais e políticos na comunidade como Mailson Souza, Vanessa Alves, Thalisson Assis e Fraan Silva. Mesmo sabendo que o desafio era grande todos aceitaram apoiar Francisco.

Em 2011 quando eu voltei da África, antes de voltar pra cá eu pensei, eu sempre atuei no bairro, no movimento de igreja, na Comissão de Justiça e Paz, na Pastoral da Juventude (grupo da igreja), movimentos sociais, quando chegar na Terra Firme eu vou fazer o que da vida em termo de movimento social? Com o advento da internet e tudo, aí eu pensei acho interessante criar uma TV Comunitária até pra gente mudar esse estigma de bairro violento, que aqui só tem coisa ruim. Tanta coisa boa que tem. [...] E eu compartilhei a ideia com o Mailson, com outras pessoas. [...]

E aí eu tinha visto um vídeozinho da Fraan e do Thalisson, eles faziam uma comicidade de repórter uma coisa bem caseira, mas muito legal, [...] começou a se pensar nessa possibilidade. Daí foi... A gente reuniu em 2013, né? [...] Aí a gente tava agoniado com o tempo, aquela questão que a gente já sabe que as pessoas são ocupadas, aí sempre vinha e voltava eu disse não. Aí eu tava no grupo de teatro JAVE, aqui da Paróquia Santa Maria e lá tem o Mailson que dirigia a peça e também tava começando a trabalhar com esse negócio de edição de vídeo aqui na praça, acho que final de 2013, dezembro. Aí eu conversei com ele aqui: “Mailson, cara” (eu expus a ideia). “Tá a fim de fazer isso, uma TV comunitária? O que tu achas? [...] umbora tratar como se expressa o carnaval no bairro? Foi que a gente fez isso aqui. (BATISTA, 2017)⁷.”

A ideia inicial do grupo era mostrar as coisas boas que existem no bairro Terra Firme como o carnaval de rua, por exemplo, mas para começar um projeto tão pertinente como o proposto por José Francisco necessitaria de organização, tempo e recursos. Mas a vontade, o desejo e a determinação de colocar o projeto em prática foram maiores que as impossibilidades. Tanto, que as coisas foram acontecendo e quando menos se esperava o Coletivo já dava o seu primeiro passo, como explica Mailson Alves.

[...] quando o Francisco falou isso pra mim, “cara isso é muito parecido com algo que eu já fazia e que eu sentia muita falta em fazer”. Só que assim, pra mim, como muitas coisas que a gente já tinha pensado em fazer (eu digo eu), pra mim ainda iria demorar muito a sair. [...] Aí ele me ligou acho que um final de semana, um sábado que era pra gente vir aqui na praça que ele já tinha duas pessoas pra ajudar a gente nesse projeto. Ele falou sobre o Thalisson e a Fran, explicou um pouco do trabalho que eles faziam e chamou a gente pra vir aqui na praça, pra gente conversar, discutir enfim. Como que seria o projeto, etc, etc. Eu vim assim meio que sem pretensão nenhuma, já trouxe também a Vanessa. [...] ela também se interessou pela ideia. [...] E aí quando foi eu acho uns dois dias depois o Francisco já convidou a gente pra ir na casa dele pra gente conhecer um espaço, na verdade, onde foi nosso primeiro cenário, que era o quarto da irmã dele. [...] Aí beleza fomos pra lá pra casa do Francisco. E nesse mesmo dia a gente já criou a logo do *Tela Firme*. Ele falou mais ou menos como que seria, tinha que pegar o gênero, os dois gêneros etc. Tinha que ter a pipa que ele adora pipa, é um símbolo nosso né? [...] E aí a gente foi desenhando modelando. Bacana, tá aqui. Esse aqui é nosso esboço de logo do *Tela Firme*. Voltamos pra casa e quando foi no outro dia o Francisco já apareceu com as camisas do *Tela Firme* com a logo pronta. (SOUZA, 2017)⁸.

Como Mailson Souza e o próprio Francisco Batista enfatizaram a escolha da pipa tem relação direta com a comunidade pelo fato de ser um símbolo de lazer na periferia. Pois o ato de empinar pipa é uma brincadeira muito comum entre as crianças de bairros como o Terra Firme. Abaixo, a logo do *Coletivo Tela Firme* citada por Mailson e que permanece até hoje.

⁷ BATISTA, Francisco. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 16 de jun. de 2017.

⁸ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

Figura 3 - Logomarca do Coletivo Tela Firme



Fonte: *Coletivo Tela Firme (Facebook, 2017).*

No mês de março do mesmo ano, especificamente no dia 6, foi publicada a primeira produção audiovisual do grupo (o vídeo “Carnaval”). De lá pra cá, o *Tela Firme* já produziu diversos outros vídeos, além do ativismo político-social do grupo, tanto na periferia, quanto nas redes sociais digitais. O Coletivo trabalha com foco principal na efetivação de direitos que são regulamentados em leis, mas não são viabilizados em sua prática, como por exemplo, os direitos de liberdade, igualdade, segurança e propriedade, que estão previstos no artigo 5º, capítulo I da Constituição Federal do Brasil (1988). E isso se mostra evidente em produções como o vídeo “Poderia ter sido você”, por exemplo, que entre outras leituras revela a violência na periferia, e justamente porque no lugar falta a atuação do poder público no que se refere à questão da segurança.

Em suas ações, além de valorizar o bairro Terra Firme e a periferia como um todo, o *Coletivo* também destaca problemáticas existentes nesses locais. Nos vídeos alternativos produzidos pelo grupo há muitas críticas sobre o descaso na comunidade onde atuam. A falta de saneamento básico é um deles. Nessa perspectiva, o *Tela Firme* tenta reconfigurar a imagem negativa imposta ao espaço, e dessa forma busca promover o empoderamento dos moradores da comunidade, a fim de que eles possam conscientizar-se da importância que têm como cidadãos. Como explica Freire (1986), o empoderamento dinamiza a potencialidade do sujeito. E isso fica claro na fala de Isabela Chaves quando a jovem declara:

[...] quando o morador se olha e fala “eu só tô aqui porque é o único lugar que eu posso morar. O Terra Firme é isso, isso, isso”. Quando a gente vai vasculha o bairro, procura movimentos culturais, sociais e mostra isso pro morador “olha no teu bairro tem isso”. “Olha! Nossa! Tem realmente aqui”. Eu já cheguei a não saber nada sobre o meu bairro quando eu era criança, mas quando a gente se olha e vê que existem essas coisas fortalece um pouquinho da nossa identidade. [...] Os moradores

começam a se identificar e começam a fortalecer a própria identidade, e aí começam a olhar o bairro de maneira diferenciada. (CHAVES, 2017)⁹.

O exposto por Isabela Chaves também é reafirmado na fala de Ingrid Silva quando a jovem ressalta que o trabalho do grupo é visto de forma positiva pela comunidade e que isso pode ser identificado quando a equipe do *Tela Firme* participa de algum evento na comunidade ou quando pessoas que vivem no bairro assistem aos vídeos produzidos e postados na internet. “Porque os moradores se vêem naquilo, sabe? E isso a gente sente, isso é maravilhoso. É isso que a gente quer” (informação verbal)¹⁰.

A estudante é ainda mais convincente quando declara: “a gente não é um Coletivo de fora querendo falar da Terra Firme. A gente é um Coletivo da Terra Firme querendo falar pra gente mesmo, pros moradores da Terra Firme” (informação verbal). No entanto, apesar da percepção da jovem, o trabalho do *Tela Firme* tem atingido também o público externo como pode ser evidenciado nos compartilhamentos e comentários deixados nas postagens nas mídias sociais online.

O grupo é composto por cerca de 15 pessoas, que paralelo à militância no *Tela Firme* desenvolvem outras atividades pessoais e políticas na comunidade. José Francisco é convicto ao afirmar que cada membro da equipe tem um engajamento político-social na comunidade, mas independente de seus interesses particulares e ideológicos procura sempre atuar dentro dos princípios definidos pelo grupo que consiste num trabalho coletivo, sem fins’ lucrativos e que defende uma política social e democrática.

Como se trata de um Coletivo cada pessoa ali tem um história então a gente procura conversar e verificar o que tem em volta. Eu dou graças a Deus que todos que estão ali no Coletivo têm essa sensibilidade social, não necessariamente um posicionamento político, ideológico, partidário homogêneo, mas todos comungam de que é importante a gente intervir para transformar a realidade. Isso é consensual, então a gente trabalha nessa perspectiva. (BATISTA, 2017)¹¹.

Os depoimentos dos outros membros do Coletivo, por exemplo, evidenciam isso e também uma transformação na percepção desses sujeitos, pois o que se percebe é que em apenas três anos de ativismo do grupo, eles já se sentem fortalecidos e capazes de refletir sobre a sua condição como morador da periferia e antes de tudo como cidadãos. Essa mudança vai causar impactos como bem sugere Cortina (2005), quando diz que a partir do momento em que esse sujeito se sente parte da comunidade onde vive, ele passa a lutar por mudanças para esse lugar. A estudante Vanessa Alves (informação verbal), é um exemplo disso, pois em sua fala declara que antes de fazer parte do *Tela Firme* já conhecia os

⁹ CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

¹⁰ LOUZEIRO, Ingrid. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 5 de jul. de 2017.

¹¹ BATISTA, Francisco. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 16 de jun. de 2017.

problemas que existem no bairro onde mora, de determinados preconceitos e racismo (de todas as ordens), mas procurava não dar sua opinião sobre. No entanto, a partir do momento em que começou a atuar no Coletivo percebeu que ocorreram mudanças em sua forma de pensar e também de agir.

[...] a partir do momento que a gente criou o *Tela Firme* e a gente começou a se envolver, eu comecei a querer atuar mesmo de fato dentro da comunidade, do movimento, dentro daquilo que eu achava que eu tinha que lutar nas causas e tal. Então pra mim ele foi uma porta pra isso, porque antes se tivesse um ato, como pro exemplo, as manifestações que teve em junho de 2013, eu não participei de nenhuma, entendeu? Apesar de eu achar legal e tal, mas eu não estava lá, eu não vesti a camisa, eu não fui. E a partir do momento que eu comecei a atuar no *Tela Firme* eu já comecei a me envolver. O “Grito dos Excluídos”, a primeira vez que eu fui foi pelo *Tela Firme*. Foi quando a gente foi pra lá pra produzir um material sobre “O Grito dos Excluídos”. Eu não sabia nem como era, como é que funcionava, eu não fazia nem ideia. Então dentro do *Tela Firme* eu comecei a me engajar comecei a me envolver nos movimentos sociais, nas causas. (ALVES, 2017)¹².

Para Kleba e Wendausen (2009), o empoderamento é um processo de fortalecimento nos espaços de participação social e democratização política. E isso está explícito na fala de Vanessa Alves, no momento em que a jovem fala sobre a conscientização social e política que passou a ter a partir de seu ingresso no Coletivo. Essas transformações também ocorreram com outros participantes do *Tela Firme* como Mailson Souza, por exemplo.

Eu sou um *Tela Firme* dentro do meu local de trabalho, né? Porque eu compartilho muito do que a gente pensa lá. É uma maneira de eu tá propagando aquilo que a gente pensa, existem algumas pessoas que batem de frente que são contra, mas graças a Deus a maioria também compactua com aquilo que a gente pensa. (SOUZA, Mailson, 2017)¹³.

E esses sujeitos sociais que se manifestam por meio do ativismo do *Tela Firme* são “sujeitos participantes constroem sentidos e significados para suas ações a partir do próprio agir coletivo” (GOHN, 2008 p. 442). Como também sugere Touraine (1999), é por meio das pressões sociais que se adquire a consciência da própria liberdade.

Na figura abaixo alguns membros do Coletivo em uma das produções do grupo no bairro Terra Firme.

¹² ALVES, Vanessa. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

¹³ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017..

Figura 4 - Tela Firme durante gravação no bairro Terra Firme



Fonte: arquivo pessoal do *Coletivo Tela Firme* (2014).

É importante destacar a presença de jovens atuando no *Tela Firme* e que segundo Izabela Chaves, isso tem relação com a dinâmica que é desenvolvida dentro do grupo. “A gente faz oficina de cinema, audiovisual e tudo mais, a gente se abre pra que as pessoas aprendam um pouco com a gente. Traz esses jovens para aprenderem aqui com a gente” (informação verbal)¹⁴. Para Mailson Souza, esses jovens encontram no Coletivo a possibilidade de fazerem suas reivindicações e a chance de ir em busca de mudanças para o espaço no qual vivem. O militante explica ainda que muitos jovens do bairro onde atuam mostram interesse em fazer parte do *Tela Firme*. “Porque quer fazer um vídeo na rua dele, na rua onde ele mora tá cheio de lixo, aconteceu isso, aconteceu aquilo outro. Querem compartilhar a experiência com a gente”. (informação verbal)¹⁵.

A grande presença dos jovens em militâncias na periferia talvez se justifique no que Silva e Gonzaga (2005) interpretam como uma necessidade de pertencimento e reconhecimento da comunidade ou grupo social dos quais fazem parte. As autoras destacam ainda.

[...] é no processo de organização em torno de projetos comuns, sobretudo projetos culturais, em que os indivíduos identificam e compartilham não só o mesmo território, mas seus interesses e necessidades, constituindo suas identidades individuais e coletivas. (SILVA; GONZAGA, 2005, 4).

¹⁴ CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

¹⁵ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

É por meio dessas organizações sociais, como bem foi explicitado na citação, que movimentos sociais e coletivos atuam nas comunidades onde vivem, geralmente na periferia. Segundo Vanessa Alves, uma das propostas do *Tela Firme*, por exemplo, é alcançar o público jovem, pois em sua concepção, como multiplicadores que são, acabam compartilhando a ideia do ativismo do grupo para jovens de outros bairros periféricos. “No Guamá, no Jurunas, no Marco, que eles acabassem usando o *Tela Firme* com uma inspiração também para estarem reproduzindo esse trabalho dentro da comunidade deles” (informação verbal)¹⁶. Para a estudante um dos objetivos do Coletivo é formar uma rede de contatos entre as periferias, seja em Belém ou em outros Estados do país.

E nessa perspectiva, que o *Tela Firme* busca por meio das ações que desenvolve fortalecer esses jovens e de todos que atuam no grupo, a fim de que sejam capazes de lutar contra a opressão e cerceamento, que geralmente estão presentes na realidade da periferia. E não se trata apenas de uma suposição, pois na fala dos membros da equipe, como Isabela Chaves, há relatos que confirmam que moradores do bairro Terra Firme muitas vezes se sentem obrigados a negar a sua própria origem, pois quando participam de uma entrevista de emprego, por exemplo, são obrigados a informar outro endereço residencial, pois o preconceito imposto sobre a periferia cria um estereótipo negativo do lugar gerando impossibilidades para a comunidade. Não ser chamado para um emprego por morar em um lugar estigmatizado socialmente pode ser uma delas.

Isso gera uma fragilidade de identidade. Porque assim... Eu cheguei a ter esse receio quando adolescente, de falar que eu era da Terra Firme, vergonha talvez porque a gente não sabe lidar com alguns sentimentos, alguns preconceitos e a gente tá em processo de formação. E o papai sempre foi categórico: “tem orgulho do lugar onde tu moras”. [...] Hoje em dia eu vejo a periferia como um grande potencial de tudo. (CHAVES, 2017)¹⁷.

O que se observa no depoimento são questões identitárias, mas como explica Silva, Hall e Woodward (2008) os discursos só causam efeito de sentido se o sujeito se deixa ser recrutado, isto é, a posição que este assume como sujeito é que vai construir a sua própria identidade. Por isso, a intervenção do *Tela Firme* se faz tão importante no sentido de conscientizar a comunidade sobre o valor do lugar e do espaço onde vive. Na concepção da jovem ativista Izabela Chaves, a partir do momento em que o *Tela Firme* passou a mostrar o cotidiano do bairro, a dinâmica do comércio, da feira local e do espaço físico de forma geral, isso tem feito com que moradores passem a perceber o espaço onde vivem com um

¹⁶ ALVES, Vanessa. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

¹⁷ CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

sentimento de pertencimento. A jovem se emociona quando fala sobre a fragilidade que cerca a comunidade onde cresceu e sobre o trabalho que o Coletivo desenvolve no bairro.

[...] assim, dá um rebuliço, porque é um aprendizado muito grande, essa identidade que é afirmada. Quando eu vejo a periferia de um grande potencial de muitas coisas é o que a gente quer, que os moradores se vêem, é dessa forma que a gente quer mostrar. Talvez o nosso projeto tudo seja pra fortificar o que se tem aqui pra que os moradores não saiam de onde se vive, que eles melhorem esses espaços, que melhorem as condições de saneamento, de uma vala dessa (se referindo a falta de saneamento no local onde mora, na passagem São Pedro) com o cheiro mal, enfim. É um olhar crítico pro bairro, entendeu? Não que seja o objetivo de melhorar de vida e sair desse bairro, porque se ele melhorar de vida e sair do bairro ele vai continuar como ele tá: com violência... Um celeiro de violência, só isso. Fortificar pra que esse morador fique no bairro e se identifique com ele, esse é o objetivo principal do *Tela Firme*. (CHAVES, 2017).

As mazelas no espaço vão além do que foi denunciado pela estudante, pois na periferia observa-se que o descaso do poder público se apresenta não apenas na falta de saneamento indicado por Izabela Chaves, mas de muitas outras formas como políticas públicas contra a violência, segurança, trabalho e educação para a população. Na concepção de Francisco Batista, o ativismo do *Coletivo Tela Firme* foi a forma encontrada pelo grupo, para tentar modificar a realidade de descaso presente na periferia e fortalecer outros moradores do lugar, assim como a jovem Isabela Chaves. O comunicador enfatiza ainda que a partir do momento em que o Coletivo mostra o que tem no bairro ele está democratizando a informação e promovendo a cidadania no espaço onde atua.

Primeiro [...] de saber o que acontece aqui, de coisas boas que acontecem aqui. E outra também são alguns serviços, dizer o que tem no bairro, para além de dizer o que nós temos no ponto de vista físico geográfico, o bairro é bonito, mas também dizer, nós temos um projeto que precisa ser concluído quando eu falo da cidadania para dizer que as pessoas têm acesso e saber o que está acontecendo e precisam reivindicar para que seja efetivado pelo poder público. (BATISTA, 2017)¹⁸.

A colocação feita por Francisco Batista leva a refletir sobre o que diz Mouffe (2003) quando discute a questão da cidadania democrática e comunidade política, ou seja, a construção de identidades políticas coletivas que provoquem transformações e favoreçam a criação de um modelo alternativo de democracia. Para a filósofa, a construção de uma identidade política do cidadão é uma das premissas da política democrática, mas ela deixa claro que existem muitas formas de se conceber a cidadania e uma delas está relacionada ao tipo de sociedade e comunidade política que se quer ter. O que se observa nesta pesquisa é que no caso do *Coletivo Tela Firme* o desejo é de conscientizar a comunidade de modo que não se conforme com condições impostas, que a torna subjugada e refém de um rótulo que não pode ser generalizado.

¹⁸ BATISTA, Francisco. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 16 de jun. de 2017.

No trabalho do grupo é possível observar que o bairro Terra Firme é composto por muitas representações como as tradicionais festividades de rua, os pontos de memória do lugar e culturais. Neste sentido constata-se que apesar do local ser socialmente estigmatizado, existe na comunidade formas de sociabilidade como o dia a dia das pessoas que frequentam a feira e também de quem vive no bairro. Isto é, situações cotidianas, mas carregadas de significados e que o *Tela Firme* procura dar visibilidade.

Diante do exposto, observa-se que o bairro Terra Firme se apresenta como exemplo de um lugar onde a busca pela cidadania é constante, com mobilizações e movimentos que lutam por melhorias para o espaço e qualidade de vida para a população. As ações do *Coletivo Tela Firme* no bairro, assim como de outras iniciativas articuladas na periferia, ainda são pequenas diante da necessidade de tantas outras intervenções que precisam ser feitas para resolver problemáticas como o descaso com o lugar.

No entanto, sabe-se que ações comunitárias como as desenvolvidas por esses movimentos se apresentam como um importante instrumento na luta contra a discriminação (imposta à periferia), a violência e a falta de recursos são problemas constantes nesse território estigmatizado, que necessita de políticas públicas efetivas para se transformar num espaço digno de se viver. Nesse sentido a comunicação alternativa do *Tela Firme* se apresenta como um meio que permite maior articulação do grupo na comunidade. Mas para que se possa entender melhor essa dinâmica, torna-se relevante adentrar na discussão da comunicação e cidadania.

3 COMUNICAÇÃO E CIDADANIA

Como se observou no capítulo anterior, o trabalho do *Coletivo Tela Firme* se apresenta dentro de um contexto comunicacional, tanto no que se refere a sua produção audiovisual que vai para a internet, quanto em suas ações de cidadania em loco (nos bairros periféricos de Belém). Isso demarca a importância de se discutir, neste capítulo, a temática da comunicação, como também as suas expressões alternativas, meios dos quais o *Tela Firme* se apropria para fazer seu ativismo político-social nos lugares por onde atua.

Um enunciado de Freire (1983), que também tem relação com as abordagens feitas neste trabalho de dissertação é quando o filósofo diz que “o mundo social e humano, não existiria como tal se não fosse um mundo de comunicabilidade”. (FREIRE, 1983, p. 44). Como o autor explica, sem a comunicação não existiria conhecimento humano, pois para que ele (o conhecimento) exista é indispensável uma relação dialógica. Neste sentido, a compreensão que se tem é de que seja em que âmbito for a comunicação é essencial.

Assim sendo, conforme Freire (1983), o que caracteriza a comunicação no sentido do comunicar comunicado-se é o diálogo. O autor esclarece ainda que numa “relação dialógica-comunicativa, os sujeitos interlocutores se expressam, [...] através de um mesmo sistema de signos linguísticos” (FREIRE, 1983, p. 45). Diz ainda que dentro desse processo, o ato comunicativo entre os sujeitos precisa ser eficiente de forma que esses sujeitos sejam reciprocamente comunicantes. Sobre essa questão o educador explica.

Se não há este acordo em torno dos signos, como expressões do objeto significado, não pode haver compreensão entre os sujeitos, o que impossibilita a comunicação. Isto é tão verdadeiro que, entre compreensão, inteligibilidade e comunicação não há separação, como se constituíssem momentos distintos do mesmo processo ou do mesmo ato. Pelo contrário, inteligibilidade e comunicação se dão simultaneamente. (FREIRE, 1983, p. 45).

Tomando como pressuposto o pensamento do filósofo, observa-se que a prática comunicativa do *Tela Firme* não é apenas um comunicado¹⁹ e sim um verdadeiro ato comunicativo. Isto é, por meio de suas ações diretamente na periferia e produções audiovisuais que circulam nas redes digitais, é possível identificar significados, simbolismos e empoderamento sobre o lugar, além da profunda relação do grupo com o espaço.

Considerando tal premissa, observa-se que a comunicação dos jovens não se limita a questões da informação midiática e tecnológica, mas perpassa nas relações humanas, nas quais envolvem o diálogo, as práticas culturais e sociais, entre outras formas de interações que

¹⁹ Para Freire (2003) quando não existe uma comunicação real, e apenas transferência de dados como no caso a comunicação feita grande imprensa, onde há manipulação da informação, além de interesses particulares.

reproduzem um “sentido de coparticipação, comunhão e encontro entre os indivíduos” (BANDEIRA, 2011, p. 575). Nesse sentido, a comunicação assume papel fundamental na efetivação do debate público e dá visibilidade às demandas sociais como aponta Bandeira (2011, p. 574), sendo assim, esta apresenta-se como essencial no processo de construção da cidadania.

Segundo Varela (2007) é preciso fazer questionamentos sobre o papel da informação na construção da cidadania, isto é, a socialização da informação de forma mais democrática e humanizada. Na concepção da autora, o acesso e o direito à informação são fundamentais para o exercício pleno da cidadania e sua efetivação de modo a promover “a criação de espaços para a articulação entre setores políticos, intelectuais, profissionais e organizações populares” (VARELA, 2007, p. 23).

O entendimento de Varela (2007) se dá com foco na premissa de que na relação indivíduo/sistema informacional há um processo comunicacional que envolve toda uma implicação, no que diz respeito às vivências e interações de cada sujeito e também nos aspectos político, econômico e cultural da sociedade em geral. Por meio da reflexão da autora, observa-se que a dinâmica da sociedade da informação impacta diretamente nos princípios que regem a cidadania e que também vão provocar mudanças em outros âmbitos da sociedade civil.

Atualmente, por exemplo, os movimentos sociais e outras frentes de lutas ganharam força nas redes de articulações civis que para Gohn (2010), correspondem às redes sociais, as parcerias com instituições locais, regionais e nacionais, além de outras práticas e ações que representam formas de a população manifestar as suas demandas. A autora faz referência a novos atores/sujeitos sociais que vão compor o novo cenário da sociedade civil como as ONGs, por exemplo. E enfatiza que as proposições dos movimentos existentes hoje se diferem dos de décadas passadas.

[...] a sociedade civil organizada passou a orientar suas ações coletivas e associações por outros eixos- focada menos nos pressupostos ideológicos e políticos – predominantes nos movimentos sociais dos anos de 1970 e 1980, e mais nos vínculos sociais comunitários organizados segundo critérios de cor, raça, idade, gênero, habilidades e capacidades humanas. (GOHN, 2010, p. 17).

A pesquisadora revela ainda outras articulações que se constituem a partir desse contexto e que são formas de associações civis organizadas em redes, como por exemplo, os fóruns, assembléias, ônus, etc. O estudo de Gohn (2010) é amplo, mas o objetivo proposto a partir da análise do seu trabalho é enfatizar que essas mudanças vão impactar na vida do cidadão, em sua forma de pensar e de agir.

Por sua vez, Silva e Gonzaga (2005) não tratam especificamente a periferia e sim os discursos urbanos que remetem à produção de sentido que se tem da cidade (apreendê-la como um lugar social, simbólico, etc.). Para as pesquisadoras essa dinâmica permite analisar a cidade “como espaço vivido, interiorizado e projetado por todos os grupos sociais que o habitam” (SILVA; GONZAGA, 2005, p. 1). Ainda segundo as estudiosas conhecer ou mesmo identificar os fluxos e as redes de comunicação, que se formam nas múltiplas relações de sociabilidade (esse “estar junto” comunitário) encontradas nesses espaços permitem inserir novos discursos na cena pública e/ou novos sujeitos na cena social.

Ao discorrer sobre a temática deste capítulo, Lima (2006) faz uma relação constitutiva entre comunicação, poder e cidadania. O autor entende que a comunicação perpassa as três dimensões da cidadania formuladas por Marshall²⁰ (a civil, a social e a política). Sua compreensão se baseia numa visão crítica do poder midiático existente na sociedade contemporânea e que traz implicações nas práticas de cidadania. O estudioso cita como exemplo a cobertura midiática durante a grave crise política no Brasil que começou em 2005. Em sua concepção a mídia se apropria desse “poder” que lhe foi atribuído para fazer pré-julgamentos baseada em suposições.

[...] a grande mídia tem atribuído a si mesma não só a prerrogativa de fazer o julgamento, mas, sobretudo, de condenar publicamente pessoas e instituições cujos processos penais não foram concluídos ou, em muitos casos, não foram ainda sequer acolhidos pela autoridade judicial ou, pior, pessoas e instituições que foram absolvidas nos fóruns legítimos onde responderam a processo. (LIMA, 2006, p. 14-15).

Diante do exposto percebe-se que no cenário político nacional da atual conjuntura a postura antidemocrática da mídia hegemônica se apresenta da mesma forma desde séculos passados e a história vai se repetindo. Nesse aspecto é compreensível a visão de Lima quando diz que a mídia viola um direito civil individual básico ao julgar e condenar antes mesmo da conclusão de um processo penal. O que mais chama atenção é pelo fato da Lei de Imprensa (1967) determinar que ser crime “publicar ou divulgar notícias falsas ou fatos verdadeiros truncados ou deturpados” (Lei 5.250/67, cap. III art. 16) e as ações arbitrárias e inconsequentes da imprensa continuarem a ter notoriedade. Lima (2006) é incisivo quando afirma que o meio midiático se transformou num espaço privilegiado de disputa de poder.

E nessa disputa de poder que as classes consideradas subalternas acabam sendo as mais atingidas. E são essas desigualdades sociais que geralmente permeiam a realidade da

²⁰ Em 1949, Thomas Humphrey Marshall definiu os três elementos básicos que englobam a constituição da cidadania, os direitos civil (direito fundamental do indivíduo), político (conquista de direito a voto, participação, etc.) e social (saúde, educação, trabalho, moradia, etc.).

periferia, levam à exclusão existente no espaço e modificam as relações das pessoas (externa e internamente), assim como a política e a economia local.

Segundo Lima (2006) é no contexto midiático que se apresentam as formas de poder e sua relação com a questão da cidadania, pelo menos no Brasil, onde as relações político-partidárias têm uma estreita ligação com a grande imprensa. Uma relação na qual os interesses dos cidadãos são secundários.

E por serem considerados secundários nessa estrutura de poder, que a atuação de atores sociais como a do *Coletivo Tela Firme* são relevantes na sociedade. No trabalho que realiza, o grupo tem como propósito alcançar a população que vive na periferia, no sentido de tentar conscientizar a comunidade sobre o seu próprio valor enquanto morador do local, por exemplo. E esse processo se dá por meio de práticas comunicativas tanto nas redes sociais da internet quanto por meio de ações diretamente em bairros periféricos de Belém.

Até os anos de 1990, como explica Peruzzo (2007), a comunicação popular e comunitária, “era vista como instrumento de mobilização e uma necessidade de expressão dos movimentos sociais. Aos poucos vem sendo agregada a noção de acesso aos mesmos como um direito de cidadania” (PERUZZO, 2007, p. 5). Segundo a estudiosa, além de promover a comunicação cidadã, os meios alternativos de comunicação têm se revelado como um importante canal de acesso à informação. No próximo tópico abordaremos mais amplamente sobre o tema.

3.1 A comunicação popular, alternativa e comunitária

Cicília Peruzzo (2009b), estudiosa da área, nos leva a refletir sobre as manifestações da comunicação popular, alternativa e comunitária que segundo sua percepção, na atualidade suas práticas se diferenciam das protagonizadas nas décadas de 1970 e 1990. Segundo a estudiosa, a comunicação popular representa uma forma de comunicação alternativa, que “não se caracteriza como um tipo qualquer de mídia, mas como um processo de comunicação que emerge da ação dos grupos populares [...] que perpassa e é perpassada por canais próprios de comunicação” (PERUZZO, 2009b, p. 47).

Ainda conforme a autora, a comunicação popular também é denominada “de alternativa, participativa, participatória, horizontal, comunitária, dialógica e radical, dependendo do lugar social, do tipo de prática em questão e da percepção dos estudiosos” (PERUZZO, 2009b, p. 4). Entretanto a professora Peruzzo diz que essas formas de expressão sempre trazem em seus preceitos, o mesmo sentido político no que se refere à sua atuação.

Isto é, promover ações coletivas, que visem primeiramente os interesses de camadas mais pobres da sociedade, tal como, a participação política da população no que diz respeito a questões de interesse público e social.

Em seu modo de atuação a comunicação comunitária também tem semelhanças com a comunicação popular e alternativa, mas segundo Peruzzo (2009b), em algumas práticas se distancia de seu sentido original no que se refere a “comunicação do povo”. Isso acontece, por exemplo, quando esta é utilizada em programas midiáticos, no qual se observa que existem outros interesses além da demanda popular. Para a estudiosa, tal realidade faz com que esse tipo de comunicação seja compreendido dentro de um viés menos politizado.

Quanto a comunicação alternativa, a autora ressalta que o referido meio teve seu auge entre as décadas de 1960 a 1980 e como já foi citado surgiu para designar a comunicação popular, mas era também caracterizada como “o tipo de imprensa não alinhada às posturas da mídia tradicional, então sob a batuta da censura do regime militar no Brasil” (PERUZZO, 2009b, p. 53).

Ainda na concepção de Peruzzo, em seu segmento de combate, a comunicação alternativa vai se reconfigurando de acordo com o seu contexto histórico e por oferecer um conteúdo diferenciado das mídias convencionais, o meio alternativo se tornou uma forma de comunicação utilizada especialmente por em articulações sociais e populares como uma estratégia para democratizar a informação. Isto é, não é mais apenas um canal de combate à censura como no período da Ditadura (1964 a 1985). Um regime marcado pela censura, prisões, torturas, perseguições, massacres e mortes. Foram 21 anos de poder ditatorial, mas tempo suficiente para deixar registrada na memória dos brasileiros um período em que as violações dos direitos humanos eram uma das principais normas vigentes no país.

Com base nos estudos de Peruzzo, observa-se que o trabalho que o *Tela Firme* desenvolve está dentro desta matriz popular, alternativa, comunitária, por atuar de dentro da periferia, para a periferia, na conscientização e na transformação social. Cabe ressaltar que nesta pesquisa não se fecha em único conceito, a ideia é entender a visão de autores da área para compreender o objeto desta pesquisa. E nesse sentido John Downing (2004) usa o termo mídia radical alternativa, para denominar a mídia em geral de pequena escala, que se manifesta de diferentes formas e poder girar em torno de questões feministas, étnicas, religiosas ou comunitárias como a abordagem feita nesta pesquisa. A resistência histórica e amplitude da mídia radical alternativa é algo que chama a atenção do pesquisador e o leva a um dos principais questionamentos de seu estudo, isto é, “como a mídia radical de pequena escala pode ter algum impacto digno de nota?” (DOWNING, 2004, p. 22).

A hipótese levantada pelo autor é de que ela exerce múltiplos impactos em diferentes níveis e cita como exemplo as manifestações desse meio de comunicação na luta contra a corrida armamentista da II Guerra Fria (1979, 1985) e o movimento internacional contra o *Apartheid* (1948 a 1994). Pois segundo sua compreensão a atuação da mídia radical alternativa foi fundamental para chamar a atenção da sociedade sobre os efeitos desses dois eventos históricos. A Guerra Fria por causa dos riscos da energia nuclear e o *Apartheid* por ter sido um sistema constitucional de segregação racial na África do Sul.

Em sua obra, o pesquisador destaca ainda que a mídia radical pode ser um paradoxismo, tendo em vista que “qualquer coisa, em algum ponto, é alternativa a outra” (Downing, 2004, p. 27) e nos faz refletir sobre os fluxos da influência da mídia em geral, inclusive da mídia radical, que segundo ele também pode ter aspectos negativos. As mídias radicais fundamentalista, Facista e racista, são exemplos disso.

Reforça ainda que o ativismo da mídia radical apesar de essencial não é a única forma de resistência. Para ele é preciso persistir na busca pela democracia dos meios de comunicação, popularizar as descobertas e inovações técnicas e científicas, assim como os próprios profissionais da mídia oficial que lutam para tentar fortalecer ou melhorar o nível da comunicação da mídia tradicional.

Na Amazônia a pesquisadora Célia Trindade Amorim lidera desde 2011 o Grupo de Pesquisa Mídias Alternativas na Amazônia (CNPQ e Facom-PPGCOM-UFFPa), que estuda as mídias de resistência, contra hegemônica, em nossa região. O objeto desta pesquisa, o *Coletivo Tela Firme*, já foi mapeado pelo grupo com resultado inicial publicado em artigo científico²¹.

Ao se referir sobre as mídias alternativas na região e o direito à cidadania, Amorim, et al. (2013) destacam:

Cada vez mais cresce a necessidade de que os grandes temas da Amazônia - como as chacinas urbanas, os conflitos de terra, que também promovem matança no interior da floresta, o *modus operandi* da grande imprensa e seu olhar exótico para com a região, dentre outros - sejam também divulgados, debatidos e denunciados por atores sociais que pensam a comunicação para além de ferramentas tecnológicas, pensam a comunicação no campo político e histórico da região. (AMORIM, et al., 2015, p.13).

Com base no exposto, observa-se que as práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme* estão dentro desse escopo da comunicação popular, alternativa e comunitária,

²¹ Consultar: Amorim, Célia Regina Trindade Chagas; SOUSA, Milene Costa; MOTA, Gabriel da; SILVA, Lanna Paula Ramos. Mídias alternativas na Amazônia: articulações de contrapoder na internet. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Rio de Janeiro, RJ – 4 a 7/9/2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-3706-1.pdf>. Acesso, dia 15, 12, 2017.

considerando que por meio de suas ações busca promover mudanças na periferia. Os jovens ativistas do *Tela Firme*, desde o início tinham como proposta pautar o bairro Terra Firme, para além da visão estereotipada pela grande imprensa (que designa o lugar como bairro violento). Com o tempo o trabalho dos jovens foi ficando maior, ampliando-se atingindo outras periferias e servindo de exemplo para outros coletivos. A integrante do *Tela Firme*, Izabela Chaves, refletiu sobre as primeiras ações do grupo:

A gente até debateu sobre quem nós somos, sabe? Porque expandiu, a gente não tava mais conseguindo dizer nós somos isso, mas a gente também faz isso, a gente também faz aquilo. Então vamos pensar? Nós somos um Coletivo de mídia alternativa. O que essa mídia alternativa vai fazer? Vai mostrar pra galera o que a Globo e o SBT não mostram. O que a RBA não mostra. (IZABELA CHAVES, entrevista concedida em 19 de jul. de 2017).

A reflexão feita pelos participantes sobre o papel que o grupo desempenha na comunidade foi importante até mesmo para reafirmar a proposição da iniciativa de engajamento político-social em suas ações. Por exemplo, quando o grupo realiza ações em escolas do bairro Terra Firme procura sempre repassar aos alunos a importância que eles como cidadãos têm na sociedade. A equipe do *Tela Firme* procura também destacar que o trabalho que o Coletivo desenvolve é voluntário, mas de grande importância social, pois visa conscientizar as pessoas sobre o papel que podem desempenhar enquanto cidadãos. E que, mesmo dispondo de poucos recursos, mas por meio de uma comunicação alternativa, a iniciativa pode alcançar grandes resultados.

A gente esteve em duas escolas esse ano falando um pouquinho do *Tela Firme* participando junto com outros projetos, falando de direitos humanos, que é nosso principal engajamento também e outras situações de como iniciou a rede social. A gente fala um pouquinho de como os alunos podem utilizar pequenas ferramentas para transformar o ambiente em que eles vivem, tanto na periferia como em qualquer ambiente em que ele esteja pode transformar e como utilizar essas ferramentas como a gente utilizou. Desde o ano passado a gente tá mais fisicamente nesses espaços. (CHAVES, 2017)²².

O que a jovem destaca pode ser constatado no vídeo “Poderia ter sido você”, por exemplo, que teve mais de 15 mil visualizações. Isso faz com que se reflita sobre a hipótese levantada por Downing (2004), quando afirma que a mídia alternativa “exerce múltiplos impactos em diferentes níveis” (DOWNING, 2004, p. 22). E seja no campo físico (geográfico) ou virtual. Sobre a atuação da mídia alternativa nas redes digitais, Downing (2004) entende que essas redes são fundamentais para atuação da mídia radical nos movimentos sociais e políticos, pois “constituem uma das dimensões primárias de todos os movimentos sociais e uma dimensão vital para a mídia radical” (2004, p. 71).

²² CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

E essa lógica destacada pelo autor não se diferencia da atuação dos coletivos e tantas outras organizações sociais que utilizam as redes de comunicação na internet para fazerem suas reivindicações. Segundo Peruzzo (2013, p. 89) “essas formas de comunicação germinam no contexto dos movimentos populares ou em coletivos envolvidos em dinâmicas de transformação das sociedades”. É importante destacar que como o debate sobre comunicação alternativa atravessa toda a pesquisa e também está inserida dentro desse contexto será mais aprofundada no capítulo seguinte, pois é um canal que cada vez mais ganha espaço no meio tecnológico e digital.

E como se pode notar, iniciativas como as implementadas pelo *Coletivo Tela Firme* estão dentro de um contexto da comunicação alternativa, pois como explica Peruzzo (2008b, p. 133) “se pauta pela desvinculação de aparatos governamentais e empresariais de interesse comercial e/ou político-conservador”. O Coletivo é uma organização de base popular que atua sem fins lucrativos e com um engajamento político-social, como pode ser identificado nas ações que desenvolve na periferia e nas redes digitais.

E se tratando de periferia, a atuação dos meios de comunicação alternativa é significativa, pois é no espaço que geralmente surgem grupos que se apropriam das mídias alternativas para fazer suas reivindicações. No caso do *Tela Firme* a condição do cidadão que vive na periferia é uma delas. A luta do grupo se justifica diante das desigualdades que podem ser encontradas na sociedade globalizada e que permeiam a discussão do tópico seguinte.

3.2 A cidadania e a sociedade globalizada

Para um Estado democrático de direito é preciso haver cidadania. A afirmação se justifica na premissa de que os direitos de cidadania (como a liberdade humana enunciada nas grandes revoluções e nas constituições) foram consagrados como fundamentos do Estado Democrático de Direito como escreve Pinto (2008). Nesta investigação entende-se que seja importante refletir sobre o seu sentido na atual sociedade globalizada e da informação²³, pois a partir da extensão dos direitos do homem (século XVIII), o termo “vai assumindo diferentes formas nos diferentes tempos e contextos sociais, prestando-se a diversas interpretações para justificar diversas situações ideológicas” (GONCZEVSKI; MARTIN, 2011, p. 27).

A percepção dos estudiosos se dá com base na compreensão de que a cidadania se constituiu no panorama social, político e econômico das sociedades nas quais esteve presente e que em muitos momentos da história o seu verdadeiro sentido foi mal interpretado ou

²³ Termo cunhado desde o século XX (quando também se começa a falar em justiça social).

simplesmente não existiu em muitas sociedades. Diante do exposto surge a pergunta. Quem é o cidadão na atualidade? Segundo Gonczewski e Martin (2011), com a globalização “as comunidades rapidamente transformaram-se de nacionais, monoculturais, monoéticas e monoreligiosas para comunidades globais, multiculturais, multiétnicas e multireligiosas” (GONCZEWSKI; MARTIN, 2011, p. 16). Observa-se que as mudanças presentes na contemporaneidade alteram características básicas que sempre estiveram imbricadas nos conceitos de cidadania, como por exemplo, o papel do cidadão que consistia apenas no indivíduo com direitos civis e políticos.

Hoje o indivíduo virou protagonistas de ações coletivas, com maior poder de participação e opinião, mas essas transformações não foram suficientes para mudar a condição do cidadão na sociedade. Isto é, apesar de mudanças observadas na sociedade no âmbito político, econômico, social, cultural e levando em consideração fatores da atualidade, como a globalização, que permitem com que o cidadão tenha mais possibilidades de articulação, ainda assim, a sociedade parece estar longe de chegar a uma ampla emancipação.

Mouffe (2003) analisa a situação a partir de uma concepção radical da democracia, onde segundo a estudiosa há uma inerradicabilidade do poder e do antagonismo (que são negados na concepção da política democrática da atual conjuntura) e na premissa de que a emancipação da sociedade só pode ser viabilizada de forma parcial.

Isto significa que a sociedade democrática não pode mais ser concebida como uma sociedade que teria realizado o sonho de uma perfeita harmonia ou transparência. Sua característica democrática pode apenas ser dada pelo fato de que nenhum ator social pode atribuir a si mesmo a representação da totalidade e assim alegar ter o “domínio” deste fundamento. (MOUFFE, 2003, p. 14).

A filósofa entende que é preciso reconhecer a dimensão do poder e do antagonismo, pois segundo sua compreensão a sociedade acaba sendo coagida a um consenso racional, negando a natureza do político e sua dimensão agonística. Na política democrática se constituem formas de poder compatíveis com valores democráticos, logo não há como negar essas relações de poder e sim tentar provocar transformações que suscitem um modelo alternativo de democracia. Nesse sentido, Mouffe (2003) entende que as transformações da sociedade globalizada “requerem uma compreensão adequada da construção de identidades políticas coletivas e das formas possíveis de emergência do antagonismo, numa variedade de relações sociais”. (MOUFFE, 2003, p. 13).

Lima (2006), também é crítico quando se posiciona sobre as transformações sociais provocadas pela globalização, ou seja, em sua compreensão ela provoca “a descentralização da identidade cultural e o surgimento de identidades múltiplas, isto é, abertas, contraditórias,

inacabadas e fragmentadas” (LIMA, 2006, p. 12). Sabe-se que essas mudanças são inevitáveis, tornam o cidadão suscetível a elas e conseqüentemente vão influenciar nas práticas de cidadania.

Adela Cortina (2005) explica que quando o indivíduo se sente cidadão de uma determinada comunidade, esse atributo pode motivar esse mesmo sujeito a lutar pelo espaço onde vive. Pois segundo a estudiosa, os plenos direitos que cabem ao cidadão o tornam submetido à organização da qual participa. Em sua concepção “um conceito pleno de cidadania integra um *status* legal (um conjunto de direitos), um *status* moral (um conjunto de responsabilidades) e uma identidade, pela qual uma pessoa sabe e se sente integrada a uma sociedade” (CORTINA, 2005, p. 151).

Como se observa, a cidadania traz imbricada em seus princípios um sentido de inclusão. Talvez seja esse o grande mote que nos leva a refletir sobre os direitos do cidadão, que segundo Peruzzo (1999), com o avançar da cidadania ao longo da história os direitos foram se ampliando, se aperfeiçoando, no entanto, o que se observa é que a sociedade ainda necessita de uma consciência política, pelo menos no que diz respeito a fazer valer esses direitos.

Em seus estudos a autora evidencia ainda como os movimentos sociais têm contribuído para mudar essa realidade, pois geralmente as conquistas só ocorrem por meio de pressão coletiva como justifica Peruzzo (2009a).

Nenhum poder, seja ele do capital, do legislador ou do executivo governamental, concede avanços de benefícios aos pobres ou desprovidos da possibilidade de desfrutar de condições adequadas para realização plena dos direitos humanos, se não houver demonstração inequívoca de sua capacidade de articulação, consciência e resistência política. É exatamente pela percepção clara dessas condições que os movimentos sociais surgem, se ampliam e se ressignificam constantemente. (PERUZZO, 2009a, p. 34).

A percepção da pesquisadora também remete a questões expostas por Gohn (2010). Em seus estudos, a referida socióloga destaca como as lutas de organizações, grupos, movimentos sociais entre outras iniciativas buscam por meio das redes de mobilizações civis constituir um “sujeito protagonista de ações coletivas” (GOHN, 2010, p. 25). Para a autora, essas redes fomentam o surgimento de novos sujeitos sociopolíticos e culturais, como por exemplo, os movimentos sociais globais. Em seu trabalho a estudiosa busca ainda enfatizar como essas redes se entrecruzam com os movimentos sociais locais e populares e fomentam frentes de lutas por direitos sociais e melhores condições de vida e de trabalho entre outras ações propositivas.

3.3 Panorama da cidadania no Brasil

Assim como em seu contexto universal, no Brasil, a cidadania também encontra barreiras para se realizar plenamente, e isso tem uma estreita relação com a formação política, econômica e social do país. Para melhor enfatizar essa proposição optou-se por trazer como exemplo o período em que o Brasil passa a ser um país republicano (início - 1889) e as expectativas criadas a partir desse momento histórico, tendo em vista as possibilidades de melhorias que esse novo sistema de governo poderia ocasionar, especificamente, no que se refere aos direitos do cidadão e ao exercício da cidadania.

A Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil (1891) marca a transição do sistema monárquico para o republicano, mas segundo Luca (2013), apesar de nela constar os direitos civis (em 31 incisos do artigo 72), os direitos sociais não são mencionados. A autora faz crítica à lei tendo em vista a realidade que se apresentava na época.

A distância entre a letra da lei e sua efetivação prática esteve longe de ser pequena. A esmagadora maioria da população vivia nas áreas rurais estava submetida aos desígnios dos proprietários. Em 1920, apenas 16,6% dos brasileiros residiam em cidades com 20 mil habitantes ou mais, enquanto a taxa de analfabetismo girava em torno dos 70%. Nesse contexto, não surpreende que os direitos civis e políticos fossem uma ficção jurídica. (LUCA, 2013, p. 170).

Observa-se nas questões expostas por Luca (2013), que mesmo após três décadas, já num sistema republicano no Brasil e tendo em vigor a Constituição (1981), que poderia trazer melhores estatísticas no que diz respeito aos direitos civis e políticos dos cidadãos, ao contrário, os dados mostram que no período indicado houve um baixo desenvolvimento humano. Sendo que, o direito civil, que remete essencialmente à condição de vida do indivíduo em sociedade e perpassa pelas instâncias individuais como a liberdade, a igualdade e aos outros direitos que tange aos cidadãos já se encontrava formalizado na época.

Neste aspecto, subtende-se que a lei não teve o alcance desejado como era esperado, pois a referida Constituição, assim como o sistema de governo republicano, acabou relegando questões importantes como os direitos do trabalhador. Isto é, princípios como o interesse comum, que implicasse em melhores condições de vida para a sociedade como um todo (algo que estimulasse o desenvolvimento econômico, por exemplo) e uma melhor organização social.

A referência ao cenário político e da condição social de uma grande parte da população nesse período é somente para confirmar como o regime democrático no Brasil já começa com legislações mal formuladas e com o poder do Estado como fator dominante nas relações entre indivíduo e poder público e no que se refere à cidadania essa realidade não é

diferente. Segundo Lima (2006), no Brasil, assim como em muitos outros países tidos emergentes ou subdesenvolvidos os direitos do cidadão têm se caracterizado mais pela ausência do que por práticas efetivas de fato. Para o autor “fala sempre mais alto a estrutura de classes onde prevalece a desigualdade e a hierarquia” (LIMA, 2006, p. 14). Em sua concepção, no país as relações de domínio e coerção sempre foram preponderantes e influenciam significativamente em sua ordem social.

Analisando a discussão proposta anteriormente na perspectiva do pensamento foucaultiano, se chegaria à compreensão de que essas diferenças sociais têm a finalidade apenas de um controle social que possibilita uma relação de dominação e sujeição do indivíduo disciplinado. O “poder disciplinar” tratado por Foucault (1975) serve como referência para se tentar compreender problemáticas que se apresentam nas relações individuais e coletivas na sociedade.

Para Carvalho (2001), o ideal de cidadania plena (que combine liberdade participação e igualdade), desenvolvido no ocidente, talvez seja algo inatingível. Apesar da falta de otimismo, o autor é preciso quando diz que esse ideal “tem servido de parâmetro para o julgamento da qualidade da cidadania em cada país e em cada momento histórico” (CARVALHO, 2001, p. 9). Por exemplo, tendo como parâmetro as suas dimensões é possível identificar onde há mais ou menos desigualdades e sociedades onde os cidadãos não podem gozar de seus direitos.

O autor esclarece ainda que o esforço de se construir a democracia no Brasil, principalmente com o fim da Ditadura Militar (1985), sempre teve como premissa a busca pela cidadania. Carvalho (2001) esclarece ainda que, a partir do momento que o cidadão brasileiro passou a ter o direito a escolher seu representante político imaginou-se que tal conquista “seria garantia de liberdade, de participação, de segurança, de desenvolvimento, de emprego, de justiça social” (CARVALHO, 2001, p. 7), mas como se pode observar, até mesmo na atual conjuntura, esse direito não trouxe os benefícios desejados. A realidade político-social do país ainda é complexa.

Problemas centrais de nossa sociedade, como a violência urbana, o desemprego, o analfabetismo, a má qualidade da educação, a oferta inadequada dos serviços de saúde e saneamento, e as grandes desigualdades sociais e econômicas ou continuam sem solução, ou se agravam, ou, quando melhoram, é em ritmo muito lento. Em consequência, os próprios mecanismos e agentes do sistema democrático, como as eleições, os partidos, o Congresso, os políticos, se desgastam e perdem a confiança dos cidadãos. (CARVALHO, 2001, p.7).

Ao longo de sua existência a cidadania certamente sofreu reconfigurações e teve avanços em suas práticas junto às sociedades, nas áreas da educação, saúde, emprego e em

outros âmbitos no que diz respeito a questões sociais do cidadão. Mas isso vai variar dependendo de cada sociedade, pois em países, como o Brasil, considerado em desenvolvimento ainda é visível o descaso quando se trata de reconhecer os direitos do cidadão e a busca pelos princípios que fundamentam sua prática.

Um exemplo é a realidade da periferia que apresenta uma organização social, política e econômica complexa, como já foi tratado neste capítulo e onde fica evidente a falta do poder público e de políticas efetivas. Certamente, a realidade encontrada no bairro Terra Firme em Belém, conforme abordado no capítulo anterior não se diferencia de outros espaços periféricos no Brasil, mas a formação da cidade (ver quadro 1), em sua maioria é composta por bairros considerados periféricos. E pelo cenário de descaso que geralmente se apresenta na periferia, observa-se que a população que vive nesse espaço é menos favorecida em relação aos seus direitos como segurança, moradia, saúde, educação, etc.

É importante esclarecer que na cidade de Belém também existe um centro urbano desenvolvido, no entanto, é na periferia onde é possível identificar exemplos da desigualdade social, especialmente pela condição em que vive a maioria da população. Isto é, geralmente em moradias inadequadas (áreas alagadas e baixadas), sem saneamento básico, sem saúde, educação, etc.

A pretensão desta pesquisa ao dar ênfase à realidade da periferia urbana é pelo fato da temática ser um dos eixos centrais desta pesquisa e a referência à Belém se justifica no fato da cidade ser o local de realização da pesquisa. É também no intuito de evidenciar como as complexidades existentes no espaço podem representar entraves quando se trata de fazer valer os direitos dos cidadãos. Mas para isso acontecer as políticas governamentais do país precisam ser democratizadas de modo que se consiga promover a cidadania.

3.4 Cidadania e democracia

A cidadania não se restringe ao direito de voto, pois os princípios que lhe cercam “permitem ao homem mais direitos e, obviamente, mais deveres que os meramente políticos” (LONDERO; RICHTER, 2007, p. 6). E essa condição tem transformado o sentido de ser cidadão na sociedade contemporânea, assim como a compreensão que se tem sobre cidadania.

Com relação ao exposto, Melo (2013) argumenta que ter cidadania é também “ter educação de qualidade, saúde, informação, poder de participação na condução das políticas públicas e igualdade de oportunidades” (MELO, 2013, p. 2). Mas sabe-se que quando se trata dos direitos do cidadão a realidade se torna problemática, pois envolve entre tantas outras

questões, a política nacional e sua complexidade no que se refere a fazer valer direitos reconhecidos em leis, como por exemplo, na Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão (1789), na Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), na Constituição Federal do Brasil (1988) e na própria Constituição do Estado Pará (1989), estado em que está localizada esta pesquisa.

Por exemplo, o inciso IV do artigo 3º da Constituição do Pará rege que o Estado visa em todos os seus atos “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, orientação sexual, cor, idade, deficiência e quaisquer outras formas de discriminação”. No entanto, tais direitos não são garantidos à maioria da população como se observa na realidade, por exemplo, de quem vive na periferia, e que muitas das vezes não têm assistência básica à saúde, emprego, educação, etc.

Sendo assim, observa-se que a cidadania é inseparável da democracia e ambas têm uma estreita ligação com a questão política, pois a política é um dos caminhos para se construir a democracia e fazer valer a cidadania. No entanto, um ponto que talvez seja o mais relevante dessa discussão está relacionado ao fato da democracia ser representativa e não direta, ou seja, “as deliberações que dizem respeito à coletividade inteira, são tomadas não diretamente por aqueles que dela fazem parte, mas por pessoas eleitas para esta finalidade” (TAVEIRA, 2009, p. 130). As impossibilidades geradas por causa da questão provocam críticas severas das sociedades de países com o regime democrático como o Brasil.

Um das reivindicações da população brasileira, no que se refere à democracia representativa é que os direitos políticos (conjunto de normas legais permanentes) garantam entre tantas deliberações que lhe competem, o direito de participação direta do povo nas decisões políticas do governo. Isto é, no momento em que decisões importantes que possam mudar o rumo do país o povo possa ter voto participativo, mas o que se vê na realidade são arbitrariedades e condicionamentos.

Outro ponto importante é que para haver cidadania é preciso haver cidadãos ativos, que lutem por seus direitos, tenham ampla participação na política e sejam protagonistas das transformações nos espaços onde vivem. “Para um sistema de governo democrático, é imprescindível que o povo seja composto por cidadãos ativos” (TAVEIRA, 2009, p. 130). Isto é, o sujeito passivo não promove conquistas e tão pouco a efetividade da cidadania.

E para que existam sujeitos ativos “a questão da identidade política é fundamental e a tentativa de constituir identidades para os “cidadãos” é uma das tarefas importantes da política democrática” (MOUFFE, 1999, p. 89). Em sua compreensão, a forma como definimos a cidadania está estritamente relacionada ao tipo de sociedade e comunidade política que

queremos, mas para isso, seria importante conceber a natureza política nas condições de uma democracia moderna, que consiste na defesa do pluralismo, na ideia de liberdade individual, no desenvolvimento da sociedade em geral, etc.

Na concepção de Medeiros (2011), a emancipação social só pode se concretizar quando o homem deixar de ser refém de algum modo de produção material (como o capitalismo). Para o autor, esse processo está imbricado no fato dos meios de produção serem controlados por grandes empresas e corporações. Talvez, historicamente, esse sempre tenha sido o entrave que fomenta as desigualdades e as indiferenças sociais presentes em muitas sociedades, especificamente de países como o Brasil.

Mas como explica Peruzzo (2009b), a autonomia social pode ser “uma ferramenta essencial na construção de uma sociedade igualitária e socialmente justa” e através dela se consegue também alcançar a cidadania. Nesta perspectiva, se pressupõe que a partir do momento em que acontece esse despertar e, o indivíduo cria consciência do seu poder de participação, opinião e decisão, esse sujeito também passa a ser capaz de resistir e promover a emancipação coletiva.

4 A COMUNICAÇÃO EM REDES DIGITAIS

No decorrer das discussões feitas neste trabalho de pesquisa se observou que o *Coletivo Tela Firme* atua tanto na periferia (como uma frente alternativa junto à comunidade), quanto nas redes digitais (com postagens da produção audiovisual, que é referência do grupo, e das ações que realiza). Como exposto na apresentação do objeto, no início, o Coletivo começou seu ativismo com postagens nas redes sociais na internet. A partir da interação na referida plataforma, o grupo ganhou visibilidade, especialmente no bairro Terra Firme, como os próprios jovens destacaram anteriormente.

A participação do grupo nas redes digitais possibilitou a articulação com movimentos sociais, entidades e instituições, entre outras organizações de luta que formam uma rede de comunicação. Com isso, os jovens do Coletivo passaram a ser convidados a participar de palestras e seminários, manifestações, projetos e tantos outros eventos na comunidade, em outros bairros periféricos, até mesmo em fora do Estado.

É importante destacar que as redes sociais são estruturas organizadas por grupos ou pessoas com interesses comuns e já existiam antes mesmo do advento da internet. Na periferia, por exemplo, essas organizações são cada vez mais constantes e como citam Silva e Gozanga (2005, p. 5) “a referência à comunidade tem absoluta pertinência no campo das redes sociais”.

As redes são fenômenos coletivos e sua dinâmica implica em relações no âmbito dos grupos, sejam eles conjuntos de proteínas, células, espécies, sítios na internet, pessoas ou comunidades como explicam Castells (2003, 2005), Lemos e Lévy (2010), Primo (2013). Na concepção dos estudiosos da temática, a rede aparece quando é acionada, a dinâmica das redes é o resultado da ação de conexão de muitos em interação produtiva.

O conceito de rede não é novo, mas segundo Castells (2003, p. 7) “as redes ganharam vida nova no contexto atual transformando-se em redes de informações energizadas pela internet”. Por exemplo, as redes de comércio, de farmácia, de ensino, de amizade, que são estruturas comuns nas sociedades, são também práticas antigas. O que se pode considerar, se não de novo, mas atual no cenário econômico, político e social mundial que se apresenta na atualidade é o fato dessa sociedade ser articulada e transformada por redes tecnológicas como aponta Castells (2003, 2005).

Mas o autor afirma que o que caracteriza essa mudança não é a centralidade de conhecimento e informação e sim “a aplicação desses conhecimentos e dessa informação para a geração de conhecimentos e de dispositivos de processamento /comunicação da informação,

em um ciclo de realimentação cumulativo entre a inovação e seu uso” (CASTELLS, 1999, p. 69). E por terem como características básicas a flexibilidade e adaptabilidade têm se proliferado, principalmente na economia e na sociedade levando muitas organizações estruturadas verticalmente a repensarem suas práticas. Pois, em seus primórdios as redes eram centralizadas na vida privada, com isso tinham dificuldades em coordenar funções (concentrar recursos e/ou realizar uma determinada tarefa), só passaram a ter maior adaptação e até mesmo a ser mais flexíveis a partir da introdução das tecnologias da comunicação e informação, mais precisamente após o advento da internet como ressalta Castells (2003).

Outra importante discussão levantada por Castells (1999, 2003, 2005) em seus estudos sobre a sociedade em rede é a questão da comunicação. Em sua concepção, esse fenômeno atinge tanto grandes conglomerados (como as grandes empresas midiáticas e tecnológicas), quanto pequenas iniciativas (individuais ou coletivas), que buscam se adequar à lógica da rede. Por exemplo, em sua concepção, a primeira utiliza a rede numa lógica capitalista buscando alcançar por meio da interatividade (que essa rede permite) as suas potencialidades como a sua abrangência. Já a segunda, também não despreza as potencialidades que essa rede pode oferecer, mas se propaga como redes horizontais que se apropriam dessa forma de associação para difundir seus ideais, lutas e reivindicações.

O sociólogo cita ainda cinco aspectos que representam a base material dessa sociedade em rede, a informação como matéria-prima é um deles, bem como a penetrabilidade dos efeitos das tecnologias digitais, a lógica das redes em qualquer sistema ou conjunto de relações, a flexibilidade e as convergências de tecnologias específicas para um sistema altamente integrado.

E quando se trata da comunicação nos meios virtuais, a formação dessas redes é ainda mais significativa, como explica Maia, R. (2011), o surgimento da internet repercutiu, entre outras coisas, em engajamento cívico e formação de capital social. Sobre capital social a autora entende como as normas de confiança e reciprocidade a partir da interação social. Em sua concepção essas relações de proximidade do espaço virtual com o espaço físico (geográfico) são sustentadas e perpetuadas por sujeitos que em suas interações compartilham, de forma direta e diária, opiniões, valores e objetivos, possibilitam a construção dessas redes cívicas e a colaboração recíproca desses indivíduos nesse lócus

Ao estudar a organização dos grupos urbanos em redes culturais Silva e Gozanga (2005, p. 5) definem as articulações em redes “como um conjunto de elementos econômicos, políticos, sociais, tecnológicos, culturais, onde não existe predominância de um sobre o outro”. Para as pesquisadoras essas redes são estruturadas na perspectiva de se promover a

participação dos indivíduos e as instituições que as compõem em relações horizontais e colaborativas.

Em seus estudos, Silva e Gonzaga (2005) buscam entender a estruturação em rede nos territórios das cidades a partir de suas práticas culturais. Como citam as referidas autoras, atualmente não é difícil encontrar nas periferias das grandes metrópoles jovens envolvidos em manifestações culturais em suas comunidades, e que, a partir das interações em rede acabam tendo contanto com outros projetos sociais, ONG's, entre outras iniciativas que partilham dos mesmos interesses e que estão relacionados à realidade do local onde vivem como é o caso do *Coletivo Tela Firme*.

Estes jovens identificam-se com outros que demonstram os mesmos interesses culturais e conformam grupos que se localizam espacialmente em suas comunidades. Além disso, eles estabelecem laços com outros jovens que reconhecem símbolos, signos e linguagens comuns, formando uma comunidade para além de seus lugares de moradia, uma comunidade que não tem uma espacialidade física. (SILVA; GONZAGA, 2005, p. 7).

Para as estudiosas, a partir dessas interações as relações entre esses jovens se tornam plurais e “conformam laços identitários e de pertencimentos e recriam uma “comunidade da prática”, uma nova territorialidade, que não é traduzida em uma área física, mas sim em territórios em movimento” (SILVA; GONZAGA, 2005, p. 8). Como citam as autoras a partir da troca entre esses grupos forma-se um núcleo no qual podem ser identificadas uma diversidade cultural, política e social. E a partir das experiências compartilhadas esses jovens retornam para a periferia e disseminam suas ideias e assim constituem outras novas redes. Nas produções alternativas e nas ações de cidadania implementadas pelo *Coletivo Tela Firme* se observa a grande participação de jovens, que atuam de forma engajada como se pode observar na seção anterior.

Levando em consideração a relevância das mobilizações em rede e também o potencial que passou a ter a partir da comunicação nas redes digitais, no tópico seguinte será feito um breve contexto sobre a plataforma na perspectiva de uma melhor compreensão sobre esse meio comunicacional e suas facilidades e complexidades.

4.1 As redes digitais e os sujeitos sociais

Os processos da existência das sociedades passaram a ser moldados pelas tecnologias, como aponta Castells (2005). Por isso, o autor busca evidenciar as redes digitais tomando

como foco em sua análise o processo de transformação tecnológica no contexto econômico, social e cultural da nova organização social mundial. Mas o pesquisador é contundente quando esclarece que isso não quer dizer que a sociedade é determinada pelas tecnologias e sim que uma interfere na existência da outra.

A comunicação nas redes digitais é uma nova forma de mobilidade social, uma cultura de conexão generalizada e de apropriação do espaço urbano como explica Lemos (2005). Em sua concepção, o meio digital permite com que se possa “pensar de forma mais colaborativa, plural e aberta” (LEMOS, 2010, p. 27). Apesar de reconhecer tal realidade, Castells (2015) chama atenção sobre o acesso em massa nas redes digitais ao alertar sobre as consequências “do papel do sistema multimídia e de suas instituições reguladoras para a cultura e para a política da sociedade” (CASTELLS, 2015, p.104).

Recuero (2014), não refuta a concepção de Castells, pois também afirma que essa interação pode sim trazer riscos. Um exemplo real citado pela estudiosa é a quebra nas normas de interação, ou seja, invasão do perfil por hackers, ofensas, descrédito. Mas também evidencia uma face positiva nesse modo que “constitui-se quando há interação legítima à face apresentada, ou seja, quando as normas da interação são respeitadas, gera-se capital social para a relação entre os atores” (RECUERO, 2014, p. 114). É importante assinalar que o entendimento sobre capital social nesta pesquisa está relacionado aos valores diferenciados para os atores envolvidos nessas interações nas redes sociais como Maia, R. (2011) já assinalou anteriormente.

Diante do exposto, observa-se que a comunicação nas redes digitais é múltipla, composta de pluralidades e compreende desde uma simples interação nas redes sociais até grandes empreitadas de empresas que investem na comunicação *online*. Como aponta Moraes (2000, p. 144), o ambiente virtual vai além de um simples envio de e-mail, de pesquisas e entretenimento “projeta-se como fórum online capaz de revitalizar lutas e movimentos civis, na atmosfera de permutas própria da cultura de redes”.

Nesta perspectiva o ambiente digital se tornou uma plataforma na qual se observa “uma nova realidade humana, síntese das relações homem-máquina, homem-homem” (SILVA, TEIXEIRA E FREITAS, 2015, 178). Por isso, a contemporaneidade é denominada de a sociedade da informação e da tecnologia digital como aponta Castells (1999), ou como um dilúvio informacional, como sugere Lévy (1998), entre outras definições que fazem referência às Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs).

E por estar interconectada, esta mesma sociedade passa por mudanças significativas no âmbito social, cultural, econômico e também político, que não se restringem mais aos limites

do seu contexto físico como esclarece Silva, Teixeira e Freitas (2015). Tais mudanças, entre outras coisas, fazem referência à explosão de informação e avanços tecnológicos que surgem a toda hora e que tem modificando as formas de interação (espaço e tempo), assim como as relações humanas (a conexão entre diferentes públicos que comungam ou não as mesmas opiniões).

Como se observa, são inúmeras as discussões sobre as redes digitais, especialmente em pesquisas científicas. A preocupação em dar ênfase à comunicação no meio digital é no intuito de tentar compreender, entre outras questões, a relação dos sujeitos sociais que se manifestam e se apropriam desse ambiente nas mais diversas interações. E diante disso, percebe-se ainda a importância de discutir aspectos favoráveis ou não da comunicação nas redes digitais.

4.2 Apropriações das redes digitais: trocas simbólicas de afeto e de interesses contraditórios

Como um ambiente de comunicação aberta e que favorece processos tecnocomunicacionais de participação política como aponta Lemos (2005), o meio digital se tornou “um lócus de saber, uma cidade de signos, uma maneira de difusão da comunicação e de pensamento dos coletivos humanos” (SILVA; TEIXEIRA; FREITAS, 2015, p. 181). Uma plataforma que agrega muitas tecnologias e favorece formas de comunicação, que constituem também um ambiente social de trocas simbólicas e geram o capital social, seja por meio de e-mails, blogs, sites ou pelas redes sociais.

Com relação a colaboração existente nas redes, Maia, R. (2011) esclarece que para a construção do capital social, sob a perspectiva de uma relação mútua e durável “não basta que existam relações marcadas pela pequena distância de espaço e de tempo, mas, também que os sujeitos reconheçam a proximidade e a afinidade entre eles e possam, assim, coordenar ações com senso de efetividade” (MAIA, R., 2011, p. 69). Um exemplo são iniciativas que surgem de espaços como a periferia e que geralmente utilizam as redes digitais para expor situações críticas das comunidades das quais fazem parte com usuários das redes que também enfrentam as mesmas problemáticas.

E nessa perspectiva passa a ser importante entender a relação dos sujeitos e atores sociais dentro desse processo. Isto é, a comunicação nas redes digitais vem promovendo novas subjetividades, uma delas, pode se dizer que seria a busca em disseminar ideais de lutas

(como no caso dos Coletivos e movimentos sociais) e que por meio da interação nas plataformas online, seja possível ganhar maior destaque nas lutas sociais.

Para Moraes (2000), além dos conhecimentos múltiplos a comunicação digital congrega também forças e interesses contraditórios. No entanto, o estudioso é contundente quando diz que o internauta é quem vai tomar decisões sobre a interação de acordo com sua conveniência, seja de forma individual ou coletiva. Sobre essa percepção o autor faz a seguinte colocação:

No ciberespaço²⁴, as contradições não precisam ser silenciadas, porque é da essência mesma do virtual a veiculação simultânea e indefinida de conteúdos, pouco importando as suas procedências, os seus alinhamentos ideológicos, as suas armas de confrontação e fascínio. (MORAES, 2000, p. 143).

A questão levantada é relevante, pois o que se tem observado em uma boa parte das interações online, especificamente, nas redes sociais é uma realidade crítica com relação a contradições citadas por Moraes (2000). Isto é, a exclusão do outro, quando este não compartilha da mesma opinião de um determinado grupo. Mas é importante esclarecer também o que diz Gohn (2016, p. 144), quando enfatiza que não é possível estabelecer nexos nessas relações, “pois a dinâmica do processo é dada mais pelo desenrolar dos fatos do que como fruto de qualquer ação planejada”.

Como se observa o estudo sobre as redes digitais é amplo e exige uma abordagem mais aprofundada no que se refere às TICs, assim como a interação do público nesse espaço digital e virtual. Nesse sentido é interessante compreender como se dá a participação política e social de movimentos, grupos e outras organizações de luta, tanto no ambiente físico, quanto nas plataformas digitais de comunicação.

4.3 Ativismo social e político no espaço físico e nas plataformas digitais

Como foi possível perceber no decorrer das discussões feitas nesta pesquisa, as articulações dos movimentos sociais na luta pela construção da cidadania e no processo de democracia (GONH, 2016) não é algo novo, tal como as organizações em rede, como já foi citado neste capítulo. Conforme a referida autora, as manifestações de massa já acontecem desde o período colonial.

²⁴ O termo foi criado em 1984, por William Gibson, em seu primeiro livro de ficção científica (*Neuromancer*) e renomados autores como Lévy (1999), Castells (2003, 2005), Lemos (2005, 2010), trazem importantes conceitos e discussões sobre o ciberespaço, especificamente sobre as mudanças sociais ocorridas a partir da apropriação da internet.

Daquele período até a atualidade, organizaram-se centenas de movimentos sociais que saíram às ruas em luta por seus direitos, quer sejam de serviços públicos, terra, moradia, direitos de identidades culturais e de pertencimentos, como os afrodescendentes, os povos indígenas, opção de orientação sexual etc. (GOHN, 2016, p. 128).

Mas como a estudiosa explica, as novas formas de protestos que vêm surgindo desde as manifestações de 2013, construíram novos significados às lutas sociais, que vão além do ativismo digital, pois na concepção de Gohn (2016), a mobilização nas redes digitais é articulada com um propósito, que é a manifestação em si. Ainda na concepção da autora, a partir das Jornadas de junho (como o movimento também ficou conhecido) se observou a ampliação da democracia, mas também ficou claro que ela “é um processo em construção, não algo dado ou encerrado” (GOHN, 2016, p. 142).

Neste sentido, se torna evidente que as tecnologias da comunicação têm possibilitado novas formas de interação e aumentado a participação de diversos atores da sociedade civil nas redes digitais. O que chama a atenção é o crescente ativismo político dessas organizações sociais (partidária ou não) na internet e que utilizam o ambiente para difundir suas ideias, expressar suas opiniões e reivindicar direitos, como por exemplo, as ações do *Coletivo Tela Firme*. Essa forma de mobilização é denominada de ciberativismo, que para muitos autores como Lemos e Lévy (2010), Castells (2012, 2015) e Silveira (2010) é uma nova fronteira de participação e organização política, flexível e descentralizada.

O ativismo de grupos politicamente engajados nas redes de comunicação digital é uma prática que ganha cada vez mais dimensão, pois como explica Lemos e Lévy (2010), a tendência do ciberativismo futuramente alcançar novos patamares, no que refere, por exemplo, a questão política. Principalmente no aprofundamento da democracia, que consiste numa “governança mundial, Estado transparente, cultura da diversidade, ética da inteligência coletiva” (LEMOS, LÉVY, 2010, p. 33). Pois na concepção dos referidos autores, a internet se tornou um espaço de comunicação mais inclusivo, transparente e universal o que vai influenciar na vida pública, no que se refere a liberdade e responsabilidade de cada cidadão.

O ciberativismo, do modo que é tomado nesta pesquisa pode ser um gerador de cidadania, pois na concepção aqui exposta entende-se que esse tipo de ativismo contribui para o fortalecimento da democracia e tem sido um meio encontrado pelos atores civis para potencializar suas lutas. O *Coletivo Tela Firme*, por exemplo, se apropria das facilidades das redes digitais para postagem de sua produção audiovisual, para divulgar as ações que realiza na periferia e de seus parceiros e também praticar um ativismo político-social, pois utiliza o meio para fazer críticas e denúncias do descaso e omissão do poder público na periferia.

Sob este aspecto, Lemos (2005), se refere a ideia de que os atores sociais que surgem no ambiente *on-line* lutam por causas comuns, como é o caso do grupo de jovens deste estudo, têm a possibilidade de uma ampla divulgação de suas atividades, por um custo menor e de forma mais democrática. Essas características, comuns na plataforma podem ser compreendidas como um “novo domínio público propiciando e ampliando as relações sociais, trocas públicas, culturais, entre outras, que emergem na contemporaneidade” (LEMOS, 2005, 187).

E o ativismo nas redes digitais tem ganhado força e dimensão, principalmente no Brasil que atualmente enfrenta uma crise política que tem levado a população a protestar contra situações críticas relacionadas à situação do país. As redes digitais viraram um ambiente crucial para os debates que tomam grandes proporções e com os mais diversos discursos relacionados à questão. Mas é preciso se ter consciência que as novas tecnologias e a internet não irão resolver as demandas relacionadas aos movimentos sociais e tantas outras problemáticas da sociedade.

Como se percebe, a participação da sociedade civil em questões que antes se restringiam apenas a grupos específicos como os movimentos sociais, Organizações Não Governamentais (ONGs), entre outras entidades ganhou maior amplitude, assim como a ação de pessoas, associações e coletivos que lutam em prol de direitos dos cidadãos. As mídias digitais também contribuíram para o fortalecimento de atores sociais engajados fretes de luta, que geralmente têm como foco o ativismo político-social nas plataformas *online*.

Castells (2013) enxerga as redes digitais como um espaço no qual o sujeito pode exercer a sua autonomia. Pois segundo sua concepção nas redes de comunicação digitais essa autonomia pode ser exercida como força transformadora. Para o autor o sistema vai além:

Também reduz a vulnerabilidade do movimento a ameaça de repressão, já que há poucos alvos específicos a reprimir, exceto nos lugares ocupados, e a rede pode se reconstituir enquanto houver um número suficiente de participante, frouxamente conectados por seus objetivos e valores comuns. A conexão em rede como um modo de vida protege-o tanto dos adversários quanto dos próprios perigos internos representados pela burocratização e pela manipulação. (CASTELLS, 2013, p. 123).

Ainda segundo o referido pesquisador, essas redes horizontais e interativas na internet têm a garantia desse espaço ser constituído por redes abertas de comunicação que o caracteriza como uma estrutura descentralizada e que possibilita aos sujeitos engajados politicamente, por exemplo, maior chance de participação. E nessa perspectiva Castells (2013) entende que pelo fato da interação acontecer em um meio digital, os movimentos não

precisam, necessariamente, de uma organização vertical ou de uma liderança formal e garantem a participação de um público geral.

O que Castells (2013) aponta tem relação com a percepção de Moraes (2007), quando o estudioso diz que “a comunicação virtual, gradativamente, se insere no esforço de construção de uma cultura de solidariedade social baseada numa ética de reciprocidades entre os sujeitos comunicantes” (MORAES, 2007, p. 17). Logo, subtende-se que essa proposição tem motivado atores sociais a utilizarem as redes *online* como forma de mobilização e articulação, mas o estudioso esclarece que as tecnologias digitais não devem ser consideradas como dispositivos que substituem as organizações sociais nos espaços físicos.

Reconhecer espaços novos na arena virtual em absoluto significa subordinar as batalhas políticas ao avanço tecnológico, ou ainda aceitar impulsos voluntaristas que subestimam mediações sociais e mecanismos clássicos de representação política. Estou convencido de que é no território físico, socialmente vivenciado, que se travam e se travarão as lutas decisivas por uma outra comunicação e um outro mundo possíveis (MORAES, 2007, p. 17).

O argumento de Moraes (2007) está relacionado à participação de atores sociais que se mobilizam por meio de iniciativas como as fomentadas pelo *Coletivo Tela Firme*, que desenvolve um importante trabalho de cunho social descentralizado, horizontal e com perspectivas que podem ser fundamentais para o exercício da cidadania. Principalmente, pelo ativismo que pratica, seja nas redes digitais ou em ações em loco na periferia, que prima em conscientizar e empoderar a comunidade sobre o espaço no qual vive de forma que os moradores possam se perceber, perceber o outro e construir uma identidade.

A comunicação em rede se tornou uma alternativa para movimentos que lutam numa perspectiva contra hegemônica se articularem e organizarem. Geralmente frentes de luta oriundas da periferia se apropriam dos meios digitais e tecnológicos para praticarem seu ativismo, especialmente, pela acessibilidade e facilidade da informação. Para Moraes (2007), as redes digitais favorecem convívios participativos e de reciprocidades, seus fluxos de informação, permitem a circulação de ideias e favorecem a comunicação alternativa em rede. Em sua concepção “as redes podem ativar conexões, simbólicas e solidárias, de sujeitos e atores coletivos” (MORAES, 2007, p. 3).

Como já foi citado nesta pesquisa, em seu *modus operandi*, a comunicação alternativa, geralmente remete a um viés político-social e contra hegemônico, promove ações colaborativas, participativas e é articulada movimentos sociais. Moraes (2007) cita cinco dimensões de comunicação em rede dos meios alternativos que apresentam perspectivas contra-hegemônicas.

a) Oposição direta ao neoliberalismo e defesa da universalização dos direitos democráticos e da socialização das riquezas; b) descentralização informativa: qualquer ponto da rede pode estabelecer permutas com outros pontos, dificultando o controle pelas instâncias de poder; c) os dados podem ser difundidos sem submissão às diretrizes e às idiossincrasias da mídia; d) a dinâmica virtual incentiva a interlocução e a interação baseadas em visões de mundo convergentes; e) estoques de textos e materiais audiovisuais podem ser compartilhados com base no princípio inclusivo da "publicação aberta" (leitores podem adicionar comentários, publicar textos e/ou fotos sem prévio consentimento dos editores e aproveitar arquivos e bases de dados. (MORAES, 2007, p. 4-5).

As dimensões elencadas por Moraes (2007), não se diferenciam das perspectivas do autor da obra *Mídia Radical*, John D. H. Downing (2004). Na concepção do pesquisador a internet tem sido uma nova era para esse meio comunicacional.

Sendo uma infra-estrutura interconectada para múltiplas formas de comunicação, ela promove um período de convergência das tecnologias de mídia. Ao proporcionar a transmissão fácil de textos simples bem como os meios de combinar e recombinar uma série de formatos de mídia e atores sociais permite a distribuição de conhecimentos e recursos a quase todos os lugares do globo, de maneira até inédita (DOWNING, 2004, p. 270).

Para o autor, a rede de comunicação na internet oferece tanto ao indivíduo, quanto ao coletivo “a chance de comunicar-se, com suas próprias vozes e com uma audiência internacional de milhões de pessoas (DOWNING, 2004, p. 270- 271). Essas possibilidades têm levado as mídias alternativas a utilizarem as plataformas digitais como forma de ativismo. E os meios alternativos de comunicação estão engajados em lutas pela democratização da informação, pelos direitos dos cidadãos e contra a hegemonia capitalista e neoliberal, ou seja, a atuação das mídias alternativas é um trabalho de luta social e de resistência.

Quando se refere a comunicação no meio digital, Peruzzo (2008) entende que essas novas práticas “atualizam as formas de comunicação dos segmentos subalternos da sociedade” (PERUZZO, 2008, p. 1). Pois na concepção da autora, os formatos digitais, criam novos canais para as expressões alternativas, e estas também se recriam. A autora cita como exemplos, as revistas impressas que agora também passaram a ter uma edição eletrônica, a *Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)*²⁵ é uma delas.

Para Mazetti (2007, p. 1), a mídia alternativa é um modelo da contra-informação que “tem como função desobstruir o acesso à opinião pública para os mais diferentes grupos sociais, políticos, étnicos, religiosos, de gênero e indicação sexual”. É também um meio de resistência que pode promover a emancipação e a participação do sujeito no processo de

²⁵ *Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI)*: “Trabalha com “comunicação para os direitos da criança e do adolescente”. Fundada em 1992, a ANDI desenvolve trabalhos que ultrapassam os de uma simples agência de notícias. Desenvolve pesquisas e relações dirigidas junto a jornalistas e universidades, visando a conscientização, qualificação e mobilização na área dos direitos da criança e do adolescente” (PERUZZO, 2008, p. 9).

comunicação, na perspectiva de se criar uma rede de interesse coletivo, que possibilite a geração de aprendizado e conhecimento (MAZETTI, 2007).

Neste sentido, o estudioso designa a mídia alternativa não apenas como uma prática contestatória aos tradicionais meios de comunicação e da cultura midiática, mas como um canal no qual é possível manipular novas formas de interação, informação e, especificamente, diálogos sobre questões políticas. Sendo assim, o espaço virtual com sua temporalidade, espacialidade, flexibilidade, horizontalidade se tornou um ambiente propício para essa prática comunicativa.

É importante destacar que o *Facebook* e o *Youtube* são as redes sociais mais utilizadas por grupos, movimentos, e tantas outras iniciativas que atuam na perspectiva da comunicação alternativa, principalmente pela facilidade de acesso. Mas não se pode desconsiderar outros meios de comunicação do ambiente digital que também são utilizados para disseminação do ativismo alternativo, político, social e cidadão, como por exemplo, os blogs que acabam formando comunidades virtuais como a rede *Somos Todos Lúcio Flávio Pinto*²⁶.

O exemplo citado, além de evidenciar como a comunicação alternativa se propaga na web, também evidencia como uma rede contra-hegemônica pode promover uma ação cívica e contribuir para com demandas sociais e de interesse público. Sendo assim, os meios de comunicação alternativos encontraram no ambiente digital um espaço importante para a sua militância.

Diante do contexto abordado, observa-se que a comunicação no ambiente físico (geográfico) não se dissocia das práticas comunicativas nas plataformas digitais (MORAES, 2000; MAIA, R., 2011). Para Moraes (2000, p. 144) “embora a práxis virtual seja pautada por especificidades que a distinguem claramente dos meios convencionais, há uma relação de complementaridade com o real, que resulta na progressiva hibridação de recursos tecnológicos”. Com relação a essa perspectiva o autor entende que os processos não se anulam, eles se intensificam e se mesclam. Isto é, os ambientes *online* e *offline* não estão dissociados, eles se interligam e, como explica Maia, R. (2011), a interação na internet deve ser integrada ao ambiente físico, pois é uma forma suplementar das interações face a face.

²⁶ Segundo Amorim (2014), a mobilização deu início em 2012 e tinha como objetivo dar apoio ao sociólogo e jornalista Lúcio Flávio Pinto, que ainda hoje sofre perseguições por lutar pelos direitos de comunicação na Amazônia.

5 COLETIVO TELA FIRME: COMUNICAÇÃO E CIDADANIA NA PERIFERIA E NAS REDES DIGITAIS

Este capítulo é composto dos caminhos metodológicos deste trabalho. São eles que vão indicar o papel desempenhado pelos recursos de que dispõe o pesquisador no desenvolvimento e na qualidade dos resultados da pesquisa como cita Antônio Carlos Gil (2002, p. 18). É através da metodologia que se consegue ferramentas para a investigação e coleta de dados de forma fundamentada.

O capítulo traz ainda os mapeamentos e as análises dos vídeos alternativos e das ações de cidadania *in loco*. Sendo assim, representa uma das abordagens mais importantes deste trabalho, pois é neste momento que se alcançará os resultados da pesquisa, ou seja, a resposta para a questão problema e os objetivos traçados na investigação.

5.1 Caminhos metodológicos

A metodologia científica permite que através de métodos e técnicas o pesquisador possa ter subsídios na produção de um trabalho científico. Sendo assim, esta pesquisa consiste num estudo bibliográfico que segundo Gil (2002, p. 44) é desenvolvido com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Para Gil “a principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”. Vale ressaltar que a análise bibliográfica constitui grande parte desta pesquisa e por meio da técnica foi possível analisar conceitos fundamentais na investigação como a comunicação, por exemplo, que perpassa toda a discussão presente nesta dissertação.

Esta pesquisa consiste também na análise qualitativo-descritiva, que traduz uma metodologia de investigação que enfatiza a descrição, a teoria fundamentada e o estudo das percepções pessoais. Na pesquisa qualitativa “o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave” (KAUARK, MANHÃES, MEDEIROS, 2010, p. 32), e a “análise dos dados é indutivamente construída a partir das particularidades para os temas gerais e as interpretações feitas pelo pesquisador” (CRESWELL, 2007, P. 26). Por meio da referida metodologia as percepções começam a despontar no decorrer da investigação e em cada processo de construção que consiste no levantamento de dados, especificamente na pesquisa de campo, na qual vai ocorrer um contato maior com o objeto estudado.

A escolha da pesquisa qualitativa para essa dissertação se justifica como a forma pertinente para alcançar os resultados levantados na questão norteadora desta investigação que consiste em responder como são configuradas as práticas comunicativas dos jovens do *Coletivo Tela Firme* na periferia de Belém do Pará?

A hipótese levantada nesta investigação é de que as práticas comunicativas do *Coletivo Terra Firme*, tanto nas redes digitais quanto nas ações em *loco* nos bairros da periferia ajudam a estimular e promover o engajamento político-social das pessoas que vivem nesses espaços, de forma a contribuir com a ampliação de seus direitos de cidadania.

. Para se confirmar tal hipótese procura-se neste capítulo analisar as produções audiovisuais do *Tela Firme*, assim como as ações que este realiza na periferia, mas especificamente no bairro Terra Firme. Por isso, os objetivos elaborados nesta pesquisa têm como proposição realizar um mapeamento das ações e da produção audiovisual do Coletivo na periferia e nas redes digitais, além de identificar por meio da análise práticas comunicativas do grupo que representem alternativas de cidadania.

É importante destacar que tanto os vídeos, quanto as ações escolhidos para esta análise (já sinalizados neste trabalho) foram selecionados levando em consideração que se trata de trabalhos que trazem perspectivas ou levam a se pensar sobre questões como periferia, cidadania, juventude, educação, movimentos sociais, violência, etc. E como se pode perceber as referidas temáticas são discussões centrais desta investigação, pois estão intrínsecas nos referenciais teóricos dos capítulos conceituais da pesquisa.

Para alcançar tais objetivos, essa pesquisa trilhou em duas direções:

1) Mapeamento das ações realizadas na periferia e dos vídeos produzidos pelo *Coletivo Tela Firme* nos primeiros quatro anos de existência do grupo (2014 a 2018). O levantamento dos dados foi realizado desde 2016, tendo como resultado o mapeamento de todo trabalho do grupo (ações e vídeos) como veremos ainda neste capítulo. Para isso foi necessário realizar buscas nas postagens na página do grupo no *Facebook* e no canal do *Youtube*, entre outras ações e produções feitas pelos jovens do Coletivo, mas não foram publicizadas nas respectivas mídias sociais.

A construção do mapeamento consistiu num trabalho minucioso, no qual exigiu atenção, bastante leitura e revisão das publicações postadas pelo grupo. É importante ressaltar que no momento da pesquisa exploratória, realizada no período de agosto de 2015 a maio de 2016, identificou-se que por meio das postagens dos vídeos, o *Tela Firme* ganhou visibilidade dentro da comunidade onde atua e fora dela. Então, passou também a realizar ações na periferia como poderá ser constatado mais adiante. Além de conhecer as ações e produções

implementadas pelo Coletivo, por meio das buscas na página do *Facebook* e no canal no *Youtube* foi possível entender melhor o trabalho que os jovens desenvolvem.

Na pesquisa exploratória foi possível perceber ainda, a relação da produção audiovisual do *Tela Firme* com as ações que este desenvolve na periferia. Pois muitas dessas iniciativas são reproduzidas em vídeos, como a participação do grupo em uma das edições de “O Grito dos Excluídos”, manifestações populares que acontecem desde 1995, na semana em que se comemora a Independência do Brasil (7 de setembro) e que objetivam dar visibilidade aos excluídos da sociedade. Esse momento da pesquisa (levantamento de dados) foi fundamental para fazer o recorte do *corpus* de análise, isto é, definir as ações e vídeos a serem analisados.

2) A pesquisa de campo, que começou a ser realizada ainda em 2016 quando esta pesquisadora no mês de março (do referido ano) teve seu primeiro contato com Francisco Batista, idealizador do grupo. O encontro aconteceu na casa do comunicador popular, localizada na passagem Canaã, no bairro Terra Firme, em Belém do Pará. O espaço sempre foi utilizado pelo Coletivo para realização de reuniões e no início funcionava também como estúdio de gravação dos vídeos produzidos pelo grupo. Essa etapa da pesquisa foi fundamental para coleta de dados, pois é a partir do contato com o objeto pesquisado que se pode ter uma percepção mais clara de determinados aspectos da realidade como sugere Boni e Quaresma (2005).

De fato, no primeiro contato com o *Tela Firme* começou a se ter uma percepção sobre o trabalho do grupo e que se pretendia pesquisar. No caso, as produções audiovisuais dos jovens ativistas, provenientes da comunicação alternativa e do trabalho de cunho social que este desenvolve na periferia. A pesquisa exploratória na página do grupo no *Facebook*, no canal no *Youtube* e as entrevistas (que ainda serão melhor abordadas adiante) feitas com a equipe do *Tela Firme* também direcionaram a pesquisa.

É importante ressaltar que a coleta de dados foi feita por etapa e em cada encontro com o grupo as percepções desta pesquisadora em relação ao objeto pesquisado se tornavam cada vez mais claras em relação à proposta deste trabalho. Um exemplo, foi o encontro com os jovens ativistas no dia 12 de março de 2016, data em que o *Tela Firme* comemorava o terceiro ano de existência e atividade. Dessa vez, o contato foi praticamente com todos os membros do Coletivo. Na ocasião, cada um dos presentes manifestou o motivo que o levou a participar do grupo e o desejo de mudanças no bairro foi o que mais se revelou nos depoimentos dos jovens.

No segundo semestre de 2017 foram realizadas as entrevistas com cinco membros do *Coletivo Tela Firme*, Ingrid Silva (estudante), Francisco Batista (comunicador popular e geógrafo), Izabela Chaves (estudante), Mailson Souza (editor multimídia) e Vanessa Alves (estudante). As entrevistas aconteceram no período de 05 a 20 de julho do respectivo ano. Conforme Boni e Quaresma (2005) a entrevista é uma importante técnica de coleta de dados, na qual os pesquisadores buscam obter informações a partir do outro. Logo precisa de uma preparação, planejamento no que se refere a escolha do entrevistado, tendo em vista o alcance do objetivo a ser alcançado. Segundo as autoras por meio da entrevista é possível se obter ainda dados subjetivos, pois eles “se relacionam com os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 72).

O questionário foi o recurso utilizado nesta pesquisa para coleta de dados, sendo este elaborado com perguntas semi-estruturadas que “combinam perguntas abertas e fechadas, onde o informante tem a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto” (BONI; QUARESMA, 2005, p. 75) e de forma a explorar novas inquietações que de fato surgiram no momento das entrevistas.

As questões formuladas foram ganhando novos contextos a partir de cada entrevista. Pois, em meio à conversa com o grupo surgiram novas informações, como por exemplo, os vídeos que não chegaram a ser postados, assim como outras informações referentes a ações realizadas na periferia e que foram iniciadas a partir da interação do grupo nas redes sociais na internet. É importante ressaltar que os dados coletados nas entrevistas foram essenciais na abordagem que se fez sobre o objeto (*Coletivo Tela Firme*), pois assim como no conteúdo dos vídeos, nas falas dos jovens ficou claro que o grupo faz uma comunicação alternativa, por meio de um engajamento político-social na periferia. As entrevistas também contribuíram para as análises das ações do respectivo grupo na periferia e de sua produção audiovisual.

Frente ao exposto, optou-se pela análise de conteúdo, que segundo Bardin (1977) é um conjunto de técnicas de análise que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever e interpretar o conteúdo. Como sugere a autora, a função principal da Análise de conteúdo é o desvendar crítico da mensagem através do uso de inferências (quando a afirmação se dá a partir da compreensão e percepção do pesquisador), que permite com que o método deixe de ser apenas descritivo e passe a esclarecer as causas dessa mensagem.

Na concepção desta pesquisa a análise de conteúdo é válida para análise dos vídeos e das ações do grupo na periferia, considerando que além da introdução das inferências, que valoriza o aspecto qualitativo, o método é sistemático e destinado a investigar os fenômenos

por meio de várias técnicas de pesquisa como cita Fonseca Júnior (2005), como por exemplo, os recursos de informática.

No entanto, o autor é incisivo quando diz que mesmo na atualidade o pesquisador tendo como suporte recursos de informática, nenhuma tecnologia substitui uma ideia brilhante, pois para Fonseca Júnior (2005), o olhar e a percepção ainda são formas de avaliação reconhecidas. E como o objeto investigado nesta pesquisa abrange o audiovisual e as ações na periferia a técnica se apresenta pertinente para esta investigação, tendo em vista que por meio do método é possível avaliar criticamente o objeto estudado.

No que diz respeito às produções audiovisuais do Coletivo, após a seleção dos oito vídeos adotou-se um critério de decupagem do material, que consiste na transcrição do texto falado. Por meio dessa dinâmica foi possível identificar as categorias analíticas como periferia, cidadania, ativismo, etc. Os respectivos termos foram os que tiveram mais destaques na produção audiovisual analisada e também foram conceitos centrais nos capítulos teóricos.

Para definição das categorias analíticas das ações realizadas na periferia, que também têm relação com as identificadas na produção audiovisual, optou-se em observar o que mais se destacava nessas ações. Logo se constatou que termos como bairro, periferia, lugar, empoderamento, cidadania, jovens, violência, etc., tiveram mais relação com as atividades realizadas pelo *Tela Firme*.

A pesquisa foi realizada no bairro Terra Firme, periferia da capital paraense, lócus de atuação do *Coletivo Tela Firme*. Um lugar carregado de significados e subjetividades e que ultrapassam conceitos socialmente e historicamente impostos sobre o bairro e sobre a população que vive no local.

5.2 Mapeamento da produção audiovisual

Desde o início, mesmo quando o *Coletivo Tela Firme* ainda era apenas uma ideia, a proposta do grupo sempre teve como objetivo a criação de vídeos que tratassem das mais diferentes temáticas relacionadas ao bairro Terra Firme como a cultura local (festividades, pontos de memória do bairro, festas nas paróquias e de aparelhagem) e o dia a dia da comunidade (comércio, transporte, feira, etc.). Isto é, o desejo do Coletivo era destacar “as coisas boas” que existem no lugar como enfatizaram os jovens do grupo no segundo capítulo desta pesquisa. Porém, logo após a produção dos primeiros vídeos, eles perceberam a necessidade de uma abordagem sobre as problemáticas que existem na comunidade como a falta de infraestrutura básica do local, as desigualdades sociais e a violência.

A gente falou [...] as pessoas estão cobrando da gente, mas isso não está (digamos assim) na nossa cartilha. Nós vamos atuar nisso também? Vamos porque é uma necessidade, né? Não vamos nos omitir (como eu falei). A gente não ia deixar de enxergar isso. Primeiro que isso é um dos grandes problemas do nosso bairro, né?. (SOUZA, 2017)²⁷.

Diante disso, o *Tela Firme* passou a trazer em suas produções temáticas mais polêmicas, denúncias contra as mazelas do bairro. Segundo Vanessa Alves, o grupo passa por transformações o tempo todo para poder atender à demanda.

Porque não tem como a gente só se manter numa proposta, numa ideia é muita demanda é muita coisa que vem chegando pra gente e agente acaba aderindo aquilo e acaba nos reformulado. Conforme o tempo vai passando a gente vai se moldando também, até mesmo no formato do programa. (ALVES, 2017)²⁸.

Com isso, sempre que possível o *Tela Firme* produz vídeos curtos, que eles denominam como vídeos de bolso, e que as pessoas podem acessar até mesmo de um aparelho de celular. Os referidos vídeos podem ser identificados no quadro 3 (abaixo), como também outras produções feitas pelo grupo em parcerias com movimentos, ONGs, instituições e tantas outras iniciativas engajadas em causas sociais. O intuito da construção do mapeamento é acompanhar a trajetória da equipe nesses três primeiros anos de atuação.

²⁷ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

²⁸ ALVES, Vanessa. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

Quadro 3 - Mapeamento de vídeos do Coletivo Tela Firme publicados (2014 a 2018)

PRODUÇÃO	2014	2015	2016	2017	2018	DESCRIÇÃO DO VÍDEO
Carnaval	06 mar.	-	-	-	-	Vídeo inaugural que mostra um pouco da tradição do carnaval no bairro, dando ênfase à festa realizada na rua e também à tradição cristã.
Terra Firme	24 abr.	-	-	-	-	Minidocumentário sobre o bairro Terra Firme,
Apitaco contra o tráfico humano	03 jul.	-	-	-	-	Cobertura do Apitaco Contra o Tráfico Humano, ocorrido em 22 de junho de 2014, na praça da república. Iniciativa da Comissão Justiça e Paz da CNBB com a participação de grupos e lideranças da Terra Firme.
“Gente Firme”	07 set.	-	-	-	-	O vídeo evidencia o bairro a partir do olhar de quem vive no espaço.
Tela Firme nas eleições 2014 – Marco Carrera PSOL	18 set.	-	-	-	-	1º vídeo da série de entrevistas feitas com os candidatos ao governo do Estado do Pará. Primeiro candidato entrevistado.
Tela Firme nas eleições 2014 – Helder – PMDB	20 set.	-	-	-	-	Entrevista com segundo candidato às eleições para o governo do Pará em 2014.
Tela Firme nas eleições 2014 – Elton Braga-PRTB	22 set.	-	-	-	-	Entrevista com terceiro candidato às eleições para o governo do Pará em 2014.
Tela Firme nas eleições 2014 – Marco Antonio – PCB	25 set.	-	-	-	-	Entrevista com quarto candidato às eleições para o governo do Pará em 2014.
Tela Firme nas eleições 2014 – Zé Carlos – PV	01 out.	-	-	-	-	Entrevista com quinto candidato às eleições para o governo do Pará em 2014.
Tela Firme nas eleições 2014 – Jatene – PSDB	02 out.	-	-	-	-	Entrevista com sexto candidato às eleições para o governo do Pará em 2014.
Tela Firme nas eleições 2014 – Luciana Genro -	03 out.	-	-	-	-	Entrevista com a candidata do Partido dos Trabalhadores (PT) à eleição presidencial de 2014.

Imagem peregrina no círio	10 out.	-	-	-	-	Visita da imagem peregrina de Nossa Senhora de Nazaré à Paróquia de Santa Maria de Belém no bairro da Terra Firme.
“O grito dos excluídos”	14 nov.	-	-	-	-	Participação do <i>Coletivo Tela Firme</i> na cobertura da 20ª edição do “Grito dos Excluídos” .
“Poderia ter sido você”	-	06 jan.	-	-	-	O vídeo narra quatro chacinas ocorridas em Belém, Tapanã, Santa Izabel e Icoaraci .
Eleições unificadas para o conselho tutelar	-	09 mar.	-	-	-	Este vídeo é um produto do Grupo de Trabalho Interinstitucional sobre o Processo Unificado de Escolha de Conselheiros Tutelares que teve apoio do <i>Tela Firme</i>
Tela Firme no Paranóia	-	11 mai.	-	-	-	Participação do grupo no programa Paranóia.
A bola da vez	-	03 set.	-	-	-	O Vídeo denuncia a extinção de um campinho de futebol que ficava às margens da Perimetral, por conta das obras da segunda fase da duplicação da Avenida.
Eleições Unificadas para Conselho Tutelar – 1	-	23 set.	-	-	-	O vídeo foi produzido pelo <i>Tela Firme</i> em parceria com a Escola de Conselho da UFPA .
Eleições unificadas para o conselho tutelar -2	-	23 set	-	-	-	O vídeo foi produzido pelo <i>Tela Firme</i> em parceria com a Escola de Conselho da UFPA .
Eleições unificadas para o conselho tutelar -3	-	28 set	-	-	-	O vídeo foi produzido pelo <i>Tela Firme</i> em parceria com a Escola de Conselho da UFPA .
O Sol não é quadrado	-	2 out.	-	-	-	O vídeo retrata o universo de adolescentes que cumprem medidas socioeducativas. Foi produzido pelo Instituto Universidade Popular – Unipop apoio do <i>Tela Firme</i> .
“Belém: 400 anos de gueto. Periferia atenta!”	-	-	12 jan.	-	-	Vídeo-manifesto sobre os 400 anos de Belém. Produzido pela Facom com apoio de grupos, coletivos e movimentos sociais. Tela Firme apoiou as ações e teve participação na referida produção.

“Viva melhor sabendo Jovem”	-	-	08 Abr.	-	-	Vídeo institucional sobre a Unicef e Projeto Viva Melhor Sabendo Jovem do PCU
Ocupação Escola Brigadeiro Fontenelle	-	-	25 nov	-	-	A ocupação da escola Brigadeiro Fontenelle é um dos trabalhos mais recentes do <i>Coletivo Tela Firme</i> e representa a reação de estudantes diante da falta de infraestrutura na instituição e também contra a Proposta de Emenda Constitucional (PEC-55) do Governo Federal.
Visibilidade Trans	-	-	-	29 jan	-	Vídeo produzido pela Rede Paraense de Pessoas Trans em parceria com Coletivo Tela Firme fazendo alusão ao dia nacional da Visibilidade Trans no Brasil (29 de janeiro).
Feira da Terra Firme	-	-	-	28 out.	-	Vídeo mostra uma das feiras do bairro Terra Firme: mercado de peixe, ervas, frutas, as pessoas, etc.
Favela pede paz	-	-	-	30 out.	-	Uma produção musical que revela a vida na periferia ou quebrada como o grupo se refere.
Vestibular	-	-	-	-	29 jan.	Um vídeo produzido para homenagear candidatos da periferia aprovados na Universidade Federal do Pará, através do Exame Nacional do Ensino Médio.

Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os 28 vídeos listados no mapeamento acima foram produzidos por iniciativa do *Tela Firme* ou feitos em parcerias com outros grupos e instituições como o Instituto Universidade Popular - UNIPOP. No vídeo “O sol não é quadrado” produzido pela Unipop, por exemplo, o Coletivo teve apenas participação. O referido trabalho evidencia a realidade de adolescentes em conflito com a lei, e que, por isso cumprem medidas socioeducativas. O trabalho também faz críticas à Proposta de Emenda Constitucional, a PEC 171/93, referente à Redução da Menor Idade Penal.

É importantes ressaltar que alguns vídeos e documentários produzidos pelo Coletivo não foram publicados na internet. Como esclareceu Francisco Batista, esses trabalhos (ver quadro 4), são vídeos especiais que exigem uma maior produção. Logo, ainda estão inacabados, com exceção da Coleta de Emaús, que já foi apresentado à comunidade do bairro do Bengui em 2017.

Quadro 4 - Mapeamento de vídeos do Coletivo Tela Firme não publicados

Produção	2014	2015	2016	Descrição do vídeo
Paixão de Cristo	X			O vídeo é um registro de uma das apresentações do grupo de teatro JAVE.
Documentário sobre o Canal do Tucumduba			X	O documentário irá mostrar a realidade dos canais que compõem o Rio Tucunduba, além da realidade de quem mora em suas proximidades
“A Grande Coleta de Emaús”		X		O vídeo fala sobre a Campanha de Coleta promovida pelo Movimento de Emaús, que mobiliza coletivos e movimentos de diversos bairros de Belém

Fonte: Lira, 2017.

Como se observa, no quadro 4, entre fevereiro a outubro de 2016, com exceção das produções com os parceiros, o *Tela Firme* não lançou vídeos novos. A falta de equipamentos para fazer as gravações foi um dos entraves que repercutiu para a baixa na produção audiovisual do grupo. “[...] a gente quer fazer algo assim grande, magnífico, mas a gente olha pro nosso material e ver que estamos limitados, entendeu? Isso dificulta muito o nosso trabalho, naquilo que a gente se propôs no início, que é o audiovisual” (SOUZA, 2017)²⁹.

A criação de vídeos curtos foi a alternativa que o grupo encontrou para continuar com a sua produção audiovisual, além das ações na periferia, que se apresentam com grande relevância, como poderá ser constado ainda nesta análise. Segundo Mailson Souza, apesar do trabalho ativo em escolas e em comunidades de bairros periféricos de Belém, especificamente da Terra Firme, a pretensão do grupo não é deixar de lado a produção audiovisual. Como

²⁹ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

explicou o ativista, a criação de vídeos mais produzidos já está nos projetos futuros do *Coletivo Tela Firme*. Como disse Francisco Batista, a intenção do grupo consiste, entre outras iniciativas, em criar quadros valorizando Coletivos que atuam no bairro como o movimento de mulheres que luta em defesa do Rio Tucunduba³⁰.

Conforme já foi destacado nesta pesquisa, após a dinâmica de gravação o grupo utiliza as redes sociais na internet para divulgar a sua produção audiovisual, como também as ações de movimentos, organizações e outras frentes de mobilização que lutam pelos direitos dos cidadãos, pela autonomia do sujeito e por igualdade na sociedade de forma geral, e que também são articulados nas redes digitais. Um espaço que não se dissocia do ambiente físico e que é muito utilizado pelo coletivo de jovens da Terra Firme em seu ativismo político-social.

5.2.1 A experiência virtual do *Coletivo Tela Firme*

A escolha do *Coletivo Tela Firme* pelo ativismo na rede digital pode ser compreendida dentro da perspectiva do potencial que a plataforma pode oferecer como destacam Castells (1999, 2003, 2005), Lévy (1999) e Lemos (2006). Como por exemplo, a rápida difusão da informação, a acessibilidade, adaptabilidade, entre outras características que tornam o meio um locus para divulgar os mais diversos trabalhos, sejam eles de caráter político, educativo, cultural e/ou social, como a ação desenvolvida pelo *Tela Firme*. A produção audiovisual pode ser encontrada no canal do *Youtube* e na página do *Facebook*. Ver fig. 5 e 6 abaixo.

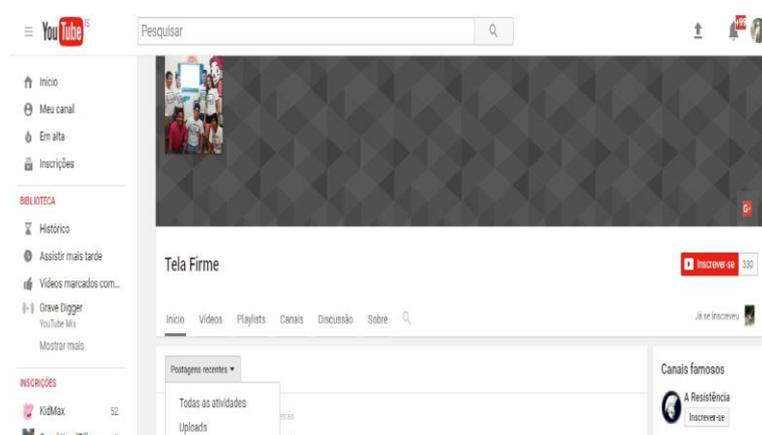
Figura 5 - Imagem da página do *Coletivo Tela Firme* no Facebook.



Fonte: fanpage do *Coletivo Tela Firme*. (Facebook, 2017).

³⁰ A bacia do Tucunduba está localizada na área central da cidade de Belém, é segunda maior bacia urbana do município e formada por doze canais urbanos localizados em área de grande adensamento populacional.

Figura 6 - Imagem do canal que o Coletivo Tela Firme criou no YouTube.



Fonte: canal do *Tela Firme* no *Youtube* (2017).

Quando o *Tela Firme* começou a se articular, o *Facebook* foi a primeira opção encontrada para divulgar o trabalho do grupo. Segundo Mailson Souza a ideia era postar a logo do grupo na respectiva mídia social e criar uma expectativa nas pessoas que acessassem a página. “Criamos a *fanpage*³¹ e ninguém falava o que era o *Tela Firme*, botava a nossa logo e falava “aguardem vem aí!. Sabe aquela coisa bem varejão mesmo?” (informação verbal)³². No entanto, as postagens dos vídeos foram feitas inicialmente no canal que o grupo criou no *Youtube*, mas na concepção de Vanessa Alves, a *fanpage* acabou sendo a ferramenta mais indicada pelos recursos que oferece.

Quando a gente começou a postar os vídeos no *Youtube*, a gente tinha que tá compartilhando link e convidando a galera a assistir e tal e isso dava um pouquinho de trabalho e nem todo mundo tinha paciência de tá abrindo link e tal e tá indo assistir o vídeo no *Youtube*. Então a gente acabava perdendo visualização por causa disso. Aí a gente veio com a alternativa da página, que na página, passou na *timeline* o vídeo já abria automaticamente, a galera se interessava e já começava a assistir. (ALVES,)³³.

Até o dia 28 de janeiro de 2018, a página no *Facebook* do *Tela Firme* já tinha cerca de seis mil acessos (5.956 curtidas e 5.952 seguidores). Já no canal do *Youtube* foram 362 inscritos. Para o Coletivo, as visualizações e os acessos na página e no canal são de grande importância, pois a partir delas é possível perceber se o trabalho despertou interesse do público. Mas vale esclarecer que a intenção do grupo ao fazer as postagens não necessariamente se limitou em medir o nível de aceitação (claro, que não os jovens não

³¹ *Fanpage* ou página de fãs trata-se de uma página específica dentro do *Facebook* que pode ser criada por empresas ou qualquer iniciativa com ou sem fins lucrativos de forma a permitir que clientes ou usuários do sistema possam interagir na rede social.

³² SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

³³ ALVES, Vanessa. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

desconsideraram o grande acesso e visualizações dos vídeos), e sim atingir um público alvo como menciona Francisco Batista.

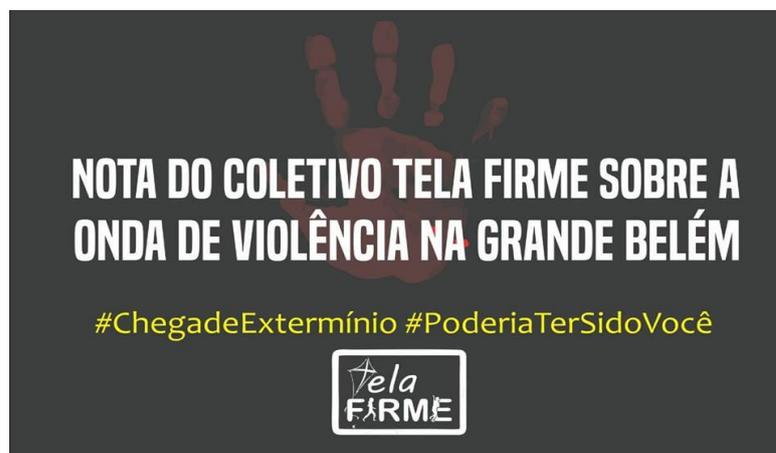
Nós não temos a massa, nós temos um público que está atento as questões, e de uma certa forma, ele se expande um pouco além daquilo que é, digamos um grupo de militantes. Mas vai além, vai um colega da escola do amigo, do colega da igreja, do movimento. Acho que alcança isso. (BATISTA, 2017)³⁴.

E para atingir esse público, o grupo procurou criar estratégias, como por exemplo, mudar o formato dos vídeos como poderá ser constado na análise da produção audiovisual do *Tela Firme* (item 4.4) e em suas ações (item 4.5). Mas a falta de equipamento tem impossibilitado a produção mensal de vídeos, com isso o Coletivo passou a utilizar a página do *Facebook* para destacar outros meios de atuação na periferia, como explica Vanessa Alves.

Com o problema da gente não tá produzindo muito o vídeo, aí veio a alternativa de tá produzindo a matéria escrita. Ah! Participei de um ato que tava falando sobre chacina, sobre isso, sobre aquilo, vamos produzir, vamos fazer uma matéria, uma nota alguma coisa e postar. Que isso também, de uma certa forma movimenta a página, a galera acompanha e tal. Então é aquilo que eu tava falando, a gente vai se moldando na medida do possível no que a gente pode a gente tá indo e se inserindo e tentando compensar. (ALVES, 2017)³⁵.

A nota de repúdio criada pelo *Tela Firme* como forma de reivindicação contra as chacinas ocorridas na capital, no primeiro semestre de 2017 é um exemplo de uma estratégia de participação pensada pelo grupo. E diante do grande índice de violência registrado no período citado, o Coletivo não poderia deixar de se manifestar. Ao total foram 45 assassinatos ocorridos na grande Belém e região metropolitana nos meses de janeiro, abril maio e junho. Crimes bárbaros e sem precedentes. Um dos casos teve como vítimas quase trinta pessoas de vários bairros da periferia de Belém. E essa barbárie ocorreu em um único final de semana.

Figura 7 - Imagem e nota do Coletivo Tela Firme sobre chacinas corridas em Belém



Fonte: Coletivo Tela Firme (Facebook, 2017).

³⁴ BATISTA, Francisco. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 16 de jun. de 2017.

³⁵ ALVES, Vanessa. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

Na referida nota, como pode ser contactado abaixo, o Coletivo denuncia a omissão do poder público com relação à criminalidade que se instalou na capital paraense no período mencionando anteriormente.

Na tarde e noite desta quinta-feira (20 de janeiro) vivemos mais uma vez uma série de execuções em vários bairros de periferia da região metropolitana de Belém após a morte do soldado Silva, policial militar da ROTAM. Os meios de comunicação falam em 27 mortes até a noite de ontem. Mesmo após a repercussão da chacina de 2014 e a conclusão da CPI dos grupos de extermínio que obrigou o governo do estado a reconhecer a existência de tal poder paralelo no Pará, nenhuma medida efetiva foi tomada e os assassinatos nos bairros pobres de Belém não pararam. O fato de ontem é apenas reflexo do que sempre acontece: morre um PM e em seguida ocorre uma série de assassinatos. Até quando? O Tela Firme, como grupo de mídia popular alternativa, repudia qualquer tentativa de sensacionalismo que se utiliza das mortes ocorridas com o fim de propagar ódio que também contribui para a onda de violência que tira a vida de várias pessoas todos os dias. O extermínio da população negra e pobre das periferias é algo que tem que ser tratado com toda a seriedade possível com o objetivo de achar uma saída que ponha fim a essa guerra. Assim como o vídeo "Poderia ter sido você" foi construído com o objetivo de mostrar a realidade das periferias e denunciar o extermínio da juventude após a chacina de 2014, precisamos que os meios de comunicação possam também denunciar o descaso e barbárie que vive a maioria da população e que ao invés de tentar justificar qualquer tipo de morte possa também pressionar e cobrar a responsabilidade que o governo do estado e os órgãos competentes precisam ter com essa onda de violência. Esses fatos só nos dão a certeza que o nosso MODELO DE SEGURANÇA PÚBLICA ESTÁ FALIDO E ULTRAPASSADO e esse debate precisa ser feito com toda a sociedade. Não diminuiremos a violência com um modelo totalmente repressivo, opressor, que tem a população da periferia como inimigos e como origem dos problemas sociais. A segurança pública precisa ter como princípio a dignidade humana e o bem estar social diretamente ligado a políticas públicas onde o estado garanta educação, formação profissional, espaços de lazer e sociabilidade, assim como não teremos êxito em um modelo de segurança que explora seus trabalhadores com péssimos salários e condições de trabalho deploráveis fazendo com que coloquem em risco suas próprias vidas todos os dias pois essa também é a infeliz realidade do policial militar. O coletivo *Tela Firme* defende fundamentalmente uma cultura de paz e essa paz só virá com uma justa distribuição de renda e universalização dos direitos sociais. Por fim, o coletivo *Tela Firme* se solidariza com os familiares e entes queridos das pessoas mortas em diversos bairros da região metropolitana de Belém durante a tarde e noite de ontem, assim como os familiares do PM Silva, morto ontem pela manhã. Também chamamos a sociedade civil organizada a se manifestar contra a onda de violência que só tem crescido em nossa capital. Pedimos justiça também para os assassinatos ocorridos na chacina de 2014 (onde os processos de investigação estão parados na justiça) assim como de todas as mortes que acontecem todos os dias nas periferias. O direito à vida é o principal direito humano! (Tela Firme, 2017)³⁶.

A manifestação do *Tela Firme* por meio de notas é mais uma forma que o grupo encontrou de fazer suas denúncias e mostrar o seu posicionamento diante das opressões sofridas por episódios como o citado acima e tanto outros que acontecem na periferia e que são tratados na maioria das vezes apenas como uma notícia factual. No entanto, como pode

³⁶ Tela Firme. Nota publicada na página do *Coletivo Tela Firme* no Facebook, 2017.

ser observado no texto citado (acima), há um forte apelo do grupo contra a omissão do poder público diante da realidade de violência em espaços segregados, como a periferia. A utilização da página do *Facebook* para publicação de notas e divulgação de eventos realizados no bairro tem relevância e tem sido uma estratégia para continuar o ativismo na rede digital, mas segundo Francisco Batista, a comunidade também cobra do grupo mais postagens de vídeos como era feito no primeiro ano de criação do grupo.

A gente é acionado, as pessoas reivindicam o nosso “retorno” com aqueles moldes de TV e tal. Então, a gente que retomar um pouquinho não como TV aquela estrutura de apresentador, mas retomar os vídeos o audiovisual, mas continuar também com o que nós já estamos fazendo articular com os movimentos sociais e postar matéria na nossa *fanpage*. (BATISTA, 2017)³⁷.

Os jovens que participam do Coletivo são enfáticos ao afirmarem que conciliar um trabalho voluntário e sem recursos é uma tarefa árdua, mas apesar das barreiras a intenção é continuar com as atividades, que tanto têm fortalecido os membros do grupo, como outros moradores que têm acesso aos vídeos ou participam de alguma ação do *Tela Firme* na comunidade.

5.3 Mapeamento das ações na periferia

Como já foi exposto, quando o *Coletivo Tela Firme* foi criado tinha como proposta inicial a produção de vídeos caseiros com temas que dessem destaque ao bairro Terra Firme, que é marginalizado pela grande mídia. Um estigma que segundo Goffman (2002) permite com que se pense no indivíduo dentro dessa coletividade. A percepção do autor leva a se refletir sobre os jovens que atuam no *Tela Firme*, já que todos são moradores do bairro, logo também são atingidos pelo conceito negativo imposto ao lugar. Essas mesmas pessoas sabem também que lá existe uma realidade que é comum em qualquer outro bairro (seja no centro ou não periferia) como o bate papo na praça, o dia a dia na feira, o movimento intenso no comércio local, apesar da violência. Além das ações sociais e comunitárias, dos movimentos sociais e de outras frentes que sempre estão ativas no espaço e que buscam melhorias para comunidade na qual vivem.

Nessa perspectiva, o *Coletivo Tela Firme* desenvolve ações com outros movimentos que também atuam no bairro Terra Firme como o Grupo de Ouro Nacional (GON), as Paróquias e as escolas do bairro como a Brigadeiro Fontenelle, por exemplo. O que se observa é que essas articulações permitem maior aproximação das pessoas que atuam no *Tela Firme*

³⁷ BATISTA, Francisco. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 16 de jun. de 2017.

com a população tanto do bairro, quanto de comunidades de outras áreas de periferia. E essa interação só tem fortalecido o Coletivo, pois sempre que acontece alguma mobilização nesses espaços o grupo é convidado a participar. “Antes era só a Terra Firme, depois eram várias instituições, movimentos que vinham dizer: ‘a gente quer que vocês venham aqui, a gente quer que vocês dêem essa cobertura pra gente’” (informação verbal)³⁸.

O Coletivo também atua em parceria com outros movimentos, entidades, ONGs e instituições públicas e privadas, que realizam trabalhos sociais, educativos e de conscientização na periferia como a Comissão de Justiça e Paz da CNBB, a Universidade Federal do Pará (UFPA) e o Instituto Universidade Popular (Unipop). Os atores sociais citados agregam às suas causas problemáticas relacionadas à realidade da periferia como a discriminação, o preconceito e as desigualdades sociais e que são comuns em bairros como o Terra Firme. Sabe-se que o envolvimento da sociedade civil na realidade desses espaços é crucial no sentido de fortalecimento das comunidades e na luta pela garantia de direitos dos cidadãos, como explica José Francisco.

Nós estamos num espaço segregado que é um bairro de periferia. Então, não tem como estar dentro desse espaço sem falar da problemática que existe nesse espaço. E quando você fala da problemática você tem uma relação de identidade com os outros movimentos de reivindicação também. (BATISTA, 2017)³⁹.

Essa interação com a comunidade e com outros grupos, movimentos resultou nas ações e parcerias mapeadas durante esses quase quatro anos de atuação do grupo, como pode ser identificado no mapeamento abaixo, construído no período de agosto de 2017 a janeiro de 2018.

³⁸ LOUZEIRO, Ingrid. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 5 de jul. de 2017.

³⁹ BATISTA, Francisco. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 16 de jun. de 2017.

Quadro 5 - Mapeamento das ações do Coletivo Tela Firme na periferia (2014 a 2017)

Parcerias e ações do Tela Firme	Evento	Período
Escola de Samba Rosas da Terra Firme	Participação em programações culturais no bairro Terra Firme.	Trabalho contínuo desde 2014
Grupo de Ouro Nacional (GON)	Participação em palestras, coletas, etc.	Trabalho contínuo desde 2014
Comissão de Justiça e Paz da CNBB	Participação no mutirão de grafite com o tema “Arte pela juventude viva”, evento realizado em 2015.	Trabalho contínuo desde 2014
Instituto Universidade Popular – Unipop: Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia	Participação em palestra com o tema “Governança na internet”.	Trabalho contínuo desde 2014
Boi Marrozinho	Participação em ações para melhorias do bairro Terra Firme (saúde, educação, saneamento e cultura).	Trabalho contínuo desde 2014
Coletivo Casa Preta	Participação em ações para melhorias do bairro Terra Firme (saúde, educação, saneamento e cultura).	Trabalho contínuo desde 2014
Paróquia Santa Maria	Participação em palestras, ações sociais e comunitárias, etc.	Trabalho contínuo desde 2014
Instituto de Estudos Superiores da Amazônia	Participação em bate papo com alunos da instituição.	mar./2014
Escola Mário Barbosa	Apresentação do documentário “Terra Firme”.	abr./2014
Projeto Jovens Comunicadores da Amazônia – Unipop	Participação em oficina de governança na internet.	abr./2014
Grupo de teatro JAVE	Participação na organização da encenação “Paixão de Cristo”.	mar. / 2014
Centro de Pesquisa do Museu Emílio Goeldi	Debate com alunos da Escola Brigadeiro Fontenelle sobre projetos sociais a atuação de grupos no bairro Terra Firme comprometidos com a comunidade.	jun. /2014
Ato copa, sala, cozinha Terra Firme Brasil	Participação em manifestação contra a corrupção, desigualdade e violência em prol da saúde, educação, saneamento e cultura.	jun./2014
Pastorais sociais da igreja católica e movimentos sociais	Participação 20º “Grito dos Excluídos”.	set./2014
Comissão de Justiça e Paz da CNBB	Debate com o tema “Política na praça”, reflexão crítica sobre o bairro Terra Firme, eleição, etc.	set./2014
Movimento de Emaús	Participação na coleta realizada na Campanha do Emaús.	out./2014
Campanha contra o Extermínio na Periferia (realização <i>Tela Firme</i>)	Manifestação chacinas ocorridas na periferia.	nov./2014

Fundação Unibanco	Bate papo no estúdio do <i>Tela Firme</i> .	nov. /2014
Organização Quilombo Raça e Classe ligada ao CST Conlutas	Participação na II Marcha da Periferia (contra o extermínio na periferia).	nov. /2014
Vigília pela Vida	Ato em memória aos mortos na chacina de novembro de 2014.	dez./2014
Assembleia Legislativa do Pará – Alepa	Programação do Dia Internacional dos Direitos Humanos.	dez./2014
Brigadeiro Fontenelle	Debate sobre redução da maioria penal.	dez./2014
Periferia Iluminada	Ornamentação da Rua Samaumeira, bairro Terra Firme. Iniciativa da moradora Dora que decora a rua com material reciclável.	dez./2014
Caravana da Paz/ Comissão Justiça e Paz da Terra Firme	Reunião com representantes do Estado e da Prefeitura Municipal de Belém para cobrar políticas públicas para o bairro Terra Firme	dez./2014
Ação Comunitária	Ação Social Solidária na Praça Tenente Souza, no bairro Terra Firme	dez./2014
Projeto Azuelar	Genocídio da Juventude Negra	dez./2014
Igreja Matriz do bairro Terra Firme	Apresentação do vídeo “Poderia ter sido você” à comunidade	jan. /2015
Campanha contra o extermínio na periferia	Manifesto em frente a Assembleia Legislativa do Estado e Ministério Público	fev./2015
Tribunal Regional do Trabalho de Belém – TRT	Participação na Marcha contra o trabalho infantil em Belém	mar./2015
Paróquia São Domingos no bairro Terra Firme	Programação em comemoração ao primeiro ano de existência do <i>Tela Firme</i> e contou com diversas atividades culturais	mar/2015
Juntos e Unipop (projeto Jovens Comunicadores da Amazônia)	Participação de um cine debate com o tema “Direito Humano à comunicação”	mar. /2015
TV Brasil	Participação na produção de matéria especial sobre chacinas intituladas "Uma guerra sem heróis" do Programa Caminhos da Reportagem	abr/2015
Coletivo de Grafiteiros e MCs da Batalha de São Brás	Mutirão de grafite contra chacinas e redução da maioria penal realizada na Av. perimetral, em frente ao Colégio NPI. (Realização Tela Firme)	abr/2015
Ação no bairro Tapanã	Participação em manifesto contra o extermínio da juventude na periferia e em alusão aos seis meses da chacina de Belém	mai./2015

(novembro de 2014)		
Caravana da Paz do bairro Terra Firme	Participação no I Simpósio da Caravana da Paz com o tema “Se reduzir, resolve?”	mai./2015
Ibram, UIPP, UFPA e mais seis parceiros	Participação na programação da 13ª Semana de Museus.	mai./2015
Solar da Beira	Participação em roda de conversa no Solar da Beira.	mai./2015
Movimentos culturais do bairro Terra Firme	Cortejo cultural da Terra Firme - Cultura da Periferia e de resistência negra.	nov./2015
Pipas pela paz	Ação Contra o extermínio da juventude na periferia.	jul./2015
Frente paraense contra a redução da maioria penal	Participação em programação de 25 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente –ECA com o tema “Ver a verdade da redução”	jul./2015
Bola da vez	Cobertura do protesto contra a destruição do campinho à margem da Avenida Perimetral. (Realização Tela Firme).	ago./2015
Realização <i>Tela Firme</i>	Ação contra o extermínio da juventude nas periferias – 10 meses de chacina em Belém. (Mercado de São Brás).	set./2015
Pastorais sociais da igreja católica e movimentos sociais	Participação 21º “Grito do Excluídos”.	set./2015
Escola Mário Barbosa	Bate papo com estudantes da instituição.	set./2015
Movimento de Emaús	Participação abertura da coleta feita pelo Emaús – Tema “Caminhada por uma JUVENTUDE VIVA”	set./2015
Torcida Azulina	Apoio em ação solidária no dia das Crianças.	out./2015
Paróquia São Domingos de Gusmão	Ato por justiça - um ano de chacina de Belém	nov./2015
ONG Icoaraci Periferia	Participação em Ato Público – quatro anos de chacina em Icoaraci.	nov./2015
Movimento Nacional de Juventude –Juntos	Participação em palestra - Protagonismo da Juventude frente à crise e o conservadorismo.	dez./2015
Faculdade de Comunicação da UFPA – Facom	Participação na produção do vídeo “400 anos de Belém sob o olhar do Gueto – Periferia atenta”.	jan./2016
Realização <i>Tela Firme</i>	Bloco da Justiça e Paz - Ato lúdico político com famílias das vítimas de chacinas.	fev./2016
Diretório Central dos Estudantes – DCE da UFPA	Participação em debate sobre mídias alternativas.	abr./2016
Unicef e Projeto Viva Melhor Sabendo Jovem do PCU	Participação na programação que culminou com a gravação de vídeo institucional	abr./2016
Facom, Agência Divulga, Unipop	Participação em roda de conversa sobre "Grande Mídia e a crise política do Brasil", realizada na Paróquia São	abr./2016

Domingos, no bairro Terra Firme.		
Realização <i>Tela Firme</i>	Mobilização população no bairro Terra Firme contra obras inacabadas (Celso Malcher e Tucunduba)	mai./2016
DCE da UFPA	Participação em debate sobre o tema juventude negra da periferia.	mai./2016
Fa.vela – Organização de empreendedorismo e inovação de comunidades de baixa renda	Participação em evento organizado na escola Brigadeiro Fontenelle	jun./2016
Mulheres Contra Temer	Apoio na manifestação que aconteceu nas ruas de Belém.	jun./2016
Juntos, CEDENPA, UNIPOP, entre outros parceiros	Participação em roda de conversa e oficinas sobre identidade negra e combate ao racismo.	jun./2016
Centro de pesquisa do Museu Emílio Goeldi e Ponto de Memória do bairro Terra Firme	Apoio na iniciativa de construção de um jardim às margens da Avenida Perimetral.	jun./2016
Rafael Lima, Bloco Firme, coletivos culturais e alunos de escolas do bairro Terra Firme	Participação na Marcha rumo à ponte do Tucunduba, em protesto à chacina ocorrida em novembro de 2014 em Belém.	jun./2016
Movimento das Mulheres Negras de Belém	Marcha ao dia Internacional da Mulher Negra Latino-Americana e Caribenha que representa um marco internacional da luta e resistência da mulher negra contra a opressão de gênero, racismo, machismo e exploração de classe.	jun./2016
Pastorais sociais da igreja católica e movimentos sociais	Participação 22º “Grito dos Excluídos”	set./2016
Comunidade do bairro Terra Firme	Apoio a ato público para denunciar o abandono de uma creche pública no bairro Terra Firme	set./2016
Paróquia São Domingos (realização <i>Tela Firme</i>)	Roda de conversa na Paróquia São Domingos bairro Terra Firme. Tema: Violência: o que podemos fazer para nos defender?	nov./2016
Escola Brigadeiro Fontenlle	Cobertura da ocupação de alunos na instituição.	nov./2016
Rede Paraense de Pessoas Trans	Cobertura da Campanha de visibilidade trans em Belém.	jan./2017
Ame o Tucunduba	Divulgação da oficina de plantio de mudas no bairro Terra Firme.	jan./2017
I Conferência da Cultura Terra Firme	Participação na organização do evento	mar./2017
Cedenpa, Juntos e outros parceiros	Manifestação contra o extermínio da juventude preta em Belém.	mar./2017
Trabalhadores de várias categorias (professor, polícia civil, bancário, estudantes, etc.)	Registro da Greve Geral no centro de Belém	abr./2017

Anistia Internacional do Brasil	Participação na Campanha “Jovem Negro Vivo em Belém”	mai./2017
DCE da UFPA	Participação em debate sobre “Racismo Institucional e segurança na UFPA”.	mai./2017
Agência de notícias Jovens Comunicadores da Amazônia	Troca de experiência com jovens comunicadores de do Estado de Tocantins.	mai./2017
Cine debate com a comunidade	Participação em mesa de debate	jun./2017
Faculdade de Estudos Avançados do Pará – Feapa	Bate papo com alunos da instituição	ago./2017
JCA da Unipop, CEDENPA, Fundo Brasil de Direitos Humanos e outros coletivos e movimentos	Participação em Audiência Pública com o tema: “Extermínio da Juventude negra”	set./2017
Ame o Tucunduba	Divulgação de ação do movimento: limpeza do Rio Tucunduba	set./2017
Escola Maria Estellina Valmont	Feira de Cultura e bate papo com alunos da instituição.	set/2017
Unipop	Participação no seminário “Educação popular e a luta por direitos humanos em um contexto de crise econômica e política”	nov./2017
CST – Conlutas e o Quilombo Raça e Classe	Marcha na Periferia – Contra o genocídio do povo negro e contra as reformas do Governo do presidente do Brasil Michel Temer.	nov./2017
Projeto Juventude Sporte Club (realização <i>Tela Firme</i>)	Exposição sobre racismo no Brasil – Semana da Consciência Negra	nov./2017
Projeto Juventude Sporte Clube, Chale da Paz e <i>Tela Firme</i>	Participação no III Natal da Paz no bairro Terra Firme	dez./2017

A campanha “Jovem Negro no Pará”, promovida pela Anistia Internacional Brasil⁴⁰ é um exemplo de ação realizada na periferia e que contou com a parceria do *Tela Firme*. A Anistia Brasil trata-se de um movimento global que conta com apoio de mais de sete milhões de pessoas de 150 países e territórios. Segundo dados obtidos a partir do acesso na página do movimento no *Facebook*⁴¹, a organização realiza campanhas para que direitos humanos como a vida sejam reconhecidos internacionalmente, respeitados e protegidos por todos. A parceria se mostra relevante, pois as ações desenvolvidas pela Anistia Brasil são promovidas no intuito de se ampliar o combate a práticas como o extermínio de jovens negros na periferia e a Campanha “Jovem Negro Vivo no Pará” se apresenta como mais uma luta contra esse tipo de criminalidade.

Na figura 8 (abaixo), o grupo em atuação durante a campanha “Jovem Negro no Pará” realizada em maio de 2017.

Figura 8 - Coletivo participando de campanha da Anistia Internacional Brasil.



Fonte: *Coletivo Tela Firme* (Harrison Lopes, 2017).

A discussão sobre a realidade de preconceito enfrentada por jovens negros da periferia e que levou à manifestação de um movimento conhecido mundialmente se justifica pelo índice de mortes de jovens negros no Brasil. Segundo dados da própria organização somente em 2012 foram registrados em todo o país 56 mil assassinatos, e dessa estatística 30 mil eram jovens e adolescentes e o mais crítico é que 77 por cento desse total eram negros.

⁴⁰ A Anistia Internacional Brasil é uma organização autônoma, independente de quaisquer governos, ideologias políticas, interesses econômicos ou religiões.

⁴¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/anistiainternacionalbrasil/?fref=mentions>. Acesso em 09 de agosto de 2017.

No dia 14 de julho, durante uma das saídas do trabalho de campo, esta pesquisadora, junto com Francisco Batista (que representou o grupo) participou da programação de encerramento da colônia de férias de crianças do bairro Terra Firme promovida pela Fundação Propaz, programa vinculado à Secretaria de Segurança Pública do Estado do Pará. No evento, o *Coletivo Tela Firme* foi homenageado pelo trabalho que desenvolve na periferia. Em duas pipas, criadas na oficina por crianças que participaram da programação, foram feitas colagens com o nome do Coletivo. Como se observou no decorrer do trabalho até na logo o grupo valoriza a brincadeira. Ver fig. 9

Figura 9 - Trabalhos produzidos na oficina da “Pipa da Paz” (do Propaz)



Fonte: arquivo do *Coletivo Tela Firme* (2017).

Uma das pipas fazia referência ao trabalho que o comunicador Francisco Batista realiza no bairro Terra Firme. A identidade do menino que fez a arte será preservada, pois o mesmo teve o irmão executado na chacina ocorrida em Belém em 2014. Os crimes ocorridos na referida chacina foram citados no vídeo “Poderia ter sido você”, uma das produções audiovisuais mais relevantes do *Coletivo Tela Firme*. O jovem assassinado, era negro e foi uma das vítimas de um massacre que teve como força motivadora apenas a vingança, como explica Costa, Amorim e Lira (2017).

Na capital paraense, os bairros do Guamá e da Terra Firme viraram cenário de crimes também com características de extermínio, que resultou na morte de pelo menos nove pessoas. Os assassinatos ocorreram no mês de novembro de 2014, logo após o assassinato de um policial militar. (COSTA; AMORIM,; LIRA; 2017. p. 52).

A referida produção audiovisual é um do *corpus* de análise desta pesquisa e irá compor este capítulo. A pré-abordagem se fez necessária, a fim de se entender a importância do trabalho que o Coletivo desenvolve na periferia como às ações comunitárias, sociais e de cidadania. É importante esclarecer que o grupo busca sempre fazer uma abordagem

diferenciada da grande imprensa, pois os conteúdos dos vídeos (como poderá ser identificado na análise) têm como objetivo fazer com que as pessoas reflitam sobre a realidade de desigualdade, descaso e abandono que existe na periferia e acima de tudo consigam ter um outro olhar sobre o espaço e da realidade da qual fazem parte.

Qualquer periferia ela é muito fragilizada enquanto identidade, então pelas relações de direitos é muito mais fragilizada ainda, o morador não se identifica com o bairro isso é um problema muito grande socialmente. Quando a gente não se identifica com o bairro, não é questão de “barrismo”, ou alguma coisa assim, mas a gente não consegue visualizar uma coisa crítica, olhar o bairro de forma crítica pra melhorar com ar de transformação. (CHAVES, 2017)⁴².

O desabafo da jovem, entre tantas outras coisas, revela um sentimento de pertencimento do espaço onde vive e justifica seu envolvimento com o *Coletivo Tela Firme* que, como já citamos anteriormente, busca a valorização da periferia, especificamente do bairro Terra Firme e dos sujeitos que dele fazem parte. Citar as referidas ações é só uma forma de dar ênfase as iniciativas mapeadas no quadro 4.4, sendo que no item 4.5 elas serão amplamente analisadas.

Apesar da equipe do *Tela Firme* saber a importância de continuar com a produção dos vídeos, também reconhece a relevância do trabalho que desenvolve atualmente. Isto é, o grupo participa de palestras educativas no bairro, de rodas de conversas, apoia outros trabalhos sociais na comunidade e essas ações também trazem resultados.

A gente tá lá, a gente tá no meio, a gente, a gente tá participando. As pessoas em nenhum momento olham pra gente e falam “hei, *Tela Firme* cadê o vídeo de vocês?” como acabou sendo feito no início, né? Antes a gente explicava pras pessoas “a gente não tá postando porque a gente não tem câmera” problema assim assado, “eu não quero saber quem mandou vocês se meterem tem que postar vídeos”. Mas quando a gente começou a entrar de fato, que eles ouviram a nossa voz e perceberam que a gente tinha muito a falar, muito a contribuir nesses atos nesses espaços, a gente passou a fazer muito mais isso do que os nossos próprios vídeos. (SOUZA, 2017)⁴³.

E diante disso, nota-se a importância da análise dos vídeos e das ações do *Tela Firme*, pois através dos respectivos trabalhos será possível evidenciar de forma mais clara como são configuradas as práticas de comunicativas do grupo.

⁴² CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

⁴³ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

5.4 Análise da produção audiovisual do *Coletivo Tela Firme* nas Redes Digitais

A produção de vídeos se apresenta com grande relevância para esta pesquisa considerando que a partir da perspectiva do audiovisual o trabalho do grupo ganhou força e o se engajou num trabalho político e social que muitos deles já desenvolviam individualmente. Como poderá se constatado nesta análise, o Coletivo passou a fazer modificações em cada novo vídeo produzido. Isto é, trocou o formato inicial de sua produção audiovisual que tinha característica de um programa de TV com chamadas em um estúdio (criado pelos próprios jovens ativistas), com reportagens, etc. Então, o *Tela Firme* passou a produzir vídeos mais curtos (com o texto narrado e trechos de entrevistas), passou também a fazer *lives*⁴⁴ diretamente no *Facebook*, mas dentro da matriz da comunicação alternativa, visando a transformação social.

Logo que o Coletivo foi criado os vídeos eram produzidos com um tempo de duração em média de 10 minutos. Mas na perspectiva de permitir com que as pessoas pudessem ter acesso ao trabalho que desenvolvem em qualquer lugar em que estivessem decidiram então fazer as mudanças no formato dos vídeos como explicou Izabela Chaves. A jovem destacou ainda.

A gente foi ver que o público, essa juventude que tá indo pra faculdade pra universidade, são professores, são adolescentes é um público muito geral, entendeu? A gente queria essa facilidade, a gente queria que chegasse a essas pessoas que estejam lá rapidinho, poderia utilizar com pacotes de dados, então o *Facebook* é a principal ferramenta. A gente utiliza o nosso vídeo talvez de 1 minuto dois (muito rápido que é a linguagem), e que as pessoas dêem pra assistir rapidamente com o pacote de dados. Que a criança, o jovem e o adulto possam ter esse acesso rápido a ele. (CHAVES, 2017)⁴⁵.

Observa-se, que diante das impossibilidades, os jovens tiveram que lutar para se manter na ativa. A falta de equipamento de gravação foi um dos principais entraves para continuarem o trabalho voluntário. As referidas mudanças nas práticas comunicativas do *Tela Firme* nesses quatro primeiros anos de existência do grupo (período dos vídeos selecionados para análise) foram de resistência, mas também de fortalecimento. Pois, mesmo sem estrutura para fazer vídeos produzidos, o Coletivo segue atuando dentro de comunidades na periferia, com ações em escolas, movimentos, entre outras organizações que lutam em causas sociais no bairro Terra Firme e em outras comunidades da periferia de Belém. Essa forma de atuação também será analisada posteriormente.

⁴⁴ Recurso do *Facebook* que permite programar vídeos ao vivo.

⁴⁵ CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

Os vídeos produzidos pelo grupo servem como recurso de apresentação do Coletivo, principalmente, quando este realiza atividades nas escolas da comunidade onde atua. “A gente já foi em várias escolas lá da Terra Firme a Celso Malcher, a Brigadeiro Fontenelle, Mário Barbosa, Mateus do Carmo, e a gente vai com nossos vídeos, apresentar o *Tela Firme*, apresentar o que é o *Tela Firme*” (informação verbal)⁴⁶.

Dentre os quase 30 vídeos produzidos pelo *Coletivo Tela Firme* analisa-se nesta dissertação oito produções. Como já foi destacado trata-se dos seguintes trabalhos: “Carnaval” (2014), “Terra Firme” (2014), “Apitação Contra o Tráfico Humano” (2014), “Gente Firme” (2015). “Poderia Ter Sido Você” (2015), “A Bola da Vez” (2015), “Ocupação da escola Brigadeiro Fontenelle” (2016) e “vestibular” (2018).

É importante destacar que esta análise não obedecerá a ordem acima especificada e sim de acordo com destaque que a produção teve nas redes sociais, além claro, de sua relevância. Na análise das ações adotou-se o mesmo critério. A justificativa desta escolha é somente no intuito de identificar minuciosidades de cada trabalho e que levassem a se alcançar um dos objetivos propostos nesta investigação que é identificar nos referidos trabalhos do grupo práticas comunicativas que representem alternativas de cidadania. E como de fato aconteceu. Por meio desta estratégia foi possível se chegar às percepções expostas na análise sobre a atuação, produção e ações dos jovens militantes, que entre outras coisas, está a luta pelos direitos das pessoas que vivem na periferia.

5.4.1 Vídeo Vestibular

Com seis minutos e 22 segundos de duração, o vídeo “Vestibular” é o trabalho mais recente do *Coletivo Tela Firme* e também o que teve mais visualizações, pois até o dia 07 de fevereiro, já tinha sido acessado na página do *Facebook*⁴⁷ por mais de 75 mil pessoas, e tendo cerca de dois mil compartilhamentos. Tanto interesse se explica no fato de a referida produção alternativa, além de homenagear candidatos da periferia aprovados em cursos oferecidos pela Universidade Federal do Pará, através do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, também faz críticas à realidade de descaso presente na periferia e no olhar preconceituoso sobre seus habitantes no que se refere ao ingresso em uma universidade pública.

⁴⁶ CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

⁴⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/telaфирme/videos/2029070407306245/>. Acesso em 07 de fev. de 2018.

Tais afirmações foram feitas com base nos depoimentos dos estudantes entrevistados pelo *Tela Firme* e que também participaram da produção do vídeo “Vestibular” como Thamires Silvana Teixeira (Pedagogia), Rarima Monteiro (Pedagogia), Pedro Gomes (licenciatura em Física), Newton Jr.(licenciatura em Física), Maria Duarte (licenciatura em Letras), Igor (Engenharia Civil), Erick Fernando Monteiro (licenciatura em Língua Francesa), Deyvison Ferreira Dias (Engenharia Civil), Dayane Sousa (Ciências Naturais), Márcio Wendrel Almeida (licenciatura em Ciências Biológicas), Adriano Henrique Silva (licenciatura em Ciências Biológicas) e Suzanny Trindade (Nutrição).

Em seus depoimentos os estudantes expressaram alegria e orgulho pela conquista, mas também deixaram claro, a indignação pela falta de credibilidade que existe quando se trata das pessoas que vivem nesses espaços. E que isso tem relação com o estigma social imposto à periferia.

Figura 10 - Deyvison Dias candidato aprovado na UFPA



Fonte: vídeo Vestibular (*Tela Firme*, 2018).

Deyvison Dias, de 17 anos (ver fig. 10) foi um dos candidatos aprovados na UFPA, o adolescente vai cursar engenharia civil. “Eu fui nascido e criado nas periferias que foi a Terra Firme e Águas Lindas, mesmo estudando em escola pública eu consegui alcançar esse objetivo” (informação verbal)⁴⁸. A declaração do jovem faz referência a abordagens feitas nesta pesquisa, uma delas tem relação com a representação do lugar e do espaço para os sujeitos que fazem parte deles (SANTOS, 2003, 2005, TUAN, 1983, SAQUET; SILVA. 2008).

O *Coletivo Tela Firme* explora ainda na sua comunicação alternativa o descaso por parte do Estado com o sistema educacional, principalmente em áreas periféricas. Isso pode ser

⁴⁸ DIAS, Deyvison. Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo Vestibular, 2018.

observado no mesmo depoimento do estudante Deyvison Dias, quando o jovem ressalta que mesmo estudando em uma escola pública conseguiu ser aprovado no curso de Engenharia Civil da UFPA. Nesse sentido, o *Coletivo Tela Firme* procura empoderar outros jovens, principalmente da periferia, estimulando-os a ingressar em uma Universidade.

Por meio de histórias de vidas de jovens, a produção alternativa procura mostrar que é possível reverter determinada realidade, mesmo que esta apresente possíveis barreiras. Os personagens aprovados, por exemplo, sempre estudaram em escolas públicas da periferia, e mesmo diante do descaso, preconceito, desrespeito e desigualdade, que cercam o lugar onde vivem, eles não permitiram que tais discursos fossem obstáculos na busca de seus objetivos.

A concepção exposta no parágrafo anterior pode ser observada também em outros relatos, como por exemplo, de Rarima Monteiro (ver fig.11).

Figura 11 - Rarima Monteiro candidata aprovado na UFPA (2018)



Fonte: vídeo Vestibular (*Tela Firme*, 2018).

Em sua fala, a estudante é enfática ao declarar que a sua condição social não representou uma barreira para realizar o sonho de ser aprovada numa universidade pública. “Por mais que eu seja da baixada, como todo mundo diz, que eu não tenha assim tantas oportunidades, nunca estudei em escola particular, a única coisa que eu fiz foi me esforçar me entregar de fato e de verdade” (informação verbal)⁴⁹.

Como se pode perceber, a jovem expressa sentimentos de uma pessoa que reconhece que as falácias sobre o bairro deixam os sujeitos que dela fazem parte estigmatizados socialmente (Touraine, 1999; Goffman, 2004). No entanto, demonstra consciência política quando menciona que por morar na periferia e não dispor de direitos que lhe deveriam ser

⁴⁹ MONTEIRO, Rarima. DIAS, Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo Vestibular, 2018.

garantidos como o acesso direto à universidade pública teve que lutar para alcançar tal objetivo.

Com base no exposto, observa-se que ao fazer tal abordagem o *Tela Firme* busca ampliar a conquista de direitos de cidadania. Pois na leitura do vídeo, observa-se que o grupo tenta conscientizar a comunidade a ir em busca de melhorias pessoais, como por exemplo, os candidatos aprovados na UFPA e participantes da produção audiovisual “Vestibular”. Na concepção desta pesquisa, a partir do momento em que sujeitos que fazem parte de espaços estigmatizados socialmente conseguem se qualificar, ter uma profissão, um bom emprego, etc., esses mesmos indivíduos já representam uma contradição no que geralmente se espera de quem habita esses locais, como a periferia, por exemplo.

Tal perspectiva pode ser observada ainda na fala de Thamires Teixeira, também aprovada na UFPA, no curso de pedagogia.

Figura 12 - Thamires Teixeira candidata aprovada na UFPA



Fonte: Imagem reproduzida do vídeo Vestibular (2018).

Em seu depoimento a jovem faz a seguinte declaração:

Sou do bairro Terra Firme [...] é uma grande honra pra mim tá passando e dizer que eu estudei no Brigadeiro Fontenelle, um colégio que era muito marginalizado, criticavam muito, diziam que não tinha alunos que prestavam, que só tinha maconheiro. Eu sou a prova que não só tem isso daí, tem muita gente [...] com potencial de chegar numa universidade, até num cargo maior ainda. (TEIRIA, 2018)⁵⁰.

A fala de Thamires é de uma pessoa que se reconhece como moradora da periferia e também como vítima de uma sociedade preconceituosa e negligente. O seu desabafo é

⁵⁰ TEIXEIRA, Thamires. Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo Vestibular, 2018.

também de alguém que sabe que as mudanças na sua realidade só serão possíveis, a partir do momento em que nela existirem pessoas conscientes do seu papel como cidadãos.

É importante destacar com relação a questão abordada nesta análise sobre o ingresso de jovens da periferia em uma universidade pública, o trabalho do *Tela Firme* não se limitou apenas na produção audiovisual. No dia quatro de fevereiro, do mesmo ano de criação do vídeo, o grupo promoveu uma caminhada pelo bairro. A ação intitulada “Bloco: se eu não entro, nós ocupa!” mobilizou dezenas de pessoas, que foram às ruas do bairro comemorar a conquista e também motivar outros jovens do local a irem em busca da sua autonomia como cidadãos da periferia.

Ao desenvolver trabalhos com o viés do vídeo “Vestibular”, o Coletivo além de fortalecer, empoderar e mostrar que na realidade da periferia existe uma juventude com perspectivas, também remete ao pensamento de Peruzzo (2007), quando a referida autora enfatiza que a participação do cidadão e de organizações coletivas como protagonistas do processo da comunicação alternativa, se apresenta como um importante canal para que estes possam dialogar entre si e com seus públicos. E pela repercussão da referida produção entende-se que os jovens do *Tela Firme* conseguiram passar sua mensagem.

5.4.2 Análise do vídeo “Poderia ter sido você”

Outro vídeo produzido pelo Coletivo e de grande repercussão é o trabalho intitulado “Poderia ter sido você”. Trata-se de um documentário de 10 minutos de exibição, produzido em 2015. Na narrativa fílmica os jovens, na condição de atores, fazem uma interpretação em que assumem a identidade de cada vítima da chacina. Segundo Costa, Amorim e Lira (2017), o trabalho teve como finalidade transmitir uma mensagem de forma direta: “todos podem ser vítimas da violência, assim como esse problema social é de todos; por outro lado há jogos de sentidos que remetem à alteridade, isto é, que cada pessoa poderia se colocar no lugar da outra” (COSTA; AMORIM; LIRA, 2017, p. 52).

Nos depoimentos, os personagens relatam a violência policial contra jovens pobres de bairros periféricos, chacinas que ocorreram em Belém, no distrito de Icoaraci e na região metropolitana, no período de 1994 a 2014. Crimes que foram focos das lentes da grande mídia e do *Coletivo Tela Firme*.

Na análise do vídeo, observou-se que o grupo contextualiza a chacina não utilizando como método a forma sensacionalista, como é comum na abordagem da mídia hegemônica, mas procurando evidenciar o direito à vida e que os jovens assassinados eram cidadãos,

tinham nome, família e, principalmente, uma história. Um exemplo é o caso do adolescente João Paulo, de 16 anos, uma das seis vítimas da chacina de Icoaraci. Segundo informações divulgadas na edição online do *Diário do Pará*, um dos veículos responsáveis em reproduzir narrativas sensacionalistas e espetacularizadas do crime (Costa, 2011), o rapaz era o terceiro de quatro filhos, ele morava com a avó no bairro do Tenoné, também na capital.

Figura 13 - O personagem da foto é um dos jovens do Coletivo Tela Firme que representou a vítima João Paulo na produção audiovisual



Fonte: Imagem reproduzida do vídeo “Poderia ter sido você” (2015)⁵¹.

A produção “Poderia Ter sido você” foi uma das mais acessadas na página do grupo no *Facebook* chegando a 11 mil visualizações. Já no canal do *Youtube* teve apenas 1.950 acessos, o que justifica a maior interação do grupo no *Facebook*. O vídeo ganhou visibilidade até mesmo fora do campo virtual, isto é, por fazer uma abordagem diferenciada da grande imprensa sobre as chacinas, o trabalho foi utilizado como material de apoio pedagógico em escolas da rede pública de ensino do bairro Terra Firme. Pois, ao produzir o vídeo com foco na valorização da vida o *Tela Firme* encontrou uma alternativa para tentar reproduzir um novo discurso sobre a questão da violência na periferia.

Como se revela na produção audiovisual, “o sentido de cidadania é exercitado já no título “Poderia ter sido você”, uma forma de chamar a atenção para a violência das grandes cidades e não como produto exclusivo das periferias” (COSTA; AMORIM; LIRA, 2017, p. 52). E a população que vive nos espaços periféricos está sujeita a esse tipo de violência, situação que acontece muitas vezes pela falta de segurança local e que é uma obrigação do Estado e instituída em leis como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) e Constituição Federal do Brasil (1988).

⁵¹ Disponível em: https://www.youtube.com/results?search_query=tela+irme. Acesso em: 15 de abril de 2016.

Segundo o comunicador popular Francisco Batista, o que consolidou o vídeo “Poderia ter sido você” foi que o fato dele ter sido produzido com um viés de direitos humanos e a parceria com o Centro de Defesa da Criança e a Adolescentes do Emaús, Sociedade Paraense dos Direitos Humanos, Comissão de Direitos da Assembleia Legislativa do Pará - Alepa. Essa proposição foi reafirmada por Ingrid Louzeiro, também membro do *Tela Firme*.

O “Poderia Ter sido você”, por exemplo, tem um direcionamento, ele tem uma crítica, ele tem um objetivo. Ele fala de fatos que afetam diretamente a gente, que é o extermínio da juventude, mais a juventude negra, e isso é o cotidiano sabe da galera. Acho que todo mundo assim, tipo, já ouviu falar de algum preto que morreu, de algum irmão que morreu, meu próprio irmão morreu, de algum parente que morreu, sabe? O parente também do Adriano, dois primos do Adriano morreram, em menos de um ano sabe” (LOUZEIRO, 2017)⁵².

As referidas vítimas citadas eram um jovem e um adolescente que foram cruelmente assassinados. Outros membros do *Coletivo Tela Firme* também passaram por tragédias semelhantes, o que explica a motivação para lutarem contra episódios de violência que acontecem em toda a periferia, como na comunidade onde vivem. Por isso, este trabalho se caracteriza como um vídeo-protesto contra esse tipo de crime, no qual as principais vítimas são jovens pobres das periferias de todo país.

Por meio da pesquisa na página do Coletivo no *Facebook*, observou-se que desde novembro de 2014, o grupo passou a entrar na luta contra o extermínio na periferia, especificamente de jovens negros e que se torna cada vez mais real como já foi evidenciado anteriormente e que ainda será abordado em análises posteriores. Diante dessa complexidade, o grupo tenta despertar por meio do vídeo “Poderia ter sido você” a consciência não apenas dos moradores do bairro, como também de qualquer pessoa que tenha acesso ao vídeo, a importância de lutar contra essa violência, que entre outras causas, ocorre por causa do preconceito e estigma social.

5.4.3 Vídeo “Terra Firme”

Produzido e publicado em 2014, o vídeo “Terra Firme” é um dos trabalhos mais acessados na página do *Tela Firme* no *Youtube* (4.889 visualizações). Trata-se de um mini documentário de 11 minutos e 42 segundos que faz um contexto geral sobre o bairro Terra Firme. No trabalho, o grupo procurou retratar historicamente a ocupação e formação do espaço, destacando os principais problemas existentes no local como a falta de saneamento básico, por exemplo. Um descaso que permanece ainda nos dias atuais.

⁵² LOUZEIRO, Ingrid. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 5 de jul. de 2017.

Além disso, na referida produção, o Coletivo evidencia a realidade existente hoje no bairro e como se deu sua ocupação desde a década de 1940. Nesta época os primeiros moradores construíram suas casas em área de Terra Firme, mas com o aumento da população as áreas alagadas também passaram a ser habitadas. Isso repercutiu na formação de habitações palafitas⁵³, que se identifica em alguns trechos da comunidade.

No local observa-se ainda um conglomerado de moradias e sem nenhuma organização espacial, um cenário muito comum na periferia. Entende-se que essa característica apontada no vídeo seja resultado da ocupação desordenada. Como apontam Silva e Sá (2012, p. 182) “as famílias que lá se instalam, o fazem por não terem outra alternativa de acesso à terra para morar, resultado da intensa concentração demográfica nas terras altas da cidade de Belém”.

Figura 14 - Imagem de uma área do bairro Terra Firme (2014)



Fonte: imagem copiada da página do *Tela Firme* no Facebook (2017).

Nesse aspecto observa-se no trabalho do grupo que há uma preocupação em evidenciar a problemática, mas ao mesmo tempo enfatizar que em meio a essa realidade existem pessoas que buscam melhorar o espaço onde vivem. Isto é, tentam mudar a concepção imposta sobre a periferia, ou seja, que viver nesse território é estar sujeito a pobreza, a uma ideologia capitalista e opressiva.

Entre outras abordagens, o vídeo o *Tela Firme* narra a história de vida de seu Antônio Terra da Trindade⁵⁴ (fig. 12), era um dos moradores mais antigos do bairro Terra Firme. Na entrevista concedida ao *Tela Firme*, no período da produção do documentário em 2014, ele destacou as dificuldades enfrentadas no início da ocupação do espaço. De acordo com seus

⁵³ Habitação sobre as águas

⁵⁴ O entrevistado Antônio Trindade faleceu no dia 08 de março de 2017.

relatos, o lugar era alagado, com muita pobreza e insetos peçonhentos, mas o sonho de dar um futuro para sua família fez com que não desistisse de morar no bairro. “Hoje nós estamos melhor, mas foi muita dificuldade no começo. [...] Nosso pensamento era educar nossos filhos para eles terem uma vida melhor” (informação verbal)⁵⁵.

Figura 15 - Antônio Trindade, morador do bairro Terra Firme



Fonte: Imagem reproduzida do vídeo “Terra Firme” (2014).

Com base no depoimento, observa-se o que Ojima (2011) chama de paradigma da periferização, ou seja, assim como o morador do bairro Terra Firme Antônio Trindade, diversas pessoas na mesma situação terminam por ocupar áreas periféricas pela falta de opção. A realidade descrita “está fortemente relacionado à segregação sociodemográfica das camadas mais pobres da população para as regiões mais distantes dos centros consolidados” (OJIMA, 2011, p. 123). O pensamento do autor leva a reflexão sobre direitos básicos, como uma moradia digna, que são negados às pessoas que vivem nesses espaços.

Questões como saúde, educação, economia, transporte, segurança, folclore popular e crença religiosa também são abordadas nesta produção do Coletivo. Segundo informações obtidas a partir da análise do vídeo “Terra Firme”, atualmente o bairro, considerado um dos mais populosos de Belém (cerca de 61 mil habitantes, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE), como já foi citado nesta pesquisa. Por meio desta produção audiovisual, o grupo destaca pontos de referência do bairro como as três feiras da comunidade, evidenciado a falta de organização espacial que existe nos referidos locais; a Unidade de Saúde; as mais de 20 escolas das redes pública e privada; a Unidade Integrada Pro Paz (UIPP) e o ponto de memória, que tem como objetivo apoiar iniciativas de

⁵⁵ TRINDADE, Antônio. Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo *Gente Firme*, 2018

reconhecimento e valorização da memória do lugar e do que ele tem de melhor, ou seja, as pessoas.

Por meio do contexto apresentado acima e também das falas do vídeo “Terra Firme” (como do morador do bairro Antônio Trindade) nota-se nesta produção que o Coletivo de Jovens novamente faz uma importante reflexão sobre o exercício da cidadania, especificamente sobre questões voltadas aos interesses individuais e coletivos da comunidade. Como os jovens do *Tela Firme* conhecem a realidade do lugar, pois é onde vivem, eles têm uma relação com o bairro, e como Freire (1983) enfatizou anteriormente, é por meio de uma relação dialógica comunicativa que os sujeitos se expressam.

Por ser um dos maiores e mais populosos bairros de Belém, o Terra Firme é também um lugar com problemas sociais provocados pelo descaso do poder público, especialmente no que se refere à moradia digna, já que muitas pessoas ainda residem em áreas alagadas e sem saneamento básico. A atenção médico-hospitalar também é precária, já que o bairro conta com apenas uma Unidade Municipal de Saúde – UMS, para atender a demanda local. Além da questão da educação que também acaba gerando protesto na comunidade devido o sucateamento e falta de recursos nas instituições de ensino do bairro.

Diante do exposto, observa-se que no local não há uma infraestrutura para atender a todas as pessoas da comunidade de forma justa. Por isso, o *Tela Firme*, por meio da referida produção evidencia a problemática de forma a chamar a atenção do poder público sobre determinadas situações críticas do bairro como as mencionadas anteriormente. O grupo tenta também sensibilizar a população que vive no espaço sobre as coisas boas que existem no lugar, como por exemplo, os pontos e memória, a cultura local, o dia a dia na feira, o comércio, etc. Essas intervenções do Coletivo se mostram como uma prática comunicativa que revela a intenção dos jovens em promover a cidadania no bairro, principalmente, porque o grupo faz referência aos direitos dos cidadãos (civis, políticos e sociais) constituídos historicamente e que na prática não são efetivados, especialmente quando se trata da periferia.

5.4.4 Vídeo “A Bola da Vez”

“A bola da vez” também é uma produção audiovisual do *Coletivo Tela Firme* produzido e postado em 2015. O trabalho foi publicado somente na página do *Tela Firme* no *Facebook* e assim como os demais teve bastante repercussão nas redes digitais. Até o dia 5 de janeiro de 2018, teve seis mil e duzentas visualizações. O vídeo denuncia a extinção do único campinho de futebol do bairro, construído em um espaço público, localizado às margens da

Avenida Perimetral e utilizado pela comunidade como área de lazer. O campinho foi extinto por causa das obras de duplicação da avenida, que margeia o bairro Terra Firme. As obras foram executadas pelo Governo do Estado.

A extinção do respectivo espaço sensibilizou moradores do bairro Terra Firme, tanto, que no dia 30 de agosto foi realizada uma programação no local como uma forma de simbolizar a uma última partida de futebol no espaço que por muitas vezes serviu de lazer para muita gente da comunidade. (Ver figura 16).

Figura 16 - Moradores da comunidade na última partida antes da retirada do campinho



Fonte: Imagem reproduzida do vídeo “A bola da vez” (2015).

Como moradores do bairro e que também têm uma história com o espaço os jovens do Coletivo demonstraram indignação diante do acontecimento, principalmente, porque não foi dada à população outra alternativa, como por exemplo, a disponibilidade de um espaço de recreação público. “Esse era o único espaço para as crianças, adolescentes e a família jogarem futebol. Onde agora eles vão praticar esporte? E o lazer? Que o ECA⁵⁶ tanto menciona e que o governo que aí está menospreza” (informação verbal)⁵⁷.

⁵⁶ Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei 8.069 de 13 de julho de 1990.

⁵⁷ SOUZA, Mailson. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 20 de jul. de 2017.

Figura 17 - Crianças do bairro brincando no campinho no dia da entrevista



Fonte: Imagem reproduzida do vídeo “A bola da vez” (2015).

Na voz de um dos meninos o desabafo. “A gente vem marcar bola todo dia pra cá [...] a gente quer nosso campinho de volta” (informação verbal)⁵⁸. Observa-se no depoimento uma relação muito forte do menino com o lugar e que também expressa a representação que o espaço tem para as pessoas da comunidade. É o que diz Tuan (1983) quando afirma que o lugar é marcado pela percepção que o sujeito tem dele, pela experiência do espaço vivido e valores, significados e pelos seus simbolismos. No caso dos moradores do bairro Terra Firme essa relação é muito forte, não apenas no campinho, mas no que diz respeito a outras formas de diversão, para a criançada principalmente, como tomar banho no rio e brincar de esconde e esconde, por exemplo.

Neste vídeo nota-se a preocupação do grupo com o bairro e com a falta de políticas públicas que visem melhoria para o lugar. Pois o lazer, também está relacionado ao bem estar da população, e esse despertar de uma percepção crítica da realidade do sujeito é fundamental para a transformação social, é o que explica Freire (1986).

5.4.5 “Ocupação da Escola Brigadeiro Fontenelle”

A ocupação da Escola Brigadeiro Fontenelle é um vídeo curto, tem apenas quatro minutos de duração, foi elaborado no início do mês de novembro de 2016 (durante o movimento de ocupação na referida instituição) e postado no dia 26 do respectivo mês, na página do Coletivo no *Facebook*. O vídeo é o que mais revela o engajamento político-social do *Coletivo Tela Firme* e a busca por cidadania em suas práticas comunicativas. Pois nesta produção, o coletivo dá ênfase à iniciativa de alunos contra a falta de estrutura do espaço onde

⁵⁸ ENTREVISTADO NÃO IDENTIFICADO. Trecho de entrevista do vídeo “A bola da vez”. 2015.

estudam e também contra a Proposta de Emenda Constitucional do Governo Federal, ou seja, a PEC 55, que limita investimentos em áreas críticas da sociedade como a saúde e educação num período equivalente há 20 anos.

Como já foi discutido nesta pesquisa, a política é um dos caminhos para se construir a democracia e fazer valer a cidadania. No entanto, pelo fato de o Brasil ter em vigor uma democracia representativa e não direta, isso acaba gerando impossibilidades como evidenciou Taveira (2009). Provoca também a indignação da população consciente. Trazer a situação a público se mostra como uma forma de contribuição do *Tela Firme* com o movimento de ocupação e com sua causa.

A ocupação na referida escola, localizada na Rua São Domingos, bairro da Terra Firme, começou no dia 18 de novembro e contou com apoio de cerca de 400 alunos do Ensino Fundamental e Médio, que tiveram apoio de pais e de outros movimentos que atuam na comunidade.

No depoimento de alunos que participaram da ocupação observa-se a importância do ato, de ir em busca de seus direitos como ter um espaço adequado para estudar, assim como a perspectiva de saírem da instituição e poderem cursar uma universidade. No entanto, determinações como as previstas na PEC 55 podem representar ameaças para projetos futuros dos estudantes não só da região, mas de todo Brasil.

Figura 18 - Josy Alves, estudante envolvida no movimento de ocupação



Fonte: vídeo “Ocupação Escola brigadeiro Fontenelle” (2016).

Na declaração de Josy Alves, estudante e participante da ocupação da Escola Brigadeiro Fontenelle, por exemplo, observa-se diversos aspectos que levam a uma reflexão sobre a ausência de políticas públicas que favoreçam alunos da rede pública de ensino. “[...] A

gente não tem investimento na educação [...], a gente sabe também que falta muita coisa aqui. Eu nunca vi melhorar nada aqui. Nada mesmo” (informação verbal)⁵⁹.

Outro ponto relevante na declaração da jovem é sobre a questão do preconceito das pessoas em relação a iniciativas como a ocupação. Em sua fala denuncia que muitas vezes o ativismo dos alunos é entendido pela comunidade como uma forma de vandalismo. Na concepção da estudante, essas pessoas têm uma visão equivocada do que realmente seja o movimento, pois quando ocorre a ocupação de um espaço público diversas atividades educativas, esportivas, sociais são realizadas no local. “Tem roda de capoeira, oficina de turbante, de maquiagem, futebol feminino. Hoje teve libras, tem oficina de dança também” (informação verbal).

Figura 19 - estudante envolvido no movimento de ocupação



Fonte: vídeo “Ocupação Escola brigadeiro Fontenelle” (Facebook, 2016).

Nas declarações deste outro jovem (ver fig. 8), nota-se uma crítica sobre articulações do governo como a PEC 55, por exemplo. “[...] a gente pode ver que isso só beneficia quem está lá em Brasília e os burgueses” (informação verbal)⁶⁰. O estudante demonstra uma sensibilidade ao declarar seu olhar sobre a comunidade onde vive. “Eu acho que na periferia é onde nós temos pessoas mais humildes e sabem o que é cidadania” (informação verbal).

Nota-se nos depoimentos dos jovens uma consciência sobre o papel que devem exercer na comunidade da qual fazem parte, no caso, a escola. O que podemos chamar também de cidadania ativa, ou seja, quando há participação do indivíduo nas questões públicas como trata Bandeira (2011, p. 573). Pois o entendimento que se tem é de que não pode falar em emancipação social sem levar em consideração as ações humanas.

⁵⁹ ALVES, Josy. Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo Ocupação da Escola Brigadeira Fontenelle, 2016.

⁶⁰ Estudante não identificado. Trecho de entrevista do vídeo Ocupação da Escola Brigadeiro Fontenelle 2016.

5.4.6 Vídeo Carnaval

O vídeo “Carnaval” foi o primeiro trabalho produzido pelo *Coletivo Tela Firme*. A referida produção audiovisual faz referência à comemoração da festa de carnaval no bairro Terra Firme. A escolha da temática, além do fato de sido gravada no mês de fevereiro, período em que se comemora o carnaval no Brasil, também tem relação com a proposta inicial do Coletivo, ou seja, conscientizar as pessoas que tenham acesso ao material, que a violência não é a única matriz possível quando se trata da realidade do bairro.

O referido trabalho foi postado no canal do *Tela Firme* no *Youtube* e o link publicado na página do grupo no *Facebook*, assim como m outras produções. Até o dia 02 de dezembro de 2018 (data da última consulta), o vídeo carnaval teve 2.376 visualizações e nas narrativas dos repórteres Fraan Silva e Thallisson Assis, especialmente na leitura da matéria em que a proposta do Coletivo é apresentada, se observa que o objetivo do grupo é fazer com que a comunidade consiga se enxergar dentro de um lugar onde também existe cultura, lazer, alegria e sociabilidade. Isto é, o lugar do percebido como explica Tuan (1983), no qual é preciso experienciar para se ter uma relação com ele, e isso os jovens do *Tela Firme* demonstram de fato ter.

Esses princípios se manifestam de forma elucidativa, principalmente, porque o evento faz parte da história local e promove a interação entre moradores da comunidade. Além da festa tradicional, que toma conta das ruas do bairro, o grupo também destaca à festa cristã, realizada em uma paróquia da comunidade. Uma programação comum na periferia e que na percepção do Coletivo tem um verdadeiro sentido para quem vive no lugar, como destacou o idealizador do Coletivo Francisco Batista.

Figura 20 - Moradores da comunidade participando do carnaval de rua



Fonte: imagem reproduzida do vídeo Carnaval (2014).

A questão da cidadania também poder ser observada na leitura do vídeo Carnaval. Um exemplo a ser citado é a fala de um dos personagens entrevistados, em seu depoimento enfatiza que a festividade, além de gerar emprego e renda para o bairro, também tira pessoas da rua e da ociosidade. Isso acontece, por se tratar de um meio de entretenimento que mobiliza a comunidade e movimenta a economia local. E essas práticas que envolvem interesses comuns implicam nos princípios de cidadania como enfatiza Luca (2013).

Quando o *Tela Firme* faz essa abordagem em sua narrativa fílmica observa-se que a intenção do grupo é evidenciar que o lazer está entre tantos outros direitos que devem ser garantidos a qualquer cidadão. E que em meio a tantos problemas, já mencionados, a comunidade se mostra resistente. Tanto, que as festividades permanecem como uma tradição até hoje.

São muitas as leituras que se tem a partir do vídeo carnaval, especialmente, sobre a reafirmação de que no bairro não impera somente a violência. Iniciar o ativismo do grupo com o respectivo trabalho teve como objetivo exatamente despertar nas pessoas da comunidade uma consciência do seu poder como sujeitos que resistem como apontou Peruzzo (2008) em seus estudos sobre cidadania.

5.4.7 Análise do vídeo “Gente Firme”

“Gente Firme” é outra produção do *Coletivo Tela Firme* que também faz referência à questão de ser cidadão e viver na periferia. Com seus 11 minutos e 56 segundos de produção, o vídeo reproduz diversos aspectos do bairro Terra Firme, seja na fala dos moradores da comunidade ou nas ações que realizam no lugar. No vídeo, o grupo procura evidenciar exatamente a representatividade do lugar para as pessoas que dele fazem parte, como é o caso do estudante de medicina Bruno Passos. O jovem nasceu e cresceu na comunidade e para ele o local tem um grande significado.

Morar na Terra Firme eu acho que faz parte de mim [...] Hoje, como a gente vive numa sociedade tão brutalizada, onde as pessoas não se falam não se conhecem, não se interessam umas pelas outras, num bairro periférico isso ainda não está muito bem estabelecido [...] Na periferia, a gente vê gente na rua, domingo de manhã, as pessoas se falam, se cumprimentam”. (PASSOS, 2015)⁶¹.

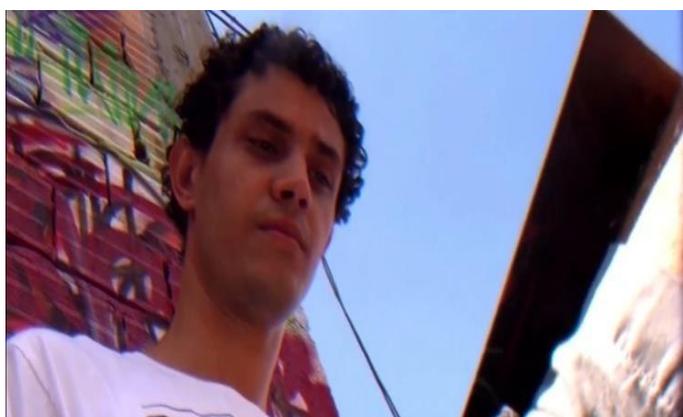
A concepção de Bruno Passos sobre o lugar onde vive leva a se pensar no que diz Maia, J. (2005). Para o autor, as interações que ocorrem no dia-a-dia de uma comunidade, nas quais as pessoas passam a ser interlocutoras (ele se refere às narrativas feitas nas redes

⁶¹ PASSOS, Bruno. Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo “Gente Firme”, 2018.

sociais) são significativas e estabelecem uma nova forma de cidadania que ele compreende como a cidadania cultural. A abordagem da temática na presente análise é somente no intuito de enfatizar a importância das relações presentes no cotidiano de uma determinada organização social.

A percepção do personagem da narrativa em relação à comunidade da qual faz parte, demonstra um sujeito empoderado e que valoriza o espaço onde vive. Remete ainda a um sentido de pertencimento do lugar, e que no contexto aqui abordado se mostra importante de modo a se promover o fortalecimento do indivíduo. Freire (1986), explica que o empoderamento não pode ser entendido apenas como uma forma de dinamizar a potencialidade do sujeito individualmente, pois o que se compreende é que “esse nível de autonomia não é suficiente para torná-los aptos a efetuar as transformações políticas radicais necessárias à sociedade brasileira” (FREIRE, 1986, p. 70). Para o filósofo, o fortalecimento individual do sujeito precisa ter uma relação com outros esforços para que dessa forma seja possível ocorrer a transformação na sociedade.

Figura 21 - Bruno Passos, morador do bairro da Terra Firme



Fonte: Imagem reproduzida do vídeo “Gente Firme” (2015).

Assim como para Bruno Passos, o bairro também tem representatividade para outros moradores da comunidade como Gabriela Casanova, Jaíra Ataíde e Jardel Ataíde. Eles fazem parte do *Núcleo Bandeirantes São Domingos de Gusmão*, um movimento que existe há mais de 40 anos no local e tem como objetivo a formação da cidadania ativa nos jovens do bairro.

Figura 22 - Gabriela Casanova, membro do movimento Bandeirantes



Fonte: vídeo “Gente Firme” (*Tela Firme*, 2015)

Segundo Gabriela Casanova, em 40 anos de atuação o Movimento Bandeirantes já entrou em contato com mais de cinco mil famílias do bairro Terra Firme. “Nossa passagem por cinco mil famílias, não é apenas uma passagem é a mudança de cinco mil famílias” (informação verbal)⁶². Nessa perspectiva, entende-se que nessas iniciativas há relações humanas solidárias, participativas, conscientes e que pode ser um meio de empoderamento do indivíduo. Em depoimentos como de Gabriela Casanova nota-se a preocupação em trabalhar princípios de cidadania no bairro, ou seja, capacitar crianças, jovens e adolescentes em diversas atividades de forma a proporcionar mudanças na periferia.

Mas como explicou Mouffe (1999), para que existam sujeitos ativos é fundamental que estes tenham uma identidade política, pois como a autora mesmo sugere, a forma como definimos a cidadania está estritamente relacionada ao tipo de sociedade e comunidade política que queremos. O vídeo “Gente Firme” expressa justamente essa percepção, quando evidencia, por exemplo, a história de moradores como Bruno Passos ou ações como a do Movimento Bandeirantes.

A criação desse quadro foi a alternativa que o *Tela Firme* encontrou para destacar as ações sociais e comunitárias que são desenvolvidas no bairro Terra Firme e contar a história de moradores como a de Bruno Passos, por exemplo, que revela a importância do sujeito que faz parte da periferia. A proposta do quadro é mostrar ainda que além da mazelas a comunidade também tem uma história, memória e uma identidade. Para Touraine (1999, p. 75) “o sujeito, mais ainda que a razão, é liberdade, libertação e negação”, pois como bem explica o autor esse sujeito só existe mobilizando a memória a solidariedade, indignando-se e inscrevendo a sua liberdade pessoal e isso só se torna possível por meio das lutas sociais.

⁶² CASANOVA, Gabriela. Entrevista concedida ao *Tela Firme*. Vídeo Gente Firme, 2018.

Diante do exposto, observa-se que o vídeo “Gente Firme” revela uma das prioridades do *Tela Firme*, que é o respeito por essas relações que surgem nas comunidades da periferia e que tem relevância para a pesquisa científica. Especialmente, porque as formas societárias que se manifestam nesses espaços agregam diversos conceitos e simbolismo que necessitariam de uma análise mais profunda, de modo a penetrar nos diversos sentidos contextualizados a partir dessas experiências que surgem nesse cenário tão complexo para a grande mídia e tão significativo para os que têm relação direta com ele, como os seus habitantes.

5.4.8 Vídeo Apitaco contra o tráfico humano

A produção audiovisual “Apitaco contra o tráfico humano” evidencia ainda mais o posicionamento da equipe do *Tela Firme* na luta pelos dos direitos humanos e cidadania. No referido trabalho o Coletivo já começa a mudar o formato dos vídeos. Neste, por exemplo, a foi retirada a vinheta⁶³ usada no início dos vídeos como nas duas produções anteriores. Trata-se também de um trabalho com um tempo de produção mais curto, tendo apenas dois minutos e trinta e um segundo de duração. No vídeo, os jovens participam e fazem a cobertura do “Apitaco contra o tráfico humano”, campanha que procura dar visibilidade a esse tipo de crime. O referido evento aconteceu no dia 22 de junho de 2014. (Ver fig. 23).

Figura 23 - Participantes do evento “Apitaco contra o tráfico humano”



Fonte: imagem reproduzida do vídeo “Apitaco contra o tráfico humano” (2014).

A campanha é coordenada por representantes da Comissão de Justiça e Paz, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), em parceria com o Comitê Estadual de

⁶³ Nos vídeos carnaval e no documentário Terra Firme, o Coletivo inicia as referidas produções com uma vinheta criada pelo grupo.

entretenimento ao Tráfico Humano e a Rede “Um Grito pela Vida”. A importância do evento é pelo fato de as principais vítimas de tráfico humano ser sempre os mais vulneráveis, como as crianças, os adolescentes e os jovens.

E na periferia esse tipo de ocorrência é muito comum, o que justifica o envolvimento da equipe do *Tela Firme* com a iniciativa. A comunicação alternativa do grupo é uma forma de resistência que visa exercitar a liberdade de expressão como explica Peruzzo (2008). Por meio de tal prática comunicativa os jovens do Coletivo passaram a militar na periferia e nas redes sociais na internet, como também a ter contatos e parcerias outros coletivos, movimentos sociais, e organizações que lutam em causas políticas, sociais, entre outras demandas de interesse público. No caso do vídeo em análise o protesto é contra a violência, especialmente, quando se trata de crimes onde há omissão do poder público. E geralmente esses sujeitos e atores sociais envolvidos com as mídias alternativas estão engajados com propostas de ação crítica no meio social, como bem destacou Amorim (2007).

A vulnerabilidade na periferia chama atenção do Coletivo e o leva a participar e fazer a cobertura de manifestações como a referida campanha. Como explica Gohn (2010), as lutas de coletivos e movimentos sociais e tantas outras formas de mobilizações da sociedade civil, entre outros objetivos, tentam constituir um sujeito protagonista de ações coletivas. E isso tem relação com o trabalho do *Tela Firme* que busca empoderar os jovens da comunidade de forma que eles possam se conscientizar do poder que cada pessoa pode ter quando alcança a sua autonomia como cidadão.

5.5 Análise das ações do Coletivo Tela Firme na Periferia

Entre as inúmeras ações que partiram da iniciativa dos jovens do *Coletivo Tela Firme*, como também das parcerias com outros grupos e movimentos, foram selecionadas para análise os trabalhos realizados com o Movimento Nacional de Juventude – Juntos (2015), com a Faculdade de Comunicação da UFPA – Facom (2016), com as Escolas Mário Barbosa (2015 a 2017) e Maria Stellina Valmont (2016), com o Fa.vela (2016), com a comunidade do bairro na I Conferência da Cultura na Terra Firme (2017) e a exposição em alusão à Semana da Consciência Negra (20 a 24 de novembro de 2017).

Os critérios de seleção, como já destacados nesta pesquisa, foram se manifestando durante a investigação, principalmente por se tratarem de trabalhos que remetem à comunicação, cidadania e periferia. Vale ressaltar ainda que para a escolha da produção

audiovisual foi estabelecido o mesmo critério da produção audiovisual analisada anteriormente.

Como se pode notar as respectivas ações aconteceram nos anos de 2015 a 2017 e passaram a ser um trabalho contínuo do *Tela Firme* desde 2014, ano em que o grupo foi criado. Segundo Mailson Souza, sempre que o Coletivo pensa em organizar um evento ou fazer uma ação, geralmente procura envolver outros grupos do bairro Terra Firme ou de outras periferias.

Quando a gente comemorou o primeiro ano do *Tela Firme* [...] convidamos o Pará África pra fazer uma exposição do trabalho deles. Convidamos vários movimentos pra tá trabalhando com a gente [...] vai ter um movimento ou uma comemoração, então eles já convidam a gente não só pra tá fazendo cobertura, mas também pra tá compondo mesa, pra tá falando sobre a nossa experiência e tal. É mais nesse sentido. (SOUZA, Mailson, entrevista concedida em 2017).

Como o jovem ressalta, por meio desses contatos foram surgindo novas parcerias e oportunidades. Por isso, a escolha de ações realizadas no período de 2015 a 2017, se justifica no fato de que nesse período as ações se intensificaram significativamente, e ainda continuam a integrar a agenda do *Tela Firme*. O que se observa é que a comunicação alternativa do grupo é reconhecida, pois os jovens passaram a realizar atividades em faculdades e centros universitários, como por exemplo, o bate papo com alunos da Faculdade de Estudos Avançados do Pará – Feapa, encontro realizado em agosto de 2017. No respectivo evento, a equipe do *Tela Firme* falou um pouco da experiência do grupo como um coletivo que faz uma comunicação alternativa na periferia.

Figura 24 - Tela Firme apresentando o trabalho do grupo na Feapa



Fonte: Apresentação do *Tela Firme* na Feapa (Facebook, 2017).

A participação do grupo neste tipo de evento se dá por meio de convites de professores das instituições, neste caso, a professora Shirley Penaforte. Essas ações, além de fortalecer, incentiva o grupo a continuar o trabalho político-social na periferia, que entre outras coisas, possibilita às pessoas ter um outro olhar sobre o bairro e sobre a própria comunidade da qual fazem parte.

5.5.1 Parceria com o Movimento Nacional da Juventude

A parceria com o Movimento Nacional de Juventude – Juntos começou em 2015, por intermédio de dois membros do *Tela Firme* Adriano Mendes e Ingrid Louzeiro, que também atuam no Juntos. Segundo a jovem, sempre que o movimento realiza alguma programação, o *Tela Firme* é convidado. Em um Seminário promovido pelo movimento, no dia 12 de dezembro de 2015, Mailson Souza, um dos membros do Coletivo, foi convidado para participar como palestrante. O evento contava com a presença de convidados de outros Estados como o Rio de Janeiro e Bahia. Para Mailson, o contato com essas pessoas resultou em uma grande troca de experiência, trouxe novas expectativas, além de estimular o trabalho que o *Tela Firme* já desenvolve.

De repente, a gente já tava ali no meio de pessoas rodadas e com uma experiência assim enorme e a gente com um, dois meses, três meses já tava lá. Éramos assim privilegiados, as pessoas queriam que o *Tela Firme* estivesse lá, queriam que o *Tela Firme* tivesse a palavra qualquer que fosse o evento e o espaço (MAILSON SOUZA, entrevista concedida em 20 de julho de 2017).

Como o Juntos e o *Tela Firme* praticam um ativismo político-social, ambos desenvolvem um trabalho similar como as atividades realizadas em escolas, que visam conscientizar os estudantes sobre questões que estão presentes na realidade de quem vive na periferia (violência, desigualdade social, falta de políticas públicas, etc.). Essas ações se mostram como alternativas de cidadania, pois é a partir da intervenção da população que as transformações sociais acontecem com citam Peruzzo (1999, 2009); Gohn (2010) e tanto outros estudiosos citados nesta pesquisa.

Na fig. 25, jovens do Coletivo participando de manifesto do “Grito dos Excluídos” (2016), o evento mobiliza muitos jovens que manifestam suas angústias e buscam reivindicar por saúde, educação, habitação e tantos outros direitos que lhes são negados.

Figura 25 - Tela Firme e Juntos no “Grito dos Excluídos”



Fonte: imagem copiada da página do *Tela Firme* no *Facebook* (2017).

Essas manifestações são focos do trabalho do Coletivo e também do Juntos, então sempre que acontece um evento como este, os grupos se reúnem para mobilizar a sociedade sobre a programação, especialmente alunos de escolas e universidades de bairro Terra Firme. O que se observa é que ações como estas têm sido constante no trabalho que o *Tela Firme* desenvolve. Como explica Peruzzo (2008), quando o indivíduo cria consciência do seu poder de participação, opinião e decisão, esse sujeito também passa a ser capaz de resistir e promover a emancipação coletiva.

5.5.2 Ação com Faculdade de Comunicação da UFPA

A cidade de Belém completou 400 anos, no dia 12 de janeiro de 2016. Para comemorar a data diversas instituições, órgãos, movimentos, entre outras iniciativas se mobilizaram ou fizeram manifestações em vários pontos da capital. Não com uma programação tradicional, como a promovida anualmente pelo governo municipal de Belém, e na qual os problemas da cidade parecem não existir, mas denunciando a negligência do poder público em relação à precariedade de serviços que são fundamentais para a população como saúde, educação, moradia, segurança e saneamento básico.

Um exemplo foi a iniciativa intitulada “Belém 400 anos sob o olhar do Gueto: a periferia atenta”, evento articulado por movimentos sociais da periferia, que contou com a participação da Faculdade de Comunicação da UFPA – Facom e no qual o *Tela Firme* teve grande envolvimento. Como citou a jovem militante do Coletivo, Ingrid Louzeiro, o objetivo da respectiva ação foi mostrar a cidade de Belém sob o olhar de quem vive na periferia destacando a realidade que cerca o espaço e local onde se encontra muito descaso e

desigualdade social. Durante o ano de 2015, o movimento realizou várias atividades como pode ser identificado na programação abaixo (ver fig. 26).

Figura 26 - Programação do “Belém 400 anos sob o olhar do Gueto: a periferia atenta”

Belém 400 ANOS sob o olhar do gueto. A periferia atenta!
No aniversário de 400 anos de Belém, os moradores do arco periférico também contam sua história, reivindicando políticas públicas e propondo contribuições à cidade. Venha participar!

Bairros do arco periférico:
Bicos de Caramelo, Jardim, Cremalhas, Guamá, Terra Firme, Nova Liderança, Cabanagem, Bengali, Tapará

Vamos ocupar, Gueto!!!
Oficinas de contextualização, rodas de conversa e atrações culturais, movimentação do bairro da Terra Firme de 2 a 27 de janeiro. E o **#OCUPATERRAFIRME**: **comunicação coletiva**, ação da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal do Pará em parceria com coletivos e lideranças do bairro, realizando o **#OcupaterraFirme**.

PROGRAMAÇÃO

TERÇA (27/06)
14h-19h - Oficina Repórter Cidadão, Escola Brigadeiro Fontenelle.
19h-22h - Oficina de Fotografia, Escola Brigadeiro Fontenelle.
19h-22h - Oficina A arte de entrevistar, Polo São Pedro.

QUINTA (29/06)
14h-19h - Oficina Repórter Cidadão, Escola Brigadeiro Fontenelle.
14h-30 / 17h-30 - Oficina de Selffime, Comunidade Sagrado Coração de Jesus.
14h-30 / 17h-30 - Oficina de Roteiro, Assembleia de Deus.
14h-30 / 17h-30 - Oficina de Identidade Visual, Casarão Flora Amazônica.
19h-22h - Oficina de Fotografia, Escola Brigadeiro Fontenelle.
19h-22h - Oficina A arte de entrevistar, Polo São Pedro.

SEXTA (30/06)
14h-30 / 17h-30 - Oficina Repórter Cidadão, Escola Brigadeiro Fontenelle.
14h-30 / 17h-30 - Oficina de Selffime, Comunidade Sagrado Coração de Jesus.
14h-30 / 17h-30 - Oficina de Roteiro, Assembleia de Deus.
14h-30 / 17h-30 - Oficina de Identidade Visual, Casarão Flora Amazônica.
19h-30-21h30 - Roda de Conversa Gerenciada da juventude negra, Escola Brigadeiro Fontenelle.

SÁBADO (1/07)
0h - Caminhada da paz pelo pequeno Kennedy, Complexo São Brás.
9h / 12h - Oficinas culturais (inscrições no local), Escola Solerino Moreira.
14h-19h - Lançamento do movimento **Belém 400 anos sob o olhar do gueto. A periferia atenta!** (#Gueto400), Praça Olavo Bilac.
16h / 18h-20h - Pôsteres livres e oficinas culturais, Praça Olavo Bilac.
17h - Roda de Conversa A mulher na periferia, Praça Olavo Bilac.
20h-30-22h - Roda de Conversa O olhar da periferia sobre a periferia, Praça Olavo Bilac.

Endereços e contatos para inscrições nas oficinas:
1. Escola Brigadeiro Fontenelle, Rua São Domingos, s/n, Entre 2 de junho e São Pedro, Terra Firme. Falar com professora Lúcia Melo: 99217-6292.
2. Salão São João Batista (Polo São Pedro), Av. Celso Malcher entre Comensário e Liberdade, Terra Firme. Falar com André: 98327-5619.
3. Comunidade Sagrado Coração de Jesus, Capela da comunidade, Pass. Nova Liderança com Pass. Miranda (periferia), Avenida Tucuruá/10, Falar com Junior: 98367-1936.
4. Casarão Flora Amazônica, Rua Tachi Branco, n.2, Terra Firme. Falar com o professor Brian Palares: 98317-2052.
5. Igreja Assembleia de Deus: Rua Luaro Sobalé, 58, Entre Camba e Pass. São João, Terra Firme. Falar com P. Haroldo Azevedo: 98225-9624.
7. Escola Solerino Moreira, Quadra do Parque de São Domingos.
8. Praça Olavo Bilac: Rua São Domingos em frente à Praça de São Domingos.

É GRATUITO PARTICIPAR INSCREVA-SE

**#OCUPATERRAFIRME
#GUETO400
#PERIFERIAATENTA**

Fonte: Coletivo Tela Firme (Facebook, 2017).

Como explicou Ingrid Louzeiro, as ações promovidas pelo movimento como as oficinas, as rodas de conversas e a caminhada, teve como objetivo o fortalecimento das pessoas que participaram, além de conscientizá-las sobre a realidade que cerca a periferia. Isto é, lembrar que no local há ausência de iniciativas públicas.

[...] a gente sabia que a prefeitura ia fazer a mesma coisa que faz todos os anos que é apresentar o bolo, cortar o bolo lá no Ver-o-Peso e dizer que Belém tá mil maravilhas. E a gente construiu várias atividades pra dizer Belém 400 é isso. [...] E qual foi a ideia do Belém 400 anos? Fazer várias atividades em um eixo da periferia: Terra Firme, Guamá, Marco, Icoaraci, Cabanagem, sabe. A Facom tem um documentário de todas as atividades [...] e no final de tudo, dia 12 de janeiro de 2016, a gente fez essa atividade na praça da República. (INGRID LOUZEIRO, entrevista realizada em julho de 2017).

O trabalho no qual a jovem se refere trata-se de um vídeo⁶⁴ no qual representantes de diversos movimentos e coletivos como o *Tela Firme* fizeram a leitura da carta-manifesto referente a comemoração dos 400 anos da cidade de Belém, em forma de encenação. A gravação do vídeo foi feita durante a programação final realizada, no dia 12 de janeiro, na escadinha da Estação das Docas e na Praça da República, na capital paraense.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wFKE2idDTvE&feature=youtu.be>. Acesso em 27 de dez. de 2017.

Figura 27 - Carta-manifesto do movimento “Belém 400 anos sob o olhar do Gueto: a periferia atenta”



Fonte: Facebook (2015).

Como se percebe, o movimento “Belém 400 anos sob o olhar do Gueto: a periferia atenta” trata-se de uma ação onde a questão da cidadania é reivindicada como direito que deveria ser comum a todo e qualquer cidadão, mas que de fato não é exercida. Em ações como esta, se pode identificar que princípios de cidadania como a consciência política, estão intrínsecos nas práticas comunicativas do *Tela Firme*.

5.5.3 Ação do grupo na Escola Mário Barbosa

As ações do Coletivo em escolas do bairro Terra Firme se tornaram referência no trabalho que o grupo desenvolve, como já foi citado ao longo desta dissertação. Essa forma de atuação dos jovens militantes se configurou até mesmo dentro do conceito de educomunicação⁶⁵, tendo em vista que uma das produções do Coletivo, o vídeo “Poderia ter sido você” foi apresentado em várias instituições escolares da comunidade como a Escola Estadual Mário Barbosa. Além da exibição da referida produção audiovisual, no local, o grupo também já realizou bate papo com os alunos.

O último evento aconteceu no dia 22 de setembro de 2017, a convite da professora Maria do Socorro Rayol Sanches, que coordena o projeto de extensão *Fala Firme Juventude*:

⁶⁵ Segundo Strázulas e Santos (2012) a educomunicação pode servir de base educacional, forma que o indivíduo use uma leitura crítica dos meios de comunicação como base das ações sociais. É um novo campo de intervenção social e comunicativa que pode contribuir significativamente na formação de cidadania no indivíduo.

*autorepresentatividade juvenil na Terra Firme*⁶⁶, Belém-PA, na UFPA convidou a equipe do *Tela Firme* para falar com alunos da instituição sobre a experiência do grupo no combate à violência na periferia (ver fig. 28).

Figura 28 - Tela Firme em debate na Escola Mário Barbosa



Fonte: imagem retirada da página do *Tela Firme* no *Facebook* (2017).

Um dos primeiros trabalhos realizados na referida instituição aconteceu ainda em 2014. No dia 04 de abril, o *Coletivo Tela Firme* apresentou aos alunos do local o documentário “Terra Firme”. O que se observa é que a intenção do grupo era fazer com que a comunidade começasse a perceber o bairro não a partir do olhar de fora, como por exemplo, nos noticiários, mas a partir de uma percepção própria (se perceber), e assim, valorizar o espaço.

Como se pode identificar na análise do referido vídeo, por meio da produção o lugar é revelado com muitos significados, especialmente nas entrevistas de pessoas da comunidade que participaram da produção. Então, quando o grupo realiza ações como esta, reafirma sua preocupação em promover alternativas de cidadania, e fazer ainda com que cada morador passe a ter consciência política, isto é, conhecer a realidade do bairro, sua economia, transporte, saúde, educação, etc., e principalmente as dificuldades que a população tem para obtenção dos respectivos serviços.

Na fig. 29, o *Coletivo Tela Firme* em evento ocorrido em 2015 na Escola Mário Barbosa. A referida instituição e a Escola Brigadeiro Fontenelle foram locais onde o grupo mais realizou atividades sociais e educativas desde o momento em que foi criado (em 2014).

⁶⁶ Trata-se de um projeto interdisciplinar da Faculdade de Serviço Social da Universidade Federal do Pará – UFPA.

Figura 29 - Coletivo Tela Firme em ação na Escola Mário Barbosa



Fonte: Coletivo Tela Firme (Facebook , 2017).

Como relatou Ingrid Louzeiro, “nessas atividades, a gente mostra o *Tela Firme*, mostra os vídeos, conversa com a juventude sobre isso. É uma troca de experiência e uma troca de informações” (Entrevista concedida em julho de 2017). São atividades que fortalecem o trabalho do grupo e contribuem com o conhecimento dos alunos, especialmente, em relação a não aceitarem o preconceito e condição de inferioridade impostos ao bairro Terra Firme e na periferia de forma geral.

5.5.4 Ação na Escola Maria Estelina Valmont

Foi por meio de palestras e seminários realizados nos espaços escolares, que o trabalho do *Tela Firme* acabou ganhando visibilidade e sendo destaque em uma Feira Cultural realizada na Escola Estadual Maria Estelina Valmont, nos dias 27 e 28 de setembro de 2017. A atividade teve como principal objetivo fazer com que os alunos pesquisassem temas sobre grupos que promovem trabalhos sócio-político-cultural no bairro de forma alternativa, ou seja, que desenvolvem uma comunicação desvinculada do poder do Estado, empresarial ou midiático. O objetivo da iniciativa era que após a pesquisa os alunos compartilhassem tais informações despertando nos jovens o gosto pelo conhecimento, além de um sentimento de pertencimento e interesse sobre a realidade do bairro onde vivem.

Dentre os mais diversos trabalhos apresentados, um grupo de estudantes (ver fig. 30) da instituição trouxe como temática o *Tela Firme*, destacando no referido trabalho a comunicação alternativa desenvolvida pelo Coletivo e suas ações na periferia.

Figura 30 - Feira Cultural na Escola Estelina Valmont



Fonte: Arquivo Tela Firme (2017).

Para o *Tela Firme*, o evento teve um grande significado, pois, a menção ao trabalho que o grupo desenvolve na periferia é uma forma de reconhecimento, além de evidenciar que trata-se de um Coletivo que comunica, faz um ativismo político-social e em suas ações nas comunidades onde atua promove práticas de cidadania. Especialmente, quando busca nas atividades que realiza na periferia conscientizar os alunos sobre o que eles podem alcançar quando se sentem cidadãos de uma determinada comunidade (CORTINA, 2005).

Como se percebe, as ações nas escolas fortalecem o ativismo do *Tela Firme* e geram capital social. Como explica Recuero (2014), são valores diferenciados para os atores envolvidos nas interações nas redes sociais. Como se observa, as parcerias do Coletivo se deram a partir da comunicação nas redes digitais, mas é importante ressaltar, que os jovens já tinham contato com movimentos de luta no bairro antes mesmo da criação do *Tela Firme*. Mas somente depois que o grupo foi criado e por meio das mídias sociais na internet que o trabalho que desenvolvem ganhou força, se engajou e passou a fazer intercâmbio com movimentos que atuam nacionalmente, como o Fa.vela, por exemplo. A parceria com o referido movimento será apresentada no próximo tópico.

5.5.5 Parceria com o Fa.vela

O primeiro contato com o Fa.vela, organização de empreendedorismo e inovação de comunidades de baixa renda, da cidade de Belo Horizonte, Minas Gerais, foi em maio de 2016, quando o *Tela Firme* participou de oficinas de fotografias promovidas por iniciativa da referida organização. A ação tinha como objetivo potencializar as habilidades dos jovens participantes. A programação foi realizada na Escola Estadual Brigadeiro Fontenelle, localizada no bairro Terra Firme, sempre que necessário a direção da instituição disponibiliza o espaço para realização de eventos de cunho social e educativo, como as ações realizadas pelo *Tela Firme* e por outros movimentos do bairro.

O projeto ambiental de oceanografia Ame Tucunduba⁶⁷, articulado por um grupo de estudantes da Universidade Federal do Pará – UFPA e que visa resgatar o Rio do Tucunduba, foi um dos resultados obtidos a partir das oficinas promovidas pelo Fa.vela. Por meio do projeto, diversas ações com temas voltados para questões relacionadas ao canal são realizadas no bairro Terra Firme. Iniciativas estas, que podem ser acessadas na *fanpage* do *Tela Firme*, pois o Coletivo divulga as ações realizadas pela Ame Tucunduba. Uma parceria que começou através do contato com o Favela, é por isso que nesta pesquisa se percebeu a necessidade de uma abordagem sobre a comunicação em rede, que se dá por meio uma conexão de muitos em interação produtiva como explicam Castells (2003, 2005), Lemos (2010), Primo (2013).

Por meio do Fa.vela, a jovem militante do *Tela Firme*, Izabela Chaves teve a oportunidade de participar de uma expedição fotográfica intitulada “Norte das Águas”⁶⁸. O evento foi realizado nos municípios de Altamira, Manaus, Xingu, Belo Monte e contou com participação cinco jovens de diferentes localidades do Brasil. Segundo Izabela Chaves, além da oportunidade de fazer com que os participantes tivessem contato com o Rio Amazonas, a expedição possibilitou ainda, que todos aprendessem sobre fotografia e refletissem sobre a questão da água, especialmente em relação a questão ambiental. Tanto que a experiência despertou na jovem uma sensibilidade para perceber ainda mais situações críticas da sua própria realidade. Um exemplo é a imagem registrada pela jovem na Vila da Barca (comunidade palafita da periferia de Belém). Ver fig. 31.

⁶⁷ O Ame o Tucunduba é um projeto de pesquisa de estudantes da Universidade Federal do Pará - UFPA.

⁶⁸ A expedição fotográfica “Norte das Águas” foi idealizada por Ahad Shah e liderado por Tyrone Turner (National Geographic Creative) entre os dias 26 de maio e 01 de junho de 2016. A expedição faz parte da programação dos preparativos para o 8 Fórum Mundial da Água, que vai ser em Brasília em 2018.

Figura 31 - Imagem feita na Vila da Barca Belém/PA



Fonte: Izabela Chaves (2016).

A consciência ambiental possibilitou que novas ações fossem articuladas. “Eu voltei da expedição aí fortaleceram as bases com o Ame Tucunduba, os projetos ambientais, e a gente tem essa parceria de divulgar coisas aqui do bairro junto com eles” (informação verbal)⁶⁹. A experiência de Izabela remete ao pensamento de Silva e Gozanga (2005), quando as respectivas autoras enfatizam que a partir dessa interação em rede e o contato de jovens da periferia com outros projetos sociais resulta em uma ampla participação desses sujeitos em redes horizontais e colaborativas.

Essa experiência também tem relação com a questão da cidadania, pois o objetivo do *Tela Firme* é promover mudanças na periferia, de forma que, assim como Izabela, outros jovens possam ter também esse tipo de oportunidade, seja de estudo, de trabalho ou de se profissionalizar. Pois como bem disse Varela (2007), para o exercício pleno da cidadania e necessário que haja articulação entre setores políticos, intelectuais, profissionais e organizações populares.

⁶⁹ CHAVES, Izabela. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 19 de jul. de 2017.

5.5.6 Participação na Conferência de Cultura da Terra Firme

Outra forma de atuação do *Tela Firme* é o envolvimento em ações culturais na periferia. O que justifica a parceria com a escola de samba “Rosas da Terra Firme”, com o “Boi Marronzinho”, “Coletivo Casa Preta” e tantos outros movimentos artísticos e culturais do bairro. Uma dessas ações foi a *I Conferência da Cultura na Terra Firme*, realizada entre os dias 18 e 19 de março de 2017, na Paróquia São Domingos de Gusmão, localizada na comunidade. Ver fig.28.

Figura 32 - Reunião da pré-conferência de Cultura da Terra Firme



Fonte: Harrison Lopes (2017).

O evento teve como principal objetivo a criação de um espaço de debate democrático entre coletivos, entidades e pessoas envolvidas em projetos culturais no bairro. Entre as inúmeras temáticas elencadas durante o encontro, a falta de políticas públicas voltadas para a questão da cultura local foi uma das mais discutidas.

Quando se trata de valorização da cultura do bairro, não tem como não pensar no *Coletivo Tela Firme*, que desde o início tinha como proposta evidenciar que no bairro não existe apenas violência. Essa percepção ficou clara no trabalho inicial do grupo, como o vídeo carnaval, quando os jovens falam da tradição; no documentário “Terra Firme”, quando destacam em vários momentos do vídeo os pontos de memórias e as festividades no bairro (festa de aparelhagem, programações nas paróquias, grupos juninos, etc.).

A própria logo do grupo remete a uma brincadeira muito comum no bairro e que faz parte da cultura local como empinar pipa, que tem uma representação muito grande na comunidade. E que também tem relação com a questão da identidade dos sujeitos que fazem

parte da realidade da periferia. Como explica Hall (2005), o sujeito é sua própria identidade, isto é, se a pessoa se reconhece como parte de uma determinada comunidade, valoriza sua história, logo existe um sentimento de pertencimento com este lugar e isso é uma questão identitária.

Outro exemplo pode ser observado no vídeo que o grupo fez na Feira do bairro. Como destacou Francisco em uma conversa pelo *whatsapp* (no dia 22 de agosto de 2017), a ideia da referida produção era captar imagens das pessoas trabalhando ou passando, mas em um plano aproximado, de forma que no momento em que elas tiverem acesso ao vídeo possam se identificar. Para o comunicador isso tem uma importância muito grande para as pessoas da comunidade

Em eventos como a *I Conferência da Cultura na Terra Firme* essas questões são muito debatidas e fortalecidas, pois a importância que se tem do lugar onde se vive faz parte da formação de cidadania e conscientização de cada sujeito.

5.5.7 Exposição Semana da Consciência Negra

Além das parcerias, o grupo também promove ações individuais como a exposição realizada na Semana da Consciência Negra. Na referida amostra os visitantes tiveram acesso a dados oficiais sobre a realidade da população preta no Brasil, especialmente em relação a representatividade política, homicídios, saúde, educação, emprego e renda, entre tantas outras situações que envolvem a questão. São

Figura 33 - Exposição sobre racismo organizada pelo Tela Firme



Fonte: Tela Firme (Facebook, 2017).

O evento aconteceu na passagem Comissário, no bairro Terra Firme, em frente ao Chalé do Paz, espaço que está sendo construído para ser a sede do *Tela Firme*. Segundo Ingrid Louzeiro, o espaço será utilizado para realização de atividades como a exposição. “E aí o que a gente vai fazer lá? Fazer várias atividades com as crianças de lá. E será o ponto do *Tela Firme*” (informação verbal)⁷⁰.

A exposição foi pensada pelo Coletivo para trabalhar com os jovens do Projeto Juventude Esporte Clube a questão da consciência racial. O debate se mostra como uma importante alternativa de empoderamento, Novamente se observa a questão da identidade do sujeito, no que se refere a consciência de ser negro e a condição de viver na periferia. Tal situação está relacionada ao que diz Goffman (2004), quando afirma que por fazer parte de um espaço estigmatizado socialmente muitas vezes o sujeito acaba sendo vítima de preconceito e de exclusão.

Por meio de ações como esta, o *Tela Firme*, além de tentar conscientizar a população sobre questões de racismo, procura trabalhar também a auto-valorização dessas pessoas. E no entendimento desta pesquisa isso também vai influenciar nas práticas de cidadania.

⁷⁰ LOUZEIRO, Ingrid. Entrevista concedida à pesquisadora. Belém: 5 de jul. de 2017.

6 CONCLUSÃO

Diante da pergunta que norteia esta investigação e que tem como objetivo responder como se configuram as práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme* na periferia de Belém do Pará, confirma-se a hipótese levantada neste trabalho de dissertação. Isto é, as práticas comunicativas do *Coletivo Terra Firme*, tanto nas redes digitais quanto nas ações *in loco* nos bairros da periferia ajudam a estimular e promover o engajamento político-social das pessoas que vivem nesses espaços, de forma a contribuir com a ampliação de seus direitos de cidadania.

A análise de conteúdo foi fundamental para se perceber questões como o viver na periferia, a identidade dos sujeitos que habitam esse espaço, o preconceito, a violência, a cidadania, entre outros temas que se revelaram durante a análise dos vídeos e das ações do Coletivo nos bairros periféricos da capital paraense. A metodologia permitiu identificar ainda que a comunicação alternativa do *Tela Firme* se propaga por meio da relação e do envolvimento que os jovens têm, tanto com o bairro Terra Firme, quanto com outras comunidades da periferia de Belém e também com seus contatos, parcerias e pelas redes sociais digitais.

No documentário “Terra Firme”, por exemplo, o grupo, entre outras coisas, evidencia o bairro, destacando o referido espaço como ele é de fato. Isto é, com suas mazelas, mas também como um local onde existe uma comunidade com manifestações culturais, sociais, e com uma rotina de ir à feira, ao comércio, entre outros pontos de referência na periferia, e que não se diferencia de bairros localizados no centro da cidade.

No entanto, essa realidade muitas vezes é desconsiderada, principalmente diante de conceitos negativos impostos ao lugar, como por exemplo, a violência, especialmente pela mídia de forma geral. Não se pode negar que a insegurança de fato faça parte da realidade de quem vive na periferia, mas em sua abordagem o grupo evidencia que a questão também está relacionada ao descaso do poder público, a falta de oportunidade e principalmente ao preconceito que se tem sobre quem mora em espaços periféricos, como o bairro Terra Firme, por exemplo.

Então, quando os jovens do *Tela Firme* assumem o posicionamento de lutar contra tais opressões buscam antes de tudo alternativas de cidadania na comunidade. Pois como que se observa, o Coletivo tenta conscientizar as pessoas sobre a realidade em que vivem e que pode ser transformada a partir do momento em que estes passam a ter consciência política e se

sentem parte do espaço, também começam a exercer a sua autonomia como explicam Peruzzo, (1999) e Gohn (2010).

A partir dos mapeamentos se constatou que as ações que o grupo realiza desde o ano em que foi criado se tornaram cada vez mais constantes e significativas. Pois os jovens, além de fazerem a cobertura de eventos passaram a utilizar a produção audiovisual como material de apoio e explicativo nas palestras ministradas por eles em escolas ou em eventos realizados por parceiros como a UNIPOP, o “Juntos”, UFPA, etc.

Observou-se ainda que em sua comunicação alternativa em rede na internet, o Coletivo procura dar ênfase à realidade da periferia, como também às pessoas que vivem no lugar como pode ser constatado no vídeo “Gente Firme”. O referido trabalho é significativo e tem relação com os conceitos de espaço e lugar (abordados na pesquisa) e também com o sentido da periferia para quem vive no lugar. Isto é, o espaço vivido, percebido e experienciado conforme esclarecem Tuan (1983) e Santos (2003, 2005). Em suas intervenções, o *Tela Firme* busca também fortalecer o sentimento de pertencimento do sujeito com o bairro onde vive, a fim de que este possa ir em busca de mudanças e melhorias para sua comunidade e de sua cidadania.

Como explicou Touraine (1999), é por meio de pressão que o sujeito toma consciência da sua própria liberdade. E ações alternativas desenvolvidas pelo *Coletivo Tela Firme* se mostram como uma forma de resistência a determinadas opressões impostas à periferia, como por exemplo, a percepção das impossibilidades para quem vive no lugar, como ter educação, emprego e moradia digna.

Ao abordar o ingresso de jovens da periferia em uma universidade pública, o vídeo “Vestibular, se revelou como uma das produções do *Tela Firme* que desmistifica essa visão simplista sobre a periferia e seus habitantes. Por meio do referido trabalho, o grupo tenta fazer com que as pessoas reflitam, principalmente sobre a desvalorização desse espaço, por isso que os jovens do Coletivo além, de destacar em seus trabalhos o descaso e as mazelas existentes na periferia, também evidenciam os valores que existem no lugar, como por exemplo, o carnaval de rua que é tradição no bairro.

Como se observou ainda, a comunicação perpassou toda a investigação. Neste sentido, reflexões de autores como Freire (1983) e Peruzzo (2007) foram essenciais para se compreender a sua importância no processo de democratização da informação e na promoção da cidadania. Por meio da percepção dos referidos autores foi possível entender ainda a relevância de iniciativas como as fomentadas por movimentos engajados em causas políticas e

sociais na periferia, pois são essas mobilizações que têm fomentado grandes mudanças na sociedade.

Como as contribuições dos demais estudiosos, Silva e Gonzaga (2005) também trouxeram duas importantes reflexões que podem sintetizar a compreensão obtida a partir da análise feita no presente estudo. O primeiro ponto é quando as autoras destacam que é importante pensar a comunicação enquanto instância constituidora. Por exemplo, quando o *Coletivo Tela Firme* faz um contexto de como se constitui a periferia, especificamente no que se refere à população que vive no lugar, este passa a designar como um novo discurso na cena pública. A segunda reflexão é sobre o lugar de fala como espaço de articulação e intervenção dos sujeitos, pois é exatamente por meio dessas organizações articuladas por projetos comuns que o sujeito passa a exercer a sua autonomia.

Assim sendo, no momento em que o *Tela Firme* busca conscientizar as pessoas que vivem na periferia sobre a sua realidade, sobre os seus direitos, de modo que se tornem cidadãos ativos, entende-se que os jovens tentam promover práticas de cidadania. Como explica Mouffe (1999) é por meio da identidade política que esses sujeitos passam a ser participativos e também a constituir identidades coletivas. E isso só acontece quando há iniciativas engajadas em tal propósito. O que se observa dentro desse contexto é que tal prática dos jovens do Coletivo constitui uma forma de engajamento político-social que visa antes de tudo, formar sujeitos ativos, conscientes e socialmente engajados.

Em suas práticas comunicativas o Coletivo também procura trabalhar alternativas de empoderamento na periferia. Segundo Freire (1987), o empoderamento dinamiza a potencialidade do sujeito. Para os jovens militantes, a consciência coletiva, o poder de participação, opinião e decisão, entre as pessoas que residem no espaço é um meio de resistência, que pode promover a emancipação individual e coletiva e maior inserção das vozes dos moradores sobre sua realidade. Na compreensão desta pesquisa o empoderamento social é uma forma que o sujeito (individualmente ou coletivamente) tem de alcançar a sua cidadania.

A partir da apropriação das redes sociais na internet o grupo ganhou visibilidade, passou a ser reconhecido na comunidade onde atua, como também fora dela. As postagens feitas pelos jovens do *Tela Firme* na página do *Facebook* e no canal do *Youtube* proporcionaram o contato com outros grupos e organizações que utilizam as redes sociais na internet para divulgar suas demandas (GOHN, 2010). Repercutiu ainda para ações em comunidades da periferia, especificamente no bairro Terra Firme, como pode ser identificado no mapeamento (ver quadro 5).

A comunicação do *Tela Firme* nas redes sociais na internet possibilitou ainda o trabalho do Coletivo ganhar amplitude e visibilidade. Após as postagens nas redes sociais na internet, o grupo passou a ser reconhecido tanto na comunidade onde atua, quanto fora dela. Os jovens do Coletivo, que já atuavam em outros movimentos no bairro, após a criação do grupo passaram a realizar coletivamente diversas ações de cidadania na periferia de Belém, especificamente no bairro Terra Firme como palestras, bate papo, manifestações promovidas por movimentos sociais da comunidade, entre outras iniciativas. E com base nesse contexto que se constata que a comunicação nas redes digitais não está dissociada das práticas *offline*, pois como ressaltou Moraes (2000), apesar do meio virtual ter suas especificidades, os processos da práxis nos dois ambientes não se anulam, se complementam.

A partir da análise da produção alternativa e das ações de cidadania do *Tela Firme* foi possível identificar diversas ações viabilizadas por iniciativa do grupo ou em parceria com outros movimentos, e que além da valorização da periferia, está o fortalecimento dos habitantes desse espaço, a busca por melhorias para o bairro Terra Firme, o engajamento político-social de juventude, está o exercício da cidadania. Na qual sua efetivação parece estar longe de se tornar realidade (CARVALHO, 2001), principalmente quando se trata de espaços segregados e estigmatizados, como por exemplo, o bairro Terra Firme e *locus* desta pesquisa.

No entanto, as incertezas acima mencionadas não se mostram como obstáculos no trabalho ativo do *Tela Firme*, que apesar das dificuldades por não ter apoio para se manter, continua atuando na busca por melhorias para a periferia e para o que tem de melhor, que são as pessoas que habitam o lugar. E isso se confirma nas práticas comunicativas do grupo, como bem se observou na análise proposta quanto nas falas dos jovens entrevistados, que mostraram indignação diante da realidade de descaso e desigualdade presentes na periferia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Célia Regina T. C. Imprensa Mídia Alternativa: uma reflexão sobre o tema. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais...** Porto Alegre: Alcar, 2007.

_____. Rede Somos Todos Lúcio Flávio: rebeldia e ativismo político amazônico na Web. **Mediação**, Belo Horizonte, v. 16, n. 19, jul./dez., 2014.

AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas; SOUSA, Milene Costa; MOTA, Gabriel da; SILVA, Lanna Paula Ramos. Mídias alternativas na Amazônia: articulações de contrapoder na internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais...** Intercom: São Paulo, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BANDEIRA, Denize Daudt. A relação entre o processo de comunicação e cidadania. **Estudos**, Goiânia, v. 38, n.4, p. 671-584, out./dez. 2011.

BARROS, Marcos Paulo A favela e representações de identidade: estereótipos em Viver a Vida. In: ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 9., 2013, Ouro Preto. **Anais...** Porto Alegre: Alcar, 2013.

BELÉM. **Anuário Estatístico de Belém**. v. 17, 2012 Belém: Secretaria Municipal de Coordenação Geral do Planejamento e Gestão, 2012. Disponível em: <<https://goo.gl/ZAoJSw>>. Acesso em: 16 nov. 2017.

BEZERRA, Leila Maria P. de Souza. Sentidos da Pobreza e de Viver em Territórios Estigmatizados: versões dos moradores do Grande Bom Jardim em Fortaleza-Ce. In: JORNADA INTERNACIONAL DE POLÍTICAS PÚBLICAS, 5., 2011, São Luís. **Anais...** PPGPP/UFMA: São Luís, 2011.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan./jul. 2005.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Subsecretaria de Edições Técnicas. Brasília: 2010.

CARVALHO, José Murilo. **Cidadania no Brasil: o longo caminho**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8 ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2005.

_____. **A galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da Internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

_____. **O poder da Comunicação**. São Paulo; Rio de Janeiro. Paz e Terra: 2015.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

COSTA, Alda Cristina. A violência e os modelos midiáticos de espetáculo. In: MALCHER, Maria Ataíde et al. (Org.). **Comunicação Midiatizada na e da Amazônia**. Belém: FADESP, 2011. p. 179-204.

COSTA, Alda. AMORIM, Célia R. T. LIRA, Adriana S. C. “Poderia ter sido você”: cidadania e periferia. **Alterjor**, São Paulo, v. 15, n. 1., p. 43-58, 2017. Disponível em: <<https://goo.gl/ouXyuR>>. Acesso em: 26 mar. 2017.

COSTA, Ériko F. Nery. **Periferização, dispersão e fragmentação urbana em cidades intermediárias da Amazônia**: o caso de Altamira, Pará. 2013. 159 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente Urbano) – Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DECLARAÇÃO DE DIREITOS DO HOMEM E DO CIDADÃO. **Biblioteca Virtual de Direitos Humanos**, [on-line], [20--]. Disponível em: <<https://goo.gl/ioibbX>>. Acesso em: 31 jan. 2017.

DECLARAÇÃO UNIVERSAL DOS DIREITOS HUMANOS. **Unesco**, [on-line], 1998. Disponível em: <<https://goo.gl/WhxZtE>>. Acesso em: 13 jun. 2016.

DOWNING, John D. H. **Mídia radical**: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais. São Paulo: SENAC São Paulo, 2004.

FONSECA JÚNIOR, Wilson. Análise de conteúdo. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. p. 280-304.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

_____. **Em defesa da sociedade**. São Paulo. Martins Fontes: 2005.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**: teoria e prática da libertação uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. São Paulo: Cortes e Moraes, 1979.

_____. **Extensão ou Comunicação?** 8. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e Ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GOHN, Maria da Glória. Abordagens Teóricas no Estudo dos Movimentos Sociais na América Latina. **CADERNO CRH**, Salvador, v. 21, n. 54, p. 439-455, set./dez. 2008.

_____. **Movimentos Sociais e Redes de Mobilizações Civas no Brasil contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

GONCZEWSKI, Clóvis, MARTIN, Nuria Bellosso. **A necessária revisão do conceito de cidadania: Movimentos Sociais e novos protagonistas da esfera pública democrática**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere: Os Intelectuais. O Princípio Educativo. Jornalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

GÜNTHER, Hartmut. Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: esta é a questão? **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 22, n. 2, p. 201-210, maio/ago. 2006

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICAS- IBGE. **IBGE**, [on-line], [20--]. Disponível em: <<https://goo.gl/UcNo7T>>. Acesso em: 8 ago. 2017.

KAUARK, Fabiana S. MANHÃES, Fernanda C. M; MEDEIROS, Carlos H. **Metodologia da Pesquisa: um guia prático**. Itabuna/BA: Ed. Via Litterarum, 2010.

KLEBA, Maria Elizabeth; WENDAUSEN, Agueda. Empoderamento: processos de fortalecimento dos sujeitos nos espaços de participação social e democratização política. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 18, n. 4, out./dez. 2009.

LEMONS, André. Cibercultura e Mobilidade: a era da conexão. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005.

LEMONS, André. LÉVY, Pierre. **O futuro da internet: em direção a uma ciberdemocracia planetária**. São Paulo: Paulus, 2010.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Venício A. de. Comunicação, Poder e Cidadania. **Rastros**, Joinville, ano VII, n. 7, p. 8-16, out. 2006.

LONDERO, Daiane. RICHTER, Ingrid. A globalização e a nova cidadania. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, Santa Maria, v. 2, n. 3, p. 1-11, 2007.

LOPES, Michelly de L. e RAMIRES, Julio Cesar de L. Uma caracterização sócio-espacial da periferia urbana de Urbelândia – MG. In: ENCONTRO DE GEÓGRAFOS DA AMÉRICA LATINA, 12., 2009, Montevideo. **Anais...** Montevideo: EGAL, 2009.

LUCA, Tânia Regina. Direitos sociais do Brasil. In PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **História da Cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

MAIA, João. Usos, abusos e resistência da cultura comunitária. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005.

MAIA, Doralice S. A Periferização e a Fragmentação da Cidade: loteamentos fechados, conjuntos habitacionais populares e loteamentos irregulares na cidade de Campina Grande - PB, Brasil. **Scripta Nova**, v. 14, n. 331, ago. 2010.

MAIA, Rousiley C. M. Internet e esfera civil: Limites e alcances da participação política. MAIA, Rousiley C. M.; GOMES, Wilson. MARQUES, Francisco P. J. A. **Internet e participação política no Brasil**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARSHALL, Thomas H. **Cidadania, Classe social e Status**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

MAZETTI, Henrique Moreira. Mídia alternativa para além da contra-informação. In: CONGRESSO NACIONAL DE HISTÓRIA DA MÍDIA, 5., 2007, São Paulo. **Anais...** Porto Alegre: Alcar, 2007.

MEDEIROS, Alexsandro M. Emancipação Política e Social. **Sabedoria Política**, [on-line], 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/8mutGV>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

MORAES, Denis de. Comunicação Virtual e cidadania. Movimentos sociais e políticos na internet. **Intercom**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 142-158, 2000.

_____. Comunicação alternativa, redes virtuais e ativismo: avanços e dilemas. **Eptic**, v. 9, n. 2, p. 1-20, maio/ago. 2007.

_____. Comunicação, Hegemonia e Contra-Hegemonia: A Contribuição Teórica de Gramsci. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 4, n.1, p. 54-77, jan./jun. 2010.

MOREIRA, Erika V. HESPANHOL, Rosângela A. M. O lugar como uma construção social. **Revista Formação**, Presidente Prudente, v. 2, n. 14, p. 48-60, 2007.

MOUFFE, Chantal. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política e Sociedade**, Florianópolis, v. 2, n. 3, p. 11-26, out. 2003.

MOUFFE, Chantal. **El retorno de lo político**: Comunidad, ciudadanía, pluralismo, democracia radical. México: Paidós, 1999.

MOURA, Alie B. O discurso da cidadania me Marshall: a influência do modelo clássico na teoria jurídica moderna. **Jurisvox**, Patos de Minas, n. 10, p. 22-34, 2010.

OJIMA, Ricardo. **A dicotomia centro-periferia em discussão**: consequências inesperadas e desafios para a gestão nas aglomerações urbanas metropolitanas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 12., 2005, Belo Horizonte. **Anais...** Porto Alegre: SBS, 2005.

PERUZZO, Círcia M. Krohling. Comunicação Comunitária e educação para a Cidadania. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 205-228, jul./dez. 1999.

_____. Direito à comunicação comunitária, participação popular e cidadania. **Lumina**, Juiz de Fora, v. 1, n. 1, p. 1-29, jun. 2007.

_____. Conceitos de comunicação popular, alternativa e comunitária revisitados e as reelaboraões no setor. **ECO-Pós**, Rio de Janeiro, v. 12, n.2, maio/ago. 2009, p.46-61.

_____. Movimentos sociais, cidadania e o direito à comunicação comunitária nas políticas públicas. **Fronteiras**, São Leopoldo, v. 11, n. 1, p. 33-43, jan./abr. 2009.

_____. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia**, São Paulo: n. 17, p. 131-146, jun. 2008.

_____. Movimentos sociais, redes virtuais e mídia alternativa no junho em que “o gigante acordou”(?). **MATRIZES**, São Paulo, ano 7, n. 2, 73-93, jul./dez. 2013.

PINA, Selma Nazaré. **Violência Simbólica no Espaço Urbano**: a percepção dos atores sociais da Escola da Aplicação da UFPA acerca da criminalidade no bairro da Terra Firme, em Belém (PA). 2013. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio ambiente Urbano) – Universidade da Amazônia, Belém, 2013.

PINSKY, Jaime. PINSKY, Carla Bassanezi. **História da Cidadania**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

PINTO, Oriana P. A. M. Direitos de cidadania como fundamentos do Estado democrático de direito. **Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios**, [on-line], 24 abr. 2008. Disponível em: <<https://goo.gl/iyKQkF>>. Acesso em: 30 mar. 2017.

PRIMO, Alex. Interações mediadas e remediadas: controvérsias entre as utopias da cibercultura e a grande indústria midiática. In. PRIMO, Alex (Org.) **Interações em rede**. Porto Alegre: Sulina, 2013. p. 13-32.

RECUERO, Raquel. Curtir, compartilhar, comentar: trabalho de face, conversação e redes sociais no Facebook. **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v.28, n. 68, p.117-127, 2014.

SAQUET. Marcos A. SILVA, Sueli S. Milton Santos: concepções de geografia, espaço e território. **Geo UERJ**, Rio de Janeiro, ano 10, v. 2, n. 18, p. 24-42, 2º semestre 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2003.

SANTOS, Milton. **Da totalidade ao lugar**. São Paulo: Edusp, 2005.

SANTOS, R. O. Periferias urbanas: ensaio de síntese da produção teórica brasileira. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA URBANA, 10., 2007, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: SIMPURB, 2007.

SENADO FEDERAL. **Lei de Imprensa**. Brasília: Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 2003. Disponível em: <<https://goo.gl/pnTBh7>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

SENADO FEDERAL. **Constituição do Estado do Pará**. Belém: Alepa, 1989. Disponível em: <<https://goo.gl/edp4gq>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

SHÖRNER, Anselmo. Periferia: pensando um conceito. **Ecos da periferia**, [on-line], 3 set. 2011. Disponível em: <<https://goo.gl/meFGu5>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

SILVA, JOÃO M. P.; SILVA, Christian N.; SANTOS, Flavio A. A.; MEDEIROS, Gláucia R. N.; SOUSA, Hugo P.; VILHENA, Thiago M.; LIMA, Joanderson B. O Traçado da Linha da Primeira Léngua Patrimonial (LPLP) e da Linha de Preamar Média (LPM) de 1831 da cidade de Belém. In: SILVA, Christian N.; LUZ, Luziane M.; PONTE, Franciney C.; RODRIGUES, José E. C. (Org.). **Belém dos 400 anos: análises geográficas e impactos antropogênicos na cidade**. Belém: GAPTA/UFGA, 2017.

SILVA, Regina Helena A. GONZAGA, Milene M. Redes Culturais em Territórios Urbanos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 28., 2005, Rio de Janeiro. **Anais...** São Paulo: Intercom, 2005.

SILVA, Maria do Socorro Rocha. SÁ, Maria Elvira Rocha de. Medo na Cidade: estudo de caso no bairro da Terra Firme em Belém (PA). **Argumentum**, Vitória, v. 4, n. 2, p. 174-188, jul./dez. 2012.

SILVA, Taziane M. TEIXEIRA. Talita O. FREITAS, Sylvia, M. P. Ciberespaço: uma nova configuração do ser no mundo. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 21, p. 176-106, abr. 2015.

SILVA, Tomaz Tadeu. HALL, Stuart. WOODWARD, Kathryn (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, v. 1, p. 28-39, 2010.

SOTO, William Héctor G. A cidade, o subúrbio e a periferia. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE DESENVOLVIMENTO REGIONAL, 4., 2008, Santa Cruz do Sul. **Anais...** Santa Cruz do Sul: Unisc, 2008.

TAVEIRA, Adriana Do Val Alves. Democracia e cidadania no contexto atual. **Revista da Faculdade de Direito da UFG**, Goiânia, v. 33, n. 1, p. 129-138, maio 2010.

TOURAINÉ, Alain. **Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes**. Petrópolis: Vozes, 1998.

VARELA, Aida. **Informação e construção da cidadania**. Brasília: Thesaurus. 2007.

APÊNDICE A – FORMULÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

FORMULÁRIO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA DO PROJETO DE PESQUISA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA.

A realização desta entrevista faz parte da pesquisa de campo referente ao trabalho de dissertação da mestrandia Adriana do Socorro Campos de Lira cuja pesquisa destina-se a investigar o trabalho que o *Coletivo Tela Firme* desenvolve no bairro Terra Firme, periferia da capital paraense.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome:

Nascimento:

Formação profissional:

QUESTIONÁRIO

- 1- Como tudo começou?
- 2- Há quanto tempo você atua no *Coletivo Tela Firme*?
- 3- O que levou você a participar da iniciativa?
- 4- O Coletivo tem financiamento?
- 5- De onde partiu a ideia de utilizar as redes digitais para divulgar o trabalho do grupo? Como é feito esse trabalho?
- 6- Como ocorrem as interações sociais na rede?
- 7- Por que utilizar o canal do *Youtube* e a página do *Facebook*?
- 8- Quais ações que o grupo desenvolve na periferia?
- 9- Como a iniciativa é recebida na comunidade?
- 10- De que forma essas ações são desenvolvidas?
- 11- As práticas comunicativas do grupo promovem a cidadania?
- 12- Quais os projetos futuros do *Coletivo Tela Firme*?

APÊNDICE B – ENTREVISTAS COM INTEGRANTES DO *COLETIVO TELA FIRME*

Título da pesquisa: *COLETIVO TELA FIRME*: Comunicação e cidadania na periferia

Mestranda: Adriana do Socorro Campos de Lira

Orientadora: Célia Regina Trindade das Chagas Amorim

Entrevistados: Ingrid Silva dos Santos (estudante) – utiliza o sobrenome Louzeiro; José Francisco Santos Batista (geógrafo e comunicador popular), Izabela Viviane Matos Chaves (estudante), Mailson Souza e Vanessa Alves.

Período da realização das entrevistas: de 05 a 20 de julho de 2017.

Entrevistado 1: Ingrid Silva dos Santos

Pesquisadora: Como tudo começou no *Tela Firme*?

Entrevistado 1 : (Ingrid Louzeiro) O *Tela Firme* veio assim de uma conversa que o Francisco, o Mailson e Vanessa tiveram um dia na Praça da Terra Firme. Um belo dia, eles se encontraram e começaram a conversar sobre várias problemáticas que a Terra Firme tava enfrentando daí surgiu várias ideias, isso era em 2013. **Quando foi em 2014, novembro, eles começaram a produzir várias coisas, eles produziram sobre a cultura da Terra Firme, as pessoas mais antigas que moram na Terra Firme, assim, com o objetivo de desmistificar e de dizer: aqui na Terra Firme não mora só bandido, só ladrão, entendeu? Porque todo mundo tem essa visão da Terra Firme.** Começou assim, né...numa conversa. E aí quando foi em 2014 aconteceu a chacina em Belém, que foi em várias periferias na Terra Firme, no Guamá, no Marco. Daí eu entrei pra militância e daí foi que eu entrei pro *Tela Firme* em 2015.

Pesquisadora: Então você está no *Tela Firme* há dois anos?

Entrevistado: Há dois anos. Fiz dois anos em março.

Pesquisadora: O que te levou a participar do Coletivo?

Entrevistado 1: Foi assim, quando a gente fez o “Poderia ter sido você” me chamaram mesmo e tal. Eu tava envolvida em várias reuniões sobre a chacina e aí eu meio que tava em tudo e aí eles me chamaram. Daí eu tá, umbora. E aí quando foi dia 5 de janeiro na Praça da

Terra Firme a gente mostrou o vídeo, inaugurou o vídeo, né? Fez a apresentação do vídeo pra Terra Firme.

Pesquisadora: Foi na Praça?

Entrevistado 1: Foi, lá dentro no ginásio...um espaço que tem dentro da igreja de fazer várias atividades lá. Daí foi isso que me levou, né, me levou a entrar no *Tela Firme*. Eles me fizeram o convite, quando eles fizeram um ano e aí eu entrei. “Ah, a gente queria que vocês entrassem”, eu e o Adriano inclusive, e aí a gente com certeza, a gente era só colaborador.

Pesquisadora: Eles conheciam vocês de onde?

Entrevistado 1: Da Terra Firme

Pesquisadora: Porque vocês já atuavam em algum movimento?

Entrevistado 1: O Adriano ele já era do “Juntos”, que é o Coletivo de Juventude.

Pesquisadora: O *Tela Firme* já fez algum trabalho com esse grupo?

Entrevistado 1: A gente vive fazendo.

Pesquisadora: Qual é o tipo de trabalho que vocês já fizeram com o “Juntos”?

Entrevistado 1: A gente já chamou o *Tela Firme* pra várias atividades nossas como seminário.

Pesquisadora: Algum trabalho pronto do *Tela Firme* com o grupo?

Entrevistado 1: Então, a gente fez parcerias, assim tipo, pra atividades. Pro *Tela Firme* falar sobre a mídia alternativa, entendeu, como uma alternativa de expandir os nossos trabalhos.

Pesquisadora: O que significa mesmo “Juntos”?

Entrevistado 1: o *Juntos* é o Movimento Nacional de Juventude. Ele está em várias cidades. E eu e o Adriano fazemos parte do “Juntos” também. Eu entrei no *Juntos* em dezembro de 2014, quando aconteceu a chacina, eu entrei em dezembro no *Juntos* e no *Tela Firme* eu entrei em março de 2015 e desde daí a gente vem militando.

Pesquisadora: O Coletivo tem financiamento?

Entrevistado 1: Não. A gente mesmo que ajuda, vai se ajudando.

Pesquisadora: De onde partiu a ideia de utilizar as redes digitais para divulgar o trabalho do grupo? E também como é feito esse trabalho?

Entrevistado 1: Nessa conversa de criação, porque assim, o Mailson trabalha editando vídeo, ele trabalha gravando tudo mais, então eu acho, né, não posso ter certeza, mas eu acho que foi nessa perspectiva, ele editando, ele gravando, a Vanessa como repórter e fazendo toda aquela....aquele documento para entrevistar, aquele roteiro. Então acho que basicamente foi isso mesmo. Eles tinham habilidades pra fazer vídeos e assim também publicar na internet, que a internet hoje é um instrumento fundamental, uma ferramenta que ela serve muito pra gente divulgar nossos trabalhos, divulgar vários trabalhos.

Pesquisadora: Essas interações que acontecem na rede, a gente vê comentários lá de moradores, então como acontecem essas interações na rede com o Coletivo?

Entrevistado 1: Olha, que a gente percebe, que a gente sente quando vai em vários espaços é que essa interação ocorre de uma maneira muito positiva, tanto pro nosso lado quanto pro lado dos moradores. Por que? Porque os moradores se vêem naquilo, sabe? E isso a gente sente, isso é maravilhoso, que isso que a gente quer. A gente não é um Coletivo de fora querendo falar da Terra Firme. A gente é um Coletivo da Terra Firme querendo falar pra gente mesmo, pros moradores da Terra Firme. Pros moradores é isso, pro Coletivo isso é muito bom, porque a gente sente um retorno muito positivo, tanto dos moradores quanto de outros bairros. Nós fomos influência pra outros bairros também criarem os seus. No Curió tem um.

Pesquisadora: Depois de vocês eles criaram?

Entrevistado 1: Sim eles criaram. Não lembro direito o nome. Não sei se é “Ver o Curió” ou “Curió Fina”

Pesquisadora: Foram jovens de lá também?

Entrevistado 1: Sim, sim. Eles têm um canal de rádio também parece, além da internet eles funcionam também na rádio. Mas eu não sei como tá agora, mas eu lembro que a gente chegou a saber que por influência nossa estavam criando o próprio canal deles pra falar do Curió.

Pesquisadora: Por que vocês escolheram utilizar o *Youtube* e o *Facebook*?

Entrevistado 1: Porque é o *Youtube* ele... Acho que todos os jovens conhecem o *Youtube* hoje em dia, e o Coletivo ele tem um direcionamento, o nosso público alvo são os jovens, são os estudantes.... São os jovens, que tão agora entrando na universidade tão entrando no ensino fundamental, no ensino médio. Eu acho que é isso. Todo mundo praticamente tem *Facebook*, os jovens têm *Facebook*. Ele é um canal muito fácil de acesso, muito fácil de chegar a informação a ti.

Pesquisadora: Quais são as ações, por exemplo. Tu me falaste que vocês apresentaram o vídeo “Poderia ter sido você” para a comunidade. Como é que vocês atuam dentro da comunidade?

Entrevistado 1: Então, a gente atua divulgando o nosso trabalho através dos vídeos. A gente já foi em várias escolas lá da Terra Firme, a Celso Malcher, a Brigadeiro Fontenelle, Mário Barbosa, Mateus do Carmo e a gente vai com nossos vídeos, apresentar o *Tela Firme*, apresentar o que é o *Tela Firme* e mostrar os vídeos. Os vídeos é... Acho que tu já viu. O “Poderia ter sido você”, por exemplo, ele tem um direcionamento, ele tem uma crítica, ele tem um objetivo. Ele fala de fatos que são é... Que afetam diretamente a gente, que é o extermínio da juventude, mais a juventude negra, e isso é o cotidiano sabe da galera. Acho que todo mundo assim, tipo, já ouviu falar de algum preto que morreu, de algum irmão que morreu, meu próprio irmão morreu, de algum parente que morreu, sabe? O parente também do Adriano, dois primos do Adriano morreu, em menos de um ano sabe, e foi tudo isso sabe

Pesquisadora: Por que morava na periferia?

Entrevistado 1: Porque morava na periferia. E aí assim, essas atividades a gente mostra, o *Tela Firme* mostra os vídeos conversa com a juventude sobre isso e aí é uma troca de experiência e uma troca de informações e muita gente quer participar muita gente quer saber das atividades. Uma das atividades e essa, outras atividades é que a gente participou, a gente planejou construiu com outras instituições, movimentos o “Belém 400 anos”. Belém ia fazer 400 anos (e fez né?), e...a gente quis mostrar assim pra...tipo assim, a gente sabia que a prefeitura ia fazer a mesma coisa que faz todos os anos que é apresentar o bolo cortar o bolo lá no Ver-o-Peso e dizer que Belém tá mil maravilhas. E a gente quis construir, e a gente construiu várias atividades pra dizer Belém 400 é isso.

Pesquisadora: Onde vocês realizaram essas atividades Belém 400 anos?

Entrevistado 1: A gente fazia as reuniões lá na....do lado da igreja. A gente fazia várias reuniões. E qual foi a ideia do Belém 400 anos? Era fazer várias atividades em um eixo da periferia Terra Firme, Guamá, Marco, Icoaraci cabanagem sabe, várias e várias atividades que inclusive a Facom nos ajudou. A Facom ela tem um documentário sobre isso. Foi isso que ela gravou comigo. Lá tem um documentário de todas as atividades e eles pagaram todas as atividades e no final de tudo, dia 12 de janeiro de 2016 a gente fez essa atividade na Praça da República, todo mundo lá...

Pesquisadora: A atividade culminou nesse evento no dia 12 de janeiro na Praça da República?

Entrevistado 1: Isso. Pra mostrar que era Belém 400 anos na verdade e que era sob o olhar do Gueto que a gente fala, não o olhar da Elite. Essa foi uma das atividades mais importantes porque foi um ano.

Pesquisadora: O ano de 2015 todo você trabalhando?

Entrevistado 1: Até 2016. Além disso, a gente tem várias parcerias com várias instituições que chamam a gente pra fazer atividades também.

Pesquisadora: Vocês já desenvolveram vários trabalhos com grupos de lá de dentro das comunidades, como você citou, por exemplo, o Juntos. Que tipo de atividades o “Juntos” desenvolveu com o *Tela Firme*?

Entrevistado 1: Seminário, atividades nossas de formação e debate político que a gente chamava eles. E aí, não ia sempre eu e o Adriano nós já éramos do “Juntos”, ia outras pessoas como o Mailson e o Francisco.

Pesquisadora: Tinham também outros grupos como o GON, por exemplo?

Entrevistado 1: O GON ele cuida tipo de pessoas que têm câncer. E aí eles fazem várias atividades para ajudar pessoas que têm câncer E também eles estavam desenvolvendo atividades num abrigo da Terra Firme que tinha lá, não sei se ainda tem também. E aí o que eles faziam, eles arrecadavam alimentos, né? Eles doam cabelo pra quem estar se cuidando. Várias atividades que o GON faz ele convida o *Tela Firme* e quando a gente pode também chama eles, e eles estão lá. O Pará África que é um grupo de jovens negros, eles fazem várias exposições e no dia do nosso aniversário de um ano eles fizeram uma exposição. E foi lá que eu conheci o Pará África, inclusive, que eu ainda não era do *Tela Firme* também.

Pesquisadora: Vocês fizeram um vídeo com um desses grupos que trabalha com artes?

Entrevistado 1: Foi porque estava tendo ocupação do Solar da Beira na época e a gente quis mostrar como era essa ocupação. Aí foi que o Mailson e o Thalisson desenvolveram esse trabalho lá.

Pesquisadora: Eu percebi que esse trabalho com a comunidade cresceu mais do que as produções dos vídeos. É isso mesmo?

Entrevistado 1: Sim, a ideia de início era tirar essa visão de que na Terra Firme não tinha ninguém que presta. Era essa a princípio, só que depois se expandiu. Porque depois a gente percebeu que a gente era um coletivo de mídia alternativa. A gente até debateu sobre que nós somos, sabe? Porque expandiu, a gente não tava mais conseguindo dizer nós somos isso, mas a gente também faz isso, a gente também faz aquilo. Então vamos pensar? Nós somos um Coletivo de mídia alternativa. O que essa mídia alternativa vai fazer? Vai mostrar pra galera o que a Globo, o SBT não mostram, o que a RBA não mostra. E aí tipo, antes era só a Terra Firme, depois eram várias instituições, movimentos que vinham dizer a gente quer que vocês venham aqui, a gente quer que vocês dêem essa cobertura pra gente. E aí a gente teve um impasse que a gente não conseguiu... Nossa se a gente tivesse equipamento sabe, a gente faria todo tempo assim, fazendo várias coisas, mas a gente não tem equipamento a gente tem um suporte que é do Mailson que ele trabalha, e aí ele acaba as vezes cedendo equipamento emprestando equipamento e tudo mais. Então é assim que a gente trabalha na base do improvisado, mas que sai uma coisa muito legal.

Pesquisadora: Essa falta de financiamento você acha que está prejudicando?

Entrevistado 1: Sim, mas a gente tem um debate a gente não quer financiado pelo governo do PSDB, a gente também tem um lado. A UIPP já veio dizer “a gente tem equipamento pra vocês” a gente tem isso tem aquilo, mas e troca eles vão querer que a gente faça várias coisas pra eles também. E aí a gente não quer isso. Não, deixa a gente aqui. A gente tá bem aqui. A gente vai fazer o nosso próprio financiamento. Como é um grupo de estudantes ainda tipo, o Francisco trabalha mais o Francisco tem a vida Dele, o Mailson trabalha, mas tem a família dele pra cuidar. Então se todo mundo trabalhasse a gente ia se auto-financiar e aí a gente ia comprar o nosso próprio equipamento.

Pesquisadora: Você acha que as práticas comunicativas do grupo promovem a cidadania?

Entrevistado 1: Sim, a gente tipo coloca um sementinha ali em cada um que a gente passa, entendeu? Que a gente conversa e tal, e aí eu acho que isso que é promover a cidadania sabe? Isso é fazer o outro pensar diferente de uma forma alternativa. Eu acho que é isso.

Pesquisadora: Quais os projetos futuros do *Coletivo Tela Firme*?

Entrevistado 1: A gente tem milhões de projetos futuros a gente tem vídeos que ainda não estão editados, então o nosso projeto é terminar esses vídeos pra poder lançar. Além disso, a gente também tá querendo fazer as nossas próprias formações políticas e também as nossas formações de vídeos de edição de fotos. Porque eu, por exemplo, não sei, mas a Vanessa sabe, Mailson sabe, Francisco talvez, não sei. Porque a gente, cada um tem uma função, acaba tendo uma função, a minha é mais de articulação política, assim como a do Adriano também, a do Francisco também. A do Mailson é mais uma coisa de edição de pensar, de criatividade, assim como o Harison também. Aí a gente tenta fazer um pouquinho de cada assim. E aí a gente pretende finalizar nossos vídeos, pretende também fazer nossas formações e a gente também queria fazer um Júri Popular que acabou não saindo, mas era um Júri Popular pra dizer olha tá acontecendo isso aqui no bairro, tá acontecendo isso aqui em todos os bairros das chacinas e a gente quer uma resposta do governo sabe. E se o governo não puder ajudar a gente, a gente convoca outras instâncias que são também importantes e que vão conversar com a gente sobre isso. Porque acontece chacina todo dia, sabe, em vários lugares.

Pesquisadora: Sobre essa articulação política como ela é feita?

Entrevistado 1: Eu digo articulação política porque a gente tem que ter muito cuidado com quem a gente vai conversar entendeu. Por exemplo, da UIPP eles chamaram o Francisco e o Francisco veio conversar com a gente, entendeu. E isso é mais essa questão.

Pesquisadora: Pra não tornar partidário?

Entrevistado 1: Sim. Apesar de eu fazer parte do PSOL, por exemplo, o *Tela Firme* não é entendeu? Mas a gente tem que ter um cuidado pra conversar com todo mundo. Se a gente resolve apoiar alguma ideia tem que ser com o consenso de todo mundo.

Pesquisadora: Quanto a atuação de vocês?

Entrevistado 1: É uma mídia alternativa, atuação política....Não sei se o Francisco vai falar, mas a ideia também... Ele comprou uma casa na Terra Firme e a ideia era gente fazer um Chalé da Paz. Aí no caso ia morar eu e ele lá. E aí o que a gente iria fazer lá? Ia fazer várias

atividades com as crianças de lá. E seria o ponto do *Tela Firme*. E aí a gente já pode pensar nessa questão da galera financiar a gente.

Pesquisadora: Parcerias?

Entrevistado 1: Isso, pela internet e tal, entendeu. Tem site de financiamento de Coletivos. E aí a gente tava pensando nisso sabe, quando tiver um lugar fixo que a gente dê o nosso endereço tudo, a gente pode pedir pra essa galera financiar a gente. E o que é essa galera? São as ONGs são... E a gente pode até também participar de vários editais de financiamentos de projetos também. Que aqui na UFPA tem, nas ONGs também têm, têm várias, até no governo, mas nesse negócio de Coletivo nesse negócio nosso.

Entrevistado 2: José Francisco Santos Batista

Pesquisadora: De onde surgiu a ideia de criar o *Tela Firme*?

Entrevistado 2 (José Francisco): Antes de vir para o Brasil, quando eu voltei da África, eu passei 2010 e 2011 lá. Em 2011 quando eu voltei da África, antes de voltar pra cá eu tava... Eu sempre atuei no bairro, no movimento de igreja, na Comissão de Justiça e Paz, na Pastoral da Juventude (grupo da igreja), movimentos sociais. Quando chegar na Terra Firme eu vou fazer o que “da vida” em termo de movimento social? Com advento da internet e tudo, aí eu pensei acho interessante criar uma TV Comunitária até para gente mudar esse estigma de bairro violento que só tem coisa ruim. Tanta coisa boa que tem a ideia foi criar esse canal de uma televisão comunitária que a gente chamou até então (naquele primeiro momento). E eu compartilhei a ideia com o Mailson, com outras pessoas. Melhor, antes do Mailson eu tinha compartilhado a ideia com a Joana e com a Nieslei (são pessoas até interessante que você fale). E nós chegamos a reunir numa escola próximo à passagem Vitória, entre São Pedro e passagem Vitória numa escola lá. E nós tivemos uma primeira reunião, a gente começou a viajar fazer vídeos sobre o bairro, fazer *clips* e tal mostrar coisas. Então foram essas pessoas e o Cleiton. Foram três: a Joana, a Nieslei e o Cleiton. Essas três pessoas que a gente começou a pensar. E aí eu tinha visto um vídeozinho da Fran e do Thalisson, eles faziam uma comicidade de repórter uma coisa bem caseira, mas muito legal muita comicidade, muito natural, muito espontânea. Chamei-os pra falar sobre essa ideia a gente começou a pensar sobre isso. Começou a pensar nessa possibilidade. Daí foi, a gente reuniu em 2013, né? Que foi em 2014 isso, final de 2013, aí a gente tava agoniado com o tempo, aquela questão que a gente já sabe

que as pessoas são ocupadas, aí sempre vinha e voltava.... Aí eu tava no grupo de teatro JAVE, aqui da Paróquia Santa Maria e lá tem o Mailson que dirigia a peça e também tava começando a trabalhar com esse negócio de edição de vídeo aqui na praça, acho que final de 2013, dezembro. Aí eu conversei com ele aqui: “-Mailson, cara (eu expus a ideia). Tá a fim de fazer uma TV comunitária? O que tu acha? Tu trabalha com isso... Umbora. Mas eu queria marcar logo um momento pra gente fazer o vídeo pra não ficar enrolando. Eu disse olha assim, nesse período agora uma data significativa vai ser o carnaval. Umbora tratar como se expressa o carnaval no bairro? Foi que a gente fez isso aqui. Só que antes a gente antecipou, criamos a logomarca, o nome *Tela Firme* foi logo aceito pela galera (a galera gostou acatou isso logo). Depois a gente contratou um rapaz, um designer, que é o Jorge, que sempre faz os cartaz da paróquia, é um artista muito bom que fez a nossa logomarca. Depois colocamos no *facebook* a nossa expectativa com a logomarca já. Quase um mês a gente criava a expectativa o que é isso? O que é isso? E agora? Algumas pessoas brincavam é o cebolinha falando Terra Firme “*Tela Firme*”. Aí começou uma expectativa muito grande no *Facebook*, aí começou a “ganhar pé” bacana. Até que a gente reúne produz... Primeiro a gente pegou o equipamento era emprestado do Joaquim a câmera que a gente foi gravar o carnaval aqui na escola “Rosa da Terra Firme” (a única escola do bairro, escola do grupo de acesso) e fomos para a Paróquia Santa Maria pegar uma outra dimensão do carnaval que era um retiro católico. Então a gente pegou um carnaval tipo “religioso” e um “profano” (digamos o popular). Aí a gente entrevistou as pessoas e tudo, aí depois a gente começou a pedir pras pessoas falar do *Tela Firme*. Aí a gente joga a ideia e lança. A mídia comercial começou... A gente fez uma entrevista... Fizemos uma entrevista... Até no Sem Censura a gente foi, várias emissoras aí repercutiu as coisas.

Pesquisadora: Então quer dizer que a página no *Facebook* foi lançada antes de vocês produzirem o primeiro vídeo?

Entrevistado 2: Acho que foi concomitante a coisa. Acho que o Mailson pode até citar melhor explicar melhor. Acho que foi concomitante porque a gente pedia pras pessoas curtirem também a nossa página. Primeiro lançou o vídeo e depois a gente fez página, logo em seguida...

Pesquisadora: Então quando vocês começaram a pensar no *Tela Firme* vocês já pensaram na ideia de utilizar as redes digitais?

Entrevistado 2: Sim sim foi logo... Só que naquele primeiro momento a gente não via o *Facebook* como uma ferramenta tão valiosa quanto o *Youtube* digamos assim, a ideia era lançar o vídeo na internet. Depois percebemos também que o *Facebook* era algo que tinha muita repercussão aí começamos a trabalhar integralmente *Youtube* e *Facebook*, ao ponto de priorizarmos mais o *Facebook*.

Pesquisadora: A gente percebe que no início o produto principal de vocês eram os vídeos?

Entrevistado 2: Os vídeos

Pesquisadora: E agora eu percebo que vocês têm uma ação muito grande dentro da comunidade com relação a trabalhos com atores sociais, com a sociedade civil e isso eu percebo que tem configurado como uma característica forte de vocês e que esse ambiente (as redes digitais, as redes sociais na internet) acaba sendo um espaço a mais pra vocês trabalharem?

Entrevistado 2: Hoje é. Com a difusão, com a nossa intervenção que no início a gente já se propõe a isso é um processo muito natural, porque nós estamos num espaço segregado que é um bairro de periferia. Então, não tem como estar dentro desse espaço sem falar da problemática que existe nesse espaço. E quando você fala da problemática você tem uma relação de identidade com os outros movimentos de reivindicação também. Então foi um processo muito natural essa relação. E aí quando a gente se posicionou com relação a chacina que foi o vídeo “Poderia ter sido você”, aí consolidou de fato o *Tela Firme* como um Coletivo de comunicação popular em defesa dos direitos humanos, da vida, contra a violência e contra o extermínio.

Pesquisadora: Como tu percebes que ocorre essa interação dentro das redes sociais na internet?

Entrevistado 2: Olha, a gente percebe essa interação quando você, por exemplo, posta um vídeo que tem mais de vinte compartilhamentos, que tem bastante visualizações. Nós não temos a massa, nós temos um público que está atento as questões, e de uma certa forma ele se expande um pouco, além daquilo que é (digamos assim) um grupo de militantes, mas vai além, vai um colega da escola do amigo, do colega da igreja, do movimento. Acho que alcança isso.

Pesquisadora: Qual o objetivo do Coletivo ao utilizar a internet para divulgar o trabalho que desenvolve?

Entrevistado 2: Primeiro é que o nosso objetivo é divulgar a internet porque a gente que não é ainda algo tão socializado, tão democratizado, mas é o espaço que a juventude acessa (a internet) e a gente utiliza pra divulgar aqui no bairro.

Pesquisadora: Porque escolher a página do *Facebook* e o *Youtube*?

Entrevistado 2: O *Facebook* tornou-se uma ferramenta fantástica hoje e, ele é a rede social de massa e que tem essa prioridade. Se o *Twitter* tem um público, o *Instagram*, mas o *Facebook* é o antigo *Orkut*, digamos assim. Então é o centro e a favela junto e misturado, então quem tem acesso ao *Facebook* lá a informação chega compartilha e coloca a sua ideia.

Pesquisadora: Francisco quais são as ações que o *Tela Firme* desenvolve dentro da periferia?

Entrevistado 2: As ações elas são a produção do material audiovisual, essa é a ação mais específica. Falamos já de carnaval do bairro, da fundação do bairro, nós falamos de algumas ações sociais que são desenvolvidas no bairro. Registramos uma vez, fotograficamente não foi audiovisual (quando a gente começa a produzir matérias com fotos e com textos) foi uma ação social da Remista, que é uma torcida organizada do Clube do Remo aqui no bairro, que é vista com muita carga de negatividade por ser torcida organizada, por violência essa coisa toda. Eles fazem uma ação social com crianças todo ano em outubro, a gente registrou isso. Pegamos umas imagens, umas falas e fizemos um texto, isso aí teve uma repercussão muito legal. Teve algumas caminhadas que a gente também registrou, participou. A visita peregrina de Nossa Senhora de Nazaré na Paróquia Santa Maria a gente também registrou fez um pequeno vídeo. Então essa é um exceção no bairro, ao ponto do *Tela Firme* em pelo menos quatro escolas ser tema tanto de prova, sendo citado mesmo, como de bate papo ou de feira da cultura como foi o caso Estellina Valmont.

Pesquisadora: Vocês desenvolvem um trabalho com grupos, entidades, ONGs, esse trabalho tem crescido muito. Só agora em 2017 tem uma grande atuação de vocês com outros movimentos, com outros atores sociais que atuam aqui dentro da Terra Firme e da periferia em geral. Me fala um pouco desse trabalho?

Entrevistado 2: O que consolidou isso foi o vídeo “Poderia ter sido você” que nos pegamos um viés de direitos humanos e também utilizando fontes como Centro de Defesa da Criança e a Adolescentes do Emaús, Sociedade Paraense dos Direitos Humanos, Comissão de Direitos

da Alepa. Então, isso a gente citou como fonte dessa pesquisa do vídeo “Poderia ter sido você”, acho que isso ajudou nessa articulação e a gente ser chamado para um monte de coisa. O vídeo “Poderia ter sido você” foi exibido na sala de reunião da presidência da Assembléia Legislativa para os deputados como um dos instrumentos pra refletir a cerca da problemática de violência e dos casos e de atuação de extermínio. O “Poderia ter sido você” foi assistido por deputados e depois eu fiz uma fala. Os membros da Comissão da CPI e o presidente da Alepa.

Pesquisadora: Então que dizer que só um vídeo de vocês, vocês conseguiram levar para a área da educação, para a área jurídica e também para a área política?

Entrevistado 2: Sim. O *Tela Firme* recentemente foi convidado para um café da manhã, acho que como única mídia alternativa dos jornalistas que foi para apresentar um trabalho ao presidente da Assembléia Legislativa e o *Tela Firme* foi convidado.

Pesquisadora: Francisco cita alguns grupos daqui da Terra Firme que vocês já fizeram trabalhos, que já desenvolveram atividades ou parcerias em vídeos?

Entrevistado 2: Acho que a Paróquia Santa Maria, a Escola de Samba Rosas da Terra Firme (que ajudou na produção do vídeo que cedeu aquela entrevista pra gente), a empresa de Transporte São Luiz cedeu as imagens de fotografia para a produção do material sobre o bairro (uma parceria interessante nesse sentido), também a sapataria aqui que ajudou a gente no lançamento do vídeo e no aniversário do Coletivo.

Pesquisadora: E grupos que também já atuam com frentes de lutas, grupos específicos?

Entrevistado 2: Pois é, eu acho que a Terra Firme hoje há uma certa dispersão no sentido de você atuar. Hoje algumas Paróquias como a Santa Maria, hoje é um espaço de resistência e de luta (que mobilizou a luta do saneamento básico e tudo). O Grupo de Ouro Nacional que é uma luta de combate ao câncer foi um movimento; o Coletivo Casa Preta, que não está mais aqui que era Canudos fronteira agora tá lá pra Outeiro. Têm as escolas, né? As escolas Mário Barbosa, Brigadeiro Fontenelle, foi muito forte exibiram nosso material. Estellina Valmont que nós fomos tema de “Feira da Cultura”, a UIPP através dessa homenagem que fizeram ao *Tela Firme* na exposição de Pipas, as Paróquias, a Faculdade de Comunicação da UFPA, a Comissão de Justiça e Paz da CNBB (que foi o Apitaco Contra o Tráfico de Pessoas que nós fizemos), o Movimento de Mulheres que a gente cobriu a marcha na periferia. A questão da Luta do Tucunduba, o Ame o Tucunduba, que é um Coletivo de Mulheres da faculdade que

moram no bairro, a UNIPOP, Conferência da Cultura, o movimento de cultura do bairro tem o Boi Marronzinho e outros movimentos, que o Harison pode explicar melhor. Fizemos também uma parceria com os movimentos de grafiteiros. Você chegou a tirar imagens do muro lá “Contra a redução da menor idade penal”? Nós fizemos um festival de grafite com grafiteiros, com *haps* da batalha de São Brás. Grafiteiros e *haps* de outros bairros e da Terra Firme, MC Gaspar do Norte.

Pesquisadora: Eu percebo que o trabalho de vocês ele ultrapassou os muros do bairro para outras periferias?

Entrevistado 2: Ultrapassou. A prova disso, por exemplo, durante a questão da luta do combate o extermínio nós tivemos em outros bairros também participando debates de rodas de conversa sobre essa questão do extermínio. Eu pessoalmente participei de uma roda de conversa no Bengui falando sobre isso com a exibição do vídeo “Poderia ter sido você”.

Pesquisadora: Você acha que as práticas do *Coletivo Tela Firme* promovem a cidadania de que forma?

Entrevistado 2: Primeiro com o processo de democratização da informação de saber o que acontece aqui, de coisas boas que acontecem aqui. E outra também é alguns serviços dizer o que tem no bairro, pra além de dizer o que nós temos no ponto de vista físico geográfico, o bairro é bonito, mas também dizer....Nós temos um projeto que precisa ser concluído quando eu falo da cidadania para dizer que as pessoas tem acessos e saber o que está acontecendo e precisam reivindicar para que seja efetivado pelo poder público. Pra ilustrar isso é a obra da Celso Malcher que a gente fez umas margens e teve presente lá.

Pesquisadora: Eu percebi que no início vocês falavam sobre cultura, sobre as pessoas antigas do bairro e tudo mais, mas com o tempo vocês viram a necessidade de falar outras temáticas dentro como as mazelas do bairro? Como essas temáticas foram pensadas e discutidas por vocês?

Entrevistado 2: Como se trata de um Coletivo cada pessoa ali tem um história então a gente procura conversar e verificar o que tem em volta. Eu dou graças a Deus que todos que estão ali no Coletivo têm essa sensibilidade social, não necessariamente um posicionamento político, ideológico, partidário homogêneo, mas todos comungam de que é importante a gente intervir para transformar a realidade. Isso é consensual, então a gente trabalha nessa perspectiva. Teve uma situação que eu acho importante destacar um dos vídeos nos falamos

que é muito importante era um quadro chamado “Gente Firme” que nós entrevistamos o Bruno Passos que é hoje já é formado em medicina que era um acadêmico de medicina que é de uma trupe de palhaços.

Pesquisadora: Quais são os projetos futuros do *Coletivo Tela Firme*?

Entrevistado 2: A gente tá querendo criar uns quadros valorizando alguns Coletivos locais vai começar com o “Ame Terra Firme”, que é falar um pouco, uma espécie de minidocumentário sobre essa realidade sobre esse trabalho, especificamente desse grupo de mulheres ou de pessoas que estão em defesa do Tucunduba, “Ame o Tucunduba”, perdão.

Pesquisadora: E com relação aos projetos que também envolvem parceria com esses outros movimentos?

Entrevistado 2: A gente é acionado, as pessoas reivindicam o nosso “retorno” com aqueles moldes de TV e tal. Então, a gente quer retomar um pouquinho não como TV aquela estrutura de apresentador, mas retomar os vídeos o audiovisual, mas continuar também com o que nós já estamos fazendo articular com os movimentos sociais e postar matéria na nossa *fanpage*.

Entrevistado 3: Izabela Viviane Matos Chaves

Pesquisadora: Quantas pessoas compõem o grupo?

Entrevistado 3: são cerca de 15 membros

Pesquisadora: Como tudo começou? Esse contato, a sua participação no *Tela Firme*?

Entrevistado 3: A minha participação no *Tela Firme* foi como curtidora do *Facebook* porque eu já conhecia o trabalho do Francisco, na verdade, todo mundo conhece ele na Terra Firme. Aí, eu tinha ele no *Facebook* e como eu tinha esse olhar crítico de projetos sociais desde pequena (eu gosto muito), então quando eu vejo alguma coisa diferenciada no bairro eu já curto e já apoio desde o começo. E aí eu vi que ele ia tá fazendo um Coletivo de mídia alternativa, enfim de mudar a realidade enfim do bairro na televisão. E aí foi que eu comecei curtindo, compartilhando as coisas, porque foi uma grande rede né, no início. Então as pessoas compartilhavam os próprios moradores, a gente fazia as pessoas compartilharem, ou ficar curiosa pra saber o que era e a gente fez essa grande rede. Aí no primeiro ano do *Tela Firme*, foi o aniversário eu fui e ajudei eles a organizarem tudinho, aí foi que eu entrei mesmo como membro do *Tela Firme*, aí eu comecei a ajudar a gravar algumas coisas. Na verdade foi

um processo de aprendizado pra mim também, porque eu sou curiosa e o audiovisual sempre me chamou atenção desde pequena. Eu entrei justamente porque eu pensei, eu posso até mostrar várias situações, e foi aí que eu entrei até pra aprender um pouquinho mais no Coletivo.

Pesquisadora: Então você atua no Coletivo a cerca de dois anos?

Entrevistado 3: Sim, dois anos.

Pesquisadora: Então toda iniciativa que vise dar visibilidade ao bairro você sempre está inserida?

Entrevistado 3: Quando os moradores se vêem na televisão de uma forma diferente do que é proposto na televisão comercial já é uma transformação. Porque eles estão tão acostumados a ver o bairro de forma marginalizada violenta, enfim, que isso chamou a atenção deles, e que me chamou também a atenção. Foi aí que eu entrei no Coletivo.

Pesquisadora: E o Coletivo ele tem algum financiamento?

Entrevistado 3: Não

Pesquisadora: Como vocês fazem para dar continuidade ao trabalho?

Entrevistado 3: Na verdade, agora é que a gente tá pensando nisso porque como a gente tem a nossa vida pessoal, vive sem tempo, tudo mais a gente tava pensando talvez um financiamento, a gente já pensou num financiamento pela internet pro Coletivo, mas agora é que a gente tá pensando nisso, inicialmente a gente não pensava muita coisa foi mais um custo pessoal de várias outras pessoas.

Pesquisadora: Como é que funciona esse financiamento pela internet acho que a Ingrid falou nisso?

Entrevistado 3: A gente tem que ter o financiamento (Tela Firme não tem CNPJ), mas várias outras pessoas podem ajudar e aí a gente em contrapartida a gente pode colocar brinde pra quem ajudou ou a gente pode fazer material. Por exemplo, um projeto de audiovisual e a gente precisa de recurso pra isso e a gente vai fazer o financiamento pro Coletivo em contraponto seria o audiovisual em si.

Pesquisadora: Antes da criação dos vídeos já tinha essa articulação nas redes digitais?

Entrevistado 3: Já. Antes mesmo de lançar o audiovisual já tinha essa articulação nas redes porque a proposta é o audiovisual em si. E já havia essa articulação nas redes sociais, principalmente no *Facebook*, né? Foi uma das principais redes sociais, mas já havia uma articulação antes.

Pesquisadora: De que forma é feita essa interação na internet?

Entrevistado 3: Normalmente por moradores da Terra Firme e no nosso círculo de amizade, então a gente por ter um engajamento social muito grande as pessoas já conhecem a gente. Então, Ingrid já tem um vasto conteúdo de militância, o Adriano, o Francisco, eu também por ser filha do Eli. E aí a gente já conhece uma série de pessoas que apoia esse tipo de projeto, tanto fora do bairro quanto dentro, então isso é uma das principais ferramentas que a gente utiliza.

Pesquisadora: E eu percebo é que no início vocês têm uma relação muito forte com a internet. Eu percebo que tudo que acontece no bairro vocês participam e depois divulgam pelas redes sociais.

Entrevistado 3: Esse ano, ano passado também, a gente tá mais do lado físico, justamente pela falta de equipamento, então a gente procura tá fisicamente, por mais que a gente não esteja com a camisa do *Tela Firme*, porque as vezes a gente realmente não quer, porque as vezes cobram da gente pra gravar alguma coisa e as vezes a gente não tá com o equipamento realmente. E a gente tá com o *Tela Firme*, enfim, a gente tá com a UNIPOP, contra o extermínio da juventude. A gente tá fisicamente nos espaços, nas escolas também. Ultimamente a gente teve em duas escolas esse ano falando um pouquinho do *Tela Firme* participando junto com outros projetos, falando de direitos humanos que nosso principal engajamento também e outras situações de como iniciou a rede social, a gente fala um pouquinho de como os alunos podem utilizar pequenas ferramentas para transformar o ambiente em que eles vivem, tanto a periferia como qualquer ambiente em que ele esteja pode transformar e como utilizar essas ferramentas como a gente utilizou e as vezes a gente vai pra esses espaços, desde o ano passado a gente tá mais fisicamente nos espaços.

Pesquisadora: Eu fiz um levantamento agora, só no início de 2017 vocês participaram e divulgaram vários eventos. Então, esse trabalho que vocês desenvolvem dentro da periferia com atores sociais, a sociedade civil e como essa iniciativa de vocês é recebida dentro da comunidade?

Entrevistado 3 : Foi super boa assim, porque fortalece a identidade dos moradores do bairro. Qualquer periferia ela é muito fragilizada enquanto identidade, então pelas relações de direitos é muito mais fragilizada ainda, o morador não se identifica com o bairro isso é um problema muito grande socialmente. Quando a gente não se identifica com o bairro, não é questão de “barrismo”, ou alguma coisa assim, mas a gente não consegue visualizar uma coisa crítica, a gente olhar o bairro de forma crítica pra melhorar com ar de transformação. Então, quando o morador se olha e fala: “eu só tô aqui porque é o único lugar que eu posso morar”, enfim, e tu vais perguntar aí “o Terra Firme só isso, isso, isso”. Quando a gente vai vasculha o bairro, procura movimentos culturais, sociais e mostra isso pro morador... Olha no teu bairro tem isso. “Olha! Nossa! Tem realmente aqui”. Eu já cheguei a não saber nada sobre o meu bairro quando eu era criança, mas quando a gente se olha e vê que existem essas coisas fortalece um pouquinho da nossa identidade. “Olha tem coisa legal, enfim”. A gente teve uma entrevista com o Bruno Passos, que é do “Casarão Vira Mundo”, que é médico, é da periferia e a galera super que gostou, super que adorou. Eu não sabia que existia um menino tão bonito, assim, enfim fazendo um trabalho tão bonito desse, etc, etc. Os moradores começam a se identificar e começam a fortalecer a própria identidade, e aí começam a e olhar o bairro de maneira diferenciada. E as pessoas que participam do *Tela Firme* super gostam, de alguma maneira eles se vêem de alguma forma. Os moradores adoram se vê, de falar, de ter voz. Esse espaço que a gente dá, de ter voz de ser ouvido e passar isso pra outras pessoas eles adoram isso.

Pesquisadora: Dentro disso que tu falaste, eu já ouvi conversas, pessoas falando que moradores daqui vão numa entrevista de emprego e dão outro endereço com medo, receio?

Entrevistado 3: Isso gera uma fragilidade de identidade. Porque assim... Eu cheguei a ter esse receio quando adolescente, de falar que eu era da Terra Firme, vergonha talvez... Porque a gente não sabe lidar com alguns sentimentos, alguns preconceitos e a gente tá em processo de formação e o papai sempre foi categórico: ”tem orgulho do lugar onde tu moras”. Eu já pensei em sair daqui quando eu era adolescente. Hoje em dia eu vejo a periferia como um grande potencial de tudo, de empreendedorismo de... Só ter as ferramentas que a gente sabe que a gente tem, por exemplo, o audiovisual, a internet é coisa muita simples, ela é gratuita sabe, é muito rápido compartilhar alguma coisa e ter esse acesso. Foi aí que começou esse processo todo que eu acho muito interessante: dos moradores se identificarem com o nosso projeto. Aí quando eu começo a falar, assim dá um rebuliço (ficou emocionada), porque é um aprendizado muito grande. Essa identidade que é afirmada, quando eu vejo a periferia de um

grande potencial de muitas coisas é o que a gente quer, que os moradores se vêem, é dessa forma que a gente quer mostrar. Talvez o nosso projeto, tudo seja pra fortificar o que se tem aqui pra que os moradores não saiam da onde se vive, que eles melhorem esses espaços, que melhorem as condições de saneamento, de uma vala dessa (se referindo a falta de saneamento no local onde mora, na passagem São Pedro) com o cheiro mal, enfim. É um olhar crítico pro bairro, entendeu? Não que ele saia, não que seja o objetivo de melhorar de vida e sair desse bairro, porque se ele melhorar de vida e sair do bairro ele vai continuar como ele tá com violência: um celeiro de violência, só isso. É fortificar pra que esse morador fique no bairro e se identifique com ele. Esse é o objetivo principal do *Tela Firme*, e através dos direitos humanos e, nessa linguagem que a gente procura tá na internet e os moradores super gostam.

Pesquisadora: Maravilhoso tudo o que tu estás me falando e empodera até mesmo quem está entrevistando.

Entrevistado 3: É.

Pesquisadora: Diante disso você acha que as práticas comunicativas do *Tela Firme* promovem cidadania?

Entrevistado 3: Porque cada bairro tem a sua linguagem, a nossa linguagem é essa, por mais que elas se cruzem, a nossa linguagem é de periferia, enfim. A gente procura fazer o nosso audiovisual pra que as pessoas entendam. O Mailson conseguiu utilizar essa linguagem, muito boa que é de TV comercial pra esse lado mais social. E um lance mais rápido, mais frenético, mais interessante, então é essa linguagem que a gente procura utilizar, se fosse na Pedreira a gente teria que empoderar as pessoas de lá, claro. Pra que eles saibam qual é a linguagem de lá, que a Pedreira é do samba, enfim. Totalmente diferenciada, algumas coisas podem intercalar, mas cada bairro é totalmente diferente entre si. A gente como morador a gente conhece a nossa quebrada, daqui. Se a gente for empoderar outras pessoas, vai ser do próprio bairro, não vai ser daqui pra lá. Então não é isso que a gente quer. A gente pode ensinar e que as pessoas estejam lá com a gente do nosso próprio bairro.

Pesquisadora: No início os vídeos tinham um formato, uma característica e foi mudando. Por que essa mudança Isabela?

Entrevistado 3: Como o nosso público tá na internet, e a linguagem da internet muda muito rápido, a ferramentas e tudo mais. E a gente quer que os nossos vídeos cheguem no cara que tá indo pra escola no busão ou tá na escola utilizando, enfim o celular talvez, de pacote de

dados. Quando a gente viu que terá que acessar o *Facebook*, que era uma época em que as pessoas acessavam o *Youtube*, na verdade, e aí teve bastante, só que não tantas visualizações quanto a gente queria. E a gente foi ver que o público, essa juventude que tá indo pra faculdade pra universidade, são professores, são adolescentes é um público muito geral, entendeu? A gente queria essa facilidade, a gente queria que chegasse a essas pessoas que estejam lá rapidinho, poderia utilizar com pacotes de dados, então o *Facebook* é a principal ferramenta. A gente utiliza o nosso vídeo talvez de um minuto, dois (muito rápido que é a linguagem), e que as pessoas dêem pra assistir rapidamente com o pacote de dados. Que a criança, o jovem e o adulto possam ter esse acesso rápido a ele. Então foi por isso que a linguagem foi mudando o objetivo principal dele que era fazer um programa né, no *Youtube* e tudo mais. Só que a gente viu que até o adolescente ir lá. Por que o adolescente ir lá? Adulto, ok, já tem uma mente, mas o nosso principal objetivo assim é que o adolescente também veja. Que a criança pré-adolescente assista e eles estão no *Facebook*. Então eles não vão ter trabalho de ir lá... A gente parou de lançar no *Youtube*, mas a gente vai ter esse trabalho também de ter o lá no *Youtube* também que é importante pras pessoas que procuram. A gente vai ter que ter o trabalho de também estar lançando pra eles assistam, a gente não quer só *Facebook*.

Pesquisadora: Quais são os projetos futuros do *Tela Firme*?

Entrevistado 3: Primeiro que a gente consiga os nossos equipamentos, esse é o nosso projeto principal, porque conseguindo o nosso equipamento a gente consegue fazer muita coisa. Então, a gente se formando, cada um tá fazendo a sua capacitação. A Vanessa já fez o curso técnico, o mesmo que eu tô fazendo em rádio e TV. Enfim, cada um tá procurando fortalecer essa base pra dar ao *Tela Firme* uma base melhor, entendeu? Se a gente conseguir os nossos equipamentos, a gente consegue fazer outros trabalhos, mas enfim, em pensamento tem mais espaços físicos, audiovisual tem os “Manas Firmes” que é o empoderamento feminino de mulheres do bairro, empreendedoras, etc. Esse é o projeto futuro a gente vai sentar e vai fazer.

Pesquisadora: Com quantos grupos da comunidade vocês já fizeram trabalho de parcerias?

Entrevistado 3: GON, Casa Preta...

Pesquisadora: Qual ação vocês fizeram com o Casa Preta ?

Entrevistado 3: Casa Preta foi nos 400 anos do Gueto, e foi apresentado também algumas no Casa Preta. As escolas também Brigadeiro Fontenelle, Mário Barbosa, Celso Malcher.

Pesquisadora: E a Rosa Vermelha?

Entrevistado 3: Rosa Vermelha vai ter um documentário agora, não sei se vai ser futuro do Tela Firme também é um projeto.

Pesquisadora: E o Ame Tucunduba?

Entrevistado 3: Ame Tucunduba sim. Porque o Ame Tucunduba... Na verdade, a gente começou em parceria com o Fa.vela porque eu participei da expedição fotográfica.

Pesquisadora: O Fa.vela é o que?

Entrevistado 3: O Fa.vela é uma organização de empreendedorismo lá de BH (Belo Horizonte). Só que o Ame Tucunduba foi na expedição ano passado que eu participei dessa expedição e o Fa.vela veio pra cá. E através da... (eu esqueço o nome dela) ela me indiciou como uma das jovens de baixa renda pra ir pra essa Expedição Fotográfica Norte das Águas (e eu fui). E aqui eles tinham o objetivo de fazer um projeto ambiental aqui em Belém, eles fizeram oficina. O Ame Tucunduba iniciou a partir disso, então a parceria que teve era divulgar o Fa.vela e o projeto deles. O *Tela Firme* ainda tem essa ligação com o Ame Tucunduba, em divulgar as coisas do Ame Tucunduba e a gente ainda vai gravar com eles... O Ame Tucunduba deu muito certo. Aí eu voltei da expedição fortaleceram as bases do Ame Tucunduba, os projetos ambientais e a gente tem essa parceria de divulgar coisas aqui do bairro junto com eles. A gente participou também da Aliança Francesa, teve uma amostra de um curta e aí queriam chamar o *Tela Firme*, na verdade assim perguntaram porque chamaram a gente pra um lance ambiental e tudo mais. A pergunta era por que o *Tela* era chamado pra tá em vários espaços? Porque não tinha muito a ver. Eu falei se tu olhares, se tu perceberes tem muito a ver sim, por causa que, a periferia não é arborizada, então porque era filme de que estariam transformando o mundo com pequenos projetos, mesmo que seja ambiental tem muita relação sim, porque não é arborizada, não tem lixeira, precisa de um saneamento básico adequado. Pode não ter conexão agora, o *Tela Firme* é audiovisual, mas se perceberes existem direitos básicos, saneamento básico, áreas arborizadas, tem coleta, mas muito precariamente. Então futuramente assim vai ter alguma conexão. A gente está fortalecendo logo essa base para futuramente poder utilizar, num projeto futuro a gente possa utilizar. Então a gente é muito visionário, parece que não faz conexão com o *Tela Firme*, mas faz sim. A gente utiliza esse contato com essas pessoas pra que conheçam o *Tela Firme*, e que a gente utiliza esse contato, essa rede futuramente num trabalho nosso.

Pesquisadora: Fora que é um trabalho voluntário em que vocês não ganham nada (digo são pagos pra trabalhar). O que representa isso pra ti?

Entrevistado 3: A gente ganha muita coisa, é um fortalecimento de rede, de pessoas (a gente conhece muita gente muitos trabalhos legais). Só se for um projeto dentro de casa, como é audiovisual a gente não tem muito trabalho assim, fora os equipamentos e tudo mais, o projeto do papai tem muito trabalho porque é físico e o nosso é físico e virtual, a gente faz um trampinho ali rapidinho a gente se encontra. Então, pra mim não tem essa questão de não ter, mas tem uma representatividade enorme assim, uma mudança de transformação, a gente percebe assim, minuciosamente, de pouquinho em pouquinho a gente percebe sim. Eu acho que isso é a melhor recompensa.

Pesquisadora: Eu fico feliz de ver uma jovem assim tão envolvida com a sua comunidade tão empoderada.

Entrevistado 3: Isso é um processo árduo. Como eu te falei a base familiar ela é importante sim, mas eu tive muito contato com a arte e a arte ela não limita a gente a olhar só. A gente vê possibilidade no teatro, também como eu tive muito contato com o teatro a gente se coloca em outros personagens e isso foi muito presente desde pequena, então o teatro mostrou várias coisas assim, então isso é processo pessoal, meu único assim..

Pesquisadora: Eu vejo muito a presença de jovens no *Tela Firme*.

Entrevistado 3: Esse é o principal objetivo

Pesquisadora: Por que?

Entrevistado 3: Porque a juventude ela tá... Não que as pessoas mais velhas estejam, paradas, claro que tem... O Francisco tá aí, enfim, pra mudar isso. Mas o engajamento, a energia é diferenciada, as ideias são diferenciadas, as ideias fluem mais rápido, enfim, tem mais esse processo criativo muito rápido. A gente não entra sabendo alguma coisa ou formado em alguma coisa no *Tela Firme*, a gente aprende, enfim.. A gente não se fecha em as pessoas estarem formadas, a gente faz oficina de cinema, audiovisual e tudo mais, a gente se abre pra que as pessoas aprendam um pouco com a gente traz esses jovens para aprenderem aqui com a gente. Esse também é o principal objetivo, teve criança lá com a gente a gente quer que as pessoas aprendam também com a gente. Mesmo que tu goste só um pouquinho ok vem aqui aprender com a gente.

Entrevistados 4 e 5: Mailson Souza e Vanessa Alves

Pesquisadora Eu acho que a gente tá aqui no ponto onde tudo começou. Eu queria saber um pouco disso. Um pouco desse começo

Entrevistado 4 (Mailson): Eu já conhecia o Francisco acho que uns quatro cinco anos antes da gente começar o trabalho no *Tela Firme*, né? Ai eu lembro que ele viajou pra África, quando ele voltou foi o ano em que eu assumi um grupo de teatro na qual a gente participa, que na época era da nossa comunidade, que hoje é a Paróquia Santa Maria de Belém e aí eu convidei pra fazer um dos personagens. E aí a gente se aproximou bastante, apesar de nos conhecermos, nós não éramos muito próximos porque ele participava aqui do São Domingos, da comunidade dele e a gente lá do outro lado da Terra Firme. E com a Paixão de Cristo a gente se aproximou muito, né? E aí ele acabou descobrindo que eu trabalhava com audiovisual e aí ele me contava um pouco das histórias dele, das ideias dele que ele pretendia fazer, etc, etc. Aí ele me convidou, na verdade, ele me falou da proposta que ele tinha que era criar um Coletivo de mídia alternativa popular pro bairro, né? Quando ele me disse juntou muito com aquilo que eu já trabalhava antes, né, e que eu não tava mais fazendo (produzindo vídeos). Foi onde eu aprendi a lidar com o audiovisual que foi no curso de comunicação popular na Unipop e lá a gente ia pra vários bairros, a gente ia pra Cotijuba, a gente falava sobre o lixo, sobre meio ambiente e a gente produzia muitos materiais, muitos conteúdos audiovisual pra internet. E nessa época foi quando eu comecei a trabalhar de fato, eu entrei no mercado de trabalho, então eu fiquei sem tempo pra tá fazendo esses tipos de vídeos, né? E aí quando o Francisco falou isso pra mim, cara isso é muito parecido com algo que eu já fazia e que eu sentia muita falta em fazer. Só que assim, pra mim, como muitas coisas que a gente já tinha pensado em fazer (eu digo eu), pra mim ainda iria demorar muito a sair. Eu confesso que no início eu falava: bom foi uma ideia bacana, mas o Francisco é envolvido com uma série de coisas e eu também, então... No fundo eu pensava essa ideia é muito bacana, mas vai ser difícil isso acontecer. Aí de repente o Francisco me chamou pra ir na casa dele pra ver negócio de cenário e me ligava todos os dias, perguntando como que seria isso, como que seria aquilo. E aí uma bela tarde, a gente chegou a conversar sobre o formato, ele ligou pro meu trabalho começou a conversar sobre formato como que seria. Aí eu tava meio que assim: “calma cara, acho que tá meio, muito afobado, né? A gente ainda nem chegou a conversar” (era tudo por telefone). Só que ele sempre muito afoito assim. Aí beleza, vamos reunir? Vamos. Aí ele me ligou acho que um final de semana, um sábado que era pra gente vir aqui na praça que ele já tinha duas pessoas pra ajudar a gente nesse projeto. Ele falou sobre o

Thalisson e a Fran, explicou um pouco do trabalho que eles faziam e chamou a gente pra vir aqui na praça, pra gente conversar, discutir enfim. Como que seria o projeto, etc, etc. Eu vim assim meio que sem pretensão nenhuma, já trouxe também a Vanessa, porque a Vanessa desde do início ela também se interessou pela ideia. E a gente aqui onde nós estamos agora cinco sentamos e começou a surgir um monte de coisa assim, todo mundo falando, dando ideia e eu ainda imaginando “caramba, será que esse negócio vai rolar mesmo? Vai pra frente? Será que isso vai dar certo? E aí quando foi eu acho uns dois dias depois o Francisco já convidou a gente pra ir na casa dele pra gente conhecer um espaço, na verdade onde foi nosso primeiro cenário, que era o quarto da irmã dele morava. Aí ele falou: “olha minha irmã tá indo embora pra Castanhal, ela tá indo trabalhar pra lá e eu acho que tem um espaço bacana lá em casa que dá pra gente fazer um cenário”. Aí beleza fomos pra lá pra casa do Francisco. E nesse mesmo dia a gente já criou a logo do *Tela Firme*. Ele falou mais ou menos como que seria, tinha que pegar o gênero, os dois gêneros etc. Tinha que ter a pipa que ele adora pipa, é um símbolo nosso né? E aí eu fui meio que desenhando assim, não sou profissional em fazer desenho faço de enxerido (não é o meu forte, né?). E aí a gente foi desenhando modelando. Bacana, tá aqui. Esse aqui é nosso esboço de logo do Tela Firme. Voltamos pra casa e quando foi no outro dia o Francisco já apareceu com as camisas do *Tela Firme* com a logo pronta. Eu disse meu Deus cara.

Pesquisadora: Isso foi em que ano?

Entrevistado 5 (Vanessa): 2014

Entrevistado 4: Foi 2014

Pesquisadora: Foi 2014 mesmo?

Entrevistado 5: 2014

Entrevistado 4: Porque foi tudo muito rápido assim. Uma semana o *Tela Firme* já estava com *fanpage*.

Pesquisadora: Por isso que a Ingrid me falou que era 2014, mas não foi 2013?

Entrevistado 4: Porque 2013 nós trabalhamos juntos na Paixão de Cristo e ele já tinha me falado do projeto que ele queria. Só que no início de 2014 ele me ligou e falou e foi um pouco mais objetivo.

Pesquisadora: Então foi tudo muito rápido?

Entrevistado 4: Muito rápido

Entrevistado 5: Foi

Entrevistado 4: E poderia ter sido antes, mas como nós começamos a criar uma certa expectativa, criamos a *fanpage* e ninguém falava o que era o *Tela Firme* botava a nossa logo e falava “aguardem vem aí”, sabe aquela coisa bem varejão mesmo

Pesquisadora: Pra criar expectativa?

Entrevistado 5: E todo mundo perguntava o que é isso?

Pesquisadora: E desde aí começou a expectativa?

Entrevistado 4: E a gente nem existia ainda não tinha nem gravado e nós já tínhamos camisa com nome Mailson, Vanessa, Francisco e desde daí começou essa expectativa e tal. Eu lembro que no primeiro dia que a gente criou a *fanpage* a gente chegou a mil curtidas logo, não foi?

Entrevistado 5: Não, no primeiro dia foram 100, o nosso intuito nesse dia era chegar a 100 curtidas. Que a gente achava que ia demorar muito, enfim né, só que a gente passou uma tarde, a gente criou a *fanpage*, e passou uma tarde inteira lá sentado convidando todo mundo, naquela expectativa se chegasse a 100 curtidas a gente vai comer uma pizza, vai comemorar e num sei o que. No primeiro dia a gente conseguiu a bendita 100 curtidas e a gente veio pra essa pizzaria bem aqui do lado. Bem do lado de onde tudo começou pra comemorar essas 100 curtidas.

Entrevistado 4: Quando a gente já voltou, praticamente no outro dia, já tinha bastante já curtidas. Eu lembro que a gente até comparou com uma outra *fanpage* aí que tinha bastante tempo e a *fanpage* tinha 600 curtidas e a gente tava com 700 e pouca. A gente falou caramba já até ultrapassou, já tava quase chegando na marca dos mil. Muito rápido, em dois três dias assim o *Tela Firme* foi criado eu acho em dois três dias assim.

Entrevistado 5: Em todo esse início né, do *Tela Firme* em si. Porque assim, como o Mailson falou eu já trabalhava no grupo de teatro lá, já atuava lá dentro do grupo. O Francisco viu no Mailson alguém que já trabalhava com audiovisual, alguém que compartilhava muito do que ele queria e tal. Então todo esse diálogo foi com o Mailson, eu tava meio a alheia ao que tava acontecendo, eu sabia de uma coisa ou outra por alto, pelo que Mailson me falava, entendeu? Mas assim, o Francisco não chegou diretamente comigo também pra participar, entendeu? O contato todo foi com o Mailson. Aí no dia dessa reunião por a gente namorar e por eu já saber alguma coisa também do que acontecia e tal, aí eu vim com ele, aqui é que eu já tive uma

noção de tudo que tava acontecendo, do que era a proposta e tal aí a gente começou a conversar eu comecei a me envolver também porque era algo que me interessava. só que aí eu ainda não era componente, digamos assim, eu tava aqui acompanhando o Mailson, entendeu? Mas aí a gente já marcou o dia de gravação, tudinho, pro vídeo. Aí no dia da gravação o Francisco já chegou com as camisas, num é? Todo mundo com camisa e tal, só eu sem camisa, né (que eu não era do Coletivo ainda, né? Acho que foi a Fraan, a gente foi ali pro lanche (depois da gravação a gente foi lanchar ali) ai a Fraan, “ah mais a Vanessa também tem que ter a camisa dela, ela também é do grupo, não sei o que... Ai eu falei “é eu sou do grupo, eu tava lá no começo também, eu tava lá na reunião e tal”. Aí o Francisco, claro com certeza, até brincava que eu só carregava mochila, porque enquanto eles estavam trabalhando eu ficava pegando material daqui, material dali andando pra lá e pra cá e tal. Porque nesse dia a gente meio que definiu, né, o que cada um ia fazer. Aí eu tava né: carregando mochila (risadas). Um dos dias depois eu fui trabalhar, peguei ônibus bem aqui encontrei com o Francisco. Quando eu subi no ônibus ele estava lá atrás, ele levantou a blusa lá de trás “olha! Ta aqui a tua blusa não sei o que”. “Aí meu Deus a minha blusa do *Tela Firme* agora definitivamente sou componente do *Tela Firme*”. Meu ingresso foi basicamente assim. Eu sabia por alto, mas eu vinha acompanhando o Mailson, o contato maior era com ele porque ele já trabalhava nesse ramo. Eu tinha interesse, mas não era algo que o Francisco conhecesse e soubesse de mim que soubesse de mim. E é isso.

Entrevistado 4: Toda a ideia do Francisco que trouxe o *Tela Firme*, eu lembro que nesse dia em que nós nos encontramos aqui na praça, eu acho que foi dois dias antes que ele tinha me dito como que seria o nome, porque até então ele conversava falava , mas a gente não tinha um nome, né? Não tinha nada assim pensado. E aí ele me ligou e falou: “olha pensei num nome assim sei lá”, até meio tímido, né, “Ah sei lá acho que *Tela Firme*”. Ele começou a explicar, né: “ah o tela por causa que é uma tela de vídeo e *Tela Firme* porque Terra Firme”. Eu falei cara essa é uma ideia... Eu achei genial. É um nome que vai pegar e pegou.

Entrevistado 5: Se eu não tô enganada eu ouvi o Francisco dizer alguma coisa de que ele já tinha pensando nesse nome desde a época em que ele estava na África, mas assim meio tímido ele ainda não revelou pra gente qual era a ideia. Eu acho que assim ele estava meio que esperando o negócio tomar forma e ver que o negócio ia pra frente pra poder chegar e dizer “olha é isso. Eu pensei nesse nome, vai ser assim”. Como ele viu que a gente abraçou, que ia rolar, ele chegou e disse “olha o nome é esse que eu já tinha pensado e tal”.

Pesquisadora: Desde o início a ideia era produzir pra internet?

Entrevistado 4: Sim, sempre foi a internet porque...

Entrevistado 5: Era o que a gente tinha em mãos (digamos assim).

Entrevistado 4: O único canal que a gente pôde utilizar no caso sem nenhum gasto, fora o gasto de produção. Gravação, passagem, camisas, câmeras, equipamentos, mas sempre tudo foi pensado pra internet. Até porque é uma maneira mais fácil de chegar nas pessoas, né? Porque hoje em dia com o avanço das redes sociais, eu acho que na palma da mão você consegue acessar o *Tela Firme*, assistir um vídeo do *Tela Firme*. E porque é praticamente impossível levar uma proposta dessa pra TV, muito caro e até porque a gente faz um afronto ao que a mídia televisionada faz, né? Que é pegar o que só tem de ruim aqui e bater, bater, bater em busca de audiência e a gente não. A proposta sempre foi ao contrário, sempre foi trabalhar sem visar dinheiro e valorizar e incentivar o que já tem aqui dentro, claro, nunca esquecendo os nossos problemas, né? Nunca esquecendo que a Terra Firme é um bairro de periferia que sofre com a violência, sofre com a falta de educação, saúde, enfim, um monte de coisa, saneamento principalmente, a gente nunca tapou os olhos pra isso, mas isso nunca foi o nosso objetivo principal. O principal sempre foi mostrar o que de bom tem aqui. Que é muito maior que galáxias, milhões de estrelas, maior do que o que a mídia mostra que só é violência. Tem muito mais coisas boas que ruins aqui no bairro.

Pesquisadora: Isso sempre foi característica inicial de vocês, mas depois vocês sentiram a necessidade de tocar nesses pontos das mazelas, mas de uma forma diferenciada. Como foi isso?

Entrevistado 5: Porque assim, quando a gente se reuniu uma das coisas que ficou definida, foi que a gente, como o Mailson falou a gente ia falar sobre o que tem de bom, porque sobre a violência sobre a falta saneamento, sobre toda a problemática existente dentro do bairro a gente já tinha as mídias tradicionais mostrando, entendeu. Então, sempre a agente falou não, a gente vai falar só o lado bom se precisar falar uma coisa ou outra, mas a gente vai falar do que tem de bom aqui. Só que no decorrer do nosso trabalho a gente foi vendo a necessidade, não só vendo a necessidade, mas a gente também era cobrado pelas pessoas pelo público que já acompanhava o trabalho, que a gente mostrasse, entendeu. Então, já que a gente estava se propondo a fazer um trabalho pra comunidade nada mais justo do que ouvir o que a comunidade esperava da gente.

Pesquisadora: Como aquele vídeo que fazia a denúncia da retirada do campinho da Perimetral?

Entrevistado 5: Sim

Entrevistado 4: Ah, bem lembrado.

Entrevistado 5: Aí a gente já começou a trabalhar nesse sentido também, porque a gente fechou uma coisa no início só que o *Tela Firme*, de 2014 pra cá ele vem se moldando, porque não tem como a gente só se manter numa proposta, numa ideia é muita demanda é muita coisa que vem chegando pra gente e a gente acaba aderindo aquilo e acaba nos reformulado. Conforme o tempo vai passando a gente vai se moldando também, até mesmo no formato do programa.

Entrevistado 4: Apesar do *Tela Firme* ter sido criado muito rápido foi tudo muito bem organizadinho assim. A gente sentou definiu quem iria estar com a gente, quem seriam as pessoas, onde que nós iríamos atuar, com quem a gente poderia contar. Depois a gente sentou e viu o nosso perfil, a gente olha, nós não vamos fazer isso por dinheiro, não vamos aceitar, além da ajuda da comunidade, nós não vamos aceitar a ajuda de ninguém. Tudo que a gente faz até hoje, se a gente quiser, sei lá, um passo a frente do que está na nossa linha aqui, a gente senta, reuni conversa com todo mundo e fala “olha gente a gente vai fazer isso, todo mundo tá de acordo? Nós vamos dar esse passo a frente”. Então é tudo muito organizado, o *Tela Firme* não dá um passo aqui acolá sem que não haja o consentimento de todo mundo, entendeu? Assim como foi a questão dos vídeos saneamento, campinho. A gente falou “poh cara, a gente tá sendo cobrado, as pessoas estão cobrando da gente, mas isso não está digamos assim, na nossa cartilha. Nós vamos atuar nisso também? Vamos porque é uma necessidade, né? Não vamos nos omitir como eu falei, a gente não ia deixar de enxergar isso. Primeiro que isso é um dos grandes problemas do nosso bairro, né?

Pesquisadora: Vocês acabaram vendo essa necessidade, né?

Sim, vendo a necessidade.

Pesquisadora: E, outra coisa vocês não têm financiamento, né?

Entrevistado 4: Nenhum.

Entrevistado 5: Nenhum.

Pesquisadora: E a falta desse financiamento acaba impedindo vocês de não terem sede própria?

Entrevistado 4: Sede nós até temos, a nossa sede é a casa do Francisco (o quarto do Francisco), porque todas as nossas reuniões são lá e o nosso estúdio. Você chegou a ver, né?

Pesquisadora: Cheguei.

Entrevistado 4: Nós pouco usamos. Nós usamos só duas vezes só esse estúdio, pro primeiro vídeo que foi o “Carnaval” e depois pra um outro programa que teve até o quadro “Gente Firme”, mas depois a gente foi pra rua. É como a Vanessa falou, nós definimos: “olha, nós vamos ter um estúdio”, eu já tinha conversando com o Francisco há muito tempo “nós vamos ter um estúdio, uma tevezinha aqui, uma poltrona aqui, alguém que for entrevistado”. Aquela coisa da *talk show*, aqueles programas mesmo de *talk show*. Aí quando nós fomos isso, a gente viu poh, nós não temos grana pra isso, não temos microfone pra isso, não tínhamos microfone pra duas pessoas, não tínhamos nem câmera. Quando eu assisto o primeiro vídeo que era do carnaval eu sinto uma certa...não é vergonha, mas eu acho meio que engraçado porque a câmera que nós utilizamos naquele dia foi uma câmera de um amigo nosso, né, do Joaquim. Foi um cara que no início deu muito apoio pra gente, até hoje ajuda bastante o grupo. Ele emprestou a câmera dele, uma câmera cara, ele emprestou assim de boa pra gente. Eu imagino assim que ele ficou preocupado, mas já conhecia o nosso trabalho, conhecia o Francisco e emprestou. E eu não sabia usar aquela câmera, eu já trabalhava como cinegrafista, mas usava uma outra câmera, uma câmera grande diferente daquela, câmera de ombro. Essa não, era aquelas câmeras pequeninas fotográficas e que tudo é muito manual, entendeu, então eu não era acostumado. As imagens estão todas estouradas, algumas imagens borradas, o áudio tá horrível porque a gente não tinha microfone (capturava direto da câmera). E olha só, nós fomos filmar um escola de samba, então a gente foi gravar num lugar barulhento, sem microfone com uma câmera que não tem uma captação de áudio tão boa, a imagem sim era boa, só que eu não sabia manusear, foi a primeira vez e tipo assim, a gente pegou a câmera sete horas e sete e meia a gente já tinha que tá lá. Não deu nem tempo de estudar, sei lá pesquisar. Enfim, foi muito louco isso, o início do *Tela Firme*. E aí a questão do cenário, depois as próprias pessoas foram falando: “o *Tela Firme* é bacana, mas é muito quadrado, né?”. E aí eu já fui conversando com o Francisco, olha não vamos fazer as coisas mais na rua, coisa mais alternativa. E aí já no nosso segundo programa de fato, que foi o minidocumentário sobre o bairro da Terra Firme já foi todo feito na rua, não teve cenário, várias entradas de repórteres, a cabeça foi aqui, ali, acolá, parece cabeça do CQC. Num lugar, depois num outro, num outro, num outro. Então a gente foi se aperfeiçoando, né? Pra mim era muito difícil, né? Porque assim, quando perguntam pra gente quais são as referências eu falo assim: “cara o *Tela Firme* não teve referência”, não tem nada parecido com o *Tela Firme* em Belém, se tem

hoje não sei, mas quando nós começamos não tinha. Ah o *Tela Firme* é baseado em tal grupo o da Sacramento, o do Marco, sei lá. Nós não tínhamos uma referência, então era muito difícil, tudo que a gente queria fazer era ser diferente da TV. Então essa questão de se adaptar ir mudando formato de vídeo e depois os vídeos de bolso que são vídeos mais fáceis de se fazer, então tudo isso foi uma necessidade. E assim a questão do equipamento também, porque a gente não tem equipamento suficiente pra isso. A gente comprou uma câmera quase mil reais, depois mais um microfone, só que não era um material muito bom, não era uma câmera muito boa.

Entrevistada 5: Qual era aquela câmera?

Entrevistada 4: Era uma JVC.

Pesquisadora: E vocês não têm mais? E como está o equipamento de vocês agora?

Entrevistada 4: Não, não...a gente não usa mais. Porque assim, ela já começou a dar pau no segundo programa nosso, que foi no da Terra Firme. Por que? Porque a gente grava durante o dia, então a gente pegou um sol assim....pegamos vários dias, a gente ia pra rua ficar no sol quente, entendeu? É câmera, é lente, a gente não tinha, sei lá, um guarda sol, a gente não tinha matéria suficiente pra limpar, então a lente ela foi ficando prejudicada. A lente começou a ficar borrada, suave também e ela já tinha o que? Acho que uns dez anos essa câmera já era velha, né? E a gente comprou de segunda, de terceira, de quarta, sei lá de quantas mãos nós compramos ela. E aí ela já começou a dar problema, e aí já nos próximos vídeos que foi gravado até na Serra Pelada, também um calor intenso, as imagens também já não estavam muito boas. Aí gravamos umas aqui no Tucunduba. Nós gravamos muita coisa. Se for procurar por *Tela Firme* tem poucos vídeos, poucos vídeos mesmo, mas o que nós gravamos é um absurdo. Eu até falei na última entrevista “cara, um dia eu quero ter um tempo livre assim da minha vida pra pegar todo esse material assim do *Tela Firme* fazer tipo assim: um arquivo perdido, porque nós temos muitas coisas, muitas coisas gravadas e que acabaram não indo pro ar. Nós temos um documentário pronto sobre a Coleta de Emaús. Tá pronto, nós já assistimos, mostramos pra eles lá só que não tá na internet. Agora o porquê eu não sei.

Pesquisadora: Pois é. Vocês têm outros produtos que eu queria saber. Esse trabalho de vocês com atores sociais (com a sociedade civil) como a gente ver Emaús, o GON, as paróquias, as escolas. Como é que é esse trabalho de vocês na periferia e em parceria com esse grupos, movimentos, entidades, que vocês trabalham aqui?

Entrevistada 4: Essa parceria é muito assim, né? O GON organiza um evento, faz uma ação e aí o *Tela Firme* tá lá pra dar um apoio, né? Não só fazendo a cobertura com vídeos, com fotos ou com textos nas redes sociais, mas também sendo palestrante sabe, dialogando, fazendo parte da mesa. Antes nós íamos lá só pra fazer fotos, mas acho que depois de um mês dois meses já era... Por exemplo, eu fui convidado uma vez pra participar de um debate da mesa do “Juntos” e aí tinha uma pedagoga eu acho, uma psicóloga que ela já faz isso há muitos anos, há muito tempo do Rio de Janeiro. Tinha outro cara que era da Bahia. Então tipo assim pra nós isso foi muito louco, entendeu? De repente a gente já tava ali no meio de pessoas rodadas e com uma experiência assim enorme e a gente com um dos meses, três meses já tava lá. Éramos assim privilegiados as pessoas queria que o *Tela Firme* estivesse lá, queriam que o *Tela Firme* tivesse a palavra qualquer que fosse o evento e o espaço.

Entrevistado 5: Dentro do bairro essa parceria com esses grupos existentes aqui, foi meio que, primeiro do nosso trabalho em si que a galera curtia e tal, se sentia representada, né? E não só isso também porque apesar de ser um bairro grande, mas todo mundo se conhece. O Francisco em si eu acho que ele conhece a Terra Firme inteira dos quatro cantos, então a gente já tinha esse diálogo dentro dos outros espaços, dentro da Paróquia, dentro do GON, dentro do Emaús, eu acho que só juntar uma coisa a outra, entendeu? Então a gente, digamos assim, individualmente poderia participar de um evento ou outro, mas assim, participar individualmente, mas a partir do momento em que a gente se tornou um Coletivo e que a gente começou a trabalhar dentro do bairro, já existia esse contato, né? Os grupos já começaram a convidar a gente pra tá participando como parceiro mesmo, tá se envolvendo nas atividades deles, assim a gente quando fez o nosso aniversário, né? Que a gente comemorou foi o primeiro ano, a gente também convidou a estarem participando com a gente. Que a gente fez uma festa aqui na quadra da igreja, convidamos o Pará África pra fazer uma exposição do trabalho deles. Convidamos vários movimentos pra tá trabalhando com a gente. Como o nosso trabalho é muito audiovisual eu não vejo assim um evento em que a gente vai fazer que a gente vai convidar “olha vem isso, vem isso, vem isso”, entendeu? Como eles já trabalham com isso vamos fazer uma ação do GON aqui, vamos fazer um evento, vai ter um movimento ou uma comemoração, então eles já convidam a gente não só pra tá fazendo cobertura, mas também pra tá compondo mesa, pra tá falando sobre a nossa experiência e tal. É mais nesse sentido.

Pesquisadora: Eu percebo que vocês têm feito muitas postagens na internet, dado visibilidade para vários grupos como o Ame o Tucunduba, por exemplo. Eu vi na página a divulgação do evento da Anistia que foi maravilhoso.

Entrevistado 5: Sim, “Jovem Negro Vivo”.

Pesquisadora: Isso. Então tem vários trabalhos que vocês iniciaram e eu acho que isso está influenciando no trabalho de vocês, na atuação de vocês dentro da periferia fora o áudio visual.

Entrevistado 5: Sim.

Entrevistado 4: O *Tela Firme* não é hoje “*Tela Firme* um programa exibido na web”, o *Tela Firme* agora é muito mais do que isso, é um Coletivo de fato. Um Coletivo que tá muito atuante nas conversas sociais, nos debates, nos diálogos, nos movimentos, nas ações, nas manifestações, nos protestos. Eu até sinto falta, sinto muita falta mesmo de fazer aquilo que a gente fazia no início que era o audiovisual. Não que isso não seja importante, que é muito importante, só que a gente tem deixado muito de lado a questão do audiovisual, entendeu? Outra coisa, se a gente não está produzindo muito hoje existem diversos fatores, né? Primeiro é o tempo de cada um, o nosso trabalho é voluntário a gente não ganha nada pra isso, como eu já falei a gente gasta pra fazer isso. Isso é muito bacana Cada um tem que trabalhar, tem que estudar, a questão de equipamentos também que é muito complicado a gente querer fazer algo assim grande magnífico, mas a gente olhar pro nosso material e ver que estamos limitado, entendeu? Isso dificulta muito o nosso trabalho naquilo que a gente se propôs no início que é o audiovisual, mas só que a gente compensa muito, eu to vendo que a gente tá compensando bastante, e fazendo bem mais do que a gente poderia fazer apenas com o vídeo. A gente tá lá, a gente tá no meio a gente, a gente tá participando. As pessoas em nenhum momento olham pra gente e falam “hei, *Tela Firme* cadê o vídeo de vocês?” como acabou sendo feito no início, né? Antes a gente explicava pras pessoas “a gente não tá postando porque a gente não tem câmera” problema assim assado, “eu não quero saber quem mandou vocês se meterem tem que postar vídeos” **(em tom de brincadeira)**. Mas quando a gente começou a entrar de fato, que eles viram na gente...ouviram a nossa voz e perceberam que a gente tinha muito a falar, muito a contribuir nesses atos nesses espaços, a gente passou a fazer muito mais isso do que os nossos próprios vídeos.

Entrevistado 5: Apesar da gente não tá postando por falta de equipamento e tal, as vezes a falta do tempo também pra tá produzindo, mas a gente trabalha no que a gente consegue pra tá produzindo uma matéria aqui, uma matéria ali, sobre um evento, sobre uma coisa que tá

acontecendo. Então a gente tenta de alguma forma compensar né? Nem que seja com texto na nossa página. Como a gente viu, por exemplo, o problema que a gente teve com o *Youtube*, né? *Youtube* é vídeo, né? Por exemplo, quando a gente começou a postar os vídeos no *Youtube*, a gente tinha que tá compartilhando link e convidando a galera a assistir e tal e isso dava um pouquinho de trabalho e nem todo mundo tinha aquela saco de tá abrindo link e tal e tá indo assistir o vídeo no *Youtube*, então a gente acabava perdendo visualização por causa disso. Aí a gente veio com a alternativa da página, que na página a gente já postava o vídeo passou na *timeline*, o vídeo já abria automaticamente a galera se interessava e já começava a assistir. Só que aí com o problema da gente não tá produzindo muito o vídeo aí veio a alternativa de tá produzindo a matéria escrita, ah participei de ato que tava falando sobre chacina, sobre isso, sobre aquilo vamos produzir, vamos fazer uma matéria, uma nota alguma coisa e postar. Que isso também de uma certa forma movimenta a página, a galera acompanha e tal. Então é aquilo que eu tava falando a gente vai se moldando na medida do possível no que a gente pode a gente tá indo e se inserindo e tentado compensar.

Pesquisa: Eu percebo que cada um de vocês tem um engajamento político-social.

Entrevistado 5: Sim

Entrevistado 4: O *Tela Firme* está em todos os lugares nós somos acho 10, digamos assim, 10 pessoas fazem parte do *Tela Firme*,. Então essas 10 pessoas estão em vários lugares, elas estão no curso de comunicação, em outros movimentos políticos, movimentos sociais, o *Tela Firme* tá em todo lugar de Belém e a galera usa a camisa e a gente é convidado.... A Unipop é um parceiro do *Tela Firme*, eles queriam que tivesse pessoas do *Tela Firme* participando do curso de comunicação pra tá já divulgando um pouco da nossa experiência com aqueles jovens que lá fazem, então a gente tá em vários lugares, né? Eu sou um *Tela Firme* dentro do meu local de trabalho, né, porque eu compartilho muito do que a gente pensa lá é uma maneira de eu tá propagando aquilo que a gente pensa, existe algumas pessoas que batem de frente que são contra, mas graças a Deus a maioria também compactua com aquilo que a gente pensa. Enfim, a gente tem parado de produzir, mas o *Tela Firme* assim na sua essência não para nunca. A gente tá sempre em algum lugar tá sempre representando, dizendo algo importante. Não é da gente parar cruzar os braços não. A gente sempre tenta em qualquer lugar que a gente chega a gente falar e levar aquilo que a gente busca, né?.

Entrevistado 5: O *Tela Firme* pra mim foi uma porta assim digamos, porque eu por exemplo, apesar de eu me sentir incomodada com alguma coisa ou outra, eu me sentia incomodada, mas

eu ficava no meu canto eu não fazia nada pra mudar, entendeu? Eu não falava, tipo assim eu ficava muito na minha. Só que a partir do momento que a gente criou o *Tela Firme* e a gente começou a se envolver, eu comecei a querer atuar mesmo de fato dentro da comunidade, do movimento, dentro daquilo que eu achava que eu tinha que lutar nas causas e tal. Então pra mim ele foi uma porta pra isso, porque antes se tivesse um ato, como pro exemplo, as manifestações que teve em junho de 2013, eu não participei de nenhuma, entendeu? Apesar de eu achar legal e tal, mas eu não estava lá, eu não vesti a camisa eu não fui. E a partir do momento que eu comecei a atuar no *Tela Firme* eu já comecei a me envolver. O “Grito dos Excluídos”, a primeira vez que eu fui foi pelo *Tela Firme*. Foi quando a gente foi pra lá pra produzir um material sobre “O Grito dos Excluídos”. Eu não sabia nem como era, como é que funcionava, eu não fazia nem ideia. Então dentro do *Tela Firme* eu comecei a me engajar comecei a me envolver nos movimentos sociais, nas causas.

Pesquisadora: Então depois desse contato com o *Tela Firme* dessa experiência mudou muita coisa na vida de vocês?

Entrevistado 5: Com certeza.

Entrevistado 4: Na vida mudou muita coisa. Eu não sou a mesma pessoa antes do *Tela Firme*, até mesmo pelo conhecimento, pelas pessoas que a gente conhece, pelos movimentos negros, gays, lésbicas, trans, enfim. A gente acaba conhecendo muita gente, e a gente acaba conhecendo a história dessas pessoas, então a gente acaba se sensibilizando a gente passa a enxergar e tomar cuidados que antes... Apesar da gente, sei lá, tá envolvido a gente acabava entre familiares, numa roda de amigos fazendo uma piadinha preconceituosa aqui, fazendo uma piadinha racista ali. Então a gente achava não, isso é uma piada eu tenho amigos negros eu não sou racista, entendeu. Só que quando a gente começa conviver, participar ouvir o testemunho dessas pessoas é um tapa na nossa cara mesmo. Então na vida mudou muito mesmo.

Entrevistado 5: Eu digo por mim, que antes se eu tivesse numa roda de amigos e se alguém fizesse uma piada ou se alguém falasse algo até mesmo em relação a política, sobre a situação em que a gente vive, tipo pra mim passava despercebido ou então eu nem me envolvia se me incomodasse eu nem dava confiança. Só que a partir do momento que a gente começou a conhecer, começou a entender a sentir a dor do outro eu já me sinto incomodada eu não consigo mais ficar calada. No espaço em que estiver alguém falar alguma coisa e eu for de contra aquilo que tão falando eu já começo a me posicionar também, eu já começo a falar

“não, mas eu não acho que é assim”, entendeu? Uma grande dificuldade que a gente encontra é com os mais velhos que já têm uma mente formada, um pensamento formado que é muito difícil de mudar. Então quando a pessoa fala alguma coisa que tu sabes que aquilo seja de uma certa forma até uma ingenuidade. Aí eu já tento de uma certa forma colocar, eu já tento fazer uma comparação, “mas tu achas, olha esse teu pensamento é assim, tu pensas dessa forma, mas se fosse desse jeito aqui, tu ias te comportar dessa forma também?”. Eu já tento não impor a minha opinião, mas já tento colocar exemplos e fazer a pessoas raciocinar pelo outro lado. E tudo isso eu acho que foi proporcionado pela vivência que a gente tem dentro do *Tela Firme*.

Pesquisadora: Vocês acham que as práticas comunicativas do *Tela Firme* contribuem com o exercício de cidadania no bairro?

Entrevistado 4: Eu tenho certeza que sim. Muita gente procura o *Tela Firme* pra participar. “Ah quando é que vai ter alguma coisa, onde é que vocês vão estar?” E a gente acaba tendo um contato com os jovens, que vêm na gente assim uma saída pra que eles possam se sentir atuantes no bairro, na comunidade deles, entendeu? Tipo assim, as vezes o moleque tá lá, só jogando futebol, só na escola, mas não consegue se identificar com algo, sei lá. Muita gente quer jogar futebol, eu também cresci jogando futebol também, mas as vezes a gente não consegue se identificar com aquilo, não consegue se envolver. E tem muita gente que sente falta disso, pode parecer que não, mas tem muita que as vezes só não tá no meio assim participando de algum movimento social porque não conhece, porque não tá próximo de alguém que saiba, foi assim comigo também. Eu nunca me imaginei participar disso eu sempre fui aquele moleque muito calmo, eu só queria brincar, estudar, mas eu nunca me vi nesse meio. Tanto que quando foi pra eu entrar na Unipop, no primeiro ano que eu entrei na Unipop, eu sai porque eu não me identifiquei, mas já no ano seguinte que me convidaram e aí eu já vi que não era aquela coisa chata, que muita gente acha que é. Aí me engajei e tô aqui até hoje. E com o *Tela Firme* tem muita gente que chega com a gente assim, muitos jovens perguntam pra gente como que faz pra entrar no *Tela Firme*. Ah porque quer fazer um vídeo na rua dele, na rua onde ele mora tá cheio de lixo, aconteceu isso, aconteceu aquilo outro. Querem compartilhar sabe a experiência com a gente. Então fazem diversas perguntas. Como é que é? Como vocês fazem isso? Como o é que tu aprendeu?.

Entrevistado 5: E isso foi até uma das nossas propostas de início era justamente tentar propagar essa ideia, de que nem só aqui na Terra Firme existisse um Coletivo como o *Tela*

Firme, mas que no Guamá, no Jurunas, no Marco que eles acabassem usando o *Tela Firme* com o uma inspiração também para estarem reproduzindo esse trabalho dentro da comunidade deles também.

Pesquisadora: Eu observo a grande participação de jovens no grupo.

Entrevistado 5: Sim.

Pesquisadora: Então o trabalho de vocês chama a atenção deles?

Entrevistado 5: Sim, essa linguagem.

Entrevistado 4: Eles acabam gostando da gente, por onde quer que a gente passa tem muita gente que fala comigo, fala com a gente que a gente não sabe quem é, mas eles sabem quem nós somos. Talvez já tenha conversado em algum outro momento, mas que a gente não lembra, entendeu? Então as pessoas gostam disso, gosta de tá acenando, quando vê o *Tela Firme*, gosta de tá participando. Fica junto com a gente, se a gente tá reunido todo mundo com a camisa, sabe, quer tá lá no meio, entendeu? Pergunta, posso compartilhar isso no *Facebook*? Pra gente não tem nenhum dinheiro que pague isso: essa satisfação.

Pesquisadora: Quais os projetos futuros do *Tela Firme*?

Entrevistado 5: Cara, a gente tem muita coisa. O problema é que a gente só encontra dificuldade pra tirar do papel, mas a gente tem muita ideia. A gente sentou outro dia pra reunir pra produzir, né? Fazer uma espécie de programa uma roda de conversa com convidados e tal. Foi outra que ainda não rolou, mas a gente pretende... Tem vídeos que a gente quer fazer. Toda vez que eu passo ali no jardim comunitário que eu olho praquilo que eu vejo crescer, num espaço pequenininho ali na Perimetral, a galera que tá cuidando porque depois da duplicação, da obra tudinho, ficou um espaço jogado lá e que ficava alagando e tal.

Entrevistado 4: Cheio de lixo, muito lixo.

Entrevistado 5: Então a comunidade se reuniu pra fazer um jardim ali. Era uma proposta nossa, a gente chegou a ir gravar alguma coisa lá, não foi?

Entrevistado 4: Fizemos foto, foi só uma materiazinha. Batemos uma foto e colocamos na *fanpage*.

Entrevistado 5: Pois é, a gente tem a ideia de fazer esse vídeo. A gente tava produzindo uma matéria sobre a obra daqui da Celso Malcher que a gente acabou não divulgando.

Entrevistado 4: Paixão de Cristo, Serra Pelada, Tucunduba, a gente chegou a fazer imagens do Tucunduba que seria um documentário sobre o Tucunduba.

Entrevistado 5: Tem o vídeo do saneamento que a gente quer fazer também (que é um tema). Que era sobre vídeos temáticos, né? O primeiro seria sobre saneamento a gente acabou não fazendo. Mas tudo isso a gente esbarra na questão do tempo mesmo e falta de material pra produzir, mas aí a gente tá vendo o que pode fazer porque a gente tá vendo a necessidade de produzir algo pra postar, até mesmo pra dá uma levantada no grupo, pra dar um ânimo, um fôlego na gente tá continuando com o trabalho.

Pesquisadora: Parar nunca?

Entrevistado 5: Não.

Entrevistado 4: Parar não. Eu até tinha conversado com o Francisco que eu ia me ausentar um pouco pra pensar em projetos particulares meus, mas eu falei pra ele que eu quero muito voltar e fazer algo grande assim como foi o “Poderia ter sido você” , igual como foi o documentário do bairro da Terra Firme. Eu até perguntei pra Vanessa quando é que a gente vai fazer cinco anos? Ainda faltam dois anos (mais de um ano), porque eu acho que é uma data importante pra gente cinco anos e eu tenho, assim uma ideia , que eu acho que talvez volte a fazer que o *Tela Firme* seja conhecido pelo que ele se propôs a fazer que é o audiovisual. Mas até lá, até se a gente conseguir construir algo grande assim a gente vai continuar a fazer esse trabalho de texto, vídeo de bolso, entendeu? Até mesmo porque a gente pouco a pouco vai aderindo materiais. A Câmera que a gente usa hoje uma é nossa a outra é de um amigo nosso, microfone a gente empresta. Então é o tempo que a gente vai adquirindo as coisas, mais experiência, pra de repente emplacar um outro trabalho que seja bastante importante pra Belém pra sociedade. Por enquanto a gente tá esperando ver no que vai dar todo esse lance de impeachment, essas coisa todas que estão acontecendo no Brasil.

APÊNDICE C – TERMOS DE CONSENTIMENTO ASSINADOS



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa, da aluna do curso de mestrado do Programa de Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM da Universidade Federal do Pará – UFPA, Adriana do Socorro Campos de Lira e de sua orientadora Profa. Dra. Célia Regina Trindade das Chagas Amorim, intitulado “Coletivo Tela Firme: comunicação e cidadania na periferia”, acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Eu, Ingrid Silva dos Santos, residente e domiciliado na Terra Firme, portador da Cédula de identidade, RG 5855156, e inscrito no CPF 0127026210, nascido (a) em 34/12/1992, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo “Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço”.

Estou ciente que:

- I) A presente pesquisa objetiva estudar como se configuram as práticas comunicativas do Coletivo Tela Firme.
- II) Os dados serão coletados com colaboradores do Coletivo Tela Firme: entrevista semiestruturadas, formulário e questionários;
- III) Não sou obrigado a responder as perguntas realizadas no questionário de pesquisa;
- IV) A participação neste projeto não tem objetivo econômico, bem como não me causará nenhum gasto com relação ao estudo;

- V) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- VI) O pesquisador estará presente no momento da aplicação do questionário para realizar as orientações/esclarecimentos sobre os conceitos constantes na capa do instrumento de coleta.
- VII) A minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para a melhoria social e urbana do bairro e não deverá causar nenhum risco a ninguém;
- VIII) Não receberei remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo minha participação voluntária;
- IX) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa.
- X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa. Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, 26 de Fevereiro de 2018 Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do participante: Ingrid Santos



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa, da aluna do curso de mestrado do Programa de Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM da Universidade Federal do Pará – UFPA, Adriana do Socorro Campos de Lira e de sua orientadora Profa. Dra. Célia Regina Trindade das Chagas Amorim, intitulado “Coletivo Tela Firme: comunicação e cidadania na periferia”, acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Eu, Jose Francisco dos Santos Batista residente e domiciliado na _____, portador da Cédula de identidade, RG 4445440, e inscrito no CPF 694924252-20 nascido (a) em 05/12/1978, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo “Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço”.

Estou ciente que:

- I) A presente pesquisa objetiva estudar como se configuram as práticas comunicativas do Coletivo Tela Firme.
- II) Os dados serão coletados com colaboradores do Coletivo Tela Firme: entrevista semiestruturadas, formulário e questionários;
- III) Não sou obrigado a responder as perguntas realizadas no questionário de pesquisa;
- IV) A participação neste projeto não tem objetivo econômico, bem como não me causará nenhum gasto com relação ao estudo;

- V) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- VI) O pesquisador estará presente no momento da aplicação do questionário para realizar as orientações/esclarecimentos sobre os conceitos constantes na capa do instrumento de coleta.
- VII) A minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para a melhoria social e urbana do bairro e não deverá causar nenhum risco a ninguém;
- VIII) Não receberei remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo minha participação voluntária;
- IX) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa.
- X) () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa. () Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, 14 de Julho de 2017 Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do participante: Jose Francisco dos Santos Batista


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA MESTRADO
 ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Eu, Igabela Zinione M. Chaves residente e domiciliado na São Pedro, 04, portador da Cédula de identidade, RG 3106368, e inscrito no CPF 022392522-09 nascido (a) em 01 / 05 / 1994, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo "Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço".

Estou ciente que:

- D) A presente pesquisa objetiva estudar como práticas comunicativas do Coletivo Tela Firme podem contribuir para a cidadania no bairro Terra Firme e cujo título do trabalho será "Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço".
- II) Os dados serão coletados com colaboradores do Coletivo Tela Firme: entrevista semiestruturadas, formulário e questionários;
- III) Não sou obrigado a responder as perguntas realizadas no questionário de pesquisa;
- IV) A participação neste projeto não tem objetivo econômico, bem como não me causará nenhum gasto com relação ao estudo;
- V) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;

- VI) Esta pesquisa poderá trazer riscos, tais como: a quebra de sigilo onde o material utilizado na pesquisa possa ser extraviado ou observado por pessoas que não façam parte do grupo de pesquisa; possibilidade de os sujeitos sentirem-se intimidados pelo tema que norteia a pesquisa (o ativismo do Coletivo Tela Firme, uma mídia alternativa que atua como frente politicosocial na Terra Firme e com foco na cidadania), não divulgação do resultado da pesquisa individualmente, mas de modo geral; não autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE. Como procedimento para minimizar os riscos pode-se dialogar com o entrevistado no sentido da importância e da pesquisa e os benefícios que os seus resultados possam refletir na comunidade e seu entorno, bem como, minimizar através do diálogo a possibilidade de sentirem-se intimidados pela proposta da pesquisa (o ativismo do Coletivo Tela Firme, uma mídia alternativa que atua como frente politicosocial na Terra Firme e com foco na cidadania). O pesquisador estará presente no momento da aplicação do questionário para realizar as orientações/esclarecimentos sobre os conceitos constantes na capa do instrumento de coleta.
- VII) A minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para a melhoria social e urbana do bairro e não deverá causar nenhum risco a ninguém;
- VIII) Não receberei remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo minha participação voluntária;
- IX) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa.
- X) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa. Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, _____ de _____ de _____ Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do participante: Igabela Chaves



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA MESTRADO
ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Eu, Vanessa Alves Oliveira, residente e domiciliado na Terra Firme, portador da Cédula de identidade, RG 5300610, e inscrito no CPF 995.946.922-00 nascido (a) em 21 / 09 / 1986, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo "Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço".

Estou ciente que:

- I) A presente pesquisa objetiva estudar como práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme* podem contribuir para a cidadania no bairro Terra Firme e cujo título do trabalho será "*Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço*".
- II) Os dados serão coletados com colaboradores do Coletivo Tela Firme: entrevista semiestruturadas, formulário e questionários;
- III) Não sou obrigado a responder as perguntas realizadas no questionário de pesquisa;
- IV) A participação neste projeto não tem objetivo econômico, bem como não me causará nenhum gasto com relação ao estudo;
- V) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;

- VI) Esta pesquisa poderá trazer riscos, tais como: a quebra de sigilo onde o material utilizado na pesquisa possa ser extraviado ou observado por pessoas que não façam parte do grupo de pesquisa; possibilidade de os sujeitos sentirem-se intimidados pelo tema que norteia a pesquisa (o ativismo do Coletivo Tela Firme, uma mídia alternativa que atua como frente politicosocial na Terra Firme e com foco na cidadania), não divulgação do resultado da pesquisa individualmente, mas de modo geral; não autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE. Como procedimento para minimizar os riscos pode-se dialogar com o entrevistado no sentido da importância e da pesquisa e os benefícios que os seus resultados possam refletir na comunidade e seu entorno, bem como, minimizar através do diálogo a possibilidade de sentirem-se intimidados pela proposta da pesquisa (o ativismo do Coletivo Tela Firme, uma mídia alternativa que atua como frente politicosocial na Terra Firme e com foco na cidadania). O pesquisador estará presente no momento da aplicação do questionário para realizar as orientações/esclarecimentos sobre os conceitos constantes na capa do instrumento de coleta.
- VII) A minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para a melhoria social e urbana do bairro e não deverá causar nenhum risco a ninguém;
- VIII) Não receberei remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo minha participação voluntária;
- IX) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa.
- X) () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa. () Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, 20 de Julho de 2017 Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do participante: Vanessa Alves Oliveira


 UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE LETRAS E COMUNICAÇÃO
 PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA MESTRADO
 ACADÊMICO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Eu, Maíson Gelas Sousa, residente e domiciliado na R. Frei Metálico, 378, portador da Cédula de identidade, RG 5957029, e inscrito no CPF nº 034.792.34 nascido (a) em 02 / 11 / 1991, abaixo assinado (a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário (a) do estudo "Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço".

Estou ciente que:

- I) A presente pesquisa objetiva estudar como práticas comunicativas do *Coletivo Tela Firme* podem contribuir para a cidadania no bairro Terra Firme e cujo título do trabalho será "*Coletivo Tela Firme: alternativas de cidadania na periferia e no ciberespaço*".
- II) Os dados serão coletados com colaboradores do *Coletivo Tela Firme*: entrevista semiestruturadas, formulário e questionários;
- III) Não sou obrigado a responder as perguntas realizadas no questionário de pesquisa;
- IV) A participação neste projeto não tem objetivo econômico, bem como não me causará nenhum gasto com relação ao estudo;
- V) Tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;

- VI) Esta pesquisa poderá trazer riscos, tais como: a quebra de sigilo onde o material utilizado na pesquisa possa ser extraviado ou observado por pessoas que não façam parte do grupo de pesquisa; possibilidade de os sujeitos sentirem-se intimidados pelo tema que norteia a pesquisa (o ativismo do *Coletivo Tela Firme*, uma mídia alternativa que atua como frente politicosocial na Terra Firme e com foco na cidadania), não divulgação do resultado da pesquisa individualmente, mas de modo geral; não autorização do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido TCLE. Como procedimento para minimizar os riscos pode-se dialogar com o entrevistado no sentido da importância e da pesquisa e os benefícios que os seus resultados possam refletir na comunidade e seu entorno, bem como, minimizar através do diálogo a possibilidade de sentirem-se intimidados pela proposta da pesquisa (o ativismo do *Coletivo Tela Firme*, uma mídia alternativa que atua como frente politicosocial na Terra Firme e com foco na cidadania). O pesquisador estará presente no momento da aplicação do questionário para realizar as orientações/esclarecimentos sobre os conceitos constantes na capa do instrumento de coleta.
- VII) A minha participação neste projeto contribuirá para acrescentar à literatura dados referentes ao tema, direcionando as ações voltadas para a melhoria social e urbana do bairro e não deverá causar nenhum risco a ninguém;
- VIII) Não receberei remuneração e nenhum tipo de recompensa nesta pesquisa, sendo minha participação voluntária;
- IX) Caso eu desejar, poderei pessoalmente tomar conhecimento dos resultados parciais e finais desta pesquisa.
- X) () Desejo conhecer os resultados desta pesquisa. () Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.

Belém, 20 de Julho de 2017 Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas. Desta forma autorizo a minha participação na referida pesquisa acima citada.

Assinatura do participante: Maíson Sousa

APÊNDICE D – TERMO DE COMPROMETIMENTO ASSINADO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ INSTITUTO DE LETRAS E
COMUNICAÇÃO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
COMUNICAÇÃO, CULTURA E AMAZÔNIA****TERMO DE RESPONSABILIDADE**

Eu, Adriana do Socorro Campos de Lira, aluna do curso de mestrado do Programa de Comunicação, Cultura e Amazônia – PPGCOM da Universidade Federal do Pará - UFPA, sob o registro de matrícula nº 201625170007, respectivamente, por meio do presente instrumento, isentamos nossa Orientadora e a Banca Examinadora de qualquer responsabilidade sobre a autoria do conteúdo existente neste trabalho de dissertação – intitulado “Coletivo Tela Firme: comunicação e cidadania na periferia”, assumindo que a realização deste foi proveniente de nossas reflexões e pesquisas. Declaramos ainda que a dissertação que ora apresentamos e submetemos à Banca Examinadora constituída pelo PPGCOM /UFPA não é cópia de nenhum trabalho ou de material acadêmico já produzido, responsabilizamo-nos pela veracidade destas afirmações e estamos cientes das implicações legais a que estamos sujeitas, caso esta declaração falte à verdade.

Belém/PA, 26/02/2018.

Assinatura manuscrita de Adriana do Socorro Campos de Lira.
Adriana do Socorro Campos de Lira

BELÉM – PA

2018